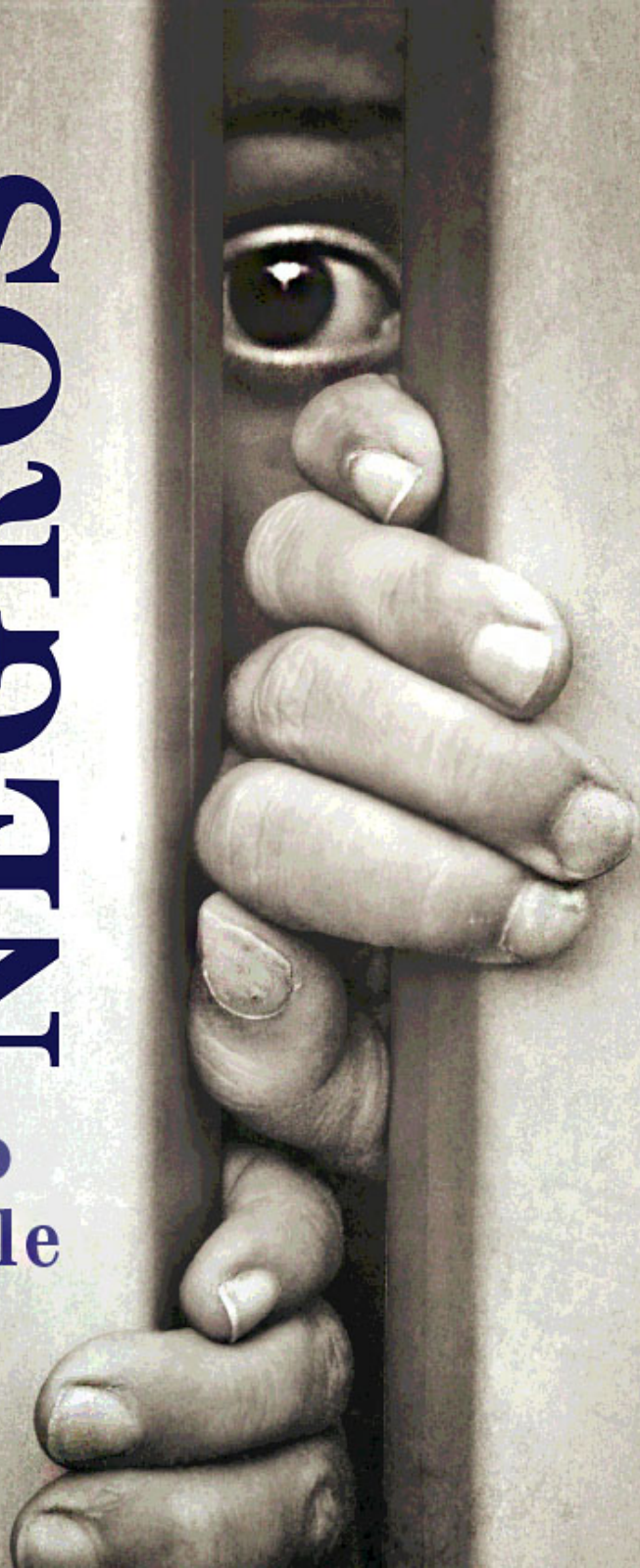


CÉUS NEGROS

Ignacio
del Valle

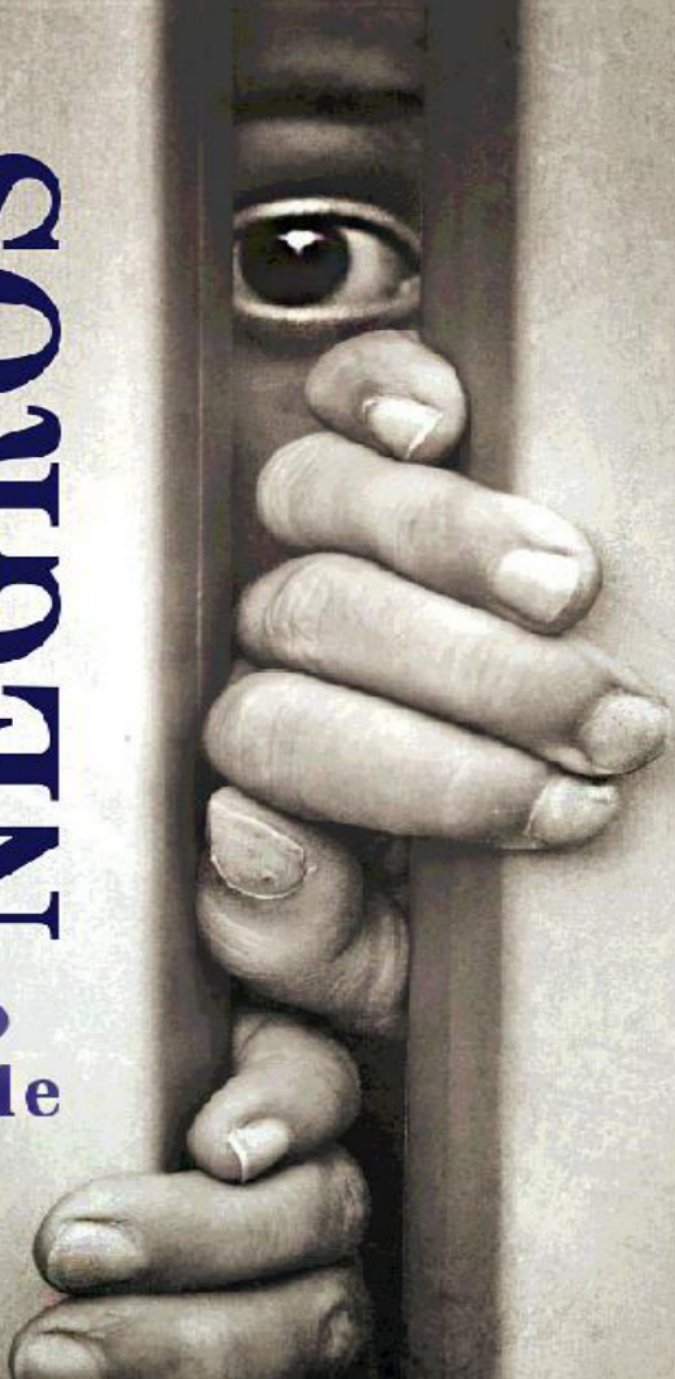


VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

CÉUS NEGROS

Ignacio
del Valle





Ignacio del Valle

Nasceu em Oviedo em 1971 e reside atualmente em Madrid.

É autor da série de suspense histórico protagonizada pelo emblemático Arturo Andrade, que inclui **A arte de matar dragões**, **O tempo dos imperadores estranhos**, **Os demónios de Berlim** e **Céus negros**, todos eles alvo de variadas distinções literárias.

Assina uma coluna de opinião no diário *El Comercio de Gijón*, colaborando também com o suplemento «El Viajero» do jornal *El País*, entre outras publicações. Dirige a secção cultural «Afinando los sentidos», da *Onda Cero Radio*.

Céus negros

Ignacio del Valle

Publicado em Portugal por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Porto

Email: delporto@portoeditora.pt

Título original:

Soles negros

© 2016, Ignacio del Valle

Design da capa: NOR267

Imagem da capa: © Luis Mariano González / Gettymages

1.^a edição em papel: fevereiro de 2017



Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68841-5

**Por vontade expressa do autor,
a presente obra não segue as
regras do Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa.**

*Para a minha mãe,
calor, segurança, amor, doçura*

*Quem será capaz de dar a entender
Que a defesa ataca, as sentinelas dormem,
A confiança rouba e quem vos guarda é quem vos mata?*

O colóquio dos cães,
MIGUEL DE CERVANTES

1. Insolação

– Que coisas saem desta terra...

Celedonio mantinha os olhos fixos num monte de solo recém-remexido, naquela quinta árida e inculta junto a um azinhal. No meio dos torrões secos, acastanhados ou avermelhados, sobressaía uma mãozinha delicada por entre uma confusão de folhas podres, raminhos, pedras e grandes madeixas de cabelo castanho. O olhar de Arturo, por trás dos seus óculos escuros, mantinha-se também fixo – no seu caso, numa enorme lesma, negra e reluzente, que avançava ondulante uns centímetros à esquerda da mão. Uns metros mais adiante, um dos soldados da Guarda Civil vomitava, ajoelhado no chão e amparado pelo colega que o segurava pelos ombros. Ouvia-se o zumbido monótono dos insetos; ao longe, soou o disparo de algum caçador. Sob o efeito do calor abrasador, o ar parecia estremecer, os rostos cobriam-se de suor, as roupas tornavam-se pegajosas e sufocantes. Os campos da Extremadura consumiam-se numa febre lenta. Arturo empurrou o chapéu para trás com os dedos e voltou-se para Celedonio, o presidente da junta da aldeia vizinha, com a sua cabeça de bigorna, a sua enorme barriga e um alto no pescoço.

– Quando disse que a encontraram?

– De manhã. Foi o Faustino, um dos guardadores de porcos do Senhor Duque. O cão dele começou a ladrar a uma vara que tinha parado aqui. Quando o porqueiro se aproximou, deu com o que o senhor pode ver. Os porcos já estavam a desenterrá-la.

Arturo cerrou os maxilares, incomodado, e despiu o casaco; com as costas da mão, limpou o suor que já lhe deslizava para os olhos. A luz era tão intensa, que parecia que havia não um, mas dois sóis a refulgir no céu. Arturo aproximou-se da pequena mão e, com a biqueira do sapato, esmagou a lesma gorda que estava quase a tocar-lhe, calcando-a com um movimento lento e giratório do pé. Depois, raspou a sola do sapato numa pedra para se livrar da massa ensanguentada.

A seguir, dobrou o casaco cuidadosamente, pousou-o no chão, tirou os óculos, metendo-os num dos bolsos, e pôs-se de cócoras a estudar a cena. Permaneceu assim, sombrio, imóvel e silencioso. Um zumbido de moscas atraídas pela morte, legiões de formigas afluindo na direção

do cadáver. Arturo ajoelhou-se e começou a escavar, retirando punhos de terra até fazer aparecer o rosto e o corpo da menina – porque era isso que a morta era. Vestia apenas uma camisa de dormir e, por todo o corpo, viam-se vergastadas violáceas, que não deviam confundir-se com as dentadas pontuais dos porcos. Os seus olhos verde-azeitona estavam cobertos por uma película leitosa, o rosto tinha linhas suaves, o corpinho era magro e sem formas. Não cheirava mal e a carne ainda se mostrava firme. Era impossível que estivesse ali há muito tempo. Arturo enxotou as moscas com um gesto impaciente. Embora os cascos dos animais tivessem transformado o terreno numa desordem indecifrável, Arturo revistou cada palmo de terra metodicamente, em pé, de joelhos, de gatas.

Enquanto isso, o guarda-civil, pálido e transpirado, foi levado para uma zona com sombra pelo colega, que o ajudou a sentar-se apoiado contra um tronco. O presidente da junta optou também por pôr-se a salvo do sol. A atenção de Arturo voltou-se, finalmente, para a menina. Não conseguia entender aquelas picadas que lhe via nas pontas dos dedos. Nem aquelas partículas esbranquiçadas que se notavam entre os seus cabelos. Tirou um caderninho do bolso, arrancou uma folha e, com a ajuda de uma pequena navalha, recolheu-as uma a uma; depois, com muito cuidado, dobrou várias vezes a folha. Por fim, ergueu-se e levou a mão à nuca – sentia o pescoço queimado do sol. A testa começava a latejar-lhe. Pegou no casaco e foi juntar-se aos guardas-civis, sob a proteção da sombra. Um cantil passava de mão em mão; o guarda que ficara indisposto tinha a cara a escorrer água e os colarinhos do uniforme húmidos.

– Posso beber um pouco? – perguntou Arturo.

– Claro, sirva-se.

Passaram-lhe o cantil e, depois de refrescar o rosto e o pescoço, Arturo bebeu uns goles generosos. A seguir, enroscou a tampa e devolveu-o. O presidente da junta aproximou-se do grupo, limpando o rosto com um lenço.

– Como se sente? – perguntou Arturo ao guarda que se sentira mal.

– Estou melhor – respondeu o homem, com ar sério.

– Este calor... – queixou-se Arturo – e esta merda destas moscas...

– disse, espantando-as com um violento gesto da mão. – Não percebo

porque há tantas moscas...

– Esta caloraça é perigosa, deixa as pessoas nervosas – disse o cabo.
– Há disputas por tudo e por nada, há sempre alguém a tirar bilhete para o outro lado... O nosso trabalho não para de se acumular. Há uma semana, um dos aldeões apanhou a mulher com outro, sacou de uma pistola e matou-a. Assim, sem mais nem menos.

– Quantos tiros lhe deu?

A pergunta apanhou o cabo desprevenido.

– Disparou o carregador inteiro.

– Então, é porque a amava muito – disse Arturo. – Mas, agora, voltemos ao que interessa. Já mandaram chamar o juiz?

– Está a caminho, com o padre.

– E o fotógrafo?

– Está de ressaca. Estão a tentar ressuscitá-lo.

Arturo observou o agente, que dedilhava as correias do uniforme e tentava colocar de novo o tricórnio.

– Foi comunicado algum desaparecimento? – prosseguiu Arturo.

– De crianças, não.

– Então de quê?

– De gado ou de maridos que foram comprar tabaco, mas, de miúdos, não.

Arturo exibiu uma expressão trocista e assentiu com a cabeça.

– E este campo, a quem pertence?

– Ao Senhor Duque – respondeu, desta vez, o presidente da junta.

– Como se chama ele?

– Manuel Alfonso Pío Judas Ramón Cabrera y Flores de Lizaur.

– Pois.

O silêncio de Arturo era uma espécie de inquisição. Observou o cabo, que tinha um daqueles rostos que precisavam de ser barbeados duas vezes ao dia, e que ostentava uma expressão de rigorosa seriedade.

– Têm algum suspeito capaz de fazer algo assim? – perguntou.

– Suspeitos, temos os de sempre, mas capazes disto... não os imagino.

– Bem, então quero que engavetem todos os mendigos ou desconhecidos que tenham aparecido na zona nos últimos três dias.

– E a gente prende-os por que motivo?

– Por respirarem. Não chega?

– Isto é coisa dos vermelhos separatistas – interveio Celedonio, indignado.

– Não – disse Arturo, contradizendo-o –, isto é coisa de algum grandessíssimo filho da puta.

O presidente da junta ficou ainda mais corado e não respondeu. Arturo contemplou de novo o cadáver. Porquê? Porque não se conseguia acostumar à morte? Ocorria a todas as horas, era como o nascimento, igualmente vulgar, igualmente milagroso; uma pessoa está aqui e, de repente, deixa de estar. Ou talvez fosse aquela morte em concreto, a de uma criança que não tinha podido viver a vida e o sofrimento em toda a sua variedade de formas, com toda a sua complexidade. A contrariedade, a ira, o desconcerto. Uma gota de suor deslizou-lhe pela têmpora até meio da face, indo alojar-se na parte anterior da mandíbula. As moscas acorreram, atraídas, e Arturo enxotou-as com um movimento brusco.

– Isto é incrível.

– As moscas também ficam malucas com o calor como as pessoas – sublinhou o cabo.

Arturo ignorou o comentário e continuou a observar a cena com um olhar indolente. O culpado ou os culpados tinham massacrado aquela criança seguramente noutro local e tinham-se dado ao trabalho de a levar para ali. Este dado ainda não lhe suscitava perguntas, mas trazia-lhe muitas inquietações. Um veículo, de noite, por aquelas estradas solitárias, com dois faróis a atraírem todos os olhares, implicava um risco, uma necessidade; isso ou a certeza de que não iam ser detidos. E aqueles pontos de sangue nos dedos. E aquelas partículas leitosas.

Indícios.

Ritmos.

– Para onde vão levar o corpo? – A pergunta não se dirigia a ninguém em particular.

– Há uma câmara frigorífica em Cáceres – respondeu o presidente da junta.

– É daí que vem o juiz?

– Sim.

– E o médico?

– Esse vem de cá, da aldeia.

Ao longe, ouviu-se o roncar de um motor, acompanhado de um fumo espesso e negro. Arturo pousou as mãos nas ancas e seguiu com o olhar o *Fiat* decrépito, que levantava atrás de si um rasto de poeira.

– Alguém que o detenha – disse. – E rápido.

O cabo, depois de verificar que o seu parceiro continuava em baixo de forma, pôs a espingarda ao ombro e correu pelo campo fora, mandando parar o veículo. Do carro, saíram um padre e duas outras pessoas, que falaram com o guarda-civil e o seguiram na direção do azinhal. O presidente da junta fez as apresentações. Depois de Arturo se ter transformado no capitão Arturo Andrade, advertiu o sacerdote para que, de momento, se limitasse a rezar à distância, e fez-se acompanhar pelo juiz e pelo fotógrafo. Este último, um tipo magro e pálido como um requeijão, transpirava a rodos para eliminar todo o álcool acumulado na noite anterior. Enquanto Arturo ia distribuindo instruções e expondo dúvidas, meteram ambos mãos à obra, com afinco. Logo que Arturo achou que podia deixá-los sozinhos, afastou-se com o cabo. As suas sombras alongaram-se.

– Você chama-se Salvador...

– Sim, meu capitão.

– E sabe porque o mandei parar o carro?

– Para não contaminar mais a zona.

– Bem, Salvador, você é tão esperto como eu pensava. E, agora, vai-me continuar a provar isso mesmo: há mecânico na aldeia?

– E um bem bom, o Fulgencio.

– Ótimo. Vai trazê-lo aqui; explique-lhe o que se passa e peça-lhe que dê uma vista de olhos às marcas dos pneus. Vamos ver o que ele diz.

– O meu capitão é que manda.

– Também quero falar com esse tal Faustino, o porqueiro.

– Não há problema.

– E... – Arturo contemplou a cortina de ar que a terra fumegante exalava, deformando a paisagem numa ilusão de ótica – ... onde posso encontrar esse tal duque?

– Na sua propriedade de Las Recias. Se não estiver ali, costuma andar a caçar na serra de San Pedro.

Arturo assentiu com a cabeça.

– Obrigado. Só mais uma coisa, Salvador.

– Diga, meu capitão.

– Você sabe que o céu não nos vai dizer nada sobre o que fizeram a esta pobre miúda, nem o campo, nem as moscas. Deus também não há de soltar um pio.

O guarda concordou em silêncio, circunspecto.

– Mas, para isso, estamos aqui nós, correto?

– Correto.

– Aquilo que quero realmente saber é se você estará ao meu lado.

A mandíbula de Salvador apertou-se numa expressão mais dura.

– Estou ao seu lado.

– Fico contente... fico muito contente por isso. E, agora, olhe para ela – disse, indicando a menina.

O polícia lançou um olhar ao cadáver e virou-se de novo para Arturo.

– Olhe outra vez – encorajou-o Arturo, com um sorriso.

Salvador voltou a observar o corpo, mas, quando começava a girar a cabeça de novo para Arturo, este deteve-o.

– Não, continue a olhar, veja-a bem. – A sua expressão petrificou-se. – Não deixe de a ver durante o resto da sua vida...

2. Uma profecia de amor e sobrevivência

Na Antiguidade, os soldados gregos que regressavam da guerra tinham de passar por um processo de purificação antes de voltarem à sociedade pela qual tinham ido lutar, e, entre os vários rituais prescritos, constava um exílio temporário da pólis. Arturo cumprira a tradição depois de escapar milagrosamente de Berlim: primeiro, fazendo-se passar por trabalhador estrangeiro deslocado, e, depois, fugindo para a zona aliada, onde fora capturado pelos ingleses e estivera preso alguns meses antes de poder regressar a Espanha. Depois de chegar a Madrid, o Estado não tardou a integrá-lo no seu aparelho através de uma promoção por «serviços prestados» – acompanhada pelo penduricalho da praxe que, na ocasião, lhe prenderam ao peito – e um posto no SIAEM, os Serviços de Informação do Alto Estado-Maior espanhol. Anos antes, durante a Guerra Civil, trabalhara já na área de criptografia, mas a sua nova patente e a experiência entretanto adquirida transformaram-no numa multifacetada mais-valia no seio do grupo de operações internas. No entanto, o capitão Arturo Andrade tinha de cumprir os rituais.

Passara quase cinco anos no estrangeiro e o regresso a Espanha não fora meigo. À ausência de parentes ou amigos à sua espera, somava-se o estado deplorável de uma sociedade sobre a qual ondulava a bandeira negra da pobreza e da fome. Paisagens desoladas em que a doença, a depressão, o mercado negro, as peles ulceradas pelo frio se tinham apoderado das almas e das coisas. E havia as represálias, as purgas. O medo. Era isso que Arturo via, acima de tudo: o medo a reluzir nos olhos das pessoas.

Tentara encontrar sobreviventes de Leninegrado ou de Berlim, amigos, conhecidos que tivessem regressado mais ou menos inteiros, dentro do possível, mas só se deparara com decepção e amargura. A maioria debatia-se entre a indiferença, as mutilações e uma cabeça avariada pela guerra. Eram peixes que agonizavam fora do seu

elemento natural, sonhando com um mundo em que o tempo perdia o sentido e a adrenalina imperava. Olhavam Madrid como um cenário que, a qualquer momento, se pudesse desmoronar para revelar os campos nevados da Rússia ou as ruínas fumegantes de Berlim. Especialmente doloroso era o caso dos combatentes que, tendo sido dados como mortos ou desaparecidos, regressavam do Além para descobrir que as mulheres tinham feito a vida com outros homens.

A verdade era que, a Arturo, os seus trinta e três anos pareciam séculos, e decidira sair de cena por uma temporada. A única coisa que lhe ocorreu foi voltar para casa: a Extremadura. Durante muito tempo, odiara a sua terra, mas a melancolia acabou por dominá-lo. Obviamente, não poderia regressar a Badajoz; as memórias do que acontecera ali durante a guerra adejavam à volta dele como corvos. E também não podia correr o risco de ser reconhecido. Era certo que tinham passado onze anos sobre os factos, mas a sua intensidade fazia deles uma memória indelével. Como únicas concessões, Arturo permitiu a si próprio uma cálida nostalgia das pernas robustas da sua mãe, quando se agarrava a elas em menino enquanto a mãe fazia as camas esticando os lençóis com esmero, e uma visita furtiva ao cemitério onde repousava o seu cadáver. Lembrava-se de ter vagueado entre sepulturas e aparatosos mausoléus, estátuas de esqueletos armados com foices, ampulhetas de pedra, mulheres de mármore envergando túnicas molhadas...

Decidiu que se instalaria em Cáceres e alugou uma casa modesta em Arroyo de la Luz, uma localidade perto de Malpartida. Os primeiros dias tinham decorrido entre o ócio, a leitura e as caminhadas. Contratara uma mulher para fazer as limpezas e cozinhar e, durante umas idas a Cáceres para tratar de papeladas, comprara uma biblioteca a preço de saldo. Dedicara-se, de igual modo, a ler sistematicamente todos os jornais a que conseguia deitar a mão, numa tentativa de decifrar, por entre as deturpações, retóricas, falácias, mistificações, eufemismos e duplos sentidos, algo que pudesse ajudá-lo a formar uma ideia da realidade para lá da cosmética ao serviço do poder. Entre o que ouvira nos corredores oficiais, os comentários que

trocava com os vizinhos e aquilo de que conseguia aperceber-se do que lia na imprensa, concluiu que a realidade era uma bela merda.

A acrescentar à dieta calórica que a empregada lhe servia, seguiu outra à base de romances, uns de autores excessivos, que o faziam ver o mundo à sua maneira, outros de escritores mais próximos, que falavam com ele diretamente sobre as suas fraquezas, as suas contradições. E tudo complementado com longos passeios à beira-rio. Havia uma felicidade especial num rio, no verão, e, se era verdade que se desiludira com a religião, que era a busca da felicidade no Além, e tão-pouco encontrara com que se alegrar na política, que era a busca da felicidade no lado de cá, a natureza não estava a desapontá-lo, no que se referia a manter ao largo as sombras que o rodeavam. Retirava força da terra, das árvores de densa folhagem, das cegonhas que faziam ninho nos telhados das casas, da casca das oliveiras, dos melões que amadureciam ao sol, das pessoas com que conversava esporadicamente, moldadas pela dureza da vida como as pedras pela corrente, gente que não albergava a menor dúvida no que tocava às coisas importantes. Enquanto assim ocupava os dias, não fazia mal a ninguém – nem mesmo a ele próprio – e não se preocupava com conceitos insondáveis: o amor, a justiça, a guerra, o mal... Tudo o que quase o levava à aniquilação.

Por esta altura, Arturo começou a dedicar-se a outro passatempo: a pesca. Certo dia, quando caminhava pela margem – um fio de terra por entre a vegetação –, enxotando ocasionalmente uns mosquitos diminutos como cinzas, deu de caras com um tipo junto a uma cana. Apesar de silencioso e taciturno ao início, Arturo conseguiu entabular uma conversa com ele. O homem revelou que o segredo para uma boa pescaria era saber escolher o sítio e, claro, ter sorte. Não era passatempo para pessoas agressivas ou nervosas. Era preciso escolher cuidadosamente a linha de pesca, os anzóis, o isco... e, depois, passavam-se horas em silêncio. Às vezes, podia-se passar pelas brasas e, ao acordar, deparar com um céu azulíssimo. Quando chegava a altura de puxar a cana e apanhar o peixe que se debatia na ponta do fio, Arturo soltava-o do anzol e atirava-o para a erva, contemplando as suas convulsões. Outras vezes, acabava com ele rapidamente, com um

estalido desagradável, para poupar-lhe a agonia. Não era uma atividade inocente, mas os danos eram limitados.

Em algumas tardes, apesar do calor tórrido, o crepúsculo trazia uma brisa fresca do rio.

A água cintilava.

Um tom avermelhado tingia o horizonte.

As nuvens estivais mudavam interminavelmente de cor.

Uma manhã, Arturo olhou-se ao espelho e penteou-se. Tinha-lhe aparecido um monte de cabelos brancos, mas isso não o incomodou. Reparou que estava mais gordo. Tinha projetos e até uma ou outra esperança. Desejos de continuar a viver. Tudo indicava que aquilo ia ser um exílio perfeito. Até que começaram a chegar os fantasmas.

O primeiro foi o da mãe. Apareceu-lhe em sonhos, num jardim seco e cinzento. A morte transformara-a de novo numa jovem. Caminhava e Arturo seguia-a. Só conseguia ver-lhe as costas. Chamou-a pelo nome, mas a mãe não reagiu; começou a correr, mas não conseguia alcançá-la. Até que a mãe parou e se voltou. Tinha o rosto de um anjo morto, de uma palidez fantasmagórica. Não tinha lábios. E tinha as mãos pousadas sobre os olhos. Quando as retirou, Arturo teve medo de olhar. Acordou.

Nas noites seguintes, houve um desfile de espectros. Sentavam-se na beira da cama, passeavam pelo quarto, ficavam horas a olhar para ele sem dizer nada. Soldados mortos há muito, amigos, inimigos, que iam e vinham, uma cavalgada sem sentido. Despertava com os olhos a arderem da insónia, flutuando num misto de exaustão, melancolia e repugnância. Semana após semana, noite após noite, o carrossel girava e os dias iam-se enchendo de dores nas costas, irritação, confusão e tremores.

Uma tarde, deu consigo a olhar fixamente para a arma. Foi então que decidiu ir ao médico. Numa consulta em Cáceres, o médico despachou o assunto com um palavreado sobre a necessidade de «manter-se firme perante circunstâncias adversas» e a prescrição de injeções de éter e sedativos. Mal saiu da consulta, Arturo rasgou a receita e entrou numa taberna para beber um conhaque. Depois, apanhou a camioneta de volta para a aldeia, passou pela adega,

comprou álcool suficiente para um regimento e trancou-se em casa. E bebeu. Bebeu. Bebeu. Permanecia deitado na cama, fétido, amarelado, alagado em suor, com crostas de saliva seca nos cantos da boca. Quando acordava no escuro, nu, não sabia se era de dia ou de noite; um latejar terrível martelava-lhe a cabeça. As garrafas acumulavam-se no quarto, rolando para trás e para a frente quando Arturo tropeçava nelas. Sempre que recobrava a consciência, o terror e a dor voltavam. Quando dormia, colecionava um pesadelo a seguir ao outro.

Ao princípio, a empregada preparava-lhe uns pratos gordurosos, adequados para combater as suas duras ressacas, mas, com o tempo, acabou por limitar-se a cumprir a ordem de manter constante a reserva de álcool, participando num insensato e lento processo de desnutrição. Nas poucas vezes que Arturo se levantava, doíam-lhe as costas de passar tanto tempo deitado na mesma posição. Evitava olhar-se ao espelho; mas o espelho insistia em olhar para ele e via-o com o cabelo oleoso, intoleravelmente magro, bilioso, com a barba por fazer. Ao urinar, sentia o odor do péssimo conhaque que bebia, o que lhe dava vômitos. A própria casa cheirava a vomitado, a urina e a desespero. No meio de todas estas miragens, um dia pensou que começara a sofrer de *delirium tremens*. Não havia outra explicação para que, com os olhos inchados, turvos pelo álcool, visse na sua frente a cara feia de Francisco Ramírez, conhecido como Manolete, ali mesmo, ao lado da cama. Ou isso ou já estava morto, porque a última vez que o vira fora em Berlim, quando fugia a todo o gás com um tanque russo colado ao traseiro.

– O meu tenente está com um aspeto de merda – exclamou o homem.

A voz angustiada confirmou a Arturo que era realmente Manolete. No entanto, quando este tentou tirá-lo da cama, Arturo debateu-se como um animal agarrado contra a sua vontade. Tentou até apoderar-se da arma que estava sobre a mesa, mas o amigo adiantou-se. Arturo esperou vagamente que ele puxasse o gatilho.

Em circunstâncias normais, teria resistido sem dificuldade aos fracos sessenta quilos de Manolete, mas, naquelas condições, viu-se arrastado para fora da cama e carregado para a banheira. Ficou sentado no interior, dormente, até que o fluxo de água gelada o fez

gritar, praguejar e espernear. Manolete manteve-se impávido. Aquilo não lhe era estranho. Na verdade, o seu antigo oficial era só mais um na lista de espíritos estropiados pela guerra que tinha visto, homens que ficavam cegos ou surdos sem padecer de doença alguma, que choravam de terror em qualquer esquina ou se sentiam obsessivamente perseguidos, ou permaneciam apáticos, sem tomarem banho, sem se barbearem, sem comerem, fixando um qualquer objeto durante horas a fio. Chamavam-lhes covardes, histéricos, fracos, antipatrióticos, indiferentes, mas Manolete sabia que não era nada disso. Arturo passou dos insultos e da raiva incontida ao silêncio e a um olhar suplicante. Nos dias seguintes, Manolete manteve a empregada bem ocupada a cozinhar, a sacudir tapetes, a esfregar o chão... Durante todo esse tempo, Arturo permaneceu em silêncio. Manolete mostrou-se paciente; sabia que, quando se bebia, todos os dias eram apenas mais um sem beber. Era hora de almoço quando Arturo finalmente decidiu falar:

– Vieste aqui para quê, caralho?

Manolete olhou-o, sem se mostrar ofendido. Aclarou a garganta:

– É para isso que servem os amigos, meu tenente.

– Põe-te a andar.

– Não.

– É uma ordem.

– Uma ordem não é um motivo.

– Vai apanhar no cu.

Manolete apenas se ergueu, pegou na panela e encheu dois pratos.

– Olhe, aqui, um cozido como deve ser. Tive de puxar uns cordelinhos.

O olhar de Arturo enegreceu-se. Levantou-se bruscamente e, com um safanão, deitou abaixo tudo o que havia na mesa. A seguir, agarrou numa cartucheira pendurada na parede, sacou da pistola e encostou o cano a um dos olhos de Manolete.

– Não te quero aqui. Não me obrigues a dizer isto outra vez.

Manolete começou a transpirar.

– Sei muito bem que o meu tenente tem tomates que cheguem para mandar-me para o outro mundo, mas eu também os tenho para ir para lá. Acha mesmo que é o único que está todo fodido?

Arturo vacilou.

– Depois daquilo de Berlim, estive meio morto, internado num hospital de campanha. Com o tiro que os russos me deram, deixei de poder mexer bem um braço e, quando voltei a Madrid, o meu tenente já sabe como as coisas estavam. Comecei a meter-me nos copos. Passado pouco tempo, deu-me uma diarreia que me fez cagar tanto, que pensei que ia esticar o pernil...

À medida que Manolete falava, Arturo ia baixando o braço. Afundou-se numa cadeira e largou a arma na mesa. Tinha um olhar de profunda orfandade.

– Um dia, apercebi-me de que, se não saísse daquele buraco, ia ser o fim do Francisco Ramírez. E, olhe, ficava mesmo fodido só de pensar que o que os vermelhos não tinham conseguido fazer ia ser eu a fazê-lo sozinho. De modos que tomei um banho, comprei uma camisa e meti-me a vender bilhetes de lotaria. Por agora, vou-me aguentando. Não há muito mais que contar.

Arturo cerrou os punhos.

– E que posso eu fazer, Manolete?

– O desgosto não é maneira de viver.

– Já tentei viver de todas as maneiras.

– Se saímos de Berlim, também havemos de sair desta, meu tenente.

– Berlim era diferente.

– Os russos eram piorzinhos – censurou-o Manolete.

– E tu, como fizeste?

– É preciso usar os nossos instintozinhos.

Os dois homens olharam-se, desolados.

– Estás cada dia mais feio, Manolete – disse Arturo, tentando sorrir.

– E o senhor, mais cabrão, meu tenente.

– Agora sou capitão.

– Como queira, meu tenente.

O rosto de Arturo iluminava-se com um sorriso ao recordar aquele encontro. Um bem-estar limado por uma das frases que Manolete proferira a seguir, no meio de uma das suas conversas: «Se nós estamos assim, imagine como estarão os derrotados.» Manolete ficara

alguns dias mais, até ter a certeza de que a ordem que ia deixar atrás de si não iria desmoronar-se. Viera até ali num carro emprestado e dali partiu, como era seu costume durante a guerra, a guiar à maluco, aterrorizando pessoas, bichos e coisas. Na semana seguinte, Arturo ouviu dizer que tinham encontrado o cadáver de uma menina.

O rumor espalhou-se tão velozmente que, mesmo antes do pequeno-almoço, Arturo já sabia de tudo pela empregada. Se, como dizia Manolete à sua maneira, deviam lutar contra a certeza do absurdo, não havia melhor forma de manter-se ocupado. Decidiu deitar mãos ao trabalho de maneira oficial. Em Madrid, tinham-no afetado a operações internas, o que abrangia a neutralização de elementos subversivos de todas as espécies, e, embora esta fosse uma investigação policial, precisava de desenferrujar. Considerou que a morte de uma criança poderia criar alarme, num momento em que o governo afirmava que crimes do género só poderiam ocorrer numa época «degenerada e amoral», como fora oficialmente a republicana. Um pretexto que esgrimiu ao telefone, depois de conseguir uma ligação na autarquia, argumentando com os milhares de descontentes que o país albergava e reforçando-o com a ameaça da guerrilha que se acoitava nas serras da Extremadura. O documento expedido dava-lhe poderes tanto perante a polícia, como perante a Guarda Civil, já para não falar do cidadão comum. Arturo fez também um pedido específico em nome de um tal Francisco Ramírez. O funcionário que lhe dera acesso ao telefone ajudou-o a chegar ao local dos acontecimentos, Pueblo Adentro, e Arturo tomou as rédeas da investigação no pequeno quartel da Guarda Civil.

Tinham passado alguns dias desde esta cena e Arturo sacudia-se dentro do mesmo calhambeque que o transportara até Pueblo Adentro da primeira vez. Um trecho de caminho esburacado, que fazia o *Dodge* balançar, arrancando-lhe impropérios; o funcionário, que mantinha o mesmo ar inexpressivo; o ar tórrido e ressequido; as filas de postes esbranquiçados do sol, com as manchas pretas dos pássaros pousados nos fios. Enquanto isso, fizera uma visita a Cáceres.

– Sou o coronel Alonso Ardila – recebeu-o o médico-legista militar,

sob a luz lívida da morgue.

A morte. A morte não era apenas um corpo sem vida, mas uma linguagem com o seu alfabeto próprio. E era para isso que estavam ali: para o decifrar, para escutar o que a morte tinha para lhes dizer.

– Sente-se bem, capitão? – perguntou o motorista.

– Vou indo – respondeu Arturo.

Sentia-se bem melhor do que quando o coronel percorrera com ele uma *Via Crucis* de nódoas negras, escoriações, dentadas, arranhões... O militar explicou-lhe toda a brutalidade a que a menina fora submetida, que, ao contrário do que se esperaria, não incluía a violação, e revelou-lhe há quanto tempo a criança estava morta.

– À volta de seis horas – disse o coronel.

De seguida, desfiara as suas suposições em relação às picadas nos dedos.

– Se quiser beber água, tem um cantil aí atrás – ofereceu o motorista.

– Não, muito obrigado.

– Com este calor, é preciso ter cuidado.

Claro, respondeu Arturo, claro que era preciso ter cuidado, sobretudo quando o médico-legista estendeu o seu meticuloso trabalho às partículas leitosas recolhidas do cabelo da menina. Colocou-as numa lamela, que pôs sob um microscópio para as estudar de seguida. Para maior certeza, mandou chamar um ajudante que realizou alguns testes e fez umas anotações que passou ao chefe. O coronel leu o papel e desenhou um remoinho no ar com o indicador, como que a informar que tudo batia certo. No momento em que Arturo repousava os olhos numa cidade que parecia nascer diretamente do solo, o coronel Ardila Alonso confirmou-lhe aquilo que já suspeitava.

– Que desgraça se deu aqui – comoveu-se o motorista. – Como se já não tivéssemos desgraças que chegassem.

– As desgraças nunca vêm sós – respondeu Arturo, à laia de compromisso.

Não, a desgraça tende a expandir-se à semelhança da gota de tinta que o chefe da brigada criminal de Cáceres, Gustavo Leyva, deixara cair da sua pena sobre a secretária, enquanto Arturo lhe explicava as conclusões a que o coronel Ardila havia chegado.

– Já estou a ver – respondeu o polícia.

Arturo também já via a desgraça que se iria espalhar por toda a cidade e em toda a província. Um infortúnio que faria com que os representantes da ordem percorressem negócios, casas e tabernas. Para procurar o inimigo, para inventá-lo, se necessário fosse, porque era esta a sua principal responsabilidade, a que justificava a sua existência, a que aumentava o seu poder. Neste mundo rarefeito da suspeita, nesta desconfiança geral, a polícia, os serviços secretos, Arturo Andrade tinham a sua razão de ser: porque o regime era forte, temível, mas também tinha pés de barro, e bastava que a confiança se fortalecesse entre as pessoas para acabar com ele. Apenas isso.

– E o que fazemos com os jornais? – perguntou o chefe de polícia a Arturo. A pergunta era retórica.

– Neste momento, não nos interessa ter publicidade. E talvez nunca venha a interessar.

– Vai haver quem se oponha.

Arturo não duvidava.

– Uma tarefa ocasional a um jornalista contribui para termos uma imprensa sensata.

Já não nos sobra muito, capitão, disse o motorista a Arturo, deixando atrás de si a placa de metal com o símbolo franquista do jugo e das flechas e o nome da aldeia. Não, o homem enganava-se: já não sobrava era nada. Tinham sepultado a menina ao raiar da madrugada. Havia apenas mais quatro pessoas no cemitério, e uma estava lá a pôr flores noutra campa. Quando desceram o caixão, não se sentiu o perfume de rosas e mel que, dizem, os mártires exalam, mas o odor primário da terra, vital e decadente. Falaram com aquela voz peculiar que os mortos impõem aos vivos, reunidos em volta da cova enquanto o sacerdote murmurava as suas orações, de livro na mão. Na tampa do caixão, não havia nem nome nem datas, apenas um P escrito a giz, que Arturo não conseguia compreender. Na sua mente, no entanto, havia uma certeza: não permitiria que, com a menina, enterrassem também a verdade, pelo menos a parte dela que pudesse arrancar a alguém, porque era óbvio que seria preciso arrancá-la – não lha ofereceriam facilmente, nem tão-pouco pacificamente. Aquele era o segundo cemitério que visitava em pouco tempo. E dizem que não

há duas sem três.

Quando o carro parou, Arturo pôs o bernal ao ombro e agradeceu ao motorista. O homem deixara-o no meio da praça e a sua silhueta projetava-se atrás dele, alongada pelo resplendor alvo do céu. Era a hora da sesta; as persianas estavam fechadas, as ruas desertas. Uma fonte ocupava o centro da praça, com o seu cano de chumbo derramando um esquálido jorro de água sobre a superfície cintilante da pia. Cheirava a estrume e a cal queimada pelo sol. Arturo transpirava profusamente. Limpou o suor acumulado sobre o lábio superior, ajustou o chapéu e começou a andar. Na sua direção, vinha um homem vestido de negro, com um guarda-chuva fechado na mão, caminhando a bom passo. Quando passaram um pelo outro, cumprimentaram-se.

O quartel era uma pequena casa de pedra com uma bandeira na entrada e janelas estreitas, para conservar o calor no inverno e não o deixar entrar no verão.

O tamanho da povoação não justificava um posto da Guarda Civil, mas, segundo lhe tinham explicado, viviam ali as famílias de alguns dos homens que tinham fugido para os montes, e já se sabe como o salmão volta sempre à origem... Quando Arturo entrou, agradeceu a frescura imediata do interior. A divisão principal servia de escritório e, entre os poucos meios disponíveis, sobressaía uma máquina de escrever com as hastes de duas teclas estragadas. O agente que o recebeu, chamado Nicolás, era o mesmo que antes tinha virado o barco. Informou Arturo que o cabo estava para chegar e ofereceu-lhe uma cadeira e uma bebida.

– Aceito um copo de água.

Nicolás encheu um copo com água de um jarro, adicionou-lhe um torrão de açúcar, mexeu e passou-o a Arturo, ainda antes de o torvelinho de partículas brancas assentar. Quando voltou às suas obrigações, Arturo sentou-se, tirou o chapéu, cruzou as pernas e ficou ali a beber o refresco, enquanto observava a praça por uma janela. A luz fazia com que um retângulo resplandecente se fosse movendo em torno da sala, fazendo cintilar a poeira suspensa no ar. Pouco depois, Salvador chegou, com aquela sua seriedade tão característica e quase

religiosa.

- Boa tarde, cabo – cumprimentou Arturo.
- Boa tarde, meu capitão – respondeu Salvador.
- Hoje abriram a porta do forno.
- E eu que o diga.
- Sente-se, por favor.

Salvador pendurou a sua pistola *Mauser*, agarrou numa cadeira e compôs uma expressão atenta. Uma mosca pousou languidamente na mesa.

- E como vão as coisas por aqui? – começou Arturo.
- Vão indo.
- Dê-me mais pormenores.
- Sobre quê?
- Sobre tudo.

Salvador olhou Arturo nos olhos.

- Não chove desde sei lá quando e a terra não dá nada.
- E as pessoas?
- A gente acostuma-se a tudo, menos a passar fome.

Arturo mordeu o lábio inferior e desviou os olhos.

- E como vão as valetas? – interessou-se Arturo.
- Se se refere aos fuzilamentos, já quase não os fazemos¹.

Aquele «quase» pareceu provocar algum desconforto em Arturo.

– Lembre-se que agora todas as execuções têm de ser assinadas por Sua Excelência.

- Isso aplica-se aos homens – interveio Nicolás –, não aos coelhos.

Salvador trespassou-o com o olhar.

- Os fugitivos têm-nos dado trabalho – disse, em jeito de desculpa.

Ao ouvir aquelas palavras, Arturo pensou nas famílias que permaneciam despertas durante as batidas policiais, a angústia, o frio gélido no inverno e o suor na canícula do verão, o salário de merda pelo qual aqueles homens arriscavam a vida; as emboscadas, os funerais, os órfãos, as viúvas. A guerra, que ali não terminara. Observou como a mosca se deslocava numa dança nervosa.

- Conte-me os boatos, os rumores...

– Se fizéssemos caso de todos, tínhamos de prender metade da aldeia.

Arturo sorriu. Seguiu-se um desfile de prosaicos contrabandos, de acusações e denúncias por disputas de gado ou limites de terras, ou simplesmente por rancor pessoal. Numa altura em que a deslealdade se encontrava justificada, o prazer da delação aliava-se à autoridade moral, ao patriotismo que mantinha as pessoas impolutas. E Pueblo Adentro era um lugar onde toda a gente tinha alguém fugido, morto, preso ou exilado. Quando o cabo deu por concluída a sua exposição, Arturo recordou o seu encontro com o médico-legista.

– E então? – perguntara ao coronel Ardila.

– Então, no meu entender, não estava morta há mais de seis horas, e, se a encontraram pelas sete da manhã, faça as contas.

Arturo fez e explicou a Salvador que, visto o médico ter chegado duas horas e tal depois, tinham um intervalo de três horas, entre as quatro e as sete da manhã, mais ou menos. Intervalo esse que não tinha apenas uma dimensão temporal, mas também espacial.

– Porque com estas estradas não dá para ir muito longe – adiantou-se o cabo.

Não, não dá para se deslocar muito, se me diz que a transportaram nalgum veículo, confirmara o coronel quando Arturo dissera a frase que Salvador agora repetia.

– Então, ela foi morta num sítio qualquer dentro da província. E quanto àquelas picadas nos dedos?

– Decerto são de coser – revelara o militar. – Talvez trabalhasse nalgum ateliê de costura.

Pela mente de Arturo passou então aquele intervalo de tempo durante o qual o coronel analisara as partículas brancas ao microscópio, que, em seguida, voltaram a ser examinadas pelo assistente. Um momento em que a mosca percorreu freneticamente o espaço entre o copo de água e a mão de Salvador, até que o assistente voltou com algo escrito, o coronel Ardila leu as anotações, voltou a girar o indicador no ar e mostrou o papel a Arturo.

– Tal como suspeitava: não é gesso.

Arturo leu umas fórmulas.

– Não entendo.

– Não é gesso – repetira o coronel como se se tratasse de algo absolutamente óbvio –, é escaiola.

– Pensava que era a mesma coisa.

O coronel abanou a cabeça.

– A escaiola é gesso industrial, processado, com uma pureza mineral de cerca de noventa por cento. Usa-se para acabamentos na construção civil, é mais fino.

– Sim, sobretudo para trabalhos em estuque, tetos falsos, molduras... – explicou, depois, Arturo aos guardas-civis.

– Mas, aqui, na aldeia, não há nada disso, nem em Arroyo de la Luz, nem em Malpartida – disse Salvador. – Seria preciso ir à capital.

– Era isso que lhe ia perguntar.

– Pois é o que lhe digo.

Arturo registou a informação mentalmente.

– Em Cáceres, o chefe de polícia também me disse que ninguém tinha participado o desaparecimento de uma criança.

– O que se passa aqui nós comunicamos. É como lhe disse, há algumas participações, mas nenhuma referente a crianças. Se calhar, ainda vão participar mais à frente.

– É estranho, não?

– O quê?

– Que não tenha havido participação.

Salvador encolheu os ombros. Arturo observou a aproximação da mosca à mão que o agente apoiava na mesa.

– Falou com o mecânico?

– Isso é com o Nicolás.

Arturo voltou-se para o outro agente, que parecia não entender o que esperavam dele.

– O que disse o Fulgencio... – ajudou-o Salvador.

– Ah, sim, disse que o carro tinha pneus *Dunlop*.

– Só disse isso?

– Sim... – Deu uma palmada na testa. – Não, já me estava a esquecer. Também disse que um dos pneus tinha um furo.

– Um furo...

– Sim, pelas marcas deixadas, diz que lhe tinham feito uma reparação.

– E como sabe ele isso? – perguntou Arturo.

Nicolás encolheu os ombros.

– É tudo?

– Sim.

Arturo observou de novo a mosca, que executava a sua dança junto ao seu dedo anelar. Bastaria um rápido movimento para esmagar aquele incómodo. Procurou imprimir um tom casual às palavras que proferiu a seguir:

– E, quanto ao Senhor Duque, sabe-se alguma coisa?

– Está em viagem, mas, quanto ao Faustino, o porquero, podemos ir buscá-lo quando o capitão quiser.

– Não, prefiro ir ter com ele, onde ele estiver.

– Costuma andar com os porcos por Los Frailes.

– Não, agora leva-os à quinta de Los Bolsillos – interveio Nicolás.

– Então, é aí que poderá encontrá-lo. E temos uma prenda.

– Para quem? – perguntou Arturo, desorientado.

– Para si.

Salvador abriu uma gaveta, tirou algo enrolado numa folha de jornal e fez-lhe sinal para o seguir. Caminharam os dois pelo corredor – Arturo resmungando com a mosca – e, ao fundo, pararam diante de uma porta, à esquerda. Salvador sacou de uma chave e abriu-a. A divisão parecia um velho quarto de arrumos transformado em calabouço e iluminado por uma estreita claraboia. Sobre um colchão de palha, havia um homem deitado no escuro.

– Anda ao tacho – disse Salvador.

O homem ergueu-se a custo, com ar aborrecido, e encostou-se à parede. O seu braço esquerdo fora amputado e tinha a manga da camisa dobrada, com o punho preso ao cotovelo com um alfinete de ama. Arturo pensou que o seu rosto parecia saído de um retábulo de Grünewald. Um cheiro azedo, desagradável, saturava o ar. O cabo desfez o embrulho e passou-lhe uma lata de sardinhas aberta e pão negro. O homem começou a comer com uma fome intensa e profunda. Dolorosa, até.

– É algum vermelho? – interessou-se Arturo.

Salvador abanou a cabeça em negação e não se deu ao trabalho de baixar a voz.

– É um bêbedo e é dos nossos. Chama-se Diego Peinado. Não é a primeira vez que acaba aqui. Antes era professor; agora, é um caso

perdido. Tinha mulher e filhas, mas deixaram-no e foram-se embora da aldeia.

Arturo observou como o mendigo lambia a lata até à última gota de azeite, enquanto a gordura lhe escorria pelo queixo abaixo. A seguir, limpou a mão à camisa.

– Vamos ter uma conversa – decidiu.

Salvador instou o mendigo a pôr-se de pé e encaminhou-o para a sala. O homem exalava um fedor tal, que Nicolás apertou o nariz com uma expressão de nojo. Salvador agarrou numa cadeira e pousou-a atrás do bêbedo; o homem sentou-se. Arturo murmurou algo ao ouvido do cabo, que assentiu com a cabeça, e apoiou-se numa mesa.

– Chamo-me Arturo Andrade – apresentou-se. – Com este calor até os pássaros caem do céu... Quer beber alguma coisa?

Os olhos do professor iluminaram-se. Arturo fez um sinal ao cabo, que se aproximou de um armário e retirou do interior uma garrafa de aguardente meio cheia e um pequeno copo. Logo que serviu Diego, este bebeu a aguardente, sôfrego.

– Pelo menos, agradece – censurou-o Salvador.

Arturo ergueu a mão na sua direção.

– Não é preciso, cabo, estamos entre amigos. Deixe ficar a garrafa.

Salvador pareceu não compreender o pedido, mas obedeceu. Arturo colocou a aguardente junto a si.

– De modos que o senhor era professor.

– Sim.

– Mas já não é.

– Com efeito.

– Bem.

Arturo observou os derrames sanguíneos que lhe coloriam as faces.

– Já sabe que mataram uma menina.

– Ouvi dizer qualquer coisa.

– Então, se ouviu dizer qualquer coisa, saberá também que se procura o malfeitor, e quem o procura sou eu. Diego – usou o nome do homem para fixar a sua atenção –, o senhor anda para aí, e há pessoas que podem cair na tentação de encontrar um bode expiatório. Mas, para isso, também estou cá eu, porque, como saberá, não somos todos iguais perante a lei...

Arturo esperou a reação do homem, mas este nem sequer pestanejou. Optou por voltar a encher-lhe o copo, que Diego esvaziou de imediato para logo a seguir olhá-lo submissamente, como uma criança que se magoou e espera que os adultos lhe façam passar a dor.

– Diego, viu algo de invulgar ultimamente? Refiro-me a gente nova, estranha.

A expressão do professor não se alterou. Nada parecia afetá-lo.

– És parvinho ou quê? – repreendeu-o Salvador. – Fizeram-te uma pergunta.

– Não, não vi nada.

– E lembra-se onde estava ontem, digamos, entre as dez da noite e as sete da manhã?

– Decerto a dormir em algum sítio, a curtir a bebedeira, não me lembro lá muito bem.

Arturo fez uma careta enojada. A mosca reapareceu, executando uma pirueta arriscada entre ambos para vir pousar na mesa. Salvador e Arturo seguiram com o olhar os seus movimentos inquietos, mas Diego não os imitou. De repente, não tirava os olhos de Arturo. A forma como o fixava era inoportuna, incomodativa, perigosa mesmo. O seu rosto esboçou um ligeiro sorriso.

– Acaba de se lembrar de alguma coisa? – perguntou Arturo.

– Sim.

– Então, conte-nos lá.

– Eu, a si, conheço-o.

– Olhe que bom.

– Sim, claro que o conheço... De antes da guerra.

Arturo foi sacudido por um espasmo nervoso.

– Neste sítio, há meia dúzia de gatos-pingados – tentou disfarçar –, não é de estranhar.

– Você tomou parte naquilo de Badajoz – afirmou, num tom de desafio.

Arturo, cada vez mais alterado, olhou Salvador como se este tivesse sido testemunha de tudo.

– Bem, sou natural de Badajoz.

Diego rejeitou a resposta com um gesto.

– Não, você estava com eles... Tu eras vermelho.

O punho de Arturo saiu disparado, derrubando Diego e a cadeira onde este se sentava.

– Que pancada... – assobiou Nicolás.

Salvador voltou a endireitar a cadeira e sentou Diego, sem contemplações. O bêbedo sangrava profusamente da testa. Arturo permaneceu calado, mal podia respirar. Contudo, não era a ira que o impedia, mas uma espécie de pânico.

– Quer que a gente lhe chegue a roupa ao pelo, meu capitão? – propôs o cabo.

– Não.

Arturo pegou na garrafa, esvaziou-a sobre o vagabundo e, agarrando-a pelo gargalo, arremessou-a contra a parede. A seguir, sacou da arma e, com a culatra, dedicou-se a esmagar os cacos em pedaços mais pequenos. Depois de obter um monte de fragmentos de vidro, arrastou-o com o pé até ao centro da divisão e espalhou os cacos numa forma ovalada. Colocou-se num dos extremos da oval e apontou a arma a Diego.

– Tira os sapatos e as meias.

Diego olhou-o com uma expressão dura. Era a sua forma de tentar proteger os últimos redutos do seu orgulho, mas a voz saiu-lhe pouco firme:

– Você andava com os milicianos, eu vi-o.

Desta vez, a bofetada veio de Salvador.

– Cala-te, caralho. Meu capitão, acho que com uma tarefa já lhe passa a parvoeira. É um bêbedo, não sabe o que diz.

– Desde quando o cabo tem esses escrúpulos de donzela? – perguntou Arturo. – Tu – meneou a pistola na direção do bêbedo –, faz o que te digo.

Salvador não escondeu o seu mal-estar; porém, não procurou impedir que o reticente Diego cumprisse as ordens.

– Agora, vais-te pôr de pé e vais caminhar até mim. Tenho uma coisa para te dizer.

O medo – mais que a vontade – fez o professor erguer-se e caminhar até ao limite dos cacos. *Continua*, ordenou-lhe Arturo com um olhar hostil, e não corras. Diego olhou para Salvador, mas este permaneceu impávido. O primeiro passo fez ranger os vidros e gravou

no rosto do bêbedo uma dor avassaladora. Diego deu mais dois passos e não conseguiu continuar. Os fragmentos de vidro estavam encharcados de sangue. *Meu capitão*, intercedeu Salvador, mas Arturo limitou-se a carregar a arma. Diego encostou o queixo ao peito, cerrou os dentes e avançou até sair da oval de cacos – mas separavam-no de Arturo ainda alguns metros. *Até aqui*, impôs este, implacável. O bêbedo prosseguiu o seu suplício, devido aos fragmentos de vidro cravados na carne, até se encontrar à frente de Arturo. Este guardou a arma e inclinou-se para o rosto alterado e coberto de suor de Diego. A sua voz soou distorcida pela raiva.

– Vais ficar uns tempos sem poderes andar. Desde que não digas mentiras sobre mim, eu também não as direi sobre ti.

O professor assentiu em silêncio e Arturo ordenou que o levassem de volta para a cela e chamassem alguém para o tratar. Os guardas carregaram Diego, agarrando-o por baixo dos braços. Nicolás foi buscar o enfermeiro, deixando Arturo e o cabo a sós.

– Se não encontrarmos os culpados, já temos um, aí, de reserva – disse Arturo num tom ligeiro.

Salvador sorriu, mas não aplaudiu a piada. Arturo percebeu que o cabo não aprovava as suas ações. Não era inteligente indispor-se com um dos pilares da sua investigação. Não podia partilhar a vergonha ardente que o queimava por dentro, nem a raiva, nem a tristeza, nem o medo... Podia apenas cobri-los com uma sombra.

– Descontrolei-me – justificou-se –, lembrei-me de todos os meus camaradas que morreram...

Salvador viu-se parte daquilo de forma irremediável; pela sua cabeça, passaram nomes, garrafas de vinho partilhadas, noites de serviço sem certeza de chegarem ao fim.

– Passámos por muitas desgraças – disse, olhando os vidros. – Espere, vou limpar isto.

Foi buscar uma vassoura enquanto Arturo se sentava na cadeira, antes ocupada pelo professor. Observou como o cabo varria os cacos, dobrando depois uma folha de jornal para lhe servir de apanhador. A seguir, Salvador permaneceu de pé, esperando indicações de Arturo.

– E você, o que pensa deste crime? – perguntou-lhe Arturo, de rompante.

Salvador coçou a nuca.

– Eu... toda a vida fui guarda-civil, como o meu pai antes de mim e o meu avô antes dele. E, segundo me contavam, o que este país tinha de bom era que não era preciso andar atrás dos criminosos aos tiros, a gente prendia-os no casino, na tasca ou na casa de putas. Agora, não sei...

– Não sabe...

– Se calhar, foi só alguém que se descontrolou.

Arturo não respondeu. Continuou a olhar pela janela. O dia continuava abrasador. De repente, abriu-se a porta de uma casa. Uma mulher vestida de negro assomou à entrada, cruzou os braços e ficou a olhar na sua direção, imóvel como uma estátua. Olhava, simplesmente. E nos olhos dela poderia haver amor, ódio, raiva, dor, culpa, desespero, fé, vingança. Era impossível saber.

Desde o princípio que a minha mãe me disse que não devia ter medo. Que a guerra agora estava complicada, mas que íamos acabar por ganhar. Disse que o meu pai se encarregaria disso, mas que agora estaria mais segura fora da cidade, e que eu ficaria numa colónia com outros miúdos, e que iria fazer muitos amigos e poderia continuar os estudos e comer comida quente. Mais que tudo, disse-me que ia comer bem. E aquela foi a última vez que a vi, dizendo-me todas aquelas coisas, enquanto o camião se ia afastando, tornando-a tão pequena quanto eu.

¹ N. da T.: No original, «sacas». O diálogo refere-se àquilo que era conhecido como «sacas de presos», durante o Franquismo: a polícia retirava alguns presos das celas, sem qualquer julgamento ou ordem judicial, e fuzilava-os contra um muro ou nalguma valeta à beira da estrada, onde eram depois enterrados.

3. Murais

Faustino estava sentado sobre um cepo, com o seu bordão de madeira nodosa encostado ao assento. Vigiava a vara de porcos que fuçava a terra à sua volta. O seu olhar era prático: o bosque era avaliado pela sua madeira; o ar, porque era bom para a debilha; a água, útil para o gado e a rega. Onde, para alguns, a natureza era evocação, para ele eram números e valências. Assim, quando viu um homem a aproximar-se ao longe, aplicou-lhe os mesmos critérios e, considerando a hora da manhã, a indumentária do desconhecido e os rumores que circulavam pela aldeia, concluiu que, a partir desse momento, deveria ter os pés a postos e a navalha afiada. E, de facto, sacou do bolso uma navalha grossa e pesada, abrindo a lâmina a metade.

À medida que se aproximava do porqueiro, sentado numa lombaa, Arturo conseguia avistar um homenzinho com cara de gárgula, que se ocupava a dispor algo sobre um toco. Grupos dispersos de porcos, agrupados em leque, alimentavam-se em silêncio, à exceção de alguns guinchos ocasionais. Àquela hora da manhã, o céu, ainda não saturado de luz, achava-se pontilhado de pássaros; corria uma ligeira brisa que seria em breve estrangulada pelo calor. No dia anterior, recusara uma oferta de Salvador para ficar alojado em sua casa durante a sua estadia na aldeia, com a certeza de que um hóspede estrangularia o espaço e o orçamento da família, já de si apertados. Além disso, boas cercas sempre fizeram bons vizinhos. O que aceitou foi um convite para jantar numa daquelas noites – para além de outro de Celedonio, o presidente da junta, que não perdera tempo logo que soubera da sua chegada – e um quarto no edifício do pequeno quartel. Nessa manhã, vestiu-se, deixando o casaco de lado, enterrou o chapéu na cabeça e pôs uns óculos escuros que lhe protegiam os olhos com as suas lentes fumadas; trocou os sapatos por umas robustas botas militares e encheu o bernal com um cantil e alguma comida. A seguir, encaminhou-se para a quinta de Los Bolsillos. Quando chegou junto de Faustino, estava encharcado de suor e, na sua boca seca, revolvía uma repugnante pasta branca. Observou como Faustino ia pousando, sobre um papel pardo, os pedaços de queijo que ia cortando, a escorrerem

gordura.

– Bom dia – cumprimentou Arturo, surpreendido com os olhos verde-esmeralda daquela espécie de duende.

– Bom e bonito, não é verdade?

– É. O senhor é o Faustino?

– Foi o nome que a minha mãe me deu. Mas a maioria das pessoas conhece-me pela alcunha.

– Que alcunha?

– Mão-na-Verga. Faustino Mão-na-Verga. Desde que era assim, deste tamanho – disse, baixando a navalha até pouco acima do solo.

Arturo sorriu, observou as meias-luas de suor nas suas axilas, contemplou os animais.

– Porquê?

– Porque as pessoas são muito más. Quando era miúdo, apanharam-me a bater uma pívica na aula da Dona Enedina, mas eu também pergunto que mais podia fazer, porque, para dizer a verdade, não percebia nada daquilo, e hoje também não consigo ler grande coisa, mal ou nada, já está a ver, e só por causa disso fiquei o Mão-na-Verga. E olhe que o meu nome de batismo é bem bonito, Faustino, como o mártir, mas uma alcunha bem posta nem Deus nos livra dela – Faustino cuspiu através de uma falha nos dentes da frente. – Já tomou o pequeno-almoço? – perguntou, oferecendo queijo a Arturo.

– Sim, mas não me importava de provar. Obrigada.

Arturo esticou a mão e mastigaram ambos, pensativos. Depois, bebeu um gole de água e prosseguiu:

– É muito bom. Disseram-me que foi o senhor que encontrou a miúda.

– Quem a encontrou foram os porcos. E menos mal, que cheguei logo a seguir, senão tinham-na mamado toda, que esses comem de tudo, mesmo a merda deles e as próprias ninhadas. Não param muito para pensar, não senhor, os porquitos...

– E que horas seriam?

– Umas seis ou sete... Tinha amanhecido há pouco.

– Muito bem. Era o que me tinham dito. E costuma andar por aquela zona?

– Muitas perguntas faz o senhor.

– É a mim que cabe perguntar – Arturo sacou dos documentos e exibiu-os.

Faustino meteu um pedaço de queijo na boca, enquanto observava os papéis.

– É como se me mostrasse o braço por apodrecer de Santa Teresa... É como lhe digo: eu era mais de tocar ao bicho.

– Repito: costuma andar por aquela zona?

– Depende... – Olhou para os porcos. – Quem me guia são eles, sabem bem onde as bolotas estão. As que as pessoas deixam, claro, porque agora comem de tudo.

– Bichos espertos.

– Quem? As pessoas ou os porcos?

– Os porcos.

– Nem imagina quanto – assentiu Faustino, voltando a cuspir. – E há muita gente que não acredita, mas também são muito limpinhos. Não suam e, quando rebolam na lama, é para se livrarem de parasitas.

– Gosta muito dos seus porcos.

– Gosto mais deles do que das pessoas. Ando no meio dos porcos desde que andava de fraldas e ainda não consegui percebê-los, são um mistério. Às pessoas, ainda sei o que lhes vai na cabeça, já um porco – arregalou os olhos –, nunca sei em que está a pensar.

– Se calhar, os porcos não pensam.

Mão-na-Verga considerou a possibilidade.

– Se calhar – concordou –, mas também não fazem parvoeiras. Quer mais? – disse, oferecendo a Arturo outro pedaço de queijo que segurava entre o polegar e a lâmina da navalha.

– Não, obrigado.

Arturo observou dois porcos jovens que se aproximavam deles, abanando as orelhas, mas o porqueiro agarrou no cajado e desferiu-lhes uns golpes tão fortes no lombo, que os animais retrocederam velozmente, apesar de lhe arreganharem os dentes.

– Estes marranos são desobedientes...

– E o que me pode dizer do dia em que encontrou o cadáver?

Faustino abriu desmesuradamente os olhos, de novo.

– Que desgraça. E olhe que vi muita coisa na guerra, mas, ouça, uma criança, assim, no campo, olhe, nunca tal vi. Notei que os bichos

estavam a ficar agitados e pensei que tinham descoberto trufas, mas, vai-se a ver, qual trufa nem meia trufa, era a menina, ali, a pobre. Levei os porcos para a aldeia porque, se os deixasse ali, se calhar já não sobrava nada da miúda quando voltasse, e fui avisar a Guarda Civil.

- Então, não viu mais nada.
- E que havia de ter visto?
- Algo que lhe chamasse a atenção.
- A miúda já me chegava.

Arturo inclinou a cabeça para o lado e fixou os olhos no vazio.

– Pelo caminho, vi alguns muros onde pintaram umas frases políticas. Todas antipatrióticas.

– Por aqui há gente mais vermelha que o cu de um macaco, mas isso não é segredo nenhum.

- E como é que as pessoas lidam com isso?
- Como podem.
- Já sabe o que dizem dos vermelhos...
- O quê?
- Que são uns degenerados.
- Sim, fie-se na Virgem e não corra.
- O que quer dizer?

– Que entre os nacionalistas também os há, ou não? Tratando-se dos que estão mais abaixo na escala...

– Tem razão.

Ficaram outra vez em silêncio.

– E a vara? É sua?

– Nãoooo... Ia lá ser minha. Cento e vinte e um porcos, todos do Senhor Duque. Tal como as propriedades. – Faustino fez um gesto que abarcava um terreno sem fim.

– E o senhor, como costuma fazer?

– Então, a gente levanta-se ao amanhecer e aí vamos nós, de azinhal em azinhal, que pode não parecer, mas estes aqui também vivem com'ós duques, bolotas para a frente, bolotas para trás, e, pelo meio, uma sesta de três horas. Que estes não brincam no que toca à comida, não, senhor, e ando com eles assim até ficarem bem gordos. Quando andam a pastar nos montados podem chegar até às quinze

arrobas. – Por momentos, uma sombra cobriu o seu rosto. – Bem, todos menos aquele – Faustino apontou com a navalha –, que não engorda nem a tiro. Há sempre um que não medra. A esses, a gente chama-lhes Judas.

– Talvez o bicho adivinhe o que o espera.

– Olhe que nunca tinha pensado nisso.

– E o que me diz do Senhor Duque?

– Uuuui, gente muito importante, de grande linhagem. Dizem que se dava com o rei. Por mim, não tenho de que me queixar – apressou-se Faustino a dizer –, ia lá ter razões de queixa de um senhor que me dá comida e um teto e esta quinta toda para eu fazer o que me apetecer. E que só me pede contas quando é preciso entregar os porcos, como é devido, que é para isso que a gente os cria e...

Arturo deixou que o guardador de porcos se espraiasse no seu panegírico, sabendo que ali não havia nada para investigar.

– Vejo que aprecia muito o Senhor Duque.

– Toda a gente o estima.

– Mesmo os macacos de cu vermelho? – provocou-o Arturo.

Mão-na-Verga sorriu, exibindo os incisivos partidos, mas não entrou na armadilha. Fechou a navalha e embrulhou o queijo que sobrava. A seguir, voltou a acomodar-se sobre o cepo, sacou das mortalhas e começou a encher uma com tabaco. Depois, enrolou o cigarro, colou-o cuidadosamente com saliva e acendeu-o com um isqueiro de pederneira que tinha atado a um cordel.

– Quer? – Faustino ofereceu o cigarro a Arturo.

Este recusou com um movimento de cabeça. Levantou um pouco o chapéu e olhou para o céu, que começava a adquirir matizes alcalinos. O calor já começara a assentar sobre a terra como uma coberta.

– Bem, tenho de seguir caminho – decidiu Arturo. – Obrigado pelo tempo que me dispensou.

– Estamos aqui para o que for preciso...

O desconforto físico do homem indicou a Arturo que Faustino ainda tinha algo por dizer.

– Quer contar-me alguma coisa? – encorajou-o Arturo.

– E com a miúda... Afinal, passou-se alguma coisa?

– Passou-se alguma coisa como?

– Se... – e, com um dedo, descreveu um movimento de vaivém.

– Isso não é assunto que lhe diga respeito.

– Ah, sim, claro, desculpe. – Faustino inspirou uma baforada e observou os animais. – Pois, olhe, que estes aqui é que a levantam bem, que quando montam, montam, e às vezes estão até meia hora, com uma cara de satisfação que nem lhe digo nada, e isso é porque as porcas não dão tantos problemas como as mulheres, que isso nem que a gente vá às putas, olhe o que lhe digo, e é só apanhar-lhe o jeito e...

Neste ponto, o homem conteve-se, mas manteve o olhar fixo num animal de aspeto vigoroso e pele de um tom branco-pérola.

Arturo despediu-se e, enquanto voltava costas a Faustino, optou por acreditar que o porqueiro não estava a ter uma monumental ereção.

Os uniformes verde-azeitona desabotoados.

A tela negra reluzente dos tricórnios.

Os polegares enfiados nas correias das *Mausers*.

O par de guardas-civis caminhava lentamente ao longo da estrada atrás de um carro, que deixava atrás de si, suspensas no ar, pequenas nuvens de poeira que, depois, iam descendo lentamente. Aquele pó fazia comichão no nariz e tinha um sabor acre, bem conhecido dos guardas, não fosse ele, afinal, um tão fiel e sempre presente companheiro nas suas idas e vindas, tal como as longas horas sob um sol feroz, a sensação de sufoco e degradação, o obstinado ataque dos insetos, os pés inchados, o magro salário, o risco e a raiva, a ansiedade, o medo. Ao passarem pela solitária chaminé de tijolos de uma oficina reduzida a cinzas, Salvador pensava na mulher que tinham intercetado, com uma bilha de alumínio cheia de óleo comprado no mercado negro. Era uma operação de rotina, agachados nas encruzilhadas dos caminhos, à espreita daqueles infelizes que mais não faziam que tentar fingir a fome. E, na verdade, os grandes produtores faziam exatamente o mesmo, com a diferença de que estes estavam protegidos. Enquanto isso, Nicolás não deixava de dar voltas, na sua cabeça, à cena que testemunhara no dia anterior. As palavras do antigo professor tinham-se-lhe cravado no espírito como uma espada numa pedra. Algo que não teria passado de um disparate de

bêbedo, não fora a reação do capitão. Também ele tinha família em Badajoz e os vermelhos tinham-lhe matado um dos irmãos. Qualquer coisa que lhe cheirasse a vermelho punha-o imediatamente em alerta, até mesmo um capitão dos serviços secretos.

Nesse momento, os guardas detiveram-se. Vinha, na direção deles, uma procissão, encabeçada pelo padre e pelo presidente da junta, e, atrás dela, moradores da localidade. No meio, alguns rapazes carregavam aos ombros um velho andor onde, sobre a sua plataforma, se erguia, carcomida e lascada, a imagem em madeira de uma santa. Pedia-se a intercessão da santa para que o Criador enviasse a água necessária para salvar as colheitas desse ano, quase reduzidas a zero. A procissão avançava com fervor, mas também cansada da indiferença da santa: era a terceira procissão a pedir chuva que faziam num curto espaço de tempo. Quando passou diante dos guardas, Salvador e Nicolás benzeram-se. O último membro da procissão era um indivíduo vestido de preto, que levava um guarda-chuva fechado numa mão. Com a outra, ajustava-lhe as pregas.

Quando Arturo entrou no bar, as suas botas fizeram ranger as tábuas do chão. Tudo se deteve, desde os grupos de homens que jogavam às cartas até às conversas e aos cigarros que passavam de mão em mão. A taberna inteira calou-se, enquanto Arturo se aproximava do bar, e toda a gente continuou em silêncio quando ele pediu uma cerveja e perguntou quanto era. Arturo olhou-se no espelho que cobria a parede, tirou o chapéu – cuja tira molhada de suor lhe deixara um círculo marcado na testa –, bebeu um longo gole e voltou-se, apoiando-se contra o balcão. O sítio cheirava a vinho, ao pez dos curtumes, a rapé e a serrim; o fumo pairava sobre os fregueses como uma manta leitosa. Arturo podia sentir a corrente de emoções: ansiedade, medo, desconfiança, curiosidade, mas, sobretudo, desprezo. Ergueu a cerveja e proferiu um sonoro bom-dia, que apanhou de surpresa os presentes obrigando-os a devolver a saudação. A seguir, pediu um dos baralhos sujos que se viam atrás do balcão de estanho e um pires de azeitonas, sentou-se a uma mesa e começou a ordenar as cartas por naipes e números. Quando terminou, cortou o baralho, voltou a cortar e baralhou. Permaneceu assim, sem levantar os olhos,

até que o burburinho das conversas recomeçou, agora num tom mais baixo. Alguns dos clientes tapavam a boca: *É ele?*, perguntava um, *É*, respondia outro, *Chama-se Arturo Andrade, é capitão*. O murmúrio percorreu a sala, fazendo-os abanar a cabeça. Era o mesmo rumor que se espalhara por toda a aldeia, falando de Arturo Andrade uma e outra vez, deturpando as suas intenções, alterando a sua figura, adaptando-o ao que lhes convinha, de acordo com a raiva, a tristeza ou a perplexidade de quem falava. Arturo estudou-os com o olhar, quase conseguia etiquetá-los como se fossem frascos de conservas: rostos empalidecidos, tensos, receosos, orgulhosos, alguns tão repletos de ódio como de medo. Todas estas emoções estavam refletidas nos relatórios dos interrogatórios que lera, nas declarações contraditórias, paradoxais ou visivelmente inconsistentes. Não demorou muito até que um dos indivíduos, um tipo de rosto amargo, sem queixo, o abordasse. Com voz apagada, propôs-lhe jogarem uma partida. Arturo sorriu e ofereceu-lhe uma cadeira. Acordaram as apostas e jogaram em silêncio. Arturo não tentou sacar-lhe nada; deixou que o perscrutassem exaustivamente até que as jogadas e as moedas foram encorajando mais jogadores. Este era o seu trabalho, polarizar, acomodar as dúvidas, sustentar o universo rarefeito da suspeita. Aqueles homens, acostumados ao exercício despótico da autoridade, às execuções sumárias pela calada da noite, aos espancamentos e aos mortos enterrados nas valetas, à traição dos melhores amigos, teriam assunto de discussão para os dias seguintes. Arturo ofereceu uma rodada à mesa, e ele próprio bebeu mais duas cervejas. Era a desculpa de que precisava para levar a cabo o seu verdadeiro propósito. No fim de uma das mãos, perguntou onde era a casa de banho. Levantou-se e o seu percurso foi descaradamente seguido pelos olhares dos restantes clientes. A porta encontrava-se num ângulo oblíquo e dava para um pequeno pátio com uma barraca de madeira, que abrigava um buraco fétido no chão de cimento. Arturo entrou e encontrou o que procurava.

Palavras.

Palavras de sobra. As palavras que defendiam aqueles homens de toda a morte, sofrimento, dor e miséria. As palavras que não conseguiria arrancar-lhes nem que os submetesse ao martírio. Lá

estavam elas. Nas paredes, a diferentes alturas, de diferentes tamanhos, a lápis ou riscadas na cal, acompanhadas ou não de desenhos, mostrando que a esperança é a única coisa mais forte que o medo. Arturo leu atentamente os insultos, os desejos, as frustrações, as súplicas, as maldições... Deteve-se numa parte que alguém riscara recentemente, deixando uma ilha retangular no meio de toda aquela algaraviada. Podia ou não estar relacionado com os acontecimentos. No entanto, na cabeça de Arturo, a superfície desbastada remetia para algo tão supremamente real que nenhum malabarismo especulativo poderia fazê-lo desaparecer: o cadáver de uma menina. Continuou a examinar as inscrições e apontou um par de nomes que se repetiam, com o intuito de os investigar junto de Salvador. Saiu da latrina. A atmosfera carregada de suor e rapé da taberna pareceu-lhe um perfume. Sentou-se à mesa e retomou o jogo; não estava concentrado e perdeu várias jogadas, o que lhe serviu de pretexto para, com um sorriso malicioso, abandonar a partida. Ergueu-se devagar, despediu-se educadamente e dirigiu-se para a saída. Recebeu-o um calor concentrado, a luz fê-lo fechar um olho; manteve-se no limite do soalho da taberna. Uma corrente de ar muito ligeira fez ranger um letreiro, um pedaço de vidro semienterrado no solo da praça reluziu. Quando Arturo considerou que havia passado tempo suficiente, virou-se e voltou a entrar bruscamente no local. Os homens ficaram gelados diante da sua figura recortada contra a luz. Arturo esperou uns segundos e, sem dizer uma palavra, aproximou-se da mesa. Analisou os jogadores um por um. A seguir, rodeou-os até à sua cadeira vazia, baixou-se para pegar no chapéu e dirigiu-se de novo para a porta. Ao sair, pôs o chapéu na cabeça e, agarrando-o pela ponta, ajustou-o para cima e para baixo. Desceu do pavimento de madeira para o chão e começou a caminhar pelo meio da rua. No rosto, tinha um sorriso inapagável.

Madrid era uma cidade feia, mas tinha um céu lindo. Até mesmo Manolete, um murciano de gema, reconhecia isto. Manolete seguia por entre a multidão que pululava pela Red de San Luis, procurando furtar-se ao sol que caía a prumo. Lembrava-se sempre daquele rifão popular que dizia que, às putas e aos toureiros, é deixá-los chegar à

velhice – deviam agora juntar-lhe antigos membros da Divisão Azul. Eram as sobras de uma geração que se debatera entre forças muito superiores a eles, que tinham sido incapazes de afetar, transformando-se, se não numa ameaça, em algo incómodo e embaraçoso. Por isso, mentira ao tenente. Tentara de tudo para ganhar a vida honestamente: lavar pratos, apanhar beatas do chão de bares e parques para revender os restos de tabaco, pedir as caricas das garrafas à saída dos cinemas para ir vender ao sucateiro... Mas, por fim, o orgulho começara a corroê-lo e enveredou por aquilo que agora estava prestes a fazer. Aqueles passarões eram fáceis de reconhecer entre a turba: ricos da província, comerciantes em busca de mercadorias, contrabandistas de visita a gabinetes do governo, mandachuvas de vários tipos... Pessoas sem escrúpulos que se aproveitavam da visita à capital para terem uma aventura passageira. No intuito de lhes desviar as carteiras bem recheadas, Manolete fizera sociedade com uma jovem prostituta cujo papel era engatar o *pato*. Não devia parecer uma mulher caída em desgraça, mas, antes, aparentar frescura suficiente para o tipo acreditar que seduzia uma rapariga decente, mas que passava por dificuldades. A seguir, a prostituta levava os otários embeçados para um canto do Parque del Retiro e, ali, deixava que lhe tocassem, até que Manolete, com uma navalha tão tesa como as vítimas, se encarregava de lhes aliviar as carteiras, com a advertência lacónica de que, se dessem à língua, mandaria um recadinho às respetivas famílias.

A rapariga estabelecera contacto com uma boa presa. Durante a conversa accidental, exibia uma mistura de imprudência e sinceridade, que agarrava irremediavelmente o incauto. Passado não muito tempo, começaram a caminhar em direção ao jardim. Manolete estava prestes a encaminhar-se para o local combinado quando chocou com dois indivíduos que vestiam impermeável e chapéu.

– Boa tarde, o senhor é Francisco Ramírez Ortuño? – perguntou-lhe o mais corpulento.

Já está tudo fodido, pensou Manolete.

4. O rei nunca se inclina para matar

Havia uma guerra, mas naquela casa não se notava. Íamos às aulas, fazíamos trabalhos, ajudávamos a limpar. O tempo passou e, um dia, a professora disse-nos que devíamos preparar as nossas coisas porque a guerra acabara e iam devolver-nos às nossas famílias. Fiquei contente, mas também triste; gostava daquele sítio, dos amigos que lá tinha. Meteram-nos noutra camioneta e levaram-nos para um grande colégio, onde se juntaram muitos, muitos mais como eu, de todo o lado. Quando já não cabiam mais, voltaram a mudar-nos, desta vez, para a capital, para outro lugar onde disseram que nos iam agrupar, os meninos com os meninos, as meninas com as meninas, e também por idades... A seguir, tiraram-nos muitas fotografias, antes e depois de nos cortarem o cabelo às três pancadas, mas também nos deram de comer, embora a comida fosse muito má. E ali continuámos a estudar e, entretanto, vinham os pais e levavam muitos de entre nós, até que deixaram de chegar meninos e deixaram de chegar pais e, no final, só ficámos eu e alguns poucos como eu.

No céu havia apenas duas nuvens irregulares, unidas entre si por uma membrana. O sol tinha começado a resvalar pela ladeira da colina como se fosse mel. Apesar do calor, os dois homens não tinham despedido os casacos grossos e subiam em passo lento, mas decidido, com as espingardas dobradas. Percorriam a serra desde o raiar do dia, acompanhados de um cão farejador nervoso que saltitava à sua volta, detendo-se quando apanhava um rasto. Envolveria-os um cheiro a giesta, a óleo de armas, a urze, ao couro de roupa de caça. Quando chegaram ao cimo, olharam ao redor com calma. Um deles descobriu algo que o fez afastar-se alguns metros do companheiro, em direção a um afloramento rochoso. Era uma águia-de-bonelli morta, com as penas agitadas por uma ligeira brisa. Inclinou-se, levantou-lhe uma asa e deixou-a cair. Voltou para junto do seu companheiro e continuaram a marcha. Atravessaram um corredor escuro de árvores com os troncos cobertos de protuberâncias rugosas, cruzando áreas de sol e sombra, e voltaram a sair por uma zona de matagal. Um dos caçadores parecia mais inquieto do que o outro; já há muito tempo que não avistavam nenhuma presa. Foi nesse momento que o viram:

acabava de sair por um dos lados do arvoredo, pela sua parte mais frondosa. Os homens ficaram petrificados. Era um animal magnífico, que não os tinha visto nem ouvido devido a um vento manso que soprava na direção contrária. Mas um sentido milagroso, que lhe espicaçava os nervos, fê-lo intuir o perigo. O veado manteve-se tenso, ergueu a sua possante cabeça, girou o pescoço com uma elegância treinada durante milhares de anos. O homem experimentou um tremor ancestral, a atração por matar. Retirou um cartucho pegajoso de óleo da cartucheira e carregou-o na espingarda. De seguida, levantou a arma, apoiou-a contra o ombro, acariciou com o dedo a curva do gatilho e apontou. Decorreram uns segundos até que alguma coisa fez com que o animal desse um salto. Foi um arrebatado de energia e, num vigoroso semicírculo, o veado voltou a desaparecer entre a folhagem. O caçador deixou de sentir a excitação; baixou a arma e dobrou o cano. Esfregou a palma da mão húmida nas calças. O companheiro disse-lhe algumas palavras para acalmar a raiva que incendiara o seu rosto, e a sua expressão desdenhosa foi-se diluindo noutra, de alívio indefinido. O companheiro ainda esperava uma resposta, mas o homem não disse nada, chamou o cão e começou a caminhar. Serra abaixo, em silêncio, passaram junto a um dólmén rodeado de pedras num padrão regular e chegaram a uma zona de pasto. Tinham deixado o carro estacionado junto ao rio, à sombra de uns amieiros. À medida que se aproximavam, constataram que havia um segundo veículo, com um indivíduo sentado ao volante e um outro encostado à parte dianteira.

Quando Arturo avistou os caçadores, empertigou-se. *Aí estão*, disse ao condutor. Pelo aspeto, as suas roupas não permitiam estabelecer a hierarquia, mas bastava ver o aprumo com que avançava o da direita para adivinhar quem era o senhor e quem era o seu Monteiro. O primeiro a chegar foi o sabujo, um exemplar preto e bronze que farejou Arturo exaustivamente, enquanto este lhe acariciava o crânio e o lombo. Em seguida, Arturo adotou uma pose oficial e aguardou os caçadores.

– Bom dia, Senhor Duque – cumprimentou.

– Bom dia – respondeu com voz grave o homem que Arturo

esperava.

Manuel Alfonso Pío Judas Ramón Cabrera y Flores de Lizaur, de idade já respeitável, era calvo como uma bola de bilhar, tinha um rosto mirrado e barba da cor do estanho. Exibia a atitude de alguém que não perde o seu tempo com assuntos triviais.

– Como correu a caça?

– Mal.

– Lamento. Sou o capitão Arturo Andrade e sinto muito ter de o incomodar, mas estou aqui por causa do assassinato de uma menina... Estou certo de que estará ao corrente. – Sacou da documentação, mas uma careta displicente do interlocutor instou-o a guardá-la. – O cadáver foi encontrado numa propriedade sua e vejo-me, por isso, obrigado a fazer-lhe algumas perguntas.

– Tem de ser agora? – perguntou o duque, antipático.

– Não necessariamente, mas com a maior brevidade possível.

– Marque um encontro com o meu secretário, ele resolverá as suas dúvidas.

– Seria mais conveniente falar com o senhor.

– Fale com o meu secretário.

– Eu não trato com os palhaços, mas com o dono do circo – disse Arturo, secamente. Depois, acrescentou: – Senhor Duque.

Manuel Alfonso olhou-o incomodado, quase ofendido. Depois, pareceu que refletia sobre alguma coisa. O seu comentário seguinte foi respeitoso, embora não totalmente isento de incredulidade.

– Venha jantar esta noite. É exigida etiqueta, pelo que, desta vez, sim, terá de falar com o meu secretário.

Dirigiu-se ao automóvel, seguido pelo monteiro, que agarrou com rudeza no cão, dirigindo-lhe um olhar feroz. Quando Arturo olhou para o seu motorista habitual, o seu rosto estava tão pálido como se tivesse ficado sem gota de sangue.

Depois dos trâmites com o famoso secretário, um *Lincoln* de carroçaria reluzente deteve-se frente ao quartel. Arturo despediu-se dos guardas atónitos e, sentando-se no assento traseiro, indicou ao motorista que avançasse. O veículo arrancou entre um intenso cheiro a gasolina, seguido pelos olhares dos aldeões, e virou para a estrada

na direção de Cáceres. Passaram de novo pela zona de lombas e buracos, que quase tinham desfeito o *Dodge* em que habitualmente se deslocava, mas, desta vez, pese embora o seu praguejar, a cabeça de Arturo encheu-se de ideias interessantes. O céu cobrira-se de amontoados de nuvens vermelhas e rosadas, a paisagem corria no exterior das janelas; telas de paredes em ruínas, alguma engenharia de gestão hídrica, filas de árvores negras recortavam-se contra o dourado do crepúsculo. Arturo sentiu-se estranhamente comovido.

Ao fim de meia hora, o *Lincoln* aproximou-se de um muro de altura média e, seguindo pelo caminho paralelo, chegou a uns portões de ferro que se encontravam abertos e de onde avançava um caminho ascendente, rodeado de vegetação abundante. Do chão, brotou gradualmente um perfil ameado, até que se tornou visível uma grande casa de aspeto medieval, com torres e brasões de origem variada. O carro entrou num pátio e circundou a estátua de um antílope com as patas empoleiradas no cimo de um penhasco, estacionando em frente à entrada principal. Arturo foi recebido por um criado de uniforme impecável e voz melosa, que o conduziu por diferentes salões atapetados com sedas de cores que começavam a desbotar, iluminados por enormes lustres pendentes dos tetos. Subiram uma escadaria decorada com armações e cabeças de animais, e o criado mostrou a Arturo um quarto onde este podia lavar-se e mudar de roupa; para tal, tinham deixado um smoking completo em cima da cama. Pela janela, Arturo podia ver o rio Salor; a terra arrefecia, despedindo-se do calor do dia. A biografia do duque estava estreitamente ligada àquela paisagem. Os seus antepassados tinham acompanhado Hernán Cortés na sua epopeia mexicana e, desde então, a sua família estivera sempre interligada com os assuntos do país. O próprio duque fora ministro em duas ocasiões com os liberais e, mais tarde, senador, sempre com a monarquia como última referência. Com efeito, acompanhara Afonso XIII durante o seu exílio e logo assumira a sua defesa em Espanha.

Arturo vestiu-se com cuidado. Era a primeira vez na vida que vestia um smoking. À hora acordada, o mordomo veio buscá-lo para o conduzir até um salão com as paredes forradas com livros. Numa delas, entre silhares, uma enorme chaminé abria as goelas.

Ofereceram-lhe uma bebida e ficou sozinho. Naquele lugar, tudo parecia ter um valor por si mesmo: os móveis escuros e maciços, os candeeiros de bronze e cristal, com pendentes, as grandes e inúteis chaves de ferro que adornavam as estantes... Arturo investigou os livros. Explorara já vários compartimentos quando chegou a uma fila de bustos de bronze e alabastro, com caretas grotescas: riam, choravam, fechavam os olhos, abriam a boca como que enlouquecidos. Diante de cada um, Arturo ia imitando a sua expressão. Dedicava-se a isto quando, num dos cantos da sala, uma porta se abriu e entrou o seu anfitrião. Manuel Alfonso apresentou-se trajado de smoking, esplêndido, ao contrário de Arturo, que se remexia inquieto dentro do seu. Alegrou-se por Arturo ter aceitado o seu convite; ainda que o seu tom continuasse intimidante, tornara-se mais afável. Pegou num dos livros que Arturo deixara sobre a prateleira.

– Vejo que esteve a consultar Diderot.

– Entre outros, sim.

– Denis Diderot, promotor e apoiante da Enciclopédia... Enquanto outros aceitaram escrever sobre temas capitais da Filosofia, ele redigiu artigos sobre como se constrói um túnel, se forja uma foice ou se faz uma peruca. Nada que fosse humano lhe era alheio, porque tudo era essencial para o fluir do progresso.

– Extraordinário.

– Não menos extraordinário do que um polícia que passou os dias entre jornais e livros.

– Está bem informado.

– São as minhas terras – afirmou.

Aproximou-se de uma pequena mesa, pegou numa campainha e fê-la soar. O mordomo apareceu com outro copo de licor numa bandeja. O duque convidou Arturo a sentar-se.

– Jantaremos em breve.

– Disseram-me que chegou de viagem há pouco tempo.

Manuel Alfonso assentiu.

– Estive em Portugal.

– Por trabalho ou por prazer?

– Isso não é da sua incumbência.

– Temo que seja.

O duque apertou a mandíbula. Foi seu único sinal de desagrado.

– Estive com o rei.

– E como está Sua Majestade?

– Fodido, como há de ele estar? – Arturo foi surpreendido pelo palavrão. – Como estaria o senhor se um oportunista lhe tivesse negado os seus legítimos direitos?

– Refere-se ao Caudilho?

– Não se recorda que está ali por empréstimo? O rei concedeu-lhe o poder provisoriamente e agora não o larga.

– A Lei de Sucessão acaba de ser votada pela maioria.

– Uma maioria de burros, como sempre. A maioria faz sempre idiotices. Este país precisa de um rei.

– A Restauração não funcionou bem.

– E a República, sim? Esses jacobinos passaram a maior parte do tempo em estado de exceção, promulgando leis para não desaparecerem. As mesmas que abriram o caminho aos comunistas.

– Li que os senhores andam em conversações com esses «jacobinos» nas nossas costas.

– São vocês que nos obrigam.

– Agora temos o Caudilho, dêmos-lhe tempo.

– Tempo para quê, tempo para quê? – enervou-se.

– São momentos complexos para a pátria – perseverou Arturo.

– Mas não pelo que o senhor crê.

– A que se refere?

– Ao conhecimento. Tudo diz respeito a ele.

– Quase tudo – acrescentou um titubeante Arturo.

O duque bebeu um gole do seu copo e optou por relaxar.

– Diga-me como é que o senhor vê Espanha. Com sinceridade.

– A realidade não é como no-la contam.

O duque sorriu.

– Então, deveria prestar menos atenção à realidade e ler mais jornais – Arturo devolveu-lhe o sorriso. – Mas isso não lhe serve, não é verdade?

– Não muito.

– Por isso, está aqui. Acaba por não aderir nem às nossas mentiras

nem às do inimigo. Então, que conclusões tirou?

Arturo pegou no copo e demorou a responder:

– Bem, o país encontra-se isolado e, aqui, a ajuda dos Aliados não vai chegar. A única coisa que nos salva é que os russos causam mais preocupação que o Caudilho, caso contrário, talvez já tivéssemos a Cibeles embrulhada na Union Jack. A agricultura não funciona, nem nenhum setor em particular, salvo, quem sabe, a metalurgia e o carvão, porque são a prioridade do Exército. Embora também pareça que há menos cortes de luz...

– Prossiga.

– A reconciliação nacional é uma quimera: temos os montes cheios de guerrilheiros e as aldeias repletas de colaboracionistas. O sofrimento, as perseguições, as tarefas, as batidas, as denúncias, o assédio às famílias, as execuções sumárias, os tiros pelas costas, perdão, a Lei das Fugas... Tudo isso é o pão nosso de cada dia. De facto, o único pão que há.

– Prossiga.

– No que diz respeito à Extremadura... – Arturo pesou o risco das palavras seguintes, mas resolveu ir até ao fim. – As pessoas não têm trabalho porque os donos das terras – aqui, pigarreou – deixam as melhores para o gado, e os que podem arrendar fazem-no por valores miseráveis e trabalham em condições paupérrimas.

Calou-se. Durante um segundo, as feições de Manuel Alfonso encheram-se de cólera. Mas logo uma linha vertical veio vincar-lhe o espaço entre as sobrancelhas, pôs a mão na barba e deixou divagar o olhar.

– Vê o que lhe digo? De novo, o problema do conhecimento. – Pousou o copo e acomodou-se sobre o assento, como se uma posição milimetricamente exata fosse de extrema importância. – No que se refere ao isolamento, tudo é uma ilusão... O comércio prossegue com o Reino Unido, com a Argentina, com empresas americanas. Estes últimos já fizeram declarações favoráveis ao país, talvez não no imediato, mas a longo prazo. Os investimentos já começaram em todas as áreas. E é óbvio que o país ainda tem de se depurar, unificar... Mas esses bandidos a que se refere, e os seus cúmplices, não são mais do que sobras.

Os fugitivos, os bandidos... Nem uma só vez se falava de guerrilha ou de luta armada, considerou Arturo. O controlo da realidade começava pelo controlo da linguagem.

– Não é isso que afirma a Guarda Civil.

– Com quem falou?

– Com as patrulhas a pé.

– Como o senhor disse, há que falar com o dono do circo. Lamentavelmente, devido às particulares circunstâncias políticas e internacionais, os destacados êxitos das forças da ordem estão destinados a ver-se silenciados.

– Há pouco rebentaram a linha Badajoz-Madrid.

– E esteve interrompida apenas umas horas... Essa é a grande vitória desses assassinos. A única verdade é que cada vez têm posições mais próximas da raia de Portugal, para passarem para o outro lado se se virem cercados, e quem está a ganhar não faz isso. Além de tudo, a sua intenção última é sublevar o povo, mas a classe trabalhadora já não é a de 1936... Esses quadros combativos, forjados na ideologia, já não existem. Morreram, foram presos ou exilaram-se.

– Podem sempre tentar com o Sindicato Vertical.

Manuel Alfonso apreciou o seu sentido de humor. Pegou no copo e observou o plano meio inclinado do seu licor.

– No que diz respeito à Extremadura... – repetiu a frase de Arturo –, era necessário abolir os desatinos da República para controlar a consciência de classe. Trabalhando de sol a sol não se pode lutar. Vai fazer-lhes bem durante uns anos.

Arturo confirmou a sua impressão de que o duque nunca prestara muita atenção aos camponeses. Não os desprezava nem tinha por eles piedade, simpatia ou qualquer outro sentimento; simplesmente, estavam ali e aceitava-os como se pode aceitar o mau tempo ou uma enxaqueca, ainda que sempre ao seu serviço. Era essa a ordem natural das coisas. Tinha chegado o momento de expor o seu assunto.

– Quanto ao que me trouxe aqui...

O mordomo anunciou que o jantar estava servido e o duque terminou a sua bebida. *Depois do jantar*, disse, sem mais. Levantou-se e convidou Arturo a segui-lo. Saíram da biblioteca por uma pequena porta e percorreram corredores cujas paredes estavam cobertas de

retratos antigos. Numa das filas havia um espaço vazio, delimitado por linhas cinzentas, que indicava a retirada recente de um dos quadros. Entraram numa sala de tamanho menor; a mesa maciça estava posta, iluminada por candelabros cujas chamas se agitaram à sua entrada, até acabarem por se adelgaçar. Do lado de fora das janelas, a noite era escura, quase violácea. Antes de se sentar, Manuel Alfonso explicou-lhe as peculiaridades de algumas das armas antigas que adornavam as paredes, detendo-se diante de uma espada enorme.

– É uma espada para decapitar, de um verdugo alemão do século XVII. Não tem ponta e, bem manejada, atingia um *momentum* enérgico que podia decapitar dez pessoas de uma só vez. Segundo a tradição, estas espadas eram enterradas quando tinham ceifado uma quantidade determinada de vidas e se considerava que estavam saciadas de sangue. Ainda continuam a encontrá-las pela Europa e resplandecem com a aura obscura da dor.

Ambos se encontravam magnetizados pelo abismo histórico que o objeto encerrava. Sentaram-se, cada um num extremo da mesa coberta por uma toalha branca, separados por um bosque de copos de cristal trabalhado e prata reluzente. A partir desse momento, o mordomo dirigiu a coreografia dos criados que entravam e saíam. Enquanto o duque manejava os talheres com naturalidade, Arturo via-se desconcertado com alguns dos pratos, lidando com o obstáculo à base de goles de vinho tinto. A conversa decorreu sem tabus: falaram com intensidade de política, de literatura, de história... Manuel Alfonso sofria arrebatos pedagógicos que organizava em monólogos, ideias, recordações, como se constantemente se preparasse para um discurso. Quando terminaram, o duque dirigiu-se a um pequeno salão iluminado por velas, com uns cómodos cadeirões Chesterfield cor de vinho, rodeados por mais quadros a óleo de amos antigos. Sentaram-se. Nenhum dos dois quis café e um criado aproximou deles uma mesa com charutos e copos de aguardente. Manuel Alfonso escolheu um charuto, avaliou a sua textura e aspirou o seu aroma com satisfação. Acendeu-o lentamente, envolvendo-se em fumo como se se tratasse de um ritual. Arturo acomodou-se na ponta da cadeira e, metendo a mão no bolso interior do casaco, sacou de uma fotografia, contemplou-a por alguns segundos e colocou-a na mesa. O duque fingiu não prestar

atenção, concentrado nas grossas volutas de fumo. Arturo aguardou até terminar o seu copo, que um criado lhe veio encher de novo.

– Encontraram a menina nas suas terras.

Não acrescentou mais nada. Manuel Alfonso continuou a fumar até que considerou que devia analisar a fotografia.

– Não devia ter mais de dez anos – prosseguiu Arturo – e não sabemos quem é. Nem sequer há participações de desaparecimentos.

De seguida, explicou-lhe os pormenores do que lhe tinham feito. O duque manteve-se num transe sombrio e alcoólico.

– Como vai a investigação?

– Continuamos a recolher informação. Tem algo a dizer a este respeito?

– Não me ocorre grande coisa.

– Estive a pensar que talvez abandonassem a menina na sua propriedade como forma de o incriminar. Considera que alguém possa ter-lhe esse tipo de rancor?

– Provavelmente, metade do país.

– Poderíamos reduzi-lo a um raio de três horas de carro.

Manuel Alfonso fechou momentaneamente um olho por causa do fumo.

– Continuará a haver demasiadas possibilidades – concluiu.

– É um assunto muito feio. E um insulto que se tenha cometido nas suas terras.

Nas pupilas do duque brilhou uma centelha de histeria, enquanto traçava um semicírculo com o charuto, apontando os quadros.

– Aos meus antepassados, essa observação pareceria louvável. De facto, só nós tínhamos esse direito. Inclusivamente o direito de abrir-lhe a si as tripas e ver o que tem dentro.

– Tenho consciência disso. Por isso, queria falar consigo. Aqui, não manda a Guarda Civil, nem o governador, nem sequer Franco. Aqui manda o senhor. E por isso venho pedir-lhe justiça.

– Justiça... Mas qual? A justiça não é mais do que uma convenção que varia segundo as circunstâncias e o momento histórico. Não serve de nada, eu mesmo poderia tê-la matado e seria intocável.

– Todas as opções são más, mas devemos distinguir entre um mal necessário e um mal conveniente. Aí reside a justiça, que não é

absoluta, é dela apenas uma dose mínima.

– Continua a ser presunçoso, mas suponhamos que essa hipotética justiça existia. Dá-se conta de que está a transferir a sua responsabilidade para uma administração? Quem faz isso é porque tem medo de enfrentar as coisas sozinho. Como se poderia confiar em alguém assim?

– Porque o meu pecado é o orgulho.

O duque tocou no lóbulo da orelha.

– E esse homem compreende que, para chegar a certos lugares, não existem linhas retas?

– Só os burocratas se desorientam quando aparece uma contradição.

Manuel Alfonso saboreou a bebida e, a seguir, inspirou profundamente o cigarro, fingindo distrair-se para que Arturo soubesse que perdera o seu público.

– O sexo – disse o duque de repente. Arturo olhou-o incrédulo. – O sexo é um terreno de liberdade e recreio, mas também uma área na qual desaparecem os freios e as convenções. No sexo, voltamos a ser animais, capitão Andrade, mas de uma espécie muito original, animais com uma capacidade prodigiosa para a fantasia. E, nessa exploração, as tépidas convulsões na escuridão não são mais do que o primeiro passo...

Arturo observou como o seu interlocutor fazia uma pausa.

–... nessa terra estranha e arrebatadora, tudo se enreda, se confunde: as frustrações, os desejos, as depravações. E em certas fronteiras obscuras – ambos olharam os cantos da sala, onde dançavam sombras –, o sexo pode tornar-se ingrato. Doloroso. Terrível, mesmo.

Manuel Alfonso ergueu uma mão. Nesse momento, um criado aproximou-se e inclinou-se até aos lábios do duque. Este sussurrou-lhe algo e o empregado, com um sorriso cortês de preocupação e dúvida, abandonou a sala.

– Algumas pessoas têm ideias muito estranhas sobre o que é divertir-se – disse Arturo, para recuperar o fio à meada.

– Sabe que essa menina não é a primeira que encontram?

O tom foi seco, quase desafiante. Arturo sentiu um aperto no

coração. Aproximou-se tanto que conseguiu observar uma longa e fina veia azul que atravessava a têmpora do duque, assim como a débil batida do sangue que a percorria.

– De que fala?

– Há um ano, encontraram outra.

– Ninguém me disse nada.

– Encontraram-na a vaguear pela serra. Também estava feita num oito.

– Deviam ter-me dito. – Esfregou o rosto com as mãos para dissimular a ira.

– Talvez não tenha nada que ver com o seu caso.

– Isso serei eu a decidir. – Arrependeu-se da sua réplica agressiva. – E disse que estava viva? – A inflexão foi agora de subordinação.

– Quando a encontraram, sim.

– Não sabe mais nada?

– Não.

– Deviam ter-me dito – resmungou.

A seguir, bebeu a sua aguardente de um trago. Aquilo era como um confuso raio de luz na noite, o mesmo que teria projetado o veículo que transportara a vítima. Cravou os olhos no exterior e teve a sensação de ver mais longe, de trespassar a escuridão densa e irrevogável.

– Querido capitão, deixe-me contar-lhe algo – disse o seu anfitrião. – Na Idade Média, celebrava-se o que chamavam a festa dos loucos. Era uma espécie de carnaval durante o qual o povo se ria do sagrado. Os próprios padres escarneciam de Deus e blasfemavam, as prostitutas eram convidadas para os lugares de honra, os criados cuspiam na cara dos seus senhores. Era aquilo a que eu chamaria a extraordinária certeza de um poder, um poder que se sabe tão firme que se nega a castigar. No passado, certos valores eram vistos como algo tão sólido e intocável que permitiam a troça e a profanação, porque essa era precisamente a prova do pouco que lhes importavam as afrontas daqueles insignificantes. No entanto, hoje tudo é diferente. Vivemos uma maré histórica desfavorável, nada está a salvo ou suficientemente seguro da sua solidez, nenhuma autoridade, nenhuma ordem. Por isso, há que construir presas, diques, capitão, por isso, há que manipular

tudo isto com cuidado para não esbater as diferenças, porque, caso contrário, destruir-se-ia a fé política, a ilusão que mantém ao largo a ideia disforme de pátria que muitos têm. Ora bem, se pensa continuar com a sua caçada, quero que entenda bem uma coisa, porque se aprendi algo em todos estes anos na serra é que, para compreender o animal, é preciso examinar-lhe os excrementos...

Diego Peinado coçou um dos seus cortes com uma dor que lhe dava prazer: de momento, era o único alívio a que podia aspirar. Sentia o corpo ressequido; o que ansiava, aquilo de que necessitava mesmo era álcool, de qualquer tipo, que lhe percorresse as veias e o sustentasse como uma escora. Ansiava fechar a porta à realidade, desaparecer numa confortável escuridão em que pudesse estender-se sem pensar.

E a sua única mão.

Tremendo como um velho atacado por algum mal causado pela idade avançada.

Não havia benefício naquela dor.

Não havia purificação.

Não ensinava nada.

Apenas embrutecia.

Permaneceu estendido no colchão de palha, respirando de maneira entrecortada. O ar parecia não transportar oxigénio naquela caldeira. O hediondo balde transbordante de excrementos também não ajudava. Mas os seus olhos já não viam o que tinha à sua frente, apenas pousavam num mundo distante – cenas em que conhecia a sua mulher num baile; mais tarde, acariciavam-se num pequeno bosque, entre perfumes resinosos, pélvis contra pélvis, os beijos no pescoço, as carícias por baixo da blusa, as suas clavículas, os seus seios; o nascimento da primeira das suas filhas, o batismo, o susto que lhes pregou naquela tarde em que desapareceu do berço e apareceu noutro quarto, agarrando um pé com a mão e sorrindo. Uma chave rodou na fechadura e a porta abriu-se. Arturo avançou até o seu rosto ficar iluminado pelo resplendor de uma lua baixa, cheia de crateras. Os dois homens observaram-se. Arturo foi testemunha da luta do professor; não obstante, aquele combate era apenas o sintoma de algo mais recôndito. Sempre em silêncio, Arturo pôs-se de cócoras e colocou um

copo cheio de aguardente no chão. Diego precipitou-se a agarrá-lo, mas a sua mão agitou-se e entornou metade, obrigando-o a pousá-lo. Arturo pegou no copo e, sustendo-lhe a nuca, deu-lho a beber com cuidado, para não verter uma única gota. Quando terminou, saiu e fechou a porta. Pousou o copo em cima da mesa e ficou de pé, em frente à janela.

Um cão começou a ladrar e os restantes acompanharam-no em coro.

Uma grande pedra estilhaçou a janela com um estrépito de vidros partidos.

5. Palavras que apagam incêndios

Ninguém me veio buscar. Nem a minha mãe. Nem o meu pai. E, quando perguntei, disseram-me que não viriam, que me tinham abandonado, que não devia pensar mais neles. Mas eu não acreditei naquela gente, como podia acreditar? Sabia o quanto os meus pais gostavam de mim. Sempre com a sua cantilena, que não se cansavam de me repetir, comemos, bebemos, gastamos, mas na tua peseta não tocamos. E voltaram a mudar-nos de sítio, a todos os meninos que ninguém vinha buscar, e instalaram-nos noutra lar, no Norte. Era uma casa muito grande, de dois andares, com uma grade de ferro a toda a volta. Ficava frente ao mar. Na entrada, havia um escudo pintado de negro com um monstro de boca aberta e um punho que lhe espetava uma flecha. Sempre que passava por ele, pensava se, no final, seria a serpente a engolir a mão e a flecha ou se, pelo contrário, a mão conseguiria matar a fera. Havia crianças alinhadas em fila, com batas azuis, cantando afinadas em coro, de olhar fixo numa bandeira pendurada numa varanda. A comida continuava a não prestar para nada; davam-nos uma sopa com um cheiro enjoativo e persistente, que se entranhava em tudo durante dias. Eu reclamava e passava a vida a perguntar onde estava a minha mãe, dizia que faltavam sempre tantos dias para que ela me viesse ver, contava-os fazendo cruzinhas e, quando riscava a última e a minha mãe não vinha, recomeçava de novo. Até que veio uma senhora e me disse, muito séria: agora a Igreja vai ser a tua mãe. Mas eu revoltava-me diante da ideia de ter uma mãe diferente, aquilo não podia ser. Revoltava-me sem parar. E foi aí que tudo começou a mudar.

– Está-se mesmo a ver que não o posso deixar sozinho, meu tenente.

A figura muito delgada de Manolete surgiu por detrás da janela partida, aureolada pela luz intensa das primeiras horas do dia. Os guardas, ocupados a apanhar os vidros partidos, sofreram um choque ao ver aquele tipo com um rosto que só uma mãe conseguiria amar, que lhes sorria exibindo os dentes negros e uma ironia inabalável nos olhos.

– Agora sou capitão, Manolete – recordou-lhe Arturo. A seguir,

tranquilizou os guardas: – Este é da casa.

Manolete entrou no quartel e Arturo fez as apresentações. Os guardas olharam-no então com uma expressão de amigável incredulidade, sobretudo quando Arturo anunciou que aquele tipo seria o seu assistente e que «o que ele dissesse seria uma ordem». A seguir, Arturo explicou a Manolete como, na noite anterior, tinham partido a janela com a enorme pedra que estava sobre a mesa e como saíra para a rua de arma na mão, mas que não tinha conseguido ver ninguém. Manolete observou o projétil, enquanto coçava o pescoço.

– E tu, que achas? – perguntou-lhe Arturo.

– Pois, por um lado, não sei; por outro, não faço ideia.

– Pelo menos, fizeste o que te pedi?

– Fiz corta-mato, meu tenen... meu capitão – corrigiu-se –, ninguém me viu. Estacionei longe daqui.

– Ainda bem. – Arturo dirigiu-se aos guardas: – Este senhor não está aqui, estão a perceber?

– O senhor manda – responderam ambos. – E o que fazemos com isto? – perguntou Salvador, indicando a pedra.

Arturo olhou-a, para logo a seguir contemplar a aldeia. Não se lembrava de semelhante silêncio desde que chegara. As portas e as janelas mantinham-se fechadas, a localidade estava deserta, como se as pessoas soubessem que o pedregulho pousado em cima da mesa tinha o poder de desencadear forças atroz e irracionais.

– Nada.

– Nada, como? Isto é uma provocação.

– Já lhe respondi. Isto pode ter sido obra de qualquer um. Mande colocar outro vidro e, no máximo, prendam alguém, mas não se ponham a remexer neste ninho de vespas. Nesta altura, não nos convém.

Salvador assentiu, não sem reparos, ao passo que Nicolás nem sequer tentou ocultar a sua exasperação. Manolete perfilou-se para refrescar o sentido de hierarquia.

– E quanto a mim, meu capitão?

– Tu vens comigo.

– Aonde?

– Vamos pescar.

A linha esticou-se de repente e começou a desenhar círculos violentos na superfície da água. Arturo agarrou na cana e sentiu um puxão tão feroz que não a largou por um triz. Posicionou-se com firmeza e respondeu ao assalto; o peixe emergiu disparado, desenhando uma parábola no ar antes de se afundar de novo na água. Enquanto a luta durou, formou-se na superfície do rio um colérico remoinho de espuma.

Que cabrão!, disse Manolete. Esta expressão continha toda a admiração de ambos pela coragem daquele animal. Um gancho de aço cravado na mandíbula, um sofrimento terrível que se atenuaria apenas se diminuísse a força do sacão, e ainda assim continuava a puxar, à custa de uma dor enlouquecedora. Uma e outra vez, Arturo respondeu à fúria do peixe, transpirando e praguejando, até que finalmente o animal se rendeu e Arturo conseguiu içá-lo da água entre convulsões. Estendido sobre a erva, viu-se um magnífico exemplar de dorso malhado e reluzente, agitando-se com irados movimentos da cauda.

– Este tem uns tomates tão grandes que nem flutuava bem – comentou Manolete, com pasmo.

- E, então, a gente come-o?
- Eu não como peixe.
- Porquê?
- Os peixes mijam na água e nadam no xixi.
- Há pessoas que também mijam na água.
- Também não como pessoas.

Arturo não encontrou resposta para este argumento e, soltando o peixe do anzol, devolveu-o ao rio. Ao contacto com a água, o peixe nadou com toda a sua vitalidade intacta. Arturo voltou a fixar a cana e sentou-se sob um toldo de folhagem verde e fresca. Manolete imitou-o. A luz desenhava medalhões incandescentes sobre a erva e ouvia-se o canto tenaz das cigarras. Ambos tinham despido a camisa e contemplavam as árvores que se inclinavam para a água.

– Meu capitão... – começou Manolete –, não lhe cheguei a agradecer o que fez por mim em Madrid. Digo-lhe uma coisa: a fome era tanta que já nem conseguia pô-la de pé.

- É para isso que servem os amigos.
- Sim. E depois de tudo o que passámos...

– A guerra foi dura.

– A baioneta sempre em riste...

Arturo assentiu. Recordaram Berlim e Leninegrado – o frio, a fome, a crueldade, os piolhos, mas também a salvaguarda de uma amizade onde as traições não tinham lugar, aquela fraternidade masculina feita de palavrões, obscenidades e «hoje, eu por ti; amanhã, tu por mim». Sim, tinham-lhes morrido demasiados amigos. Manolete contou algumas das suas piadas infames, para evitar chorar, e recordou o que a sua mãe lhe dissera quando partiu para a Rússia: «Filho, agasalha-te e não te metas em problemas». Os dois riram e experimentaram a satisfação de terem sobrevivido ao terror e de estarem ali, partilhando um pequeno pedaço do mundo sob um céu azul.

– ... a vida tinha mais sabor, não tinha? – perguntou Arturo.

Manolete coçou as costelas, de lado, e afundou-se em reflexões.

– Fica tudo cá dentro, mas sabe que às vezes sinto a falta daquilo?

– A quem o dizes... – disse Arturo. A seguir, optou por mudar de assunto. – Disseste-me que tinhas alguém. Isso também era mentira?

– Não, isso não.

– E que tal?

– Chama-se Maribel. Já foi mesmo boa, mas agora as carnes já lhe começam a cair.

– És mesmo burro. O que eu queria saber era se corre tudo bem.

– Mal não estou, mas não é coisa para durar.

– Pois.

Arturo olhou para a cana. Um mosquito pousou-lhe no ombro e ele esperou que enchesse a barriga para esborrachá-lo com uma violenta pancada. Foi o seu próprio sangue que lhe ficou espalmado na pele. Começou a debulhar os factos implacáveis do caso; a partir de certa altura, deixou de concentrar-se no que se passara e realçou o que não sucederia nunca. O céu começou a acelerar em torno deles, as folhas mudavam de cor e caíam das árvores, os charcos gelavam, derretiam e voltavam a congelar, as colheitas cresciam e as foices segavam-nas, os homens caíam mortos e as mulheres davam à luz; milhares de tipos como eles sentar-se-iam nas margens daquele rio para pescar e, nesse ciclo, aquela menina teria crescido e descoberto que uma pessoa nasce para ser feliz, mas depois teria tido o seu primeiro filho, e depois o

segundo, e teria sofrido desilusões, umas atrás das outras, e ainda assim teria persistido, porque isso fazia parte do crescimento. No final, Manolete resumiu tudo com uma expressão de tristeza:

- É como se aquela criança nunca tivesse existido.
- E o que pode a gente fazer, Manolete?

Manolete inclinou o rosto para trás num gesto de desafio.

- Foda-se, o que for preciso.
- Agora, desorientaste-me.

Manolete olhou-o com surpresa, confrontado com uma possibilidade que não considerara. Cruzou os braços com ar grave.

– Vamos lá a ver, meu tenente – Arturo desistiu de o corrigir –, no meu entender, não andei um quilómetro à pata só porque lhe deu na veneta.

– Vieste à pata porque não quero que me conheçam todos os trunfos.

- E, então, qual é o meu papel nisto tudo?
- Quero que te instales na casa de Arroyo e que, logo depois, vás até Cáceres. Se a outra miúda ainda estiver viva, encontra-ma.

Manolete ficou calado.

- Achas que consegues? – insistiu Arturo.
- É a cortar colhões que a gente aprende a capar o porco, meu tenente. Mas já sabe que não me dou bem com burocracias...

- Faz as coisas como te apetecer.
- Então, confie, que vou conseguir.
- E encarrega-te de pôr a polícia a fazer uma ronda pelas garagens, para saber se viram algo estranho, sobretudo se apareceu algum cliente com um pneu furado.

Manolete assentiu com a cabeça e pôs-se a contemplar o rio.

- Outra coisa, meu tenente.
- Diz.
- Tenha cuidado com aquele soldado da guarda.
- O Nicolás?
- Cá para mim, o gajo é falso.
- Porquê?
- Hoje, olhou para si de lado.
- Não deve ter gostado das minhas ordens.

– Olhe para o que eu lhe digo – com a ponta dos dedos, levou a sua medalhinha aos lábios e beijou-a sonoramente –, pelos santinhos todos. Tenha cuidado.

Depois, pôs-se de pé, espreguiçando-se com uma mão apoiada no fundo das costas.

– Merda de calor – resfolegou.

– Não te preocupes, já levaram a santa a dar uma volta. Não tarda nada, chove – retorquiu Arturo, sorrindo.

– Se calhar, deviam meter a cabeça da santa debaixo da torneira, para lhe dar inspiração – disse Manolete olhando o rio, pensativo. – O senhor acha que os peixes vão gostar da chuva?

– A pergunta correta é se isso mudará algo nas suas vidas.

– Hum... Sabe que mais?

– Que é?

– Vou-me refrescar um bocado.

Despiu o resto da roupa num piscar de olhos; quando Arturo contemplou o seu traseiro pálido e peludo, achou que ele tinha um ar um bocado para o depenado. Manolete correu para o rio e desatou aos gritos ao entrar em contacto com a água.

Enquanto Nicolás vagueava pelas ruas de Badajoz, a sua mente ia murmurando um monólogo de cenas reais ou imaginárias. Um veneno que circulava provocando faíscas, imagens desconexas projetadas dentro dos seus próprios olhos. Na mesma altura que, em Cáceres, se juntara à insurreição, os assassinatos ordenados pelos tribunais populares assolavam Badajoz. Prisões, saques, matanças que se entreteciam num perigoso ciclo de represálias e contrarrepresálias. O zumbido dos aviões *Savoia*, *Junker*, *Caproni*, *Breguet*. As pessoas queimadas vivas em Almendralejo. O terror como doença contagiosa. Nicolás juntara-se a uma coluna que tinha marchado desde Cáceres para se unir às forças rebeldes no cerco. Badajoz cercada, sem luz, cheia de voluntários e refugiados armados, irredutíveis devido aos rumores das carnificinas em que não se faziam prisioneiros. E, no meio deles, estava o seu irmão. Nicolás fez uma pausa para se certificar de que estava na rua que procurava e contou os números. As imagens dispararam de novo dentro da sua cabeça, a rebelião

abortada da Guarda Civil no interior da cidade. A resistência na Trinidad e no Pilar. O sol abrasador. As muralhas em ruínas. O assalto final dos carros de combate e dos legionários. O fogo da artilharia. Em torno dele, voltaram a combater ferozmente os milicianos, corpo a corpo, pela noite dentro. Entrou no recinto árabe, a última defesa. A Plaza Alta, a Alcazaba, a Torre de Espantaperros, a Catedral. Encontrou o corpo do irmão na rua del Obispo, enquanto à sua volta tinha lugar uma orgia de sangue. Filas de prisioneiros levados para a praça de touros. Finalmente, deu com a porta que procurava. Entrou.

Quarteirões medievais repletos de palácios, arcos, torres, pequenas praças; paredes de cantaria com escudos gravados, varandas de esquina; igrejas erigidas sobre mesquitas antigas construídas, por sua vez, sobre silhares romanos... Absolutamente indiferente ao impacto da História, a primeira coisa que Manolete fez, quando chegou a Cáceres, foi indagar sobre um restaurante onde pudesse engolir um prato de joelho de porco e ovos estrelados, acompanhados por muito pão de trigo para molhar no ovo. Terminou mimoseando-se com um grande copo de conhaque e um charuto, que fumou repousadamente, para logo a seguir se dirigir para a Bombonera, a casa de má fama mais cara da cidade. Achava as prostitutas deprimentes, mas serviam-lhe de paliativo, embora não acalmassem a sua ânsia de ternura. Acabava sempre a conversar com elas, sem no entanto cometer o erro da compaixão, porque compadecer-se significava pensar que ele era melhor e, o que era ainda mais grave, que realmente se preocupava.

Ambas as coisas eram absolutamente falsas. Aliviado o tédio, enfiou-se na primeira igreja que encontrou e, entre a homilia e o credo, rezou a sua oração particular: «Se há algum inimigo no meu caminho, se tiver olhos, que não me veja, se tiver pés, que não me alcance, se tiver língua, que não diga o meu nome». E, com o *ite, missa est*, deu por concluídas as suas obrigações civis e religiosas e deitou mãos à missão que ali o levava. Foi até à esquadra e entregou o ofício de Arturo a um dos polícias que, rapidamente, o conduziu ao escritório do chefe. A divisão encontrava-se estranhamente vazia, sem fotografias, diplomas ou troféus, decorada apenas com as habituais fotos e símbolos oficiais. Uma ventoinha girava monotonamente. O

comissário Gustavo Leyva estava a analisar alguns documentos, que guardou numa pasta. Era um indivíduo pequeno, que parecia um gavião, de olhos esbugalhados. Quando acabou de ler o ofício, deu corda ao relógio com algumas voltas rápidas do pulso, aproximou-o do ouvido uns instantes e observou Manolete com atenção.

– Faz ideia da quantidade de gente que desaparece num ano? – perguntou.

– Não, senhor comissário.

– Centenas. Sobretudo crianças. Vagueiam pelas estradas de todo o país, morrem como moscas devido à fome, acidentes, todo o tipo de doenças.

– Nós apenas precisamos de saber informações sobre uma menina que foi encontrada na serra de San Pedro, senhor comissário.

– E o que tem isso que ver com o caso?

– O meu chefe acha que é preciso virar todas as pedras.

– Lembro-me do incidente, mas essa miúda estava viva, não vejo a relação.

– Só estou a cumprir ordens.

Um torvelinho de tensão e censura cruzou o rosto do comissário.

– Acha que o seu capitão foi o único que relacionou os dois casos? Até o meu filho de dois anos seria capaz disso.

– Queremos somente explorar todas as possibilidades.

– Pois eu digo-lhe que este não tem nada que ver – disse, batendo com a palma da mão aberta no tampo da secretária. – Caralho, já não nos chega o trabalho que temos! Camilo! – gritou. – O Camilo que venha cá!

Abriu uma das gavetas e remexeu no interior, à procura de algo. Por fim, retirou uma pasta, que atirou para a mesa.

– Para o teu chefe.

– De que se trata?

– Sobre a escaiola. Os relatórios que ele pediu.

– Muito obrigado, senhor comissário.

– Já descobriram alguma coisa?

Manolete resumiu-lhe os parcos avanços feitos e, a seguir, pareceu descobrir algo interessante na biqueira do sapato. Entrou um homem com uma comprida madeixa de cabelo a tapar-lhe a careca.

– Camilo, até que enfim – exclamou o comissário. – És tu que tratas destes assuntos... Que foi feito daquela miudinha que encontraram na serra?

– Aquela que parecia um Cristo?

– Sim.

– Internaram-na no Lar María Sarasua.

– E souberam mais alguma coisa?

– Não, senhor comissário.

Gustavo Leyva estendeu as mãos abertas para Manolete, em jeito de oferenda.

– Aí tem. Que mais quer? Que ninguém diga que não colaboramos – disse, com má vontade.

Manolete referiu-lhe o furo no pneu e pediu informações sobre as garagens da zona. Gustavo Leyva bufou e desfiou um rosário de queixas típicas da província. O telefone tocou. Quando o comissário o levou ao ouvido, teve início uma daquelas discussões sobre quem era responsável por esta ou aquela aselhice.

O céu branco como sal.

Os pastos secando sob o calor do sol.

O zumbido das cigarras.

A prostração generalizada dos seres vivos.

Outro dia esfomeado e interminável.

Um camião passou na estrada e levantou uma nuvem de poeira que se foi desdobrando como um ser animado. Arturo tossiu e viu-se obrigado a dar palmadinhas em todo o fato para limpar o pó. Pôs os óculos e amaldiçoou-se por se ter esquecido do chapéu. Manolete deixara-o na beira da estrada que ia ter ao azinhal onde a menina tinha sido encontrada. Ainda via o seu rosto perplexo quando lhe ordenou que o deixasse no meio daquele fim do mundo.

Azinheiras e sobreiros.

Ao longe, uma quinta rústica solitária.

A faixa infinita da estrada.

Arturo despiu o casaco, desabotoou a camisa, arregaçou as mangas e começou a andar. Tinha os olhos fixos naquela estrada em mau estado. O pavimento de cascalho solto exibia gretas e buracos fundos.

Caminhou cerca de vinte minutos até que, a partir de certa altura, o pavimento parecia ter sido reparado. O remendo prologava-se durante aproximadamente meio quilómetro; depois, a estrada regressava ao seu aspeto inicial. Ao longe, Arturo divisou uma casinha para albergar cantoneiros e caminhou até lá. A pobre construção de pedra erguia-se num promontório do qual se vigiava toda a pastagem. Parecia desabitada; no entanto, Arturo bateu à porta e, a seguir, contornou a casa. Todas as persianas estavam fechadas. Uma placa com fundo azul e letras brancas indicava a distância até à cidade. Arturo descansou à sombra de uma parede, sobre uma pilha de lenha repleta de teias de aranha. Tinha sede, uma secura que se espalhava por todo o corpo e lhe embotava o raciocínio. Contemplou a paisagem e sentiu-se minúsculo diante da sua magnitude. Uma vez mais, experimentou uma tristeza indefinível, aquela angústia que se apoderava dele de modo intermitente. O cansaço das pessoas, dos livros, da música, de desejar que as coisas tivessem algum sentido. Daquele hábito maldito de permanecer vivo. Até mesmo da miúda morta.

Porque muito em breve haveria outra.

E outra.

E outra.

Sabia que não iria acabar nunca. Mesmo que conseguisse pôr os culpados na cadeia. Mesmo que cumprissem penas de prisão perpétua ou fossem executados. Ele continuaria cansado de todos os motivos estúpidos ou perversos que os levavam a cometer os seus crimes. Cansado de não resolver nada, de as vítimas continuarem a ser mortas, violadas ou torturadas.

Sabia que tinha de pôr um fim naquela deriva mental.

Porque já sabia onde aquilo levava.

A prioridade era saber o que fazer com aquele cabrão que tinha preso. Porque o desafiava, porque o assustava. E resolver o caso da miúda. Porque aquilo não era um mero acidente geológico, pertencia à alçada da responsabilidade humana. Os olhos ardiam-lhe, tinha a testa encharcada de suor. Pegou no lenço e limpou o rosto. Decidiu voltar para a aldeia. Desceu até à estrada e começou a andar, na esperança de que passasse algum veículo que pudesse dar-lhe boleia. Mas isso não aconteceu, e o sol parecia estar cada vez mais perto da

terra.

Caminhou.

Caminhou.

À distância, distorcidas pela poeira esbranquiçada ou pelas ondulações provocadas pelo calor, surgiram algumas figuras. Vinham na sua direção.

O ar transportou até si sons estranhos, inverosímeis.

Um ranger de metal acompanhava a progressão lenta, mas firme, da fila. Homens de armadura e capacete, maciços, de barba rija, olhos repletos de ouro e uma vontade férrea, que, em alguns casos, também era loucura e, noutros, desespero.

Caminhavam apoiando-se em lanças e espadas de aço.

Arturo deteve-se e passaram por ele, desfilando. Com um passo pesado, constante. Sem olharem para ele. Sem se deterem.

Ferro.

Mais ferro.

Mais ferro.

Mais ferro.

Arturo sentiu um refluxo bilioso. O seu coração começou a bater mais depressa.

Teve uma tontura. Perdeu os sentidos.

É preciso ter atenção, não lembra a ninguém sair à rua sem chapéu, repreendeu-o a voz que se fazia acompanhar de um lenço molhado que lhe refrescava o rosto. Arturo recuperou gradualmente a consciência. Estava à sombra de um sobreiro, estendido no chão. Acima dele, gravitava o rosto de uma mulher de meia-idade, enrubescido, cujos traços pareciam ter errado o desenho original por milímetros. Arturo apoiou-se contra o tronco e, gesticulando, pediu de beber. A mulher chegou-lhe um cantil e Arturo bebeu, dando pequenos goles; depois, devolveu-o e procurou falar, mas em vão. Não conseguia articular uma palavra. De repente, sentiu as faces incharem e virou-se de lado para vomitar.

– Isso, deite tudo cá para fora, ainda está desidratado. Não há pressas.

Arturo limpou os fios de bÍlis e agradeceu o auxílio, mas sentiu-se

impotente ao perceber-se preso a um corpo transpirado e fedorento. Respirou profundamente e atentou na mulher de ossos largos, cabelo muito curto, vestida em tons de ocre. No pescoço, via-se-lhe um hematoma de tons roxos, negros e amarelados, e tinha o braço direito ao peito. Não havia mais ninguém em redor, pelo que Arturo concluiu que a mulher tivera força suficiente para o levar até ali. Contudo, apesar da ajuda prestada, o seu olhar não procurava transmitir-lhe solidariedade, o que fez Arturo supor que ela sabia quem ele era.

– Muito obrigado – conseguiu dizer. – Se não fosse a senhora...

– Não é preciso agradecer.

– Nos tempos que correm, é.

A mulher ficou em silêncio.

– Como se chama?

– Mencía.

– Mencía. – Arturo saboreou o nome na boca. – Bonito nome.

Levantou-se com cuidado. A mulher ajudou-o.

– Viu os meus óculos?

– Meti-os no seu casaco. – Baixou-se para apanhá-lo e entregou-o a Arturo.

– Estou-lhe muito agradecido. Desta vez, espero conseguir chegar à aldeia. Para onde vai?

– Não vou para aí.

Arturo surpreendeu-lhe um olhar fugaz na direção do matagal, a tensão evidente no seu corpo. Possivelmente, escondia algo relacionado com mercado negro ou revenda ilegal de produtos.

– Muito bem, agradeço-lhe de novo. Espero poder devolver-lhe o favor.

– Já lhe disse que não é preciso.

Desta vez, o tom fora áspero. Mencía esperava que Arturo comesse a afastar-se, mas este permaneceu imóvel, de olhar fixo nos seus seios. Pensou que era mais um dos abusos que as mulheres tinham de suportar com estoicismo, mas na expressão de Arturo não havia nada de impúdico, apenas surpresa e uma certa confusão. Mencía inclinou a cabeça, encostando o queixo ao pescoço, e viu o círculo de humidade que alastrava desde o seu mamilo esquerdo. Começou a corar.

As luzes fracas e intermitentes de um dínamo sussurravam que uma bicicleta vinha na sua direção. O ciclista cumprimentou-o com um gesto da mão. Arturo respondeu com um tauromáquico passe de muleta e seguiu o seu caminho por uma rua chamada Virgen de la Soledad. O pôr do sol era um fio de luz; as aves cruzavam-se no céu violeta e amarelo-pálido, como num balé negro. Arturo passou por alguns velhos sentados à porta de casa – a aldeia vizinha era o limite geográfico da sua imaginação e já não eram capazes de uma única expressão de assombro. Cumprimentou-os. Devolveram o cumprimento. Arturo continuou a sua caminhada até à casa do presidente da junta. Não tinha conseguido esquivar-se ao convite; supunha que, nessa noite, se encontraria com todas as forças vivas da aldeia. A casa era das maiores da localidade. Ao lado do portão, encontrou Nicolás fazendo a ronda.

– Boa noite – cumprimentou Arturo.

Nicolás levou a mão à têmpora num gesto fatigado. As suas orelhas eram escuras.

– Boa noite, meu capitão.

– Como foi o dia?

– Vamos andando.

– Já chegou alguém?

– Estão à sua espera, meu capitão. O cabo também veio.

Arturo fez frente ao olhar do soldado.

– E como vai o nosso professor?

Nicolás apertou a correia da espingarda com mais força e desviou o olhar.

– Continua no mesmo sítio.

Arturo sorriu, mas houve algo no seu sorriso que fez o guarda retroceder.

– Ora, vamos à comezaina.

Despediu-se e bateu à porta. Abriu-lhe Celedonio em pessoa, gordo e sanguíneo, já meio embriagado. Quando viu Arturo, o seu braço saiu disparado, alçando-se firmemente no ar. Arturo olhou-o com curiosidade.

– Está com algum problema no braço?

O autarca pareceu desconcertado.

- Não, camarada, apenas o cumprimento.
- Não sabe que a saudação falangista já não é aconselhável?
- Sim..., camarada..., isto..., eu apenas...
- E não sou seu camarada, sou capitão do Exército.
- Com certeza, meu capitão – gaguejou o homem.
- Então, profile-se como deve ser.

Celedonio fez a continência, permanecendo ridiculamente rígido.

- À vontade.

Arturo tirou o chapéu e agradeceu o convite. O salão tinha o chão pavimentado com seixos do rio e o seu centro era ocupado por uma enorme mesa polida. Encostadas às paredes havia grandes arcas cravadas de pregos prateados e, ao fundo, uma lareira chamuscada, guardada por velhas painéis de cobre e ferro. Sob uma atmosfera nebulosa, encontrou uma mistura de oligarquia latifundiária, pequenos caciques locais, falangistas, funcionários públicos, sacerdotes e militares fardados a rigor. Celedonio fez as apresentações e passou-lhe um copo de aguardente típica de Cazalla de la Sierra – *para ir aquecendo o motor*, disse, com um sorriso adulator. Arturo cumprimentou o cabo e, porque sabia que era a novidade lá na freguesia, permitiu que os presentes o submetessem às suas indagações. Na verdade, não procuravam saber nada, mas expor os seus pontos de vista, evidenciar a sua adesão ao regime.

Depressa lhe chegou o delicioso aroma a cabrito assado, cozinhado pelas mulheres da casa, e sentou-se a uma mesa. Durante o jantar, emergiram os temas de sempre: a permanência na província da Legião Condor, Franco, o mercado negro, os guerrilheiros, o liberalismo desagregador, Estaline, os Aliados, a Guerra Civil grega, o Ausente², o quão *boa* estava Evita... Arturo dedicou-se a selecionar, de tudo o que ouvia, a teia de corrupção, os conluíus, o nepotismo e a especulação sobre a qual repousava o regime. Nada lhe era estranho, tudo lhe era inerente. No entanto, começavam a assumir-se os benefícios que, entre tantas calamidades, iam cintilando, os rumores sobre o fim do racionamento da gasolina, o fim das restrições à utilização de energia elétrica, a venda livre de penicilina... A dada altura, um padre obeso e com umas mãos que pareciam pás, com aquela vaidade própria de

quem tem autoridade para administrar os sacramentos, pousou o seu copo de vinho e repreendeu Arturo:

– Não o tenho visto na missa, capitão Andrade.

Arturo arqueou as sobancelhas.

– Padre, não sei se se apercebeu, mas assassinaram uma menina.

– Sim, e desgraçado seja o malfeitor, mas isso não é desculpa para não cumprir as suas obrigações para com o Senhor. Benzer-se ajudá-lo a combater o Mal. Os alemães não lhe serviram de exemplo?

– Que têm os alemães? – perguntou Arturo, absolutamente perplexo.

– Porque perderam eles a guerra?

– Porque foi?

– Porque se benziam pouco.

– E, então, os comunistas benziam-se mais?

O sacerdote viu-se vítima do seu próprio silogismo, mas alguém veio em seu auxílio.

– Os comunistas tinham mais tanques.

A voz provinha da extremidade mais afastada da mesa. Arturo localizou o dono, um tipo intenso, com uma determinação sem um fim preciso.

– Desculpe, o senhor é...?

– Mauricio Retuerta, proprietário de terras e chefe da milícia.

– Muito bem, *don* Mauricio, então parece que, para Deus distribuir a sua justiça, terei de a conquistar primeiro.

– Os desígnios do Senhor são insondáveis – disse o homem, protegendo-se.

– Insondáveis, mas previsíveis.

O sacerdote murmurou algo em latim, como se o espanhol não fosse suficiente para conter tão grande blasfêmia. Mauricio sorriu e, agarrando numa garrafa, virou-a verticalmente sobre o copo para aproveitar o vinho até à última gota. Em seguida, adotou um ar burlesco, que logo se transformou numa expressão brusca.

– O senhor não é lá muito devoto, capitão.

– O meu trabalho não é ser devoto, *don* Mauricio, mas descobrir o filho da puta que fez aquilo.

– E acha que vai conseguir?

– Não vai ser fácil: os filhos da puta escondem-se tão bem, que nem sei dizer com certeza com quantos já me deparei.

Mauricio Retuerta não conseguiu perceber claramente se estava ou não incluído no grupo. O presidente da junta propôs um brinde:

– Pela fé em Deus e no nosso Caudilho, encarnação da pátria, de ilustre inteligência e vontade indomável, cujo poder provém diretamente da Providência!

Os copos ergueram-se, incluindo o de Arturo, seguidos pelos gritos de *Viva!* e *Arriba España!* da praxe. Um dos convidados, cujo cabelo começara a rarear no topo da cabeça – um daqueles tipos que contam piadas que nos deixam sérios e que, quando falam a sério, fazem as pessoas morrer de riso –, começou a desfiar um rosário de graçolas. Outro, de rosto comprido e amarelado, estava já bêbedo o suficiente para acender o cigarro pelo filtro. Outro ainda, com nariz de cimitarra, explicou com toda a certeza académica que os dinossauros se extinguíram porque, quando ocorreu o dilúvio, não puderam salvar-se devido ao tamanho da porta da arca. À medida que o vinho fluía, Arturo começou a sentir-se razoavelmente confortável. Normalmente, sentia-se como um pássaro pintado, um daqueles bichos a quem os aldeões – seguindo um costume bárbaro – tingiam as penas de cores brilhantes, e que as outras aves, incapazes de os reconhecer quando regressavam ao bando, atacavam e bicavam até à morte. Mas, naquela noite, comia, bebia, ria, escutava e observava aqueles homens, e conseguia apenas ver uma mistura de ignorância, oportunismo, necessidade, medo, cinismo, indiferença, fraqueza e absurdo. As generalidades, as grandes palavras, as verdades irredutíveis eram lançadas sobre cada indício de dúvida ou hesitação, e o *status quo* construía-se não sobre a subtilidade, as provas ou a razão, mas sobre aqueles patriotas imperfeitos e virtuosos que, nos momentos de crise ou de grandes mudanças, se colocavam na primeira fila, conduzindo as coisas pelo pior caminho. Isto conferia-lhes muito poder, mas, sobretudo, desculpas para abusar dele.

E o facto de se sentir bem entre eles dizia o quê de Arturo? Nada de muito auspicioso, mas o sentimento não o apanhava de surpresa. Também ele fazia parte daquela ignomínia. Com as suas mesquinhas e insignificantes ações ou negligências, contribuía, como muitos

milhares de homens, para perpetuar uma paisagem da qual tudo o que era bom ou proveitoso fora banido. Eram apenas homens, nem mais nem menos do que isso, e, como ele bem sabia, a verdadeira tragédia era que os vermelhos não teriam sido melhores. Nesta conjuntura, veio à baila a pedra atirada contra o quartel, fazendo com que os ânimos se exaltassem. Irromperam os discursos coléricos e irreconciliáveis, em que a pressão das emoções demolia a já fina camada de racionalidade. Um tipo com os lábios roxos do vinho, sentado ao lado de Mauricio Retuerta, começou a contar como tinham intimidado uma das mulheres dos vermelhos. O seu relato enojou Arturo. Não conseguia compreender que vantagem havia em privar uma pobre rapariga dos artigos de cuja venda sobrevivia, como também, e sobretudo, em maltratá-la. No entanto, manteve uma compostura pétrea, bebendo muito, e evitou intervir, até que, no meio do divertimento generalizado, aquele indivíduo contou como lhe partira um dedo.

– E o senhor chama-se...

– Álvaro.

– E, Álvaro, fez isso sozinho ou precisou de ajuda?

– Como?

– Pergunto se essa vermelha lhe deu muita resistência.

Álvaro, ao contrário de Mauricio, não percebeu a piada.

– A tipa não parava de se mexer. Acredite em mim, aquela Mencía é pior que os judeus de Casar.

Arturo sentiu-se como se uma barra de dinamite tivesse explodido no seu interior.

– Ela chama-se Mencía?

– Sim, e vamos lixá-la muito mais. Já a obrigámos a andar careca uma temporada. Todas as semanas, tem de se apresentar no quartel. Essa cobra é a mulher do Califa.

Outra vez os eufemismos, pensou Arturo, os do monte, os fugitivos, os assassinos, os bandidos...

– E quem é esse Califa?

– Chama-se Ventura Rodríguez e é um dos cabecilhas do agrupamento da Extremadura – interveio Salvador –, chefiado pelo Cristino Extintor. É anarquista, do sindicato de artes de cozinha...

Seção de pastelaria – acrescentou com uma careta depreciativa. – Esteve preso em Castuera, mas fugiu e foi para o monte.

– E por culpa dele morreram muitos inocentes – salientou Mauricio.

– Ah – admirou-se Arturo –, e ainda havia disso?

Seguiu-se um silêncio desconfortável, que Arturo exorcizou sorrindo e fazendo um brinde, o que arrancou uma gargalhada geral.

– Fale-me um pouco mais desse Califa.

– Para dizer a verdade, ele é a causa principal de estarmos em Pueblo Adentro – disse Salvador –, apesar de aqui não haver ninguém com as mãos limpas.

– E vamos ver quando é que lhe dás o bilhete de ida, que já andamos nisto há uma eternidade – disse, num tom crítico, um jovem que se penteava com risca do lado esquerdo.

Salvador olhou-o com um sorriso que parecia cravado no rosto.

– Sempre gostava que me explicasses o que é que dois podem fazer numa serra inteira. E vocês, na milícia, também não têm apanhado lá muitos.

– De qualquer forma – condescendeu Celedonio –, esses já não se atrevem a descer dos montes.

– Mas olhe que elas atrevem-se a subir – cuspiu Álvaro, com uma expressão manhosa. – Vão aliviar os calores, mas, isso, a gente também lhes podia fazer o jeito uma noite destas.

– A essa não lhe tocava nem com um pau.

Seguiram-se gargalhadas cúmplices. Mauricio fez um gesto pedindo discrição. Arturo voltou a encher o copo e passou a língua pelo interior das bochechas. Permaneceu em silêncio durante o resto do jantar, com o seu obscuro cinismo à espreita, zombando deles e de si mesmo, enquanto esvaziava um copo atrás do outro. As vozes foram ficando cada vez mais entarmeladas e ouviam-se conversas onde a palavra mais repetida era «foder». Contavam-se piadas sobre alemães e italianos, e os passes de toureio funcionavam sempre como alusão a outra coisa. Já de madrugada, Arturo despediu-se cambaleante, bêbedo quase até à inconsciência. Saiu para a noite com um passo irregular, iluminado pelas estrelas, frágeis estilhaços luminosos. Em vez de se dirigir para o quartel, encaminhou-se para os limites da

aldeia. Quando passou a última casa, prosseguiu por um campo arado, tropeçando nos sulcos a cada poucos passos, caindo por vezes ao chão. Nessas alturas, agarrava em punhados de terra e observava-a. Era a mesma terra que já não podia ser revolvida, porque amigos e inimigos estavam tão firmemente enraizados nela que, quando se desenterravam os ossos de um adversário, havia sempre um companheiro por baixo. Sentiu náuseas e um fio quente subiu-lhe até à garganta, mas conseguiu conter o vômito. Continuou, até que algo o paralisou. Ficou quieto, no meio da escuridão, de olhos fixos no horizonte. Dois, três, cinco pontos alaranjados. A serra ardia e, gradualmente, os vários focos de incêndio iam-se unindo para formar uma única frente que descia o monte. Arturo ficou fascinado pela inércia formidável das chamas, que dilatavam e transformavam as sombras. Começou a murmurar algumas palavras há muito esquecidas.

² N. da T.: José António Primo de Rivera, fundador da Falange. Executado pelos republicanos em 1936, o facto foi, contudo, silenciado pelos nacionalistas durante a guerra. Nas zonas nacionalistas duvidava-se da morte do líder e começaram a referir-se a ele como “o Ausente”.

6. Um punhado de ciprestes

Ao amanhecer, a planície branca, amarela e verde recebia, sob o céu azul, os primeiros raios de sol, que se erguiam por detrás da serra e que logo deslizavam por toda a paisagem até as casas ganharem um suave matiz dourado, enquanto as sombras negras dos seus contornos iam diminuindo. A luz refletia-se num fio de água gelada que caía de uma rocha coberta de musgo e recebia a adoração de uma salamandra, fazia cintilar os rastos de poeira à deriva no ar, despertava os pássaros nos seus ninhos de barro, fazia os touros mudar de direção nos campos, iluminava currais, pomares, vinhas, cercas, moinhos, casas rústicas. Um galo inchou o peito como uma *prima donna* e soltou um jubiloso grito como que a celebrar a luz. Quando esta chegou às zonas ardidas da serra, as palavras deixaram de ter poder suficiente para descrever as infinitas gradações com que o fogo trabalhara formas e materiais. Restavam, todavia, brasas incandescentes, tons de vermelho que se bifurcavam entre as cinzas, carvões acesos que rachavam e se desfaziam. E, no meio de tudo, uma ilha de ciprestes, em formação fechada como uma legião romana, incólumes na paisagem repleta de árvores carbonizadas.

O calor começava a transformar-se num suplício. Pueblo Adentro acordava ao ritmo de um martelar metálico, longínquo, mas constante. As primeiras carroças rolavam sob mantos de poeira. Os moradores observavam o céu como membros de uma tribo pré-histórica, tentando descobrir o que aquilo significava. A luz infiltrava-se nas casas, em todos os seus cantos, recessos, armários, despensas, e acompanhava os camponeses que começavam a apanhar o feno.

E as mães que enchiam as tigelas de sopas de leite para os filhos.

E o presidente da junta que se sentava na cama e estalava os dedos de ambas as mãos, com fervor e vontade.

Aquecia a pele nua dos porcos que Faustino guardava.

Extraía cintilações aos cabelos louros da esposa de Nicolás, que observava o soldado prestes a acordar, após uma noite de sonhos angustiosos e espasmódicos.

Inflamava as hóstias que o sacerdote ia depositando, uma a uma, na grande taça onde as guardava. Limpava de sombras as figuras dos

santos de gesso, com os seus olhos transbordantes de tragédia.

Arrancava Diego Peinado da sua apatia e fatalismo, que, pouco a pouco, se erguia sobre a enxerga.

Fazia reluzir a água do alguidar em que Salvador se lavava.

Surpreendia os caçadores furtivos nas terras do duque.

Iluminava a terra árida onde fora encontrada a menina e entre cujos torrões as formigas continuavam as suas andanças laboriosas, transportando alguma coisa rosada, de um tamanho muito superior ao seu.

Nu da cintura para cima, Arturo apoiava-se numa bacia, com a cara colada ao espelho e uma barba branca de espuma. Tinha os olhos turvos e inflamados, o nariz esfolado e umas olheiras profundas. Endireitou-se, pegou numa navalha de barbear – com três bonecos gravados na lâmina, como se dançassem em círculo –, passou o gume de metal pela fita de couro e começou a deslizar suavemente a lâmina pela face. Ouvia-se o ruído dos pelos duros ao serem arrastados pelas vagas de espuma branca. Após cada investida, Arturo mergulhava a navalha na água misturada com sabão e voltava a retirá-la limpa e brilhante. Já só faltava o pescoço. Arturo ergueu o queixo, encostou a lâmina mesmo acima da maçã de Adão e deixou-a ficar ali. Imóvel. A pele afundou-se sob uma ligeira pressão. Arturo descobriu um adejar de medo no seu olhar. O telefone tocou com uma urgência histérica. Pousou a navalha e atravessou a sala até junto da grande carapaça negra.

– Estou?

– Meu tenente, encontrei-a.

Era a voz sonora de Manolete. Arturo apertou os maxilares e cerrou o punho.

– Bem, não saias daí. Meto-me no chaço e vou até Cáceres – disse, procurando com urgência papel e lápis. – Dá-me a morada. – Anotou a direção com uma letra tensa, minúscula. – E... Manolete... – disse, ao traçar os últimos caracteres.

– Sim, meu tenente?

– Se alguém se aproximar da miúda ou perguntar por ela...

– Que faço?

- Dás-lhe uma pancada tão grande que viras o gajo do avesso.
- Não se preocupe.

Manolete estava prestes a acrescentar qualquer coisa quando Arturo desligou. Depois, Arturo acabou de se barbear e vestiu-se com cerimónia. Estranhamente, não tinha pressa. Olhou pela janela e doeram-lhe as pupilas; refugiou os olhos na penumbra do corredor. Caminhou até à cela, abriu a porta e enfrentou o olhar do professor. Tinha medo, e não gostava disso.

– Bom dia. Como vão esses pés?

– Fizeram-me o curativo.

– Confirmaram-me que não tem danos em nenhum tendão. Em breve poderá andar.

– Para onde?

A pergunta pairou como uma emoção.

– Precisa de alguma coisa? – interessou-se Arturo.

– De uma bebida.

– Hoje, não há.

– Estou a morrer.

A sua expressão era a imagem da necessidade. Arturo pensou que havia sempre algo de patético num homem que sucumbia de tal forma perante a vida. Estudou aquela dor, enraizada nele; já fizera um ninho no seu interior e ficaria ali, devorando tudo o que de caloroso houvesse nas proximidades. Mas, ao contrário do que sucedera consigo, ninguém viria em socorro do professor. Arturo voltou para a sala e abriu o armário onde guardavam a aguardente. Pegou na garrafa, mas arrependeu-se e voltou a pô-la no seu lugar. Regressou à cela.

– Diego, sabe que isto tem solução.

– Não estou disposto a lembrar-me das coisas como o senhor quer.

– Porquê?

O professor ficou em silêncio. Sentia o fio da sua vida cada vez mais tenso. Que sabia aquele maldito capitão da natureza das suas mágoas, pensou, do imenso vazio que sentia dentro de si? E, em última instância, nunca o saberia, porque ele não podia explicar-lhe. Arturo fechou a porta, oprimido pela tristeza.

A vetusta camioneta da carreira, propulsada por alguma força sobrenatural, fora-se enchendo, a cada paragem, de velhas, cestas de ovos, alforges, barris de vinho, malas de viagem, encomendas, coelhos, galinhas, mulheres grávidas, bebês, crianças, homens, e, quando chegaram a Cáceres, entre o calor, os solavancos, a poeira, o aperto e o fedor de uma mulher que se sentira mal e vomitara as entranhas sobre os pés de Arturo, este já tinha esgotado mentalmente a sua lista de maldições. Manolete esperava-o com uma expressão amuada, num ponto onde o fluxo de passageiros que saía e entrava se misturava. Arturo logrou descer do calhambeque à custa de várias contorções.

– Bom dia, meu tenente. Isto de madrugar é fodido, não é?

Arturo pousou as mãos no cóccix, esticando-se. A seguir, pôs os óculos escuros.

– Bom dia, Manolete. É, sim, senhor. Além disso, estou todo partido. Aonde temos de ir?

– Antes, tenho de lhe dizer uma coisa, não tive tempo ao telefone.

– Diz lá.

– Encontrei a miúda, está no Lar María Sarasua. Mas não acho que nos sirva de muito.

– Porquê?

Manolete apertou os lábios e desenhou círculos no ar com o indicador junto de uma das têmporas.

– Vais ter de te explicar melhor...

– Não disse palavra desde que a encontraram. E também não acho que nos consiga ver, tem sempre um olhar perdido. Acham que não tem remédio.

– Estou a ver. Onde fica esse lar?

– No cu de Judas, mas tenho o carro aqui ao pé.

Arturo pensou sobre o que tinham de fazer, mas o seu raciocínio parecia ter-se embotado. Transpirava abundantemente; sacou do lenço. Viu uma loja onde vendiam uma mistura dos mais variados artigos e procurou algumas moedas.

– Quero aquele – disse ao dono.

Indicou um cata-vento em folha de celuloide, de cores garridas, montado sobre uma haste frágil. Quando lho entregaram, Arturo

soprou contra as velas que começaram a girar numa espiral cromática. Olhou para Manolete. Manolete não soube para onde olhar.

Comecei a sentir-me sozinha. Muito sozinha. Como se tudo o que vivera tivesse sido um sonho. Como se algo se tivesse quebrado. Aquele ambiente, as regras, tudo era desconhecido. Chorava grandes lágrimas interiores, mas por fora não; por fora, permanecia a mesma. Diziam-nos que tínhamos de ser «reeducados», «regenerados». Éramos a fruta podre de uma Espanha onde houvera uma guerra para a purificar de comunistas e maus espanhóis. Todos os dias acordávamos de madrugada, tomávamos duche com água fria, independentemente de ser verão ou inverno, sempre em silêncio. Depois, havia a missa, rezar o Angelus, o rosário. E, depois, as aulas, com uma professora para nós todas e também um só livro. Mas o pior era a fome. Só conseguia pensar em como encher o estômago. Todas procurávamos algo que fosse comestível, cascas de batata ou de melão, folhas de plantas amassadas numa bolinha, papel, pequenos escaravelhos, até a casca das árvores comíamos. Havia mesmo quem metesse à boca as solas dos sapatos, uma coisa dura que se mastigava sem cessar horas a fio, até que ficava como pastilha elástica e ajudava a salivar. Era uma fome insatisfeita, que nunca se saciava, e tínhamos uma necessidade constante de comer que nos fazia estar sempre a olhar para o chão, para ver o que conseguíamos encontrar. E ainda pior do que a fome era a sede. Da fome não chorávamos, mas da sede, sim. A gente entende que não haja comida, mas não entende que não haja água, com tantos rios e mares e reservatórios. E a chuva, tanta chuva. Formávamos de manhã e então podíamos beber; depois, durante o resto do dia, ninguém se podia aproximar de uma torneira. Tínhamos tanta sede que algumas se levantavam durante a noite, o que era absolutamente proibido, para ver se tinha ficado água nas banheiras. Para ver se não as tinham esvaziado completamente, se podiam recolher nem que fosse algumas gotas de água suja. Também nos empoleirávamos nas sanitas para beber a água dos autoclismos. Quando comecei a fazer xixi na cama, não compreendia porquê, se quase não bebia nada. De onde saía tanto líquido. E ralhavam-me, e castigavam-me, enfiavam-me a cabeça numa bacia de água fria ou obrigavam-me a desfilar por entre as camas com o meu lençol molhado, mas eu continuava a fazer xixi na cama. Uma noite, desci da cama e

dormi no chão, sobre um tapete; depois de urinar, voltava para a cama, e assim não a molhava. Começava a aprender.

A teia de aranha era grande e espessa, e a menina divertia-se a arrancar as asas aos insetos apanhados numa fita apanha-moscas, soltando-os depois sobre a teia. As moscas enredavam-se na teia e as que ainda estavam vivas faziam-na vibrar. A aranha, como um grão-de-bico negro que finíssimas patas mantinham no ar, avançava velozmente até à desafortunada mosca e arrastava-a para o seu covil. O passatempo macabro durou até Arturo e Manolete a descobrirem. Manolete deu-lhe um cachaço que quase lhe arrancou a cabeça.

– Anda, minha parva, que, se fosses tu a mosca, já vias a graça que ias achar.

Enquanto a menina fugia a correr, lavada em lágrimas, Arturo pensou na tirania secreta que sempre se escondia atrás da inocência. A pequena desapareceu no interior do edifício. Era uma daquelas construções simples, bonitas e sólidas. Teria sido ideal se, mesmo ao lado, não houvesse uma vacaria; naquele momento, um dos animais ocupava-se a lançar um abundante jorro de urina contra as paredes de um branco puríssimo. Os dois homens permaneceram junto à linha de tijolos que delimitava a propriedade. Ouviu-se o sino de uma igreja tocar as doze badaladas. O dia não deixava dúvidas sobre a sua intenção abrasadora. Arturo observou o emblema de um dragão atacado por uma flecha, que assinalava que aquela casa era um dos lares do Auxílio Social³.

– Há sempre dragões à espera – comentou, ensimesmado.

Manolete olhou para ele com uma expressão especulativa, mas não disse nada. Caminharam ambos em direção à entrada, onde uma das subalternas, que reconheceu Manolete, os conduziu para uma sala de estar, pedindo-lhes para aguardarem a diretora. Em vez desta, apareceu um homem vestido com esmero, que se apresentou como Gabino Cabañas, vice-secretário da delegação provincial. *Este olha mais para o vinco das calças do que para o relógio*, concluiu Manolete, com antipatia. A Arturo não pareceu bom sinal que tivessem informado a hierarquia administrativa: se houvesse hienas à espreita, já teriam começado a farejar o ar. O vice-secretário servia-se do

artifício de fazer ver que ignorava as convenções apenas para realçar mais a sua posição. Disse-lhes que estava à sua espera e ofereceu-lhes de beber, porque aquele calor tornava a vida insuportável, e é claro que o podiam tratar por tu, e como não poderiam se eram todos camaradas naquele esforço comum, não era verdade? Depois, pediu-lhes que o seguissem para os apresentar à diretora – Manolete salientou que já tinha sido apresentado – e, enquanto percorriam os corredores, dedicou-se a fazer o elogio da instituição, da obra do Movimento Nacional-Sindicalista de proteção da mãe e da criança, que era a menina dos olhos do Auxílio Social, e onde se uniam o ímpeto demolidor e revolucionário da Falange e a justiça social que brota das mãos em chagas de Jesus Cristo – *Don Janota é dos que papa missas todos os dias e putas uma vez por semana*, sussurrou Manolete, categórico. Arturo apertou os lábios para reprimir o riso e indicou-lhe que se mantivesse calado. Deixou de ouvir o monótono discurso em algum momento entre «o nosso pão é cristão» e «a férrea e viril aspiração da instituição». Quando entraram no gabinete da diretora, *don Janota* apresentou-os a Rita Sainz Rocamora, uma mulher maciça e opulenta, com uma cabeleira que lhe avançava em V sobre a testa.

– Bem-vindos – disse, recebendo-os com um grande sorriso. – Já tive o prazer de conhecer o senhor Ramírez.

Por momentos, aquele tratamento incomum de Manolete fez Arturo pestanejar. A diretora continuou a dispensar-lhes um acolhimento requintado, convidando-os a segui-la pelos corredores bem iluminados, cheios de cartazes de defesa da natalidade e incentivo à doação. Nessa altura, o vice-secretário despediu-se alegando vários compromissos. Arturo não conseguia perceber se a sua presença fora meramente institucional ou um aviso velado. Durante o percurso, Rita Sainz percorreu, por sua vez, sobre o trabalho do Auxílio Social: creches, lares, cantinas, escolas, colónias, que, dirigidos pela Falange, segundo critérios científicos modernos, e guiados pela mão firme de conselheiros eclesiásticos, se esforçavam por atenuar os danos que aquelas mulheres-machos vermelhas haviam causado nos corpos e espíritos de tantas criancinhas. Aqui e ali, eram apresentados a enfermeiras ou auxiliares em uniforme. Na mente de Arturo, começou a desenrolar-se um discurso paralelo: a «erradicámos a escola

republicana anarquista, amoral e desagregadora» sobrepunha-se «professores doutrinados que apenas instruía nos princípios do Movimento, da Falange e do ideário católico»; o trabalho de assistência mais não era que dependência; a simpatia e a disponibilidade transformavam-se em controlo e disciplina, e a justiça social em propaganda para lavar o rosto do regime.

– Ou seja, têm de comer todos os dias, certo? – resumiu Manolete.

Rita Sainz ficou algo desconcertada, mas assentiu com a cabeça.

– É o que interessa – reforçou.

Chegaram a uma porta que dava para um jardim interior. No centro, havia um tanque redondo cheio de água, do qual pendiam algumas plantas até ao solo. Ao contacto com a brisa ligeira, uns finos cilindros metálicos produziam um som misterioso. Sentadas num banco de cimento, estavam uma menina e uma freira com um rosário nas mãos. A diretora apresentou-os à irmã Eladia, uma velhinha com a pele cheia de manchas castanhas e as pálpebras tão juntas que parecia não ter olhos. Exalava um cheiro intenso a leite fervido. Era a encarregada dos cuidados especiais requeridos pela criança. Ambos cumprimentaram a venerável religiosa e Arturo pôs-se de cócoras em frente à menina. O olhar desta atravessava-o, como se ele não estivesse ali, como se fosse feito de ar. Arturo mostrou-lhe o cata-vento, mas a criança não fez nenhum movimento para o agarrar.

– Como te chamas?

A menina permaneceu mergulhada no seu mutismo, pestanejando lentamente.

– Batizámo-la com o nome de Catalina, como a santa do dia em que a encontraram – respondeu a freira, como se lhe tivessem perguntado.

– Nunca disse nada?

– Nunca.

– Nunca fez qualquer gesto?

– Nem um.

– E não sabem quem ela é?

– Ninguém a veio buscar. É um anjo de Deus e devemos cuidar dela até que Ele a chame.

– E, entretanto, Deus permite que abusem dos seus anjos.

– Tenente, por favor... – deixou escapar Manolete.

A religiosa não se deu por achada.

– O senhor é puro, dói-lhe o coração.

– Não, eu não sou puro, irmã. A pureza é um atributo divino, assim como a confirmação da minha fraqueza, do meu sofrimento, de tudo o que faz de mim um homem. Porque eu não sou senão isso, um homem, um pobre homem.

Arturo pousou o cata-vento e pegou nas mãos da menina; virou-as com as palmas para cima para lhe ver as pontas dos dedos, enquanto Manolete se desfazia em desculpas. Não detetou marcas de picadas, embora um ano fosse tempo suficiente para curar aquele tipo de feridas.

– Irmã, lembra-se se ela chegou cá com as mãos cheias de marcas de picadas?

– Não, não me lembro de nada disso.

Arturo perguntou de novo, de diferentes formas, como se tivesse a esperança de que, em alguma altura, a mulher lhe fosse dar a resposta desejada.

– O senhor pensa que eu não passo de uma freirinha ignorante – disse Eladia inesperadamente, com um sorriso astuto.

– Não disse isso, irmã.

A anciã desenredou uma mão nodosa de entre as contas do rosário e mostrou-lha.

– Também quer ver a minha mão?

– Para quê?

– Não parece grande coisa, mas com esta mão bati mais punhetas do que os dois senhores juntos.

Arturo e Manolete ficaram estupefactos. Manolete pensou que tinha ouvido mal.

– Ouviram bem: punhetas. Pívias, bater uma pívia, tocar ao bicho, esgalhar o pessegueiro, jogar bilhar de bolso, bater uma segóvia...

Manolete benzeu-se e beijou a medalhinha.

– Irmã, por favor, não diga essas coisas.

– Não seja fraco, Ramírez, a fé é mais queimadura que bálsamo, e, quando eu era nova, prestei serviço nos corpos de punheteiras de Málaga, as Punheteiras da Caridade, era assim que nos chamavam. E

não sabe as melhorias que havia naqueles pavilhões cheios de feridos, desaparecia-lhes a ansiedade e o mau humor. Claro, sempre com as formas e a cara tapada, é preciso conservar o pudor, que uma coisa é a fé e, outra, o vício.

Manolete continuava pasmado. Arturo não sabia como replicar.

– O que aconteceu à Catalina não é mais que uma pedra no seu caminho para Deus. – Passou a sua mão varicosa pelo cabelo da menina. – Mas, assim como Deus as põe no caminho, também nos dá forças para suportar o que não podemos mudar, e da mesma forma nos concede para mudarmos as coisas que podemos. Embora nos dê, sobretudo, a sabedoria para percebermos a diferença.

Arturo não conseguia interpretar as suas parábolas, mas intuiu que algo se estava a desenrolar entre eles. Aproximou-se como se fossem partilhar um segredo. Eladia olhou para cada um deles, à vez.

– Os senhores também andam perdidos.

Responderam fora de tempo, um pouco rápido de mais. A religiosa assentiu e, embora parecesse saber tudo, pediu-lhes que lhe explicassem em que ponto da investigação se encontravam.

– O que têm de perceber é que a vitória do demónio procede da compreensão da nossa natureza.

– Sim, irmã – encorajou-a Arturo.

A religiosa voltou o rosto, abarcando todo o jardim, e abriu as mãos, deixando que o rosário pendesse de uma delas.

– E onde Deus constrói uma catedral, o diabo ergue uma capela. É sempre assim.

Algo se alterou na expressão de Arturo. De repente, observou os edifícios com outros olhos.

– Irmã, porque não se esquece de que sou um oficial?

– E, então, o que devo imaginar que o senhor é?

– Alguém que quer mudar as coisas.

O rosto de Eladia encheu-se de doçura, secretamente divertida por alguma coisa, e olhou Catalina fixamente. Acariciou, de novo, o suave cabelo da menina, que mantinha o mesmo olhar perdido.

– Viste, Catalina? Os meninos dão voltas à cabeça para compreenderem as coisas difíceis e os adultos não conseguem compreender as simples.

Arturo sentiu-se inspirado.

– Irmã, permita que o Espírito Santo sobre dentro de mim.

– Quer dar uma oportunidade a Deus?

– Sim, irmã.

O oscilar dos cilindros metálicos encheu tudo com a sua música irreal. Eladia voltou a envolver as mãos com o rosário.

– Aqui já houve mais gente que quis mudar as coisas.

Calou-se, sem acrescentar mais nada. Arturo cruzou o olhar com o de Manolete, que ergueu as sobrancelhas sem se atrever a fazer qualquer comentário. Tudo indicava que a audiência estava terminada. Os dois despediram-se e encaminharam-se para a saída do jardim. A meio do caminho, ouviram a voz de Eladia.

– Arturo.

Ambos se voltaram. Contemplaram a imagem de uma idosa tensa, de boca fechada e punhos apontados na sua direção, com a pequena cruz do rosário suspensa no ar.

Arturo observou a sala cheia, as meninas que rezavam o *Pai Nosso*, *que estais no céu, Santificado seja o Vosso nome*, cujos cérebros iam sendo, entretanto, disciplinados, uniformizados, *Venha a nós o Vosso reino, Seja feita a Vossa vontade, Assim na terra como no céu*, e refletia detalhadamente sobre o facto de não ter havido denúncias ou participações, como se a menina enterrada não tivesse pais ou irmãos, *O pão nosso de cada dia nos dai hoje, Perdoai-nos as nossas ofensas, Assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido*, e sentia vacilar a confiança nas suas capacidades, *E não nos deixeis cair em tentação, Mas livrai-nos do mal*.

Amém.

Quando as orações terminaram, a professora começou a andar por entre as filas de carteiras com um livro na mão, enquanto as meninas copiavam o ditado. Arturo esperou até que estivessem imersas na sua tarefa e pediu permissão para entrar. Manolete observou como ele tinha uma breve conversa com a professora e esta se afastava. Arturo entreteve-se com uma menina, que resolvia com letra pequena e nervosa um exercício da disciplina de Economia Doméstica. A professora voltou trazendo algo nas mãos. Arturo agradeceu e

regressou para junto de Manolete, mostrando-lhe um ovo de madeira e um lenço com uma densa rede de pequenas cruzinhas.

– Diz que lhes encomendam muitas peças para enxovais.

– E são as miúdas que fazem isso?

– À mão. Casas para os botões, festões, labores em ponto aberto, bordados, costura. Dá muito trabalho.

– Então, a freira quis dizer-nos o que devemos procurar dentro da instituição?

– É uma possibilidade.

– Vamos ter de pisar muitos calos.

– É o que há.

Manolete teve um ataque de tosse. Inclinou a cabeça para o lado.

– Pois, então, é dar-lhe com força.

As fachadas brasonadas, as muralhas, os blocos de granito das igrejas, os palácios com torres a que faltava o cimo, as ruelas, as galerias, as praças... toda aquela arquitetura exemplar foi testemunha das suas investigações durante esses dias. Depois de se instalar numa pensão, Arturo mandou tirar uma foto a Catalina, que colocaram nas carteiras ao lado da fotografia da menina assassinada, e dividiu com Manolete os lares, as colónias, as cantinas... Apesar da enorme quantidade de trabalho pela frente, procuraram evitar ao máximo pedir a ajuda da polícia, para minimizar o risco de as hienas farejarem os seus passos. Arturo serviu-se de todas as ferramentas à sua disposição para obter informações – a vaidade, o interesse, o tédio, o medo –, na sua tentativa de encontrar mais uma peça daquele xadrez. Enquanto isso, Manolete recebeu uma inesperada missão, que o manteve extremamente ocupado a desenredar o emaranhado burocrático das instituições de assistência social. Em ambos os casos, depararam-se com os mesmos problemas de memória dos entrevistados, talvez porque a memória fosse uma ameaça universal, já que, de uma forma ou de outra, todos haviam cometido algum crime. O crepúsculo de uma daquelas tardes foi encontrá-los numa pequena praça, em frente a uma fachada barroca que a luz avermelhada incendiava. Arturo esperava numa esplanada, lendo um jornal, quando Manolete se sentou noutra cadeira. Foram atendidos

por um empregado de costas encurvadas.

– Queres dar uma vista de olhos? – ofereceu Arturo, dobrando cuidadosamente a publicação.

– Não leio jornais.

– Porquê?

– Não fazem falta, acabamos sempre por saber das notícias importantes.

– E como te correram as coisas?

– Nada. Já sabe que, com este tipo que me mandou localizar, não houve problema; quando quiser, a gente leva-o. Mas ninguém conhece a miúda morta, ninguém se lembra dela. Nada.

– Tens a certeza de que não te esqueceste de nenhum sítio?

– Tenente, palmilhei tudo de lés a lés.

Arturo estava tenso, como se mantivesse um inflexível diálogo interior. Observou como a cabeça de um cão espreitava atrás de um pórtico, voltando logo a esconder-se.

– Mas ela tinha os dedos cheios de alfinetadas – teimou Arturo –, não podia vir de muito longe.

– A Catalina não tinha feridas. E também não há ninguém que se lembre dela.

Arturo baixou o olhar. Era algo que sabia, mas que parecia querer evitar conscientemente. Retirou o cubo de gelo da sua bebida e passou-o pela testa.

– Talvez fosse melhor procurarmos pelo lado da escaiola – propôs Manolete.

– Olha, também não percebo um caralho do que significa essa merda da escaiola.

Manolete não respondeu. Conhecia perfeitamente as variações de humor do amigo, pelo que esperou que a coisa desanuviasse.

– Dói-me o estômago – desculpou-se Arturo. – Por favor, podes pedir-me um bocado de bicarbonato?

Manolete fez um gesto na direção do empregado. Arturo bebeu o conteúdo do copo, deixando no fundo um sedimento esbranquiçado.

– Eu também não consegui grande coisa – disse, cordialmente –, mas já sei a que se referia a freira.

– Caralho, isso é muito bom.

– É uma mulher, chama-se Regina Enciso. Era chefe de secção na delegação provincial. A versão oficial é que um dos chefes emitiu uns relatórios negativos sobre ela porque coabitava abertamente com um homem casado. O argumento para destituí-la foi que, num trabalho em que deve prevalecer a moral, esta tal Regina implicava um risco muito grande para as crianças. Foi um pequeno escândalo. Mas, pelo que apurei de testemunhos posteriores, pode não ter sido apenas um problema laboral.

– Sabemos onde mora?

– Frente à casa dos Espadero-Pizarro.

– Então, temos de lá ir.

– Sim, claro. Já agora, lembras-te de como se chama aquele cantor de boleros?

– Quem?

– Sim, homem, o que canta *Mi alma y mi vida*.

– Não estou a ver quem é.

– Mas como é que não te lembras? Moreno, com um bigodinho...

Manolete inclinou-se e apoiou o queixo numa das mãos. Parecia contrariado. Arturo observou como uma gota de suor começava a deslizar-lhe pela testa abaixo. Finalmente, caiu no copo.

Do outro lado da porta, ouvia-se um daqueles programas de rádio sentimentais e intermináveis, que traziam um pouco de magia à triste monotonia dos dias. Arturo fez soar uma pequena aldraba e esperou junto a Manolete, que ajeitava a camisa. Quando uma voz feminina perguntou qualquer coisa que não compreenderam totalmente, Arturo respondeu com uma única palavra, que teve o efeito de fazer abrir os ferrolhos um a um.

– Boa tarde – cumprimentou Arturo, com um sorriso.

Uma mulher de meia-idade perscrutava-os com um certo nervosismo. Era alta, tinha peso a mais, um rosto pálido levemente inchado e umas sobranceiras muito depiladas, substituídas por riscos de lápis escuro. Vestia uma bata de cozinha e tinha uns óculos pendurados ao peito, presos por uma correntezinha. O sorriso com que os recebeu não excluía uma sombra de medo.

– Querem tomar alguma coisa?

– Viemos fazer-lhe umas perguntas.

– Acerca de quê?

– Queremos acabar o que a senhora começou – sentenciou Arturo.

O rosto de Regina Enciso não conseguia decidir-se pela emoção certa. Convidou-os a entrar e conduziu-os a uma pequena sala onde havia uma pesada cómoda e cadeiras de palhinha. Assim que o viu, Manolete não mais conseguiu tirar os olhos de um relógio de cuco, na parede, com os seus pesos de latão pendurados em correntes de ouro, o pêndulo que balançava de um lado para o outro. A mulher ofereceu-lhes a sua hospitalidade, que os dois aceitaram para a tranquilizar; o ritual permitiu-lhe controlar o tremor das mãos. Uma vez sentados, permaneceram em silêncio, olhando uns para os outros. Numa divisão qualquer, o rádio continuava a desfiar os seus conselhos sentimentais.

– Então, capitão, qual é exatamente o seu trabalho?

– Chafurdar no lodo humano, minha senhora.

Os lábios de Regina mantiveram-se entreabertos, prestes a dizer alguma coisa.

– Menina – optou por corrigir.

– Menina, claro, desculpe. O que se passa... – Arturo recapitulou os factos até esse momento, arrancando uma sentida expressão de «que o Senhor a tenha na Sua glória». – E foi por tudo isto que viemos falar consigo. Fiquei a saber do seu percalço profissional. Evidentemente, conhecemos a versão oficial, mas também fiz algumas indagações e parece que existem outros pontos de vista.

– Foi tudo porque denunciei aquele desavergonhado – limitou-se a mulher a responder.

– Refere-se à pessoa que a acusou.

– Sim, é tudo uma invenção, isso de que eu ando metida com...

– Tudo isso me é indiferente – interrompeu-a Arturo. – Explique-me o que fazia ali.

– É complicado de explicar.

– Tente torná-lo simples.

– A minha ocupação principal era analisar os relatórios das visitadoras.

– Quem são as visitadoras?

– Existe uma procura enorme para adotar crianças, por parte de

famílias espanholas e também estrangeiras, em especial italianas. Uma avalanche de pedidos. A nossa missão é procurar que exista um critério nestas perfilhações, porque a prioridade é o bem-estar das crianças, libertá-las das consequências materiais e morais destes tempos agrestes. Os pais adotivos têm de ser pessoas dignas e ter, o mais possível, boas condições de vida.

– Por aquilo que me contaram, os miúdos não conseguem livrar-se dessas consequências.

– Não percebo.

– Falaram-me de castigos muito duros.

– Onde?

– Nesses lares.

Regina olhou-o, dando-lhe a entender que não partilhava em absoluto da sua visão. A sua resposta revelou uma certa tensão.

– A disciplina é necessária, capitão Andrade. Antes da nossa intervenção, morriam de malnutrição, paludismo, febres... Centenas de crianças. Chamavam-lhe «fraqueza congénita».

– Temos de escolher entre a catástrofe e o caos – ironizou Arturo. Contudo, sorriu, para não parecer ameaçador. – Mas, então, estava a dizer que...?

– Explicava-lhe que o meu trabalho era analisar os relatórios das visitadoras. Elas encarregam-se de verificar as condições das famílias de acolhimento. Estava há pouco tempo no cargo quando comecei a detetar certas irregularidades nas adoções.

– Que tipo de irregularidades?

– Demasiado laxismo, raiando a ilegalidade. Quando exprimi as minhas primeiras queixas, descobri que, aparentemente, já toda a gente sabia.

– Defina «toda a gente».

– Os meus superiores.

– E pensa que essa atitude se devia a quê?

Regina encolheu os ombros e ajustou a saia. Arturo apercebeu-se de que Manolete não lhes prestava atenção. Parecia enfeitiçado pelos ângulos de madeira do relógio, cheios de raminhos de flores, e, no centro, a portinhola do cuco.

– Qual poderá ser o seu motivo? – repetiu Arturo, desviando o

olhar para uma zona de parede descascada, que revelava a idade da pintura.

- Pelo que pude saber, havia muito dinheiro a circular.
- Entre quem?
- Entre os responsáveis de topo.
- Tem provas disso?
- Não.
- E a menina, porque não entrou no jogo?

Regina Enciso arregalou os olhos.

- Porque é indigno.

Nesse momento, Manolete disse *agora*, e uma das peças do relógio desceu velozmente com um som semelhante a uma caixa cheia de pregos. A portinha abriu-se e o pequeno pássaro de madeira irrompeu, cantando as horas. Arturo esteve quase a dar-lhe uma pancada, mas aquilo teria alterado ainda mais a mulher.

- Senhor Ramírez... pode-me ir comprar tabaco?
- Tenente, mas o senhor não...
- É uma ordem – interrompeu-o Arturo.

Manolete franziu os lábios e saiu da sala.

- Continuemos, menina. Dizia que é indigno.
- Sim, capitão.
- E mantém a mesma opinião, apesar de a terem despedido...

Apesar da força que procurava aparentar, a repentina vontade de chorar de Regina pôs a descoberto o abalo que o episódio produzira no seu interior. Não obstante, eram lágrimas de raiva. A mulher sacou de um lenço.

- Desculpe.
- Esteja à vontade.

Arturo observou a sua expressão trágica e desolada – o fruto de nos mantermos fiéis a nós mesmos, quando isso é o que mais nos pode prejudicar. No rádio, o consultório sentimental debitava conselhos sobre a melhor maneira de se fazer o marido feliz. Regina conseguiu intercalar uma frase entre suspiros:

- Mas o pior não era isso, capitão.

Arturo sentou as narinas dilatarem-se-lhe.

- O que pode ser pior, Regina?

– Havia outros relatórios mais infelizes.

– Está a falar de quê?

– A maioria das crianças em adoção irregular era órfã, mas havia outras que não, que tinham um pai ou uma mãe vivos, ou ambos. Nestes casos, redigiam-se relatórios que, por vezes, faziam com que os tribunais retirassem a custódia aos progenitores por motivos de falta de idoneidade, fosse por questões morais, dificuldades económicas, razões políticas... – Arturo captou nesta argumentação a extraordinária capacidade das pessoas para assumirem as suas muitas contradições. – Foi aí que encontrei aquela abominação.

O olhar de Regina ficou por momentos perdido e Arturo incentivou-a a continuar. Não conseguia evitar olhar para o ponteiro do relógio, que gradualmente se aproximava da meia hora. A mulher começou a relatar-lhe alguns casos de viúvas ou esposas de militares ou de cidadãos fiéis à República que eram detidas e, quando saíam em liberdade condicional e exigiam os seus filhos, viam a custódia ser-lhes retirada porque as crianças já tinham sido entregues a famílias dignas de mérito. Arturo sentiu eriçarem-se-lhe ligeiramente os cabelos da nuca, mas sorriu, piscou os olhos com força e disse que talvez tudo fosse uma coincidência, que se devia contar com a boa-fé das instituições.

– As mães nunca mais voltam a ver os filhos, compreende? – insistiu a mulher. – E os relatórios que poderiam servir para seguir-lhes o rasto desaparecem, como se essas crianças nunca tivessem existido.

Arturo compreendia. Tanto e tão claramente, que algo se alvoroçou no seu interior, algo que sugeria que havia uma interpretação muito diferente para tudo o que via.

– Pode fazer alguma coisa, capitão? – perguntou Regina, inesperadamente.

A pergunta agradou a Arturo, pareceu-lhe uma questão importante, quase mística; piedosa, de qualquer modo. Se ele podia fazer alguma coisa. *Claro que não*, pensou, não podia introduzir-se entre os raios afiados daquela máquina perfeitamente oleada, não estava disposto a limpar os canos do «contrato social», atulhados de sórdidos excrementos que, década após década, iam endurecendo cada vez

mais. Porque era inútil, mas, acima de tudo, porque era um suicídio. Não obstante, respondeu-lhe que, claro, claro que iria ocupar-se disso, que não era amigo de conluios e que ela deixasse as coisas consigo. Já estava, concluiu, era assim tão fácil tornar-se num novo criado no banquete em que se servia a carne dos próprios filhos.

– Diz que não reconhece a menina morta – voltou a confirmar, lançando um olhar rápido ao relógio. Sete segundos para a meia-hora.

– Não, nunca a vi.

Seis.

– E também não se sabe quem é Catalina.

– Também não.

Cinco.

– Que estranho, não é? Como se chama esse indivíduo com quem teve o tal desaguisado?

Quatro.

– Avelino Canedo.

– Não me é familiar.

– É o ajudante de Gabino Cabañas, o vice-secretário da delegação.

Três.

– Ora, *don* Janota, esse, sim, conheço-o.

Dois.

– Como disse? *Don* quê?

Um.

– Nada, coisas minhas. Ficamos assim, deixe isto nas minhas mãos. Muito obrigado pela sua ajuda.

O cuco saiu disparado de novo e emitiu um único grito.

Sobre um arco semicircular, um escudo sustentado por leões e uma legenda, *De ore leonis libera me*, e, mais acima, na cornija que coroava a fachada, três gárgulas com traços humanos e fantasiosos. Manolete observava-as fumando um tabaco grosso, crepitante. Céu violeta ao entardecer, edifícios dourados. Arturo caminhou até junto dele e consultou o relógio, dando-lhe duas pancadinhas no mostrador.

– Tenente, desculpe-me aquilo, há bocado.

Arturo fez de conta que não ouviu e contou-lhe o resto da entrevista.

– E sabes o que se vai passar se formos interrogar Gabino Cabañas? Vamos lá, ele recebe-nos, conta-nos um monte de mentiras e continuamos a fazer perguntas subindo cada vez mais na hierarquia, até recebermos uma chamada que nos vai mandar pedir desculpas a alguém e sugerir que é melhor não investigarmos mais, que aqui não se passou nada de anormal, e nós dizemos muito obrigado. E ter gente agradecida é algo que convém ao mundo inteiro.

Manolete passou a língua pelos lábios. A sensação de Arturo não era tanto de pesar, mas sim de fraqueza e vergonha.

– Então, não vamos interrogá-lo?

– Claro que vamos.

A resposta deixava muitas coisas subentendidas. Manolete atirou a beata para o chão e colou o queixo ao peito.

– Meu tenente, o senhor, não sei, mas eu tenho fome.

– Eu também.

– Aonde podemos ir?

– Aonde nos deixarem.

Farto. Estava farto dos bandidos, dos seus casacos do Exército Republicano, do medo que lhe faziam, de não poder dormir em paz, mas, acima de tudo, do seu romantismo de merda. Salvador fazia a ronda com a cabeça cheia de ideias negras. Toda a gente sabia que também violavam as raparigas sob pressão ou ameaças, ou por uns ideais de rebeldia e emancipação que tinham pés de barro. O mito libertário da guerrilha não se segurava de pé porque ninguém ignorava que também eles queriam as mulheres decentes e metidas em casa, a cuidar dos filhos, enquanto os homens se dedicavam a armar-se em heróis. Os do monte queriam as suas fêmeas para foder, para lhes transportarem o correio e lhes levarem comida e informações. Tinham perdido a guerra e, quando se perdia uma guerra, era preciso conformar-se e não continuar a foder a vida à gente. O ideal mais não era que uma fonte de sofrimento para todos. Mas não, eles teimavam na sua, e, por causa deles, em vez de tentar viver, Salvador tinha de vigiar os suspeitos, de controlar o pão e os ovos que compravam, para ver se consumiam em excesso e perceber se os estavam a dar de comer aos emboscados, tinha de torturar para extrair informações e intimidar

aqueles que os ajudavam. Como se lhe agradasse fazer aquelas coisas, como se retirasse algum prazer em arrancar-lhes a pele à chibatada ou partir-lhes os dentes com um martelo. Aquilo cabia na cabeça de alguém? Salvador parou e assoou o nariz, tapando uma das narinas. Cheirou o ar, olhou para o céu, para as pedras brancas que capturavam a luz. O sol queimava. Caramba, se queimava. Diziam que o que tornava um lugar nosso era termos lá as sepulturas da família, mas Salvador não queria que a sua estirpe visse aquela terra como sua. Recordava os filhos, a mais pequena nos braços da mãe, puxando os seus longos cabelos castanhos. A esposa, que falava e chorava durante o sono, soltando pequenos gemidos. Já não sentia senão ódio por aqueles cabrões, um ódio puro, sem gradações nem misturas. E se, para ser promovido e conseguir sair daquele buraco, tivesse de matar todos, era isso que faria. Ah, se era...

³ N. da T.: Organização de ajuda humanitária fundada durante a Guerra Civil espanhola, na zona nacionalista, por Mercedes Sanz-Bachiller, viúva de Onésimo Redondo, um dos fundadores das JONS (Juntas de Ofensiva Nacional Sindicalista). Com um relevante papel nos primeiros anos da ditadura franquista, viria, pouco depois, a ser integrada na secção feminina da Falange.

7. A retaguarda

Saía à noite para chupar as torneiras, para procurar tudo o que pudesse comer; rebuscava no depósito de carvão, que era para onde deitavam o lixo da cozinha, sobretudo os talos das couves. Depois, tínhamos de formar e rezar, formar e rezar. Nos serviços religiosos, diziam-nos que Deus entrava em nós, mas eu não sentia o êxtase nem ouvia vozes celestiais. Os castigos e as tarefas eram frequentes e, com o tempo, aprendíamos a ver melhor as coisas, com novos olhos, e aprendíamos a não fazer perguntas, a cantar muito alto, mas a agir em silêncio, sem ninguém perceber, sem ninguém se dar conta. Às vezes, surripiava cadernos e lápis. Aos poucos, fui construindo uma fantasia. Como não acreditava no que eles nos ensinavam, nada fazia sentido para mim; por isso, inventei um mundo em que me sentia bem e onde não existia nem o pecado nem a violência, e nem mesmo Deus. Havia um muro muito comprido que nos rodeava e, na extremidade mais afastada, faltavam alguns tijolos. Eu recortava as folhas de papel e, com alguns pauzinhos e raminhos secos, construí um universo dentro daquele buraco. Monstros, reis, princesas... Fazia representações ali e, algumas vezes, até tive público, outras meninas que riam e aplaudiam. E, entre elas, estava Josefina.

Gabino Cabañas passara a manhã numa das suas visitas oficiais a um lar. Durante o evento, feito de discursos enfadonhos e fotos de propaganda, com serviço religioso incluído, lembrava-se às crianças que tinham uma oportunidade preciosa de voltarem a ser sãos, puros, virtuosos e obedientes, afastando-se do comportamento desviante dos seus pais para se tornarem nos escolhidos de Jesus Cristo e das autoridades. Mas, acima de tudo, recordavam-lhes que aquele lixo que comiam todos os dias era uma oferta, um favor que lhes faziam, uma esmola – a legitimação do seu poder sobre elas, a imposição da sua força. Quando entrou no seu gabinete, encontrou Arturo sentado à sua secretária, distraído com o abre-cartas. Aquele ajudante, que lhe parecia um bocado anormal, estava diante do armário de arquivo, passando revista aos maços de documentos e retirando alguns de quando em quando. O rosto de Gabino não mostrou surpresa; o vice-secretário limitou-se a dar os bons-dias. Arturo convidou-o a avançar,

estendendo a mão.

- Bom dia. Sente-se, por favor.
- O senhor está na minha cadeira.
- Ah, claro. Desculpe-me.

Arturo levantou-se com um gesto dramático e Gabino ocupou o seu lugar sentando-se de lado, de pernas cruzadas. *Mau sinal*, pensou Arturo, aquele tipo não se tinha assustado. Deteve-se junto a uma máquina de escrever e girou o manípulo do rolo nos dois sentidos.

– Bela máquina – comentou.

– Por favor, senhor Ramírez, poderia ter a bondade de parar de brincar com documentos oficiais e fechar o armário? – exigiu Gabino.

Manolete olhou Arturo, que assentiu com a cabeça.

– E, agora, poderão explicar-me por que motivo se introduzem no meu gabinete sem pedir licença, se sentam na minha cadeira e se divertem com os meus dossiês?

– Informaram-nos de certas manobras menos claras.

– Mas do que é que está a falar? – Os seus lábios formaram um O, num arremedo de escândalo e surpresa.

– Denunciaram-nos uma série de irregularidades nas adoções, especialmente no que se refere a crianças filhas de vermelhos.

– Não faltava mais nada. Olhem, essa mulher tem umas ideias, digamos, exuberantes. Porque presumo que terão falado com Regina Enciso.

– Com efeito.

– É uma histérica, promíscua e adúltera, uma nefasta influência para as crianças.

– Não obstante, para lá das suas veleidades, algumas das suas acusações são extremamente graves.

– O senhor tem provas?

– Poderíamos procurá-las.

– Estou à sua disposição, capitão – disse, abrindo os braços. – Todos os relatórios da delegação estão à sua disposição. Mas, antes, tem de me dar licença para fazer uma chamada.

Gabino olhou-o nos olhos. *Don Janota* era um homem cauteloso e os homens assim introduziam variações nos seus hábitos, em especial depois de um sinal de alerta, como teria sido o caso de Regina Enciso.

Por outro lado, tantas e tantas mãos com dificuldades em conceber finalmente na posse de um bebé, que seria a luz dos seus olhos, esposas de homens poderosos em todos os níveis da administração – poderosos, mas sobretudo agradecidos –, também não era coisa de pouca monta. Aquele olhar parecia dizer tudo isto a Arturo.

– Felicidad...

Arturo faz um gesto e Manolete move-se rapidamente.

Ouve-se o estalido de uma navalha a abrir-se.

Os olhos esbugalhados de Gabino ao sentir a lâmina junto à orelha.

Não te mexas, finório, diz-lhe Manolete ao ouvido.

Seria um erro, confirma Arturo.

Os protestos agitados do vice-secretário.

Arturo agarra-lhe uma das mãos com força e separa um dos dedos.

Resistência, luta, insultos.

A navalha que se afunda uns milímetros na carne.

Um fiozinho de sangue, brilhante, deslizando pelo pescoço.

Arturo, apoiando todo o seu peso sobre um ombro, dobra-lhe um dedo para atrás.

A dor aguda, lancinante.

O som de um dedo ao quebrar-se.

Não muito alto.

Um estalido rápido.

Como um petardo ao estourar.

– Chamou-me, *don* Gabino? – perguntou a rapariga, enfiando a cabeça pela abertura da porta.

– Sim, Felicidad. Querem tomar um café? Acho que isto ainda vai demorar um bocado.

– E porque não? – respondeu Arturo, enquanto deixava diluir no seu cérebro aquela cena que se apoderara dele com tal intensidade que mal podia acreditar que tudo não passara de uma ilusão. Ato contínuo, interrompeu Gabino quando este tentava levantar o auscultador do telefone.

– Senhor vice-secretário – começou –, nós, os dois, somos pessoas pragmáticas, camaradas nesta empresa comum, como o senhor bem disse. Não nos interessa bisbilhotar nos seus arquivos, mas encontrar o

indivíduo que matou aquela menina e que possivelmente, e digo apenas possivelmente, estará relacionado com o que aconteceu a Catalina. A mera existência deste sujeito representa um problema tanto para o senhor como para mim, a todos os níveis: burocrático, comercial, político... – À medida que Arturo desenrolava o seu discurso, Manolete não conseguia acreditar no que ouvia. – Trata-se de um tipo que não se importa com a vida humana, nem com fazer bons negócios, um indivíduo que não mostra respeito. Desprovido de moral. Neste contexto, se alguém está envolvido neste terrível assunto, fingir inocência ou impunidade ou qualquer outra coisa é algo que, inevitavelmente, será refutado pelas circunstâncias.

Arturo fez uma pausa e aproximou-se da mesa, pousando a mão sobre uma pasta de couro.

– Acredite no que lhe digo, senhor vice-secretário, a coisa vai ficar preta.

Deixou que as suas palavras fossem penetrando por entre as diversas camadas de burocracia, revanchismo, interesses e indecência. Gabino Cabañas fechou os olhos e compôs uma expressão dolorosa.

– Eu sou o primeiro a lamentar estes acontecimentos, capitão Andrade. Mas que posso fazer?

– Despediu Regina Enciso?

– Eu não passo de um subordinado.

– Que quer dizer com isso?

– Que recebo ordens.

– E de quem partiu essa, em particular?

– E o que ganharia o senhor em saber isso? Tudo assentou em critérios estritamente profissionais.

– E o senhor não tem nada a esconder.

– Eu não.

– Então?

– Simplesmente, é um assunto que não lhe diz respeito.

– Poderíamos obrigá-lo a justificar as suas atividades durante as últimas semanas.

– Poderiam – disse Gabino, inclinando a cabeça com uma leve expressão de troça.

– Poderíamos iniciar uma investigação muito incômoda sobre as

adoções.

– Sim, também poderiam fazer isso.

Gabino abriu uma gaveta e tirou um maço de notas. Lambeu o polegar e contou-as, mexendo os lábios. Formou gradualmente dois montes desiguais.

– Aí tem, para o capitão e para o senhor Ramírez. Não interprete isto de maneira nenhuma; simplesmente, aceite. O dinheiro e a minha palavra de que aqui não há nada para os senhores investigarem. Ninguém se arriscaria a tamanha perfídia.

Arturo olhou para o dinheiro. Ao contrário do que poderia supor-se, este «donativo» era o que o convencia de que talvez o outro não lhe estivesse a mentir: Gabino Cabañas era um hipócrita, o que implicava a consciência de que algo estava mal e era preciso ocultá-lo. Um cínico nem sequer teria admitido tal circunstância.

– Senhor vice-secretário, deveria considerar o risco de que possam fazer de si o bode expiatório nesta história toda.

– Nesse caso, a culpa seria inteiramente minha, não acha?

– Correto. Nesta vida, qualquer um pode fazer o que lhe der na gana, desde que seja capaz de acarretar com as consequências.

– O senhor é um filósofo.

– É o que me costumam dizer.

– Não tem outra dessas frases brilhantes para dar por concluído este encontro?

– No fim, sempre vence a estupidez, a nossa ou a dos outros. Dá no mesmo.

– É como lhe disse: o senhor enganou-se na profissão.

Depois, juntou ambos os maços, alinhou as notas com golpes secos e voltou a guardar o dinheiro na gaveta. A expressão na cara de Manolete era indescritível. Felicidad pediu licença e entrou, carregando uma bandeja com café fumegante.

– Olhe que pena, mesmo quando nos preparávamos para partir – lamentou Arturo.

Felicidad olhava-os alternadamente, sem compreender aquela interação.

– *Don* Gabino, o açúcar acabou.

– Há mel de sobra. Veja naquele armário. Então, os senhores

diziam que se iam embora...

– De coração partido. Só mais uma coisa.

– Diga, faz favor.

– Por acaso, não se lembra de como se chama aquele cantor que cantava *La noche que te conocí*?

Gabino Cabañas aparentou desorientação, mas deu seguimento à representação.

– Não, não me lembro.

– E a senhora, Felicidad, lembra-se?

– Não me diz nada.

– Que pena – disse Arturo, sinceramente desgostoso.

A seguir despediu-se e saiu do gabinete, seguido por Manolete. Gabino sorriu para a mulher.

– Muito obrigado, Felicidad. Sirva-me um, por favor.

A mulher serviu-lhe o café e, quando ficou de novo a sós, Gabino inalou o aroma do líquido, bebendo-o em pequenos goles, com o olhar absorto. Sentia-se apático, confuso. Depois, ergueu-se resolutamente, agarrou no chapéu e deixou recado no serviço de que se iria ausentar. Ao sair pela porta do edifício, provocou uma debandada de pombos que se elevaram no ar, para logo voltarem a pousar. Gabino tinha o carro estacionado nas proximidades. Sentou-se ao volante, bateu a porta com estrondo e começou a descer a estrada para Guadalupe.

Quando Gabino chegou perto do vulto de uma grande serra, parou o carro à sombra de um bosque de azinheiras. À distância, ouvia-se o som de gado a pastar, espalhado pela planície. O vice-secretário subiu um barranco e avançou por um trilho no monte, esmagando, na sua marcha, um minúsculo crânio de pássaro, frágil como uma casca de ovo. Passou por um grande lamaçal à sua esquerda, quente sob a luz do sol; uma finíssima serpentina de fumo elevava-se à distância. Gabino chegou a uma propriedade rústica com uma cerca de arame. Com cuidado para não prender as calças, avançou a barreira, passando uma perna por cima e, depois, a outra. Nessa altura, avistou um homem que, a poucas centenas de metros, se movia por entre colmeias com um fumigador.

– Que surpresa.

- Achei que devias estar aqui.
- Isto descontraí-me.
- Temos de falar.
- Deve ser importante.
- Sim.

Gabino ficou a contemplar a careta do seu interlocutor até que este retirou um dos quadros de uma colmeia e o examinou, voltando a colocá-lo no mesmo sítio.

- Não fiques aí. Aproxima-te.
- É perigoso.
- Só se ficares nervoso.

Gabino Cabañas detetou um tom de comando na voz do homem. O zumbido selvagem dos favos, o resplendor violento do meio-dia. Reparou que uma gota de suor lhe escorria de uma têmpora. Aproximou-se do apicultor. Uma abelha veio pousar em cima dele, fazendo-o transpirar ainda mais. Ergueu a mão.

- Nem penses em tocar-lhe.

- E, então, faço o quê?

– Deixa-te estar quietinho. Seja o que for que me vieste contar, não tem nem metade da importância da vida dessa abelha. Há muitas espécies, mas esta, a abelha melífera, é a mais extraordinária. O seu corpo carrega-se de eletricidade estática e, quando recolhe o néctar e o pólen das flores, há partículas que se colam a ela, o que lhe permite transportá-las de uma flor para a outra. Semente e fruto, uma equação simples, universal, mas sobretudo vital – disse, indicando uma das colmeias. – Em cada uma há sessenta mil abelhas. Dois terços saem em busca de alimento e cada uma das obreiras faz até trinta saídas diárias, fertilizando umas cinquenta flores em cada viagem. Uma só colmeia é capaz de polinizar setecentos hectares e, se as abelhas desaparecessem, tu não viverias por muito mais tempo. Arroz, trigo, cevada, alfafa, fruta, azeite, vinho, amêndoas, legumes... Tudo desapareceria ou seria tão raro e precioso como o ouro. Quase tudo existe graças a elas. Por isso, se matares essa abelha, não estás a fazer nenhum favor a ti mesmo.

Gabino Cabañas observou o inseto, deu-lhe um toquezinho, como se se tratasse de um berlinde, e a abelha saiu disparada.

- Aqueles dois vieram hoje ao meu gabinete.
- E...?
- Fizeram-me perguntas.
- Deixa-os fazer.
- Eu também tenho uma pergunta.
- Tens recebido o dinheiro, não?
- Não é isso.
- Então, o que é?
- Temos algo que ver com o que aconteceu àquelas miúdas?

Há certas memórias que cortam como vidros partidos. Mencía recordava o início da guerra, naquele mês de março em que, graças à Federação de Trabalhadores, ocuparam mais de três mil quintas, cumprindo um sonho de gerações. Muitos milhares de camponeses puderam finalmente agarrar a terra entre as suas mãos, quebrar a sua cadeia secular de pobreza e opressão. Os discursos tinham transformado as mulheres, que só sabiam cerzir, lavar e cozinhar, em mentes abertas ao sentido da justiça, ao afloramento da dignidade. Tinham aprendido a ler e a escrever, cultivavam a terra, conduziam camiões, cuidavam dos feridos e enterravam os próprios filhos. Tinham combatido porque sabiam que perder significava voltarem a ser oprimidas. Todas estas palavras que haviam ecoado entre sonoras ovações categóricas queimavam-lhe agora os lábios.

Era o demónio da comparação.

Que lhe falava baixinho.

Agora só lhes restava a perseguição, os espancamentos, a fome, as purgas com óleo de rícino.

E a certeza de que, se não continuassem a combater, as suas convicções morreriam.

Ajustou a mão na faixa que lhe segurava o braço ao peito e olhou as suas raquíticas galinhas, que bicavam, aqui e ali, num solo por onde corriam águas de esgoto. Atrás delas, perseguindo-as, a sua filha mais nova, Eulalia, encantadora, transbordante de afetuosa cumplicidade. A observá-la, a mais velha, Nieves, bonita e séria, com o seu corpo metamorfoseando-se, o que a assustava, fascinava e desconcertava. As duas faziam parte de Mencía, como o dedo partido, como uma perna,

como um olho. Lembrava-se dos detalhes das suas vidas, dos seus gritos infantis, das suas dores, das suas boas e más ações, das emoções compartilhadas. Eram as únicas que estavam realmente vivas e era assim que tornavam possível a Mencía continuar a viver. Um desejo veemente, tão forte e tão essencial, que, nesse momento, fazia com que dentro dela crescesse mais vida. Mencía pousou a mão sobre a barriga; sentia-se onipotente e orgulhosa, apesar das náuseas, dos espasmos e dos tremores. Mas também sentia medo. Ainda não se notava a silhueta arredondada do ventre, mas os seus seios tinham começado a inchar, a supurar leite. E tinha a certeza de que aquele capitão percebera. A sua dúvida era se ele sabia quem ela era, com quem era casada. Ventura Rodríguez, o Califa, um dos guerrilheiros mais procurados de Cáceres e o homem que a fodia com a alegria de um desterrado que regressava à pátria. Este era o fruto dos seus arriscadíssimos encontros furtivos, o ponto fraco que todos procuravam. E os vizinhos denunciavam cedendo à pressão, ou acicatados pelas recompensas, ou por estarem cansados de viver entre dois fogos, ou sob os efeitos da tortura, ou simplesmente pela fadiga produzida pelos contínuos interrogatórios. Como protegê-lo. Como se proteger. Corriam rumores infames, terríveis, sobre recém-nascidos que eram retirados da prisão e depois desapareciam, mães que viajavam por todo o país à sua procura, incapazes de encontrar qualquer pista. Não, Mencía podia suportar tudo, mas aquilo não, aquilo não. E agora chegara aquela carta. Tirou-a do bolso outra vez e leu-a, murmurando cada palavra, prolongando o prazer e a esperança.

O tipo chamava-se Paquín e era enorme: dois metros de cantoneiro. Vestia calças de bombazina e camisa de linho, com um colete azul-claro, e na cabeça trazia uma boina com uma roseta. Cumprindo as ordens de Arturo, Manolete encontrara-o a trabalhar com outro grupo, longe da sua secção, na direcção de Salamanca. Naquele momento, os três subiam o barranco íngreme rumo à casinha de pedra. Paquín estava encarregado da manutenção daquele trecho da estrada desde há alguns anos e ficava habitualmente naquela casa. A sua família, contudo, mudara-se para Malpartida, para que as crianças pudessem ir à escola, e o cantoneiro conformava-se com

visitá-la uma vez por mês, para dormir com a patroa e se abastecer de comida e roupa limpa. Manolete e o homem conversavam animadamente enquanto caminhavam. Quando chegaram à casinha, beberam um gole de água e molharam o rosto e o pescoço. Arturo olhou para a paisagem, a faixa de estrada que serpenteava entre o anfiteatro de colinas. Enormes aves de rapina permaneciam suspensas no ar. Sentia-se um cheiro a madeira queimada. Não era desagradável.

– Esta terra seria capaz de beber toda a água do céu – disse.

Manolete, com os braços dobrados encostados à cintura, olhou na sua direção. O cantoneiro, colocando a mão por cima dos olhos, concentrou-se na serra negra.

– Tudo aquilo ardeu – disse.

Arturo recordou a noite pontilhada de chamas.

– Estavas aqui?

– Não, passei a noite com o resto da brigada.

– Mas habitualmente estás cá.

– Sim.

– Como é a jornada?

– De sol a sol. Tenho a meu cargo estes cinco quilómetros – indicou a estrada. – Percorro o meu troço algumas vezes por semana, encho os buracos, limpo as valetas, verifico a estrutura do pavimento...

– Como te disse, procuro um carro que possa ter furado um pneu.

– Com o asfalto assim, há furos quase todos os dias.

– Noutro dia, passei por ali – Arturo esticou o braço na direção de uma zona do terreno – e estava especialmente mal.

– Sim, estou a trabalhar aí.

– Ocorreu-me que talvez, com tanto buraco, o pneu pudesse ter furado naquela zona.

– Pois, olhe, não me lembro de ter visto nada.

– Pensa melhor.

– Não, não, mas se o senhor diz que houve um furo, devem ter levado o carro para alguma garagem.

– Estamos a verificar isso.

– Pois, olhe, não sei.

Paquín enfiou uma mão na faixa que lhe rodeava a cintura e coçou o pescoço com a outra. O seu rosto exibia perplexidade e desconsolo.

– Deve ser difícil passar tanto tempo sozinho – sugeriu Arturo, procurando a sua cumplicidade.

– A princípio, sim, mas uma pessoa habitua-se a tudo. Embora o meio-dia continue a custar muito.

– O demónio do meridiano – disse Arturo, ensimesmado –, quando as ninfas excitam os caminhantes e Pã ensina a arte do onanismo aos jovens pastores solitários.

Paquín e Manolete observaram-no. O cantoneiro dirigiu uma pergunta silenciosa a Manolete, que fez uma careta retirando importância ao comentário de Arturo. *Coisas do chefe*, parecia dizer.

– E como se dá com os guerrilheiros? – perguntou Arturo.

– Como posso. Espere, olhe o que encontrei ontem.

Aproximou-se da porta da casa, abriu e entrou. Voltou a sair com um maço de panfletos e entregou um a Arturo e outro a Manolete. Tratava-se de propaganda com ideais e orientações, chamadas de atenção às massas camponesas e operárias, sempre com o objetivo de derrubar o Caudilho, reinstaurar a República e distribuir as terras.

– Diz-se que cada vez estão mais perto da raia portuguesa – disse Paquín. – Às vezes, mandam camiões cheios de guardas e soldados investigar.

– E, aqui, ouve-se a Rádio Pirenaica?

O cantoneiro olhou para ele, sem conseguir perceber se se tratava de uma pergunta com rasteira.

– Não tenho rádio.

– E não tem medo?

– Eu não os vejo e eles não me veem a mim.

Arturo rasgou o papel em pedacinhos e deitou-os fora.

– Então, diz que não viu nenhum carro.

– Não.

– Pois, muito bem. Tem de voltar ao trabalho...

– Sim, vou descer com os senhores.

O homem voltou a entrar em casa e regressou com uma cesta de vime e uma enxada. Os três desceram tranquilamente por um talvegue em direção ao carro. Arturo perguntou ao cantoneiro se queria que o deixassem em algum lado, mas o homem preferiu ir a pé: tinha de inspecionar o estado das valetas. Despediram-se e Manolete ligou o

carro por entre um forte cheiro a gasolina. Não tinham percorrido nem cem metros quando ouviram os gritos do cantoneiro – olhando pelo retrovisor, distinguiram a sua figura enorme agitando os braços freneticamente. Manolete travou a fundo, levantando uma nuvem de poeira. Arturo saiu e esperou com um pé no estribo. O homem veio a correr e, gesticulando profusamente, contou-lhes algo de que se recordara. A boca de Arturo torceu-se num trejeito, agradeceu a informação e fechou a porta com um golpe seco. Ordenou a Manolete que arrancasse e dedicou-se a observar pela janela como a serra mudava, assumindo diferentes formas à medida que avançavam. Quando chegaram ao trecho da estrada em mau estado, Arturo mandou Manolete parar e seguiu-o com o carro. Depois, saiu e caminhou com os olhos no chão, procurando não sabia bem o quê. Pedra desfeita e areia, com contínuos buracos e altos, esqueletos ressequidos de sapos esmagados, algum lixo, valetas cheias de ervas daninhas. Passaram diante de uma casa em ruínas. Cruzaram-se com uma camponesa enlutada montada num burro, sobrecarregado pelo seu peso e o de grandes seiras de esparto. Sempre atrás de Arturo, o carro avançava lentamente, passando por cima de cada depressão. De vez em quando, Arturo parava, tirava os óculos escuros, observava o vulto semicircular das montanhas. Quando entraram na parte com o pavimento reparado, entrou no carro e mandou Manolete dirigir-se ao campo onde tinham encontrado a menina. Não tardaram a chegar ao desvio que conduzia ao azinhal. Estacionaram o carro à sombra de uma árvore e dirigiram-se para aquela zona de terreno, seca e quebradiça.

– Encontraram-na aqui – indicou Arturo. – Foram os porcos que a desenterraram.

– Os porcos.

– Sim, uma vara de porcos.

– Uma vara.

– E olha que este sítio é bem bonito.

– É.

– Tu percebes? São as pessoas que lixam tudo. São as pessoas que estragam as coisas.

Manolete ficou em silêncio. Permaneceu a seu lado, unicamente

para que Arturo sentisse a presença de um amigo, mas este pediu-lhe que o deixasse sozinho por uns minutos.

Os insetos amontoavam-se, esvoaçantes, em torno da lâmpada amarelada no alto de um poste, formando uma malha densa que tornava a luz ainda mais ténue. Arturo observava a sua luta feroz por serem exterminados por aquilo que consideravam o epítome da beleza. Quando se cansou de contemplar a imolação, foi para o quartel. Estava com fome e exausto, tinha os pés a fumegar; reviraria os armários, algo haveria de encontrar, lembrava-se de que, em algum sítio, havia uma garrafa de vinho escuro e azedo. À medida que se aproximava, constatou, com desconfiança, que as persianas se encontravam fechadas e delineadas por fendas de luz. Algo absurdo e desenfreado começou a soar dentro da sua cabeça, mas suprimiu o gesto de levar a mão à arma e bateu suavemente à porta. Nicolás veio abrir e, quando lhe deu as boas-noites sem o olhar nos olhos, Arturo confirmou o que a sua intuição já farejara. Entrou na sala e encontrou um quadro que, embora inesperado, não era surpreendente.

De pé, ao lado da máquina de escrever, Mauricio Retuerta, o chefe da milícia; sentado à mesa, estava Álvaro, o cobardolas que maltratara Mencía, juntamente com um estranho da mesma cepa, que lhe foi apresentado como Expósito. Entre os três, já tinham dividido a garrafa de vinho. Nicolás mantinha-se no meio da sala, com um olhar entre a desculpa e a censura. Havia armas por todo o lado.

- Boa noite – cumprimentou. – Que boa surpresa.
- Boa noite, capitão – respondeu Mauricio.
- A que devemos o prazer da sua visita?
- Hoje, tocava-nos a inspeção, estivemos a bater o monte.
- E caçaram alguma coisa?
- Nada – cuspiu Álvaro, com uma expressão zangada.
- É preciso continuar a insistir. Tenho fome. – Olhou para Nicolás.
- Ainda temos alguma coisa que se coma?
- Há qualquer coisa.

O grupo pareceu desiludido pela sua pergunta, o que agradou a Arturo. Passou revista a uns armários e retirou do interior um pão coberto por uma finíssima camada de bolor e um pedaço de salpicão.

A pedra continuava sobre a mesa.

– São servidos? – ofereceu Arturo.

– Não, obrigado – disse Mauricio. – Álvaro, que te deu, não dá um copo de vinho ao capitão?

Álvaro, com uma expressão de fastio e condescendência, procurou um copo e encheu-o. Arturo comeu devagar.

– E como vai a investigação? – interessou-se Mauricio.

– Vai indo.

– Não nos quer dizer nada...

– Prefiro esperar até ter uma visão mais definida das coisas.

– Talvez pudéssemos ajudar.

Arturo continuou a mastigar lentamente.

Expósito olhava-o como se estivesse pendurado no gancho de um talho.

Álvaro bebeu um gole de vinho.

Mauricio transferiu o peso de um pé para o outro.

Nicolás esfregou as mãos com força.

– Esta tarde contaram-me uma coisa interessante – disse Arturo.

– O quê? – perguntou Mauricio, com interesse.

– Parece que havia um destacamento de presos a trabalhar perto da aldeia. Estavam a ajudar a reparar um troço da estrada. Sabem alguma coisa sobre esse assunto?

Perante o mutismo geral, Nicolás viu-se obrigado a intervir.

– São os do canal, trouxeram-nos de reforço porque nunca mais acabavam de arranjar esse bocado da estrada.

– Que é isso do canal?

– O canal do Baixo Guadalquivir. Para transformar as terras em regadio e levar água até Sevilha.

– E onde estão agora?

– Foram devolvidos.

– Porque lhe interessam? – perguntou Mauricio.

– Talvez tenham visto alguma coisa.

– A única coisa que essas cobras vão ver é Satanás, quando lhes derem um tiro – exclamou Álvaro.

– Não há mais vinho? – perguntou Expósito, servindo-se dos restos da garrafa.

Arturo acabou de jantar. Apercebia-se de algo nos rostos dos homens, como se estivessem a aguardar ou a adiar alguma coisa. Ouviu uma porta fechar-se e passos que avançavam pelo corredor. Arturo não achava possível que tivessem deixado aberta a porta da cela de Diego Peinado; todos os olhos convergiram para um ponto. Sob a ombreira da porta, apareceu um homem baixo, na casa dos sessenta, com sobrancelhas semelhantes a asas de morcego. Exibia um tremor constante no lado esquerdo da cara. Quando se apercebeu de Arturo, o seu olhar tornou-se rígido e inquisitivo.

– Capitão Arturo Andrade – Mauricio enfatizou o seu nome –, apresento-lhe Arcadio Iraozí.

– Aliás, o Sem-Remédio – acrescentou Álvaro.

Cumprimentaram-se e Nicolás apressou-se a chegar-lhe uma cadeira. Mauricio observou Arturo com uma expressão resoluta. Arcadio parecia negligente ou indeciso; alheado, de qualquer maneira. Talvez estivesse preocupado com alguma coisa ou mergulhado em pensamentos profundos. Arturo decidiu tomar a iniciativa.

– Nicolás, porque estava este homem na cela do suspeito?

O guarda ficou calado, sob o efeito da surpresa e da contrariedade.

– Sabes a punição que te posso dar por isto? – irritou-se Arturo.

– Estávamos a verificar uma história, capitão Andrade – interveio Mauricio.

– Sem a minha autorização – venceu.

– O nosso Generalíssimo diz que continuamos em guerra e, em tempo de guerra, há prioridades.

– Como, por exemplo...?

Mauricio mordeu o lábio como se acabasse de compreender que estava a seguir uma estratégia desastrosa. Apoiou a mão no ombro de Arcadio, que observava Arturo como se não lhe importassem as suas palavras, mas apenas o seu rosto, os seus gestos, as suas mãos.

– Álvaro, sabes porque chamam Sem-Remédio ao nosso amigo?

– Os vermelhos tentaram executá-lo duas vezes. As duas com cartuchos.

– E isso foi onde?

– Durante o cerco. Em Badajoz.

A palavra incendiou a mente de Arturo. Cadáveres enchendo as

ruas, arrastados pelo rio. Mulheres. Crianças. Velhos. Homens. Castrados. Violados. Com cruzeiros gravadas a golpes de faca, e oficiais que os fotografavam.

– A seguir àquilo, ficou avariado dos nervos – acrescentou Mauricio. – Disseram-me que o senhor esteve lá durante a altura pior, capitão.

– Estava na cadeia. Soltaram-me quando libertaram a cidade.

– O bêbedo afirma que o senhor esteve na defesa da cidade. Veja como o álcool lhe deu cabo do cérebro.

Arturo trespassou Nicolás com o olhar. O guarda desviou os olhos. Sorriu. Coçou o braço.

– Que credibilidade acha que tem um suspeito de homicídio?

Com aquela frase acabava de escancarar uma porta que até esse momento resistira a abrir.

– Ainda há vinho? – insistiu Expósito.

Nicolás aproveitou a pausa para se afastar de Arturo e ir buscar outra garrafa. Mantiveram-se todos em silêncio, enquanto introduzia o saca-rolhas e puxava. A rolha partiu-se e metade ficou enfiada no gargalo. Nicolás foi forçado a fazer nova perfuração, mas o pedaço de rolha desfez-se e caiu dentro da garrafa. Nicolás serviu o vinho num silêncio que ninguém se atrevia a quebrar.

– Eu vi o Belmonte tourear na praça de Badajoz – decidiu-se Álvaro –, fazia umas meias verónicas que desorientavam o touro. Não imaginam como enroscava o capote até deixar o touro paralisado. Depois, retirava-se muito placidamente, arrastando o capote.

– Nessa arena, não tourearam só bichos, certo, Arcadio? – perguntou Mauricio.

Filas de homens em direção à praça de touros. Desde a praça da República. Desde a praça de San Juan.

– Certo.

– O senhor tomou parte no que se passou na praça, capitão Andrade?

– Cumpri o meu dever.

– Dizem que foi uma carnificina.

As metralhadoras fixadas na segunda fila de assentos atrás dos touris. Disparando. As vítimas retiradas pela porta dos cavalos.

Centenas.

– Exageram – disse Arturo. – A única vitória que sobra ao alcance dos vermelhos é fazer um relato diferente da sua derrota.

Queimadas. Os restos mortais enterrados em grandes valas no cemitério.

– Tiveram o que mereciam.

– Mas olhe que é estranho que este Diego insista em dizer que o senhor andou aos tiros ao lado dos vermelhos.

Os lábios de Mauricio sorriram, mas os olhos não.

O cheiro a cordite das metralhadoras.

Álvaro aperta o seu copo com uma força desnecessária.

O sangue viscoso cega os olhos.

Expósito permanece concentrado no seu vinho.

O horizonte deformado pelo calor.

Nicolás mantém o olhar desviado, com os punhos cerrados.

Arcadio continua a esquadrihá-lo.

Arturo sentiu uma pontada súbita de dor mesmo abaixo do coração, que o deixa ofegante: Arcadio dirigira um olhar significativo a Mauricio, que se aproximou e se colocou entre ele e Arturo. Este só conseguiu ver como Arcadio lhe murmurou algo ao ouvido, fazendo o seu rosto alterar-se. Naquele momento, as luzes apagaram-se. No escuro, ouviu-se os homens a praguejarem.

Arturo levantou-se, procurou um canto da sala e sacou da pistola. Calculou as diferentes posições dos outros homens, ouviu movimentos. Ninguém falava, como se não quisessem trair a sua presença. No momento em que a luz regressou, pôde ver-se que todos se tinham movido ligeiramente, à exceção de Arcadio e Maurício. Quando este descobriu Arturo, formou-se nos seus lábios o sorriso característico e insuportável dos iniciados. Os seus olhos não se desviavam da arma de Arturo, que a guardou lentamente, sem qualquer pretexto.

– De que tem medo, capitão? – perguntou-lhe Mauricio.

– Dos equívocos.

Mauricio conservou o sorriso, enquanto Arcadio empurrava a cadeira para atrás e se punha em pé. Os espasmos no seu rosto tinham-se intensificado; dirigiu-se à porta, dando as boas-noites a todos. Álvaro e Expósito dirigiram um olhar nervoso a Mauricio, a que

este respondeu com um gesto imperioso.

– Bem, Nicolás – disse Mauricio –, já abusámos demasiado da tua hospitalidade. É altura de irmos embora.

Os camaradas de Nicolás passaram por trás dele em direção à porta – Álvaro com os olhos arregalados, Expósito apressando-se a esvaziar o copo – e Mauricio despediu-se com um cumprimento breve. Arturo não respondeu e ficou a sós com Nicolás.

– Acho que também vou – disse o guarda.

Arturo esteve quase a detê-lo, mas limitou-se a deixá-lo fugir. Quando a porta se fechou, sentou-se, pegou na garrafa e encheu o copo. Esvaziou-o e encheu-o de novo. A sua mão estava prestes a pegar na garrafa novamente, mas interrompeu o gesto. Foi até à célula do professor, abriu a porta, acendeu a luz mortiça e sentou-se no chão, com as costas contra a parede. Um cheiro azedo inundou-lhe o nariz. Diego Peinado continuava na mesma posição; observava cada movimento com um silêncio taciturno.

– Não fica bem falar nas costas das pessoas – censurou-o Arturo, com voz roufenha.

– Já lhe disse: não penso recordar as coisas como o senhor quer.

Arturo soltou um suspiro.

– Maldito seja, Diego. Não seja estúpido. O que ganha ao manter esta farsa?

– Decência.

– Condenando-me a mim?

– Todos temos de pagar. Eu já estou a pagar pelo que fiz, é insuportável, mas o álcool é bom para ajudar a esquecer. E o senhor também tem de pagar, é a única maneira de o mundo poder continuar.

– Ao mundo tudo é indiferente, será que não entende? Temos de aprender a esquecer.

O professor permaneceu em silêncio. O seu rosto era categórico, exibía uma firme resistência.

– E o que é feito da sua mulher, das suas filhas?

– Devem estar bem.

– Que lhe aconteceu, Diego? Conte-me.

– Não é da sua conta.

– Todos sofremos golpes terríveis, perdemos braços, amigos,

sentimentos... Mas continuamos com a vida como podemos.

Arturo observou o braço esquerdo amputado do professor. Diego seguiu o seu olhar.

– Sinto-o a latejar – confessou de repente –, às vezes é como se estivesse ali outra vez, como se a minha cabeça não se conformasse com tê-lo perdido.

Como um fantasma.

Como o professor se sentia.

Observando o resto das pessoas.

A sua capacidade para serem felizes, acumularem energia.

E, agora, encontrava-se imóvel.

Isolado.

Cruelmente afastado de prazeres e desejos.

Doente de saudades. De ciúmes.

Arturo não conseguiu decifrar nada disto, apenas confirmar que aquele homem estava para além do pudor, do orgulho, da culpa, do desejo ou da esperança. Ergueu-se a custo e permaneceu mais uns segundos na cela.

– Nunca disse isto a ninguém, Diego... – Arturo forçou-se a continuar –, mas, de cada vez que mato ou exerço violência de alguma maneira, algo morre dentro de mim.

Como única resposta, Diego deitou-se na enxerga e cobriu os olhos com o braço que lhe restava.

8. Os jogos subterrâneos

- E como disse que se chamava?
- Perfecto Arrogante García, meu capitão.
- Pensei que tinha ouvido mal. Um nome do camandro.
- Vá dizer isso ao meu pai. Foi ele que meteu na cabeça pôr-mo.
- E porque não o mudou?
- A gente deve respeitar a vontade dos pais.

Estavam em cima de um sifão invertido, em betão armado, que ia a meio da construção, acompanhados por um dos guardas-cíveis que montavam sentinela. Arturo, ofuscado pelo sol, voltou a pôr os óculos e desviou o olhar do rosto vermelho, de lábios grossos, do capataz para as obras de encanação do Baixo Guadalquivir. Betoneiras, gruas, motobombas... Um bulício de presos estendia-se até onde a vista alcançava: aplicavam-se no trabalho de picareta na mão, nivelavam o cimento com as suas espátulas, pressionavam com o pé para ajudar a enterrar a pá no solo, carregavam carroças. Muitos vestiam apenas uma tanga, enquanto abriam o imenso sulco que transformaria os pântanos e as planícies secas em terras férteis. Aquela era uma das muitas colónias penais – outro eufemismo – que proliferavam por todo o país, dedicadas à profilaxia social baseada na escravização dos seus hóspedes. Era um negócio perfeito para toda a gente. O Estado alugava os presos a tanto ao dia às empresas de construção, os empregadores pagavam salários abaixo do mínimo nacional e os proprietários das terras aumentavam a produção e valorizavam os terrenos. Qualquer um dos marxistas que ali se matavam a trabalhar definiria a situação como «acumulação primitiva de capital». E assim era, pensou Arturo.

- Como vão as coisas?
- Vão indo, mas ‘inda falta muito quilómetro. Isto tem de chegar até à barragem de Lebrija.
- Então, falta mesmo. Mas parece-me que eles estão a trabalhar no duro.
- É sua obrigação arranjar o que estragaram.
- E de onde os trazem?
- Há de tudo. Até temos padres bascos.

- Sacerdotes?
- Padres nacionalistas.
- Ah, percebo.

Arturo observou como dois dos presos carregavam entre si um companheiro com o nariz ensanguentado, dobrado num ângulo estranho.

- Os acidentes são normais – esclareceu o capataz.
 - Sim, claro. Disseram-me que o senhor sabe onde estão os presos que foram enviados para Cáceres.
 - Ah, os da brigada de terra. Esses são itinerantes, andam aqui perto. Para que os quer?
 - Tenho de lhes fazer umas perguntas.
- O capataz olhou-o com desagrado.
- Venha comigo.
 - Precisa de mim, meu capitão? – perguntou o guarda.
 - Não, continue o que estava a fazer.

Arturo despediu-se, fazendo a saudação, e seguiu o capataz até à extremidade do canal. Em ambas as margens, silhuetas de guardas a cavalo, com as espingardas a tiracolo, vigiavam o trabalho. Os dois homens aproximaram-se de um grupo que se servia de uma grossa barra de ferro como alavanca para deslocar uma rocha; por fim, conseguiram virá-la. Quando o capataz os mandou parar o trabalho, os trabalhadores formaram um quadro andrajoso. Pele e osso, queimados pelo sol, com sandálias feitas de pneus de automóvel, vestidos com velhos uniformes italianos e a humilhação estampada nos olhos. As suas vidas desfaziam-se como a ponta de uma corda desfiada, e eles sabiam-no. Depois de o capataz os apresentar a Arturo, este tomou a palavra para explicar aos homens o seu propósito, deixando claro que não se tratava de uma questão de partidos, mas de integridade.

– O que eu queria saber – continuou – é se algum de vocês viu alguma coisa naquela noite. Do sítio onde montaram o vosso acampamento, tinham uma boa perspectiva da estrada.

O único movimento do grupo deu-se à direita: o homem mais afastado cuspiu para o chão de maneira teatral.

- Não façam o capitão perder tempo – instou-os o capataz, com

brutalidade.

– Ninguém viu nada? – insistiu Arturo.

– E, depois, se alguém viu?...

Arturo virou-se de lado para observar o homem que falara e que tinha uma curiosa maneira de acentuar as palavras. Era um tipo de ombros largos e pernas curtas. Apoiava uma das mãos num adolescente ossudo e macilento, que o observava com a expressão de um cachorro que deseja imitar o cão adulto.

– Sempre tiveste a mania que és engraçado, Bejarano, vou ensinar-te a responder em condições.

O capataz dispunha-se a agarrar no tal Bejarano, mas Arturo deteve-o e sussurrou-lhe ao ouvido:

– Nunca bata num homem na frente do filho, não o transforme num herói, o rapaz já terá oportunidade de ver que ele é um miserável. Deixe-me tratar disto.

Com uma expressão contida, cheia de ódio, o capataz deu meia-volta e afastou-se a praguejar. Arturo lambeu os lábios.

– Isto é entre os senhores e eu – disse, olhando-os um a um.

– O senhor é fascista?

– O que nos juntou aqui não tem nada que ver com política.

– Tudo tem que ver com política.

Arturo sorriu com amargura e puxou da fotografia da menina, entregando-a ao homem mais próximo e pedindo que a passassem. Durante alguns minutos, apenas se ouviu um ruído metálico de pás e picaretas, entremeado por ordens e gritos. A foto regressou às mãos do primeiro homem, que a devolveu a Arturo.

– Isto não muda nada – disse Bejarano. – O que é que ganhamos com isto?

– Que ninguém se ocupe dos teus dedos e possas continuar a contar até cinco.

– Já nos torturaram. A todos.

Arturo tirou os óculos. Tinha uma mancha vermelha na cana do nariz. Contemplou aquele ranhoso: a sempiterna, ativa, maliciosa e obstinada pobreza espanhola.

– E também falas por todos?

Os homens olharam-se entre si num conselho silencioso. Ninguém

o contradisse. Arturo assentiu com seriedade.

– À minha frente.

Fez um gesto com o braço, aguardou que Bejarano passasse diante dele e caminhou atrás da sua nuca gretada.

– Aonde vamos?

– Tu, limita-te a andar.

Gabino Cabañas sorriu obsequiosamente, enquanto se oferecia para servir o gaspacho que o empregado lhes trouxera. Estava num compartimento privado de um restaurante, partilhando a mesa com Segundo Navarro e a esposa deste. O empresário era um dos doadores mais generosos da obra, um homem eloquente e pensativo, e Dona Concha uma jovem doce e vivaz. Recebera a chamada do casal uma semana antes e, diante das reticências e hesitações durante a conversa, preparara a reunião cuidadosamente.

– *Don* Gabino, o senhor acha que há alguma hipótese? – inquiriu a esposa.

Gabino dirigiu-lhe um olhar de encorajamento, enquanto lhe servia o gaspacho.

– Por favor, trate-me por tu, querida Concha, estamos entre amigos. É claro que há, especialmente se o pedido vem dos senhores. Querem mais? – perguntou, com a colher suspensa.

– Já chega, muito obrigada.

– Muito bem. – Serviu-se a si mesmo. – Na realidade, já comecei a trabalhar no vosso caso. Neste momento, é a minha prioridade.

– Agradeço-te muito, Cabañas – disse Segundo.

– Para sermos honestos, são vocês que fazem um favor ao país. Sem a vossa generosidade, todas estas criaturinhas estariam condenadas ao abandono ou, o que é pior, à má influência de uns pais antipatrióticos e, assim, expostas a uma educação amoral.

– Vamos tomar conta dele como se fosse nosso – enfatizou a esposa.

– Já é teu, Concha, já é teu. – Gabino enfiou a mão num bolso interior do casaco, retirou um envelope da cor da canela e fê-lo deslizar sobre a mesa. – Aqui têm tudo aquilo de que precisam.

Segundo Navarro, que nesse momento limpava os lábios com

toquezinhos do guardanapo, pegou no envelope. A aba não estava colada; tirou uns papéis do interior, que folheu superficialmente.

– E não haverá problemas no futuro?

– Nada disto passa pelos juízes. No envelope, têm um certificado dos vossos antecedentes políticos e religiosos impecáveis, bem como da posição económica desafogada dos adotantes, ou seja, vocês. A certidão de batismo ratifica que o pequeno Alberto é filho natural de Dona Concha Rendueles García e, em relação aos pais anteriores, não vale a pena pensar neles: quanto menos souberem, melhor para todos. Não obstante, acreditem em mim: estão a salvar o vosso filho.

Concha e Segundo trocaram um olhar expressivo.

– No envelope, também há uma foto – disse Gabino.

Segundo arqueou as sobrancelhas, inclinou a cabeça e virou o envelope ao contrário. Apareceu o canto de uma fotografia. Segundo puxou-a com delicadeza, observou-a durante alguns segundos, sorriu discretamente e passou-a à esposa. Esta tapou a boca com a mão, entre risos e lágrimas. Lembrava-se da primeira vez que lhe tinham mostrado o bebé, de como abraçara a fotografia e absorvera toda aquela alegria, ternura e amor, como uma terra árida e insaciável.

– Perdoem-me – disse, ao mesmo tempo que o marido lhe passava um lenço.

– É compreensível, Concha, a emoção... – desculpou-a Gabino Cabañas.

– Querida, em breve ele estará em casa – serenou-a o marido.

– Eu sei, eu sei. – A mulher tirou um espelhinho da mala com gestos precipitados e retocou a maquilhagem, embora não tivesse ficado satisfeita com os resultados. – Desculpem-me, vou retocar o pó de arroz.

Os dois homens puseram-se de pé e não se voltaram a sentar até que a mulher saiu da sala.

– Cabañas, estou-te grato pelo que estás a fazer – reiterou Segundo, endireitando a gravata. – Em relação ao que tínhamos conversado...

– Não há pressa, podemos tratar disso mais tarde.

– Não, é um prazer contribuir para o teu trabalho. Queria confirmar-te que amanhã alguém vai passar pelo teu escritório para deixar o donativo. E, como é óbvio, também levarão a tua parte e a

de...

Gabino interrompeu-o com um gesto.

– Os cavalheiros não duvidam uns dos outros. Esta tarde, já podeis passar para ir buscar o menino. O pessoal já está avisado.

– Muito obrigado.

A mulher voltou logo a seguir com a maquilhagem retocada e um sorriso radiante. A conversa recaiu sobre temas mais mundanos, enquanto desfrutavam de uma paelha picante com carne de porco e couves refogadas. Gabino rangia os dentes para ajudar a digerir também o seu ressentimento. Tinha consciência de que entregara a sua vida ao onnipresente Estado e, agora, não podia escapar-lhe. No entanto, ainda não conseguia encaixar bem a descoberta de que, naquele jogo de cartas, ainda não sabia quem era o papalvo – o que implicava que poderia muito bem ser ele. Passou a língua pelos lábios e respondeu jocosamente a um mexerico que Segundo contava, sublinhado pelo desenho de um rio imaginário que este fazia sobre a mesa. As ordens eram claras e tinham autorização para retirar direitos parentais e falsificar identidades, mas tudo aquilo que agora intuía ia muito além da lealdade. Experimentava uma estranha mistura de vaidade rebaixada, desprezo pela sua pessoa e repulsa pelos acontecimentos que poderiam estar a suceder nas suas costas. Colocara questões cuidadosas e elencara as diferentes possibilidades e, além dele, só tinha descoberto uma pessoa capaz de manter aquele circuito paralelo através do labirinto burocrático do Auxílio Social. Gabino recordou aquele capitão, o brilho da loucura que, durante alguns segundos, vira reluzir nos seus olhos.

– Está tudo bem? – perguntou Concha, preocupada.

– Hã? – perguntou, soltando involuntariamente um perdigoto. – Sim, Concha, está tudo. Porque perguntas?

– De repente, ficaste pálido.

– Não é nada, hoje tenho a tensão baixa... Para lá de baixa.

Conta os ovos, ordenara-lhe o capitão. Agora, tenho de contar ovos, disse Manolete, amaldiçoando a sua sorte. Por que caralho o mandara vigiar aquela vermelha e por que caralho queria que contasse os ovos que aquelas galinhas esqueléticas punham? Já estava há dois dias

naquela terra ressequida do sol, escondido num pequeno aglomerado de oliveiras, com uns binóculos ao lado. Os grilos, com o seu zunir monótono e agudo, os gafanhotos que saltavam entre a erva com relampejos amarelos. O ar cheirava a queimado e a casca de árvore. Aparentemente, aquela Mencía era casada com um dos bandidos, mas Manolete não percebia como iria ele descobri-lo, se até agora o homem tinha escapado à Guarda Civil. E aquele sol de merda... Colava-se ao corpo como sangue, deixava os homens com os nervos à flor da pele. Além disso, fazia-lhe doer o braço esquerdo, na linha vermelha de tecido cicatricial que os russos lhe tinham oferecido em Berlim. Ah, ele devia estar a regalar-se com um daqueles lombinhos que se derretem na boca, como requeijão.

Apercebeu-se de movimento na casa. Bebeu um gole de água morna do cantil e ajustou os binóculos. Mencía saía para o pátio com uma trouxa de lençóis molhados e estava prestes a pendurá-los numa corda. Já testemunhara outras cenas semelhantes e até houvera momentos em que se sentira quase envergonhado. Por vezes, vê-la absorta na sua vida era como vê-la nua. Esta não era uma tarefa para um soldado: espiar mulheres como um sátiro. Manolete amaldiçoou os seus escrúpulos e dedicou-se a vê-la ir e vir por entre as manchas flutuantes de luz. Depois, chegaram as filhas e foi capaz de detetar a linguagem de compreensão mútua, de ritmos e olhares que as unia. Riam muito, eram uma família. Era uma simplicidade desarmante; tudo era previsível e, simultaneamente, extraordinário. Manolete sentiu-se insignificante, estéril. Há muito tempo, tinha desejado formar uma família, mas o amor era uma questão de oportunidade, não valia a pena encontrar a pessoa demasiado cedo ou demasiado tarde. Entraram todas na casa, as meninas desapareceram e Mencía ficou sozinha. Sentou-se numa cadeira, de perfil, e, inesperadamente, o seu rosto cobriu-se com uma expressão de angústia. Respirava lentamente e Manolete sentiu novamente vergonha perante a sensação de estar a assistir a algo demasiado íntimo. A seguir, a mulher ajoelhou-se num canto, levantou uma laje que não estava colada ao chão e sacou um maço de cartas de um compartimento. Escolheu uma e começou a ler. Os seus lábios esboçaram um sorriso.

O barracão com teto metálico estava junto a uma zona terraplanada e servia para guardar as ferramentas. No seu interior, uma cortina com buracos filtrava o sol, salpicando Bejarano com pontinhos de luz. Arturo vigiava-o. O cabelo curto e grisalho do preso, a sua cara enrugada e queimada do sol, os olhos como ranhuras.

- Não me vai bater?
- Não.
- Então, posso fumar?
- Força.

Bejarano bateu as palmas para eliminar as lascas de pedra da pele e enrolou um cigarro. Arturo limpou a testa com um lenço.

- Como acabaste aqui, Bejarano?
- Quando começou a confusão, estava colocado num parque de automóveis de Madrid. Depois, andei por Almería, Linares, Cuenca, e regressei a Madrid.

- E depois?
- Teve piada, porque, quando o Casado se sublevou, eu era partidário do Negrín. Meteram-me numa prisão cheia de fascistas e eu tinha de cantar o *Cara al sol*⁴ e dizer mal da Passionária.

Sorriram ambos

- Tens família?
- Tenho o meu filho, esse que viu aí. O resto está em Los Merinales.

- Bem, Bejarano, eu posso ajudar-te.
- Mais? Isto tudo já é para nosso benefício moral e material. Ou seja, somos fodidos e ainda temos de pagar.
- Vocês teriam feito exatamente o mesmo se tivessem ganhado.
- O que vocês fizeram foi um golpe de Estado.

Arturo negou com um estalido da língua.

- Não, a diferença é que o nosso golpe ganhou. Lembra-te da revolta de Jaca, dos assassinatos no parque de María Luisa, em 1931, da greve de Cádiz, e da Sanjurjada, e do outubro asturiano...

- Não se esqueça da víbora do Casado.
- Não me estou a esquecer.
- Mas olhe que isto ainda não acabou.
- Achas? – perguntou Arturo, com ironia.

– Em Espanha, há pessoas que continuam a lutar por uma insurreição nacional.

– E o que ofereceriam vocês a Espanha?

– O sonho bolchevique.

– Por outras palavras, depuração de centristas, expulsão de reformistas e unificação de dissidências. Mas, homem, se já fazemos isso por vocês...

– Não. Está muito, muito enganado. É a hegemonia do proletariado, a disciplina revolucionária que libertará as minorias oprimidas, defraudadas e perseguidas. No fim, espera-nos a liberdade, um mundo sem classes. A emancipação do ser humano.

– O camarada Trotski teria contado uma versão diferente.

Bejarano reagiu com uma pontada de assombro e irritação.

– Esse fascista já teve o que merecia.

– Eu li esse «fascista».

Bejarano perscrutou-o com uma curiosidade súbita.

– Não parece ser do género.

– Todos temos um passado.

– E que conclusões tirou?

– O teu «camarada» explica muito bem como, nos processos revolucionários, as primeiras vagas idealistas e conscientes dão lugar à classe administrativa e ao aparelho burocrático. Os primeiros acabam por ser absorvidos pelos segundos, as aspirações universais transformam-se paulatinamente em tarefas quotidianas, os novos métodos criam novos fins, mas, sobretudo, novas psicologias. E aquilo que, em princípio, ia ser uma etapa de transição converte-se no fim de tudo.

– É contra isso que estão as pessoas como eu: para manter esse impulso permanente.

– Já é demasiado tarde, Bejarano. Os operários começaram a ser conquistados pelas nossas pequenas inclinações burguesas, já perderam a perspetiva histórica completa e, pouco a pouco, perderão a consciência de classe. Não podeis lutar contra o seguro de doença, as mutualidades, os subsídios... Girón também quer abolir as classes...

– Não confunda a Falange com o Partido Comunista: a epopeia que degenera em farsa; a poesia em banalidade; a mística em bazófia.

Arturo apreciou a estocada.

– Há que reconhecer que vocês, os comunistas, são feitos de outro material. Menos mal que também vos deu para atacarem os vossos aliados, senão, talvez tivessem ganhado a guerra.

Observou como Bejarano começava a fumar. Estivera numa posição de comando e, seguramente, mandara muito; adotou aquele ar de estar noutra sítio, característico de certos chefes.

– Porque não me contas o que viste na estrada? – Arturo procurou orientá-lo. – Se é que viste alguma coisa.

– Repito o que disse antes: o que ganho com isso?

– Já não te lembras dos camaradas?

Bejarano contemplou a mão com que segurava o cigarro, contraiu a boca num trejeito nervoso. Não parecia disposto a acrescentar muito mais.

– E que tal se me contasses qualquer coisa – exclamou Arturo –, e depois olhamos para a tua situação. Anulação da sentença, salário melhor... Prometo-te que farei o que estiver ao meu alcance.

– Depois, pode esquecer-se.

– Tenho a mesma memória para os favores que para as sacanices.

A resposta agradou a Bejarano.

– Tinha vindo cá fora mijar. Era de madrugada.

– Sozinho ou com escolta?

– O facto é que deviam ter ido dois soldados comigo, mas, como já nos conheciam daqui, confiavam.

– Onde estavam?

– Não faço ideia, mas, se o senhor se pusesse a perguntar isso por aí, de certeza que os punham a picar pedra connosco.

Arturo assentiu com a cabeça.

– Saquei do mangalho e meti mãos à obra. Foi então que vi os faróis de um carro. Demorou a chegar até onde eu estava, mais ou menos o tempo que levou a mijadela. Ia muito depressa, com velocidade a mais para o estado daquela estrada, especialmente na zona do pavimento que estávamos a reparar.

– Conseguiste ver que tipo de veículo era?

– Era uma camioneta, uma *Chevrolet*.

– Porque tens essa certeza toda?

– Porque me fartei de as ver durante a guerra.
– Quantos iam lá dentro?
– Eram dois.
– Consegues dizer-me mais alguma coisa?
– Iam rápido, o carro ressaltou duas vezes e, à terceira, o pneu rebentou. Pararam, saíram de lá de dentro com lanternas e mudaram-no.

– Que roda era?
– Não lhe consigo dizer.
– Demoraram muito?
– O normal.
– Notaste se estavam nervosos?
– Só chateados.
– E não viste mais nada? – perguntou Arturo. Sentiu-se tentado a tornar a pergunta mais precisa, mas não quis influenciá-lo.

– Não.
– E eles, como eram?
– Sei lá, um mais alto que o outro. Àquela distância...
– Mais, preciso de mais. Tenta lembrar-te.

Bejarano deu a última passa no cigarro e atirou a beata para o chão.

– Enquanto mudavam o pneu, um deles foi à caixa da camioneta, abriu-a e entrou lá para dentro.

– Quanto tempo lá esteve?
– Não sei, talvez uns dois minutos.
– Não estás a inventar isto tudo?
– Porque haveria de fazer isso?
– Para me fazeres a vontade. Parece-me estranho que tenhas ficado esse tempo todo a ver mudar um pneu.

– Quando, no regresso, o espera uma tenda de campanha a abarrotar de companheiros deitados cu contra cu, que passam a noite a dar peidos, a ressonar e às voltas na cama, um gajo tenta fazer render o tempo quando vem cá fora esticar as pernas.

Arturo manteve um olhar pensativo e remoto.

– Isto serve-lhe de alguma coisa? – perguntou Bejarano, com franqueza.

- Por agora, só me resta navegar sem perder a costa de vista.
- Bem, então já sabe que nada é de graça...
- Que queres?
- Prefiro dizer-lhe ao ouvido.
- Não sou surdo.
- Mas vai querer ouvir duas vezes o que lhe vou pedir.

Arturo perscrutou o preso, a carne flácida do seu pescoço, os olhos ferozes, as veias salientes. Apesar do calor, não transpirava. Limitou-se a sacar da arma, engatilhou-a e fez um gesto na direção de Bejarano. Este aproximou-se até colar a barriga ao cano da pistola. À medida que falava, Arturo foi sentindo a pele eriçar-se-lhe. O preso afastou-se.

- Isto não aconteceu... – quis Bejarano confirmar.

Arturo fez um esforço para não deixar que os seus sentimentos lhe transparecessem na voz.

- Não imaginas a quantidade de coisas que não aconteceram.

Houve um silêncio.

- E agora? – perguntou Arturo.
- Pode começar a partir-me a cara. Não tenha piedade.

Desde o princípio, Josefina e eu demo-nos bem. Nas poucas vezes que nos permitiam estar juntas sem ser a estudar, rezar ou desfilar, conversávamos muito. Contávamos, uma à outra, filmes que tínhamos visto ou jogávamos a adivinhar coisas só por gestos. Também cantávamos canções; muitas eram em latim e, como não as entendíamos, mudávamos-lhes a letra; outras eram em espanhol, mas também não as entendíamos e também inventávamos tudo. Como nos ríamos. Também partilhávamos os lápis e os cadernos. Passávamos a vida a desenhar: histórias de crianças perdidas em bosques, que deixavam cair pedrinhas brancas para encontrarem o caminho, ou mundos em que as rãs se sentavam a fumar em folhas de nenúfar, os ratos cosiam botões e os anões extraíam metais preciosos das suas minas. O estranho era que Josefina não era filha de vermelhos. Os seus pais trabalhavam numa fábrica, mas não tinham meios para a sustentar e preferiam que estivesse num lar e vir vê-la quando podiam. Josefina estava num grupo formado para o serviço doméstico, que também fazia enxovais para os ricos. Insistiu muito com a vigilante para me porem no grupo com ela, que eu tinha muito jeito com a agulha, que já

tinha trabalhado antes a fazer arranjos de costura. Era tudo mentira, mas Josefina arranhou maneira de me ir ensinando, porque ela, sim, percebia daquilo. Quando os pais vinham visitá-la, esses dias eram dolorosos para mim, porque, apesar de não ver os meus há muito, por dentro tinha a esperança de que, a qualquer momento, me viessem dizer que estava ali o meu pai ou a minha mãe, ou ambos. Passava a vida a imaginar isto: que, no dia que menos esperasse, me chamariam e me diriam que tinha visitas, e eles apareceriam com um grande sorriso e abraçar-me-iam lavados em lágrimas e, dando-me a mão, explicar-me-iam porque não tinham podido vir antes. Comecei até a odiá-los por isto nunca se tornar realidade. Mas Josefina disse que podíamos partilhar os seus pais, tal como partilhava comigo a banana ou a laranja ou a pequena sandes de mortadela que lhe traziam.

As testas brilhantes, os tufos de barba negra nos seus rostos, as armas pendendo. Os homens avançavam, tentando fazer as rimas mais variadas: falavam de pugilistas e de futebol, de mulheres e de conhecidos. Mauricio Retuerta desviou a sua atenção das conversas para se concentrar em descer aquela parte da serra, sinuosa e difícil. Nas suas costas, ouvia-se ainda o choque seco dos chifres de dois bodes que lutavam ferozmente no sopé da montanha. Já estavam a retirar, mas, apesar de o entardecer durar muito tempo, a luz poderia desaparecer num instante. Tinham visitado um par de quintas e, numa delas, haviam simulado um assalto dos guerrilheiros, destruindo e saqueando. Aquelas táticas destinavam-se a destruir a aura romântica da guerrilha e a retirar-lhe o apoio dos habitantes locais. A pressão a que estavam submetidos e a ordem especial do Caudilho para não fazerem prisioneiros estavam a minar-lhes as forças e o moral. Apesar disso, aqueles cabrões resistiam. E ainda tinham o desprazer de colocar uma bandeira republicana na praça de uma aldeia vizinha. Na mente de Mauricio, misturavam-se também alguns problemas de abastecimento da sua quinta e aquele insólito capitão. Mauricio refletira cuidadosamente sobre os acontecimentos no quartel, mas tudo era muito incerto. Arturo Andrade poderia ser tão culpado como Barrabás, e assim pensava ainda o soldado da guarda, ou, então, poderiam estar a confundi-lo com outra pessoa. A única certeza é que

se tratava de um homem infeliz e esse tipo de indivíduos manejava melhor as armas, de modo que era preciso ir com cuidado. Não era altura para tentar resolver nenhum litígio e, por vezes, estas questões resolviam-se sozinhas.

O grupo entrou no trilho que ia dar à estrada. À esquerda, na clareira de um azinhal, erguia-se uma das cabanas usadas pelos carvoeiros. Há muito tempo que ninguém se servia daquela porque um relâmpago destruíra parte do telhado. Mauricio não lhe teria prestado mais atenção se os últimos reflexos do sol do crepúsculo não tivessem feito cintilar algo na porta. Afastou-se do grupo. Perto da entrada, havia uma bicicleta sem rodas, com o quadro corroído pela ferrugem. Era estranho que um lugar abandonado estivesse fechado com um cadeado novo. Sob o olhar do resto dos homens, Mauricio rodeou a cabana e verificou a parte do teto que se encontrava carbonizada. Quando voltou para junto da porta, em vez de gritar ordens, fez um gesto cauteloso. Álvaro e Expósito colocaram-se lado a lado e Mauricio pediu-lhes que forçassem o cadeado. Os homens estudaram a sua firmeza; depois de umas quantas pancadas que arrancaram faíscas ao metal, Álvaro, de cócoras, assegurou-lhes que seria mais fácil retirar a porta. Enfiaram as facas na madeira meio apodrecida das ombreiras e foram-lhe arrancando pedaços até ser possível soltar a porta. Um cheiro acre espalhou-se rapidamente. Mauricio mandou-os esperar e entrou. Permaneceu lá dentro um tempo indefinido. Quando saiu, o grupo inteiro pôde ver sua expressão transtornada.

A noite enchera-se de sombras grotescas devido às lamparinas e lanternas colocadas à volta da cabana. Os homens mantinham um silêncio sombrio e fumavam ou bebiam de um frasco de metal. Nesse intervalo, chegaram o cabo Salvador e Arturo, precedidos pela dança das suas lanternas. O par saudou os homens – Nicolás estava entre eles – e deram de caras com Mauricio Retuerta.

– Boa noite, *don* Mauricio – disse Arturo.

Aquele fez um gesto de assentimento com a cabeça, mas não disse uma palavra.

– Foi aqui que descobriram aquilo?

Mauricio voltou a confirmar com a cabeça. Arturo passou a língua

pelos lábios ressequidos e, tal como o resto da assistência, inquieta e cativa, esperou por alguma indicação; no entanto, Mauricio limitou-se a olhar para ele de olhos baixos, como um cão que tivesse sido brutalmente espancado. Arturo ficou chocado com a sua reação, mas ergueu o queixo e olhou para a entrada. Ordenou ao cabo que o seguisse e a escuridão engoliu-os. Iluminaram paredes de pedra forradas de madeiras de carvalho e azinheira, atadas com cordas de esparto; o buraco no teto deixava ver as estrelas brancas e frias. No centro, havia um buraco cavado no chão para a lareira e, à volta dele, dois catres feitos de madeira coberta com várias camadas de plantas, cevada, trigo e lã de ovelha. Num deles, o sangue impregnara-se nas mechas de lã. Um sangue seco e escuro.

As lanternas continuaram a furar a escuridão: alforges para transportar os cântaros, cabides para ferramentas, um celamim partido, um banco... Esquadrinharam o chão, sobretudo à volta do catre. Encontraram partículas de escaiola e cordas com nós elaborados que, provavelmente, tinham servido para amarrar a menina. Arturo examinou tudo utilizando uma pequena navalha e, depois, murmurou o ritual do costume para que Salvador se ocupasse das fotos e chamasse o juiz. Quando saíram, Mauricio juntou-se a eles; um dos seus companheiros, com o rosto vermelho como uma framboesa, fez uma tentativa de se unir ao grupo, mas Arturo proibiu-o secamente. Nicolás nem sequer tentou.

– Foi aqui que a mataram – disse Arturo para a assistência.

– Foi o que pensámos – corroborou Mauricio.

– Coloque um cordão de segurança à volta disto – ordenou Arturo a Salvador.

Quando lhe fizeram mais perguntas, limitou-se a confirmar que regressariam com luz para prosseguir a investigação da zona. Depois, bocejou, cansado da viagem, e disse que ia dormir.

4 N. da T.: Hino da Falange Espanhola das JONS.

9. Meninas mortas

Nicolás escrevia mordendo os lábios, totalmente concentrado na tarefa, apertando mais ou menos a pena para que a letra tivesse partes de traço mais fino ou mais grosso. Amaldiçoava os seus escrúpulos, mas havia algo na forma como aquele capitão reagira que confirmava as suas suspeitas. Não conseguia explicar, era algo indefinido, enterrado bem fundo dentro dele, para lá dos factos ou do senso comum. Deteve-se a meio de uma frase, duvidando do seu sentido; não conseguia encontrar o tom adequado e optou por uma fórmula mais seca. Recordava as conversas mantidas com Diego Peinado, a seguir à tentativa de desmascarar o capitão; quando o posto estava vazio, entrava na cela para o ouvir. O seu rosto devastado pelo álcool, consumido, os olhos brilhantes... Parecia um daqueles anacoretas que se viam retratados nas igrejas. Contagiado pela sua febre, como um neófito, colocava-lhe questões sobre as quais nunca antes parara para pensar. Toda a vida era sofrimento, egoísmo, vontade de afirmação de cada ser vivo, uma luta de interesses que transformava o mundo num inferno. Melhor seria não viver, mas, estando condenados à existência, era necessário diminuir a dor. Não se tratava de ir para o Céu ou para o Inferno, mas, sim, que as almas sensíveis e fortes tivessem a coragem da honestidade, a coragem de levar a cabo atos decisivos, de tomar decisões irrevogáveis. Como aquelas linhas que Nicolás estava agora a traçar. Ouviram-se umas chaves na porta e o soldado guardou tudo com gestos precipitados. O cabo entrou ruidosamente e pendurou o tricórnio e a espingarda. Tinha umas manchas de humidade enormes sob os sovacos. Olhou durante uns segundos para a pedra em cima da mesa, mas não fez qualquer comentário.

- Bom dia, meu cabo.
- Não dormi nada.
- Por cortesia do capitão Arturo Andrade.
- É o que temos. Ele não está?
- Nem sequer dormiu aqui.
- Hum... O que há para hoje?
- Além de a aldeia andar alterada com o assunto da cabana? Uma ou outra questão de limites de terras, contrabando... E começaram a

enforçar cães.

- Merda. Onde?
- No pinhal de sempre.
- Mas tínhamos proibido isso terminantemente.
- Mas, olhe, todos os anos é igual.

De cada vez que o céu se tornava mesquinho com a sua água e as rezas não surtiam efeito, era como se raspassem a superfície da aldeia e deixassem a descoberto profundos estratos pagãos. Ritos ancestrais ressuscitavam, elevavam-se preces a outros deuses, oferecendo-lhes em troca sacrifícios animais.

– E, ainda por cima, não podemos lá ir, vamos estar a manhã inteira ocupados com a busca.

– E o que fazemos com o professor? Não podemos mantê-lo a vida toda ali fechado.

– Estás incomodado?

– Não – vacilou –, falei porque é preciso dar-lhe de comer. É um custo.

– Enquanto o capitão não disser o contrário, fica ali. A propósito, tiveste algum problema com ele?

– Não – mentiu –, porquê?

– Ontem não te deixou entrar e não parecia morrer de amores por ti.

– É a guerra, deixa-os um bocado malucos.

O rosto de Nicolás conservava a sua expressão zombeteira, mas algo mudara nos seus olhos. Não sabia se o capitão tinha contado alguma coisa ao cabo, mas preferiu não perguntar. Salvador, talvez suspeitando de algo, não tentou aprofundar o assunto. Sentou-se e, enquanto fingia rever uns papéis, pensou em como, nessa noite, ao voltar a casa, tinha entrado no quarto do filho, lhe tinha composto as mantas e sentira uma ternura que o redimia da maldade de todos os dias. Ele era a razão de Salvador não se ir abaixo, o seu escape daquela horrível realidade. Não, pensou, o seu filho não teria de enfrentar aquela terra porque era belo, porque era meigo; o seu filho não iria viver com a capacidade de amar destruída, arrependendo-se de ter nascido. Queria dar-lhe a oportunidade de conhecer pessoas agradáveis, de ter uma boa educação, longe da negra agonia da

pobreza. Longe daquele sítio.

- Esta noite não faça planos – disse, com firmeza.
- Porquê?
- Vamos fazer uma visita.
- Ao sítio do costume?
- Ao sítio do costume.

Nicolás sorriu debilmente.

Manolete acelera. Funde-se com o ruído do motor. Inspira o cheiro pungente da gasolina. Avançava a grande velocidade, levantando atrás de si um rasto de pó. Entrou em Arroyo de la Luz, perante o susto de um galgo esquelético que se foi refugiar na sombra de um portal, atravessou a praça entre os gritos da criançada, seguiu até à casa que o SIAEM cedera a Arturo e deteve-se com uma derrapagem, sublinhando a sua chegada com toques de buzina. Arturo saiu para ver a causa do alvoroço, mas foi obrigado a aguardar que o torvelinho dourado se depositasse no chão. Manolete emergiu do remoinho de poeira com uma expressão radiante.

– Caralho, este chação anda que se farta, meu tenente. É como em Berlim, lembra-se?

Arturo soltou uma gargalhada.

– Com os russos no encalço...

Trocaram um olhar cúmplice, como se soubessem algo que as outras pessoas nunca poderiam compreender.

- O tenente não quer experimentar?
- O quê?
- Conduzir. Eu ensino-lhe.
- Temos muito que fazer, Manolete, não posso perder tempo com brincadeiras.
- Dá-lhe cagufes.
- Não é isso.
- Então, ainda me há de dizer o que é.
- Encontraram o lugar onde mataram a menina.
- Pode contar-me no carro. Só uma voltinha.
- Não seja teimoso.
- E como é que vai ser no dia em que o senhor tiver uma urgência

e eu não o puder levar?

– Eu arranjo-me.

– Ou seja, tem cagufes. Isso até as avestruzes sabem.

– E o que têm as avestruzes a ver com isto?

– Não sei, foi o que me ocorreu.

Arturo ficou a olhar para o carro. Depois, abriu a porta e sentou-se no lugar do condutor.

– E agora?

Manolete sentou-se apressadamente no lugar do passageiro e deu-lhe as primeiras instruções. Os petardos do motor e os solavancos do veículo precederam um círculo lento, mas constante, até que Manolete sugeriu a Arturo que metessem para a estrada, perante o pânico evidente deste. Manolete continuou a insistir, até que tomaram a estrada da aldeia e se encontraram em terreno aberto.

– Muito bem, tenente... Agora, pise aí.

Arturo não tinha a certeza de ter ouvido bem.

– Como?

– Carregue a fundo.

– Mas se não sei...

– Carregue lá de uma vez, caraças.

Arturo afundou o pé no acelerador. Para sua surpresa, a tração traseira fez com que o carro saltasse como um animal selvagem. Arturo levantou instintivamente o pé do pedal, mas Manolete gritou *até ao fundo!*, e o rugido do motor elevou-se de novo, enquanto a paisagem voava nas suas costas. Manolete pôs-se aos berros, contagiando um Arturo exultante. O homem vestido de negro, apoiado no seu guarda-chuva fechado, assistiu à passagem do carro com dois loucos uivantes no interior. No meio da euforia, Manolete viu que se aproximavam de uma curva apertada.

– Chefe, vai sendo altura de travar.

Arturo não o ouviu, ou não quis ouvi-lo, concentrado naquela nova emoção.

– Chefe, estamos a ficar sem espaço, carregue no travão – insistiu Manolete.

Arturo tomou consciência do perigo e procurou freneticamente o pedal. Confundiu-se duas vezes e acelerou ainda mais; deu, por fim,

com o travão. O chiar dos pneus coincidiu com o final do piso e desceram aos solavancos por um pequeno talude, até que o automóvel se imobilizou no meio de uma pastagem. A sua aparição fortuita e aparatosa provocou a fuga de um rebanho de cabras, com um concerto de chocalhos e balidos. Quando passou o susto, começaram a rir às gargalhadas, interrompidas, no caso de Manolete, por um ataque de soluços.

– Meu tenente – conseguiu articular –, saiu-se muito bem. Teria sido melhor parar um bocado antes, mas saiu-se muito bem.

Permaneceram uns minutos sentados em silêncio, contemplando a planície. Arturo massajava um joelho magoado. Passado o medo, sentia-se bem.

– Estive toda a noite a vigiar aquela Mencía – disse Manolete.

Arturo apercebeu-se do tom desolado das suas palavras. A seguir, Manolete referiu-lhe como, efetivamente, tinha contado os ovos no galinheiro, os que a mulher vendia depois e como os números variavam conforme os dias.

– Contrabando – concluiu.

– Ou está a dar de comer a outra pessoa – disse Arturo.

Manolete estalou a língua, lamentando não se ter lembrado daquilo. Abriu a porta do carro, inclinou-se, arrancou um caule de erva e dedicou-se a dar-lhe nós, enquanto evocava a cena da carta e de como, aproveitando a ausência de Mencía e das filhas, entrara na casa e rebuscara debaixo da laje. As cartas tinham sido enviadas de Havana e falavam de uma cidade cheia de barcos, que acolhia homens miseráveis e os transformava em cidadãos prósperos que, no regresso a casa, erguiam palácios soberbos e belos casarões. No meio da fome e das torturas, na cabeça de Mencía brilhava uma Arcádia tropical, onde todos os espanhóis eram «galegos» e a luz refulgente e o calor intenso se debelavam com copos de limonada fresca, à sombra dos pátios de belas casas coloniais. Quem gravava todas aquelas impressões na cabeça de Mencía era a sua irmã, que emigrara dois anos antes e agora trabalhava como costureira para famílias ricas. Arturo pousou a mão sobre o volante e ponderou a informação.

– Sabes que essa mulher está grávida? – revelou a Manolete.

– Não, não sabia.

– Neste momento, está a refletir sobre muita coisa.

– Chefe – disse bruscamente Manolete –, não gosto de espiar as pessoas. Quer dizer, assim, todas as noites. Nós somos soldados.

Arturo arqueou as sobrancelhas, observando-o.

– Não me interprete mal, meu tenente, eu faço aquilo que o senhor mandar, mas isto não é para nós. Além disso...

Arturo esperou para ouvir a conclusão.

– Além disso, deprime-me.

– Porquê?

– Porque sinto inveja.

Manolete corou.

– Esse pecado é muito chato – disse Arturo, abanando a cabeça. – É o único que não dá prazer.

– É que vejo essa mulher todas as noites e já sei que a vida dela está fodida, mas, à sua maneira, é feliz. Come com as filhas, lavam a roupa, às vezes brincam, leem, ralha-lhes... Têm algo que eu não tenho, algo... grande.

– Não podemos ter tudo o que queremos, Manolete. Não há nada de errado nisso.

– Mas aquilo é algo bom, meu tenente. E já reparou que nunca esperamos nada de bom?

A confiança mergulhou-os noutro longo silêncio. Ambos com os seus desejos insatisfeitos que lhes queimavam o coração. Depois, Arturo contou-lhe a descoberta da cabana e os passos seguintes previstos. Ocultou o desconcerto que Mauricio lhe provocara. Quando acabaram, teve de sair para empurrar o carro ladeira acima. A muito custo, conseguiram voltar à estrada. Manolete continuou a conduzir até Arroyo de la Luz e, quando estacionou em frente à casa, o telefone tocava a intervalos. Arturo conseguiu chegar ao aparelho antes que desligassem. Manteve um breve monólogo enquanto, com o dedo médio, desenhava compulsivamente espirais sobre o tampo da mesa. Manolete permanecia tenso, contagiado pela rigidez do seu chefe. Ouviu-se um tilintar seco quando Arturo pousou o auscultador no descanso.

– Agora, vamos à cabana, mas quero que tenhas o carro pronto logo à tarde.

- Aonde vamos?
- Visitar um amigo.

Um bom colchão de lã. Era isso que queria. Um colchão de boa lã, macio e quente. Esse seria o pedido de Ventura Rodríguez, o Califa, se um génio saísse da taça de latão, de onde bebia, e lhe oferecesse um desejo. Descansar num leito onde pudesse aliviar a dor penetrante das articulações. Demasiados invernos na serra, demasiados anos de isolamento, demasiado queijo com cebola, demasiadas emboscadas, demasiados fracassos. Ventura reajustou-se na rocha coberta de musgo onde estava sentado e observou os restantes companheiros, entre eles o seu líder, Cristino Extintor, uma lenda por cuja cabeça ofereciam milhares de pesetas de recompensa. Antes da guerra, trabalhara a recarregar extintores em cinemas e bancos, e, depois de tudo começar, fora um dos membros mais destacados dos Niños de la Noche, a unidade do Exército Popular especializada em armar todo o tipo de desordens e confusões na retaguarda fascista. Nos bons velhos tempos, tinha-lhes ensinado as suas técnicas e tinham feito explodir paióis, instalações elétricas, linhas ferroviárias... Tinham até publicado um jornal de propaganda, *La Lucha*, com uma fotocopiadora, uma máquina de escrever e um monte de papel. Cristino redigia artigos e fazia discursos nas aldeias. Saía sempre ileso de denúncias e emboscadas, e por ele se mantinham ali; por ele, continuavam a acreditar que eram o agente de limpeza das latrinas do capitalismo; por ele, prolongavam a luta à qual se uniriam os trabalhadores, as massas grevistas – *não falta muito, repetia, será o fim do regime, organizaremos a defesa camponesa e a juventude combatente, em Leão, na Galiza, nas Astúrias, na Andaluzia, já há escolas de guerrilha por todo o país, liquidaremos as contrapartidas, a milícia, os polícias, os soldados, os falangistas*. Por ele, Ventura esquecera o extermínio dos seus companheiros pelos comunistas, em Barcelona; os estragos de Líster, em Aragão; o soturno e malicioso comissário político que sempre o acompanhava, procurando algum foco ou semente de indisciplina, e que continuava com eles apesar da cisão do ano anterior, renunciando ao ideal libertário, porque sabia que eram os únicos capazes de uma organização com alguma possibilidade de êxito. Era evidente que a

ditadura do proletariado criaria novas classes e privilégios, que os socialistas eram uns demagogos e uns cínicos, especialistas em enriquecer, que os republicanos também os tinham perseguido e aprisionado; contudo, o seu sonho de abolir o dinheiro, de destruir o Estado e de o substituir por comunas federais, de conviver em igualdade e harmonia, de exercer a liberdade como fim último e de fundar um mundo novo, em que a humanidade inteira seria solidária, ainda não amadurecera por completo. A realidade era que havia cada vez mais desavenças, estavam cada vez mais cercados, cada vez mais figuras de topo eram enforcadas. Havia bastantes defensores da ideia de ir até França raptar algum peixe graúdo, pedir alguns milhões de resgate e, com esse dinheiro, perderem-se pelos prados *franciús*. Havia cada vez mais conversas sobre as famílias e o regresso, como se tudo tivesse ficado parado no tempo, como se pudessem retornar e voltar a pegar nas ferramentas e beijar os filhos e abraçar as mulheres sem que houvesse consequências. Não falavam em entregar-se abertamente, mas, sim, em abandonar, de uma forma ou de outra, aquela vida que não era vida. Ventura não se inclinava nem por uma coisa nem por outra, mas pela nostalgia de Pueblo Adentro, das suas ruas que cheiravam a bosta e a leite azedo, de um prato de sopa quente, da sua família. Nostalgia de um futuro no qual não fosse preciso lutar todos os dias. Não tinham tido tempo para pensar no porvir desde que os telégrafos óticos militares tinham feito chamejar a serra com pequenos espelhos, anunciando o triunfo fascista.

Continuou a observar Extintor, aquela figura imponente, fonte de uma energia ilimitada. Não gostava das contínuas idas e vindas dos seus homens à procura de mulheres, o relaxamento da disciplina deixava-o doente. Ocasionalmente, Ventura perguntava-se se as convicções do líder eram reais ou provinham do embelezamento do seu próprio mito, uma vocação trágica que procurava um fim à altura da sua lenda – que, evidentemente, os arrastaria a todos com ele. No entanto, nem sequer Extintor podia ignorar que a cada dia ficavam mais mansos, concentrados mais na sobrevivência do que nos ideais. Tossiu roucamente e, bebendo um longo trago, evocou tempos melhores, aquele baile em que conhecera Mencía. Uma rapariguinha grande, mas bem proporcionada, alegre, com uma cara bonita e uns

olhos que dardejavam. Nesse dia, ela dançava o *pasodoble* com uma amiga, no centro da praça, e tinha um vestido às bolinhas, bege-claro. Ventura estava num canto, entre um grupo de rapazes, apoiado no bar instalado para a festa. Não tirava os olhos de Mencía. Ela, consciente, imprimia mais graça ao movimento das ancas e dos pés, sorrindo e olhando-o de relance. Depois de pensar um pouco, Ventura atravessou a praça e interpôs-se entre as duas amigas.

– Queres dançar comigo? – perguntou.

Mencía acedeu e dançaram, ela sempre sem o deixar descer a mão da cintura, enquanto o grupo de rapazes e as amigas os observavam entre risos e cochichos. Ventura sussurrava-lhe a letra das canções que a orquestra tocava. Sabia-as todas. Naquela época, ainda aspirava a ser cantor profissional. A partir daquele momento, nunca mais pararam de dançar. A sua namorada, o seu amor.

Ventura olhou outra vez para Extintor, levantou-se e aproximou-se dele. Queria pedir-lhe uma coisa, mas não sabia ainda como fazê-lo.

Aquele sol iluminava algo mais que a sua figura, penetrava-lhe na consciência até à escuridão confortável em que se refugiava. Diego Peinado escondia-se nela das recriminações, das tensões, da melancolia. Era uma renúncia à vida. O seu vigilante, Nicolás, tinha-lhe dado a oportunidade de um passeio na parte de trás do quartel. *Vai fazer-lhe bem apanhar um pouco de ar*, dissera-lhe. Aquele guarda também lhe oferecera água e sabão, comida, algum álcool para acalmar os tremores da sua única mão. Proporcionara-lhe até a visita de um sacerdote, alguém para serenar o que quer que o estivesse a consumir por dentro. Estava-lhe grato. E gostaria de contar ao padre uma bela história de redenção, limpa e honrosa, que expulsasse da sua memória toda a podridão e imundície. Mas ninguém os poderia livrar do mal – para o seu pecado não havia expiação –, e nem o guarda nem o capitão compreenderiam, e nem sequer um sacerdote aceitaria, que era preciso viver com os atos cometidos, e jamais libertarmo-nos deles ou perdoá-los. Que a culpa e a vergonha ardessem eternamente no nosso interior.

Nicolás seguia os passos curtos do prisioneiro com a espingarda a tiracolo, transpirando abundantemente, mas de bom humor; chegava

até a assobiar um pouco. As cartas estavam enviadas; o anzol, lançado. Passara a manhã inteira a investigar exaustivamente as imediações da cabana, mas não tinham descoberto nada de significativo. Também vigiara as reações daquele capitão, mas em nenhum momento pareceu preocupar-se com ele. Ao fundo, avistou um grupo grande. Foram-se aproximando até que Nicolás conseguiu distinguir algumas pessoas da aldeia: conhecia-os a todos, mas deteve o professor, alarmado pelas suas expressões carrancudas. O grupo começou a berrar insultos e gritos, agitando-se cada vez mais. As ameaças iam subindo de tom, pedindo a Nicolás que entregasse Diego Peinado. Os rostos individuais iam-se transformando numa massa informe. *Assassino, gritava a massa, assassino, assassino de crianças...*

Passado o Arco de la Estrella, o lugar do encontro não ficava longe. Sob um céu em tons de cinzento, canela e violeta, Arturo percorreu as ruas, parou diante do número indicado e encontrou uma porta com batente, sem mais indicações. Bateu um par de vezes e uma figura nodosa, com o queixo pontiagudo, não tardou em abrir, convidando-o a entrar e chamando-lhe a atenção para os degraus. Desceram a uma cave, ao mesmo tempo que três homens bem vestidos subiam entre gargalhadas. Tiveram todos de se encostar para o lado para poderem continuar. Pisaram um chão de cimento e o guia abriu umas portas basculantes; entraram numa sala ampla, iluminada por claraboias ao nível da rua. À esquerda, havia um balcão onde se vendiam cigarros e cerveja e, por trás dele, um tipo roliço de camisa branca e avental de couro, que parecia estar a dar conselhos a outro. À direita, havia seis mesas de bilhar americano, duas delas com partidas a decorrer. Também havia uma fila de poltronas contra a parede, ocupadas por ociosos que assistiam ao jogo. Ao fundo da sala, Arturo viu uma divisão com a porta encostada e conseguiu vislumbrar a esquina de outra mesa de bilhar e o som das bolas a chocarem. Fumo de tabaco, exclamações ou blasfémias após as jogadas, o som monótono das ventoinhas. Pediu uma cerveja ao empregado, procurou a pessoa com quem vinha encontrar-se e, não a vendo, limitou-se a observar. Quando ia a meio da garrafa, ouviu um «don Arturo» e descobriu Gabino Cabañas encostado à ombreira da sala privada, com um taco

na mão. Arturo fez um gesto de reconhecimento, terminou a cerveja e atravessou a sala. Apertaram as mãos e Gabino fechou a porta atrás dele. Apontou-lhe uma fila de tacos.

– Joga uma partida?

– Porque não?

O vice-secretário, em mangas de camisa e sem gravata, reagrupou com um triângulo as bolas espalhadas pela mesa. Aguardou que Arturo tirasse o casaco e examinasse os tacos.

– Pode começar, se quiser.

– Por favor, o anfitrião é o senhor.

Gabino Cabañas não argumentou e, depois de passar giz na ponta do taco, rompeu a geometria das bolas, enfiando logo duas. Depois, continuou, até falhar a penúltima. Arturo passou giz no seu taco e apoiou-se sobre a mesa, apreciando o verde brilhante do pano e a luz que realçava o brilho das bolas. Estudou a situação.

– Apostamos alguma coisa? – propôs Gabino.

– Não.

Arturo meteu metade das bolas antes de falhar, notando a cada seco estalido como o taco se ia convertendo numa extensão de si próprio. Gabino moveu-se com rapidez e terminou a partida com duas tacadas.

– Outra?

– Claro.

Desta vez, começou Arturo.

– E onde está o seu amigo? – interessou-se Gabino.

– Tem coisas para fazer. Esta manhã estivemos muito ocupados, encontraram o lugar onde assassinaram a menina.

Imagens curtas e rápidas atravessando a cabeça de Arturo. A impressão ensanguentada de uma mão na parede. Partículas de escaiola em equilíbrio na ponta de uma navalha. A lenta batida da zona pelos grupos de homens. Gabino limitou-se a admirar uma boa tacada de Arturo; perguntou a si próprio se ele se importaria realmente com aquela menina ou se tudo aquilo não passava de uma cruzada pessoal contra o mundo. Arturo voltou a apontar o taco com o máximo de cuidado, mas usou de força excessiva e acabou por enfiar a bola branca noutro buraco. Prosseguiu a sua estratégia, até que deu

uma tacada em falso. Gabino encolheu os ombros e aproveitou a sua oportunidade. Por muito que chateasse Arturo, era um prazer ver o outro evoluir com movimentos rápidos, mas prudentes. A bola negra acabou por entrar com força no buraco superior esquerdo.

– Não parece que vá ter muitas hipóteses – disse Arturo.

Gabino voltou a colocar as bolas no triângulo.

– Sei que o senhor é um homem discreto. – Passou giz no taco e abriu a partida com um golpe quase circense. – Tenho estado a interessar-me pelo seu assunto e há outra coisa que tem de ficar clara: eu não tenho nada que ver com isso e, com o que lhe vou contar, lavo daí as minhas mãos. Estamos entendidos?

– Dou-lhe a minha palavra.

– A palavra do capitão não vale uma merda. – Enfiou três bolas seguidas, sem misericórdia. – E por muito que se empenhe, perde o seu tempo, tudo o que faço é legal, há leis que nos protegem. Não só no que se refere às crianças institucionalizadas, mas também às adotadas. Na cadeia, as vermelhas só podem ter os filhos com elas até aos três anos, no máximo. Logo a seguir, são-lhos retirados «legalmente» e passam a fazer parte do nosso sistema assistencial. Essas mulheres podem ou não saber em que lar estão os seus descendentes, mas isso, ao Estado, é indiferente. E não só há leis que permitem separar os filhos das mães como também permitem mudar-lhes os nomes, se os meninos não se lembrarem deles ou se os pais não estiverem localizáveis ou tiverem sido repatriados. No Registo Civil, podemos fazer o que quisermos.

– E qual é a finalidade?

– Além do dinheiro? Qual haveria de ser, capitão? O poder. Há um projeto de reeducação em massa, mas no Patronato de la Merced explicar-lhe-ão melhor todos estes esquemas. É lá que decidem para onde vão as crianças.

– Que raio de filtro.

– Nem faz ideia. Milhares e milhares de criaturinhas e demasiados interesses em jogo para a sua pequena investigação. É areia a mais para a sua camioneta.

O vice-secretário enfiou mais duas bolas e abriu muito os olhos.

– O que lhe posso garantir é que eu não me presto a atividades

estranhas. Os miúdos vão para casas decentes, como deve ser. Mas pensei muito no assunto... – Bateu com o taco no chão. – Quando as crianças são separadas dos pais, o protocolo é enviá-las para longe do seu local de origem, sobretudo se vêm de sítios pequenos. Para este tipo de coisas, trabalhamos diretamente com Madrid, não queremos problemas. Se ninguém nestes lares reconheceu as fotos dessas miúdas, talvez tenham vindo doutro lugar, mas, nesse caso, foram usados canais paralelos. E, aí, a única pessoa com os contactos necessários é Valentín Antuña.

Houve um silêncio que se encheu com as tacadas e o burburinho das partidas de bilhar vizinhas. Ocorreu a Arturo uma frase engenhosa, mas omitiu-a, recordando como *don* Janota reagia facilmente.

– Nunca tive o prazer de o conhecer – limitou-se a dizer.

– Nem o terá quando vier a conhecê-lo. As organizações do Auxílio Social nomeiam um assessor da direção, e Valentín é o nosso. Digamos que se certifica de que não existem desvios na «linha ideológica».

– Onde posso encontrá-lo?

– Vai muito a Madrid, penso que agora andarás por lá. É psicólogo, da linha de Vallejo-Nágera, que é o chefe de toda essa seita. Com isto não quero dizer que esteja envolvido, mas é o único que me ocorre que possa estar.

– Porquê?

– Porque é um cabrão. E, além disso, da Opus Dei.

– Suficiente para se suspeitar dele. Mas o senhor tem gente acima de si, não tem?

– Eu respondo apenas por mim.

– Percebo.

– De qualquer maneira, tem de haver um registo do Patronato de la Merced de Madrid onde figurem todas as crianças do país.

– Verificá-lo seria um trabalho gigantesco e, além disso, o senhor mesmo disse que podiam fazer desaparecer todas as pistas.

– Bem... todas não.

Gabino Cabañas compôs um ar de importância e acabou a partida numa espécie de êxtase ao contemplar as bolas de Arturo, imóveis sobre a mesa. Arturo voltou a colocar o seu taco na estante, num

evidente sinal de rendição, mas Gabino, como que tomado por uma febre, continuou a jogar com as bolas do outro enquanto falava.

– Vê como o bilhar é viciante, capitão? Podia passar horas assim, é como se sonhasse, uma pessoa sente-se isolada de tudo, nem sequer sente fome. Aqui, tudo está interligado, as bolas entre si e nós com elas. E começamos a enfiá-las uma a uma, e o taco é uma extensão do braço, porque as jogadas já aí estão, suspensas no ar, como se esperassem há séculos. E isso faz-nos sentir mesmo bem...

Gabino deteve-se e contemplou a mesa, como se as bolas de bilhar estivessem unidas ao seu estado de alma.

– O senhor tem duas miúdas: uma viva, que não lhe serve de nada, e outra morta, que lhe serve de menos ainda. Se calhar, vêm do mesmo sítio, se calhar, não. Mas como basta não as registar nos livros para que nunca tenham existido, e o que não existe não se pode reclamar, as únicas coisas que deixariam um rasto físico seriam os testemunhos de colegas ou de outras reclusas. E não creio que o capitão disponha de pessoal suficiente para iniciar essa investigação. Mas, bom, há um rasto que não se pode apagar.

– Pelo que me diz respeito, a partir deste momento, o senhor será mais puro do que a rata da Virgem.

– Quando se transferem as crianças, há um sítio de onde não se podem apagar: os registos de saúde pública. Nas prisões, nos lares ou em qualquer outro sítio de acolhimento onde haja uma enfermaria, é preciso contabilizar as rações extra de alimentação, porque são as que asseguram a subida do orçamento. Se, por acaso, as suas meninas estiveram doentes, onde quer que tenham estado, há um registo disso.

– Voltamos ao mesmo: podem ter estado em qualquer lado.

– Se assim for, posso dizer-lhe que uma grande percentagem das transferências para a nossa rede assistencial provém de um único lugar: a prisão de Ventas.

– Madrid.

Gabino Cabañas voltou a arregalar os olhos e, inclinando-se sobre a mesa, disparou energicamente. A bola ressaltou contra a entrada do buraco e, depois de fazer quatro tabelas, imobilizou-se num extremo da mesa.

O horizonte fundia-se na noite, o reino irracional que todas as crianças temiam, sobretudo Eulalia. Quando chegava a hora de se deitar, pedia à mãe que lhe contasse uma história, não queria ficar sozinha. Era uma maneira de adiar o inevitável. *Fica mais um bocadinho*, pedia-lhe, e Mencía, que compreendia os seus terrores, começava a contar-lhe uma história. Às vezes, improvisava; outras, servia-se de histórias que ouvira aos seus pais. Nelas, tudo era possível: que os objetos ganhassem vida, que os animais falassem, que os meninos tivessem poderes e desafiassem a escuridão. Juntas, podiam voar ou ficar invisíveis, ou então sabiam palavras que abriam montanhas ou conseguiam enganar as bruxas. Às vezes, eram capazes até de ver montes de ouro que rebrilhavam na escuridão. Mencía procurava um alívio para a filha, fazê-la ver que a felicidade era possível, mesmo que apenas por uns instantes, proporcionar-lhe um antídoto contra o veneno contido nas palavras, vermelhas, putéfiás, mendigas... Quando terminava, dava-lhe um beijo e sentia-se simultaneamente melhor e pior. Nieves observava tudo com gravidade. Nos últimos tempos, tornara-se muito séria. Antes, retilava quando a mãe a mandava ir lavar a irmã antes de comer, mas agora cumpria as tarefas com uma seriedade ritual, crescia segundo a segundo, e os seus silêncios denotavam já um mundo interior em que Mencía não conseguia penetrar. Era o processo natural, mas a mãe não o esperava tão cedo. No meio destas reflexões, bateram à porta. As três ficaram petrificadas. Mencía reagiu com rapidez e deu ordens a Nieves, enquanto acalmava Eulalia. Depois, saiu a correr em direção ao muro do pátio traseiro. Nieves, ignorando as pancadas cada vez mais violentas, contou até cem antes de abrir a porta.

Tanto Salvador como Nicolás tinham a certeza de que a família se mantinha em contacto com o Califa. Apesar das punições e sucessivas detenções, tarefas, pressões, subornos... nada parecia abalar a atitude tenaz daquela Mencía. Nuns dias, submetiam-na a interrogatórios enérgicos sobre luzes acesas fora de horas; noutros, sobre os produtos que contrabandeava. Na maior parte deles, limitavam-se a mantê-la sentada numa cadeira, enquanto a insultavam e lhe batiam. Os guardas conheciam todos os vizinhos e as suas contendas, as situações

que podiam aproveitar a seu favor – quem se odiava por disputas relacionadas com partilhas ou limites de terras, quem era espertalhão, nobre ou cobarde –, mas toda aquela psicologia não surtia o efeito desejado em Mencía. Não conseguiam encontrar provas da sua colaboração, não logravam obter nem a mais mísera palavra de denúncia. E isso estava a deixá-los transtornados. Assim, em inúmeras ocasiões – e aquela noite seria uma delas –, faziam aquilo que agora os levava ali. Chegaram à casa e desferiram algumas pancadas na porta.

Manolete observava os restos de uma maçã que tinha estado a mordiscar, coberta agora por formigas que a faziam desaparecer pedacinho a pedacinho. Ainda tinha o seu sabor ácido na boca. Quando voltou a observar o seu alvo com os binóculos, apanhou um susto. Os guardas-civis estavam diante da casa; a porta tardou em ser aberta. Entraram e, através da janela, Manolete pôde contemplar uma cena de cinema mudo em que Salvador e Nicolás cercavam Mencía e começavam a abaná-la, enquanto as filhas observavam aterradas.

Putá que os pariu. Ventura apercebera-se a tempo de que o sinal combinado não fora colocado e tinha-se protegido. Aproximava-se sempre de casa com grande cautela, mas, daquela vez, fora impaciente e não se certificara de que a pedra que Mencía habitualmente deixava em cima do muro estava lá. Do lugar onde se escondera, não tinha visibilidade, mas chegavam-lhe fragmentos que lhe permitiam imaginar a cena. As vozes tensas e desafiadoras dos polícias, de que apanhava palavras soltas – puta, escondido, vamos matar –, as súplicas de Mencía, os gritos e o choro das meninas. Ventura foi atravessado por ondas violentas de amor e ódio, agarrando-se à espingarda com tal força que os nós dos seus dedos ficaram brancos.

– Onde está o teu marido?

A pergunta de Nicolás fora precedida de insultos. Mencía respondia com negações, enquanto protegia as filhas com o corpo.

– Isto não é nada comparado com o que te espera hoje – disse Nicolás.

– Não sei nada, já lhes disse.

Salvador fez um sinal mudo a Nicolás e este agarrou Mencía rudemente; a mulher resistiu e a cena terminou com um violento safanão. Em seguida, Nicolás agarrou-a pelo cabelo e fê-la tombar sobre uma mesa, ameaçando-a com um tiro na boca se se mexesse. O cabo agarrou nas filhas, que suplicavam pela mãe. Olhava-as sem compaixão, até porque na base desse sentimento havia uma certa identificação, e ele já não sentia nada.

Manolete observou incrédulo como o guarda sacava de um chicote e começava a dobrá-lo e a desdobrá-lo, com o rosto crispado, enquanto vociferava silenciosamente. Ao mesmo tempo, começava a descarregar secas chicotadas nas coxas, nas nádegas, nas costas da mulher, deixando cortes profundos e limpos que sangravam pouco, mas atravessavam a alma. Mencía estava tonta, a dor era atroz, mas as chicotadas eram tantas que quase deixou de as sentir.

Ventura tapou a boca e chorou. As chicotadas sucediam-se a intervalos, acompanhadas das mesmas perguntas. *Onde está o teu marido? Quando é que o vês? Com que sinal é que o avisas? Onde está o teu marido? Onde está o teu marido?* Mencía repetia que não sabia e o seu torturador, não acreditando, desferia outra chicotada. Lento, metódico, indiferente aos gritos da mulher.

Onde está o teu marido?

Onde está o teu marido?

Onde está o teu marido?

Não seeeeeiiiiii...

E se realmente não soubesse?, pensou Nicolás, enquanto fazia uma pausa para agitar o chicote e limpá-lo do sangue que empapava o couro. Aquela justiça que desejavam para o novo Estado seria manchada, a mesma justiça em cujo nome escrevera aquelas cartas. Dirigiu-se a Salvador.

– Merda, meu cabo, e se ela não sabe?

– E depois? – Salvador encolheu os ombros. – De qualquer forma, é preciso dar-lhe uma lição.

Nicolás cerrou os dentes e continuou. Uma lição que não ficava apenas marcada nas costas de Mencía, na sua mente, na dor que se

sobrepunha à dor, na sua visão que se turvava por momentos, no sabor ácido do vômito iminente que lhe subia à garganta, mas também nos olhos de Eulalia, paralisada pela invasão, confundida por uma realidade que fora dominada pelos ogres das histórias. Nieves já não conseguia suportar mais aquilo.

Manolete não sabia o que fazer. Alguma coisa estava já em marcha e não podia ser detida. As chicotadas sucediam-se em ondas hipnóticas, provocando-lhe uma sensação de alheamento. Por muito que fosse uma guerra, aquilo não fazia sentido, mas a sua vontade estava paralisada. Só reagiu ao aperceber-se do que estava a suceder nesse momento.

Nieves libertou-se de Salvador e interpôs-se entre a chicotada seguinte e a mãe. Nicolás imobilizou o braço no ar e olhou para o cabo. Este teve uma ideia e, agarrando Mencía, atirou-a ao chão e pôs Nieves no seu lugar. Atou-lhe as mãos e os pés e lançou-a sobre a mesa como um fardo. A seguir, puxou-lhe a camisa e deixou-lhe as costas a descoberto. Mencía começou a gritar, mas foi rapidamente amordaçada por Nicolás. Eulalia abraçou-se à mãe em desespero. O cabo agarrou no chicote e desferiu uma violenta chicotada nas costas da menina.

O grito da filha rasgou o coração de Ventura. A razão impelia-o a fugir dali, mas a razão não era o sangue e era o sangue que o mantinha com vida. Ventura não podia viver com a dignidade escarnecida, com a certeza da sua própria impotência. Já não lhe interessavam os guerrilheiros, os ideais, o Extintor ou mesmo o próprio Franco. O seu coração batia apenas por aquela criança. Por isso, armou uma granada e preparou a sua arma. Estava consciente da sua derrota, mas também da vulnerabilidade do inimigo. Um grito. Apenas um grito mais da sua filha. Apenas um.

O disparo atravessou a janela do quarto e a bala foi alojar-se numa panela de cobre. As detonações seguintes atingiram diversas partes da casa. No meio de um coro de gritos e ordens, Salvador e Nicolás

entrincheiraram-se e começaram a ripostar ao ataque. A pequena Eulalia agarrou-se às pernas da irmã e puxou-a, até que caiu no chão e puderam refugiar-se debaixo da mesa, perante o olhar aterrorizado de Mencía. Ventura permanecia quieto, atónito, observando os clarões de uma arma que localizou à sua esquerda, a uns trezentos metros, no arvoredor que coroava uma pequena elevação do terreno.

Manolete deixou escapar um grande e relaxado peido. A tensão soltava-lhe sempre o ventre. As detonações e o silvar das balas continuavam sobre a sua cabeça; por isso, esperou que os guardas acalmassem, abraçado à espingarda. Quando as descargas terminaram, pegou no seu saco e retirou-se, muito encolhido nos primeiros metros, até se encontrar bem protegido pelo relevo do terreno e pela escuridão.

10. As sentinelas da pureza

A nossa revolta exprimia-se de muitas formas. Tomávamos banho uma vez por semana em tanques de lavar roupa; as freiras enchiam-nos com água a ferver e as primeiras a entrar queimavam-se, enquanto as últimas ficavam geladas. Nunca nos deixavam tomar banho nuas, tínhamos de nos lavar com a camisa de dormir vestida, mas Josefina aproveitava quando eu estava de vigia para se despir. Como nos ríamos. Por vezes, à noite, conseguíamos juntar-nos, na minha cama ou na dela. Quando as luzes se apagavam, esperávamos algum tempo para termos a certeza de que as vigilantes tinham ido dormir e deitávamo-nos juntas. Ela deitava-se de costas e eu, de barriga para baixo, enroscada a seu lado. Cochichávamos e, às vezes, chorávamos juntas. Josefina bocejava e adormecia muito depressa, mas eu devia certificar-me de que não éramos apanhadas. Lembro-me de que, certa noite, em que uma lua cor de mel iluminava o quarto, fiquei ali a contemplá-la, enquanto Josefina suspirava, de lábios entreabertos. Olhava-a extasiada, numa pura apreciação da beleza, e gradualmente fui caindo num sentimento indescritível, uma energia que se desviava do afeto e ia desaguar numa zona desconhecida. Contemplando-a, senti um tumulto nas minhas veias que não compreendia. Retirei o lençol devagarinho, fazendo surgir a sua silhueta, onde mal despontava um busto incipiente sob uma camisa de dormir que ficara enrolada à altura da cintura. O peito dela subia e descia ao ritmo da respiração. Cheguei-me mais perto; lentamente, encostei a minha face ao seu ventre quente e, em seguida, beijei-o. Então, ela mexeu-se um pouco e eu afastei-me, assustada. Durante alguns segundos, Josefina emergiu à superfície da sua consciência, para logo voltar a mergulhar nas suas profundezas. Nos dias seguintes, refleti sobre os meus confusos sentimentos. Uma noite, contudo, também eu adormeci. De manhã, quando nos descobriram juntas, fomos acordadas ao mesmo tempo com o escândalo que se formou, com gritos e abanões. Nos dias que se seguiram, trataram-nos como degeneradas, interrogaram-nos, queriam saber de quem partira a ideia, o que estávamos nós a fazer... Raparam-nos o cabelo, davam-nos bofetadas, insultavam-nos...

Uma mancha azul-chumbo deslocava-se pelo ar com requebros epiléticos. O seu esvoaçar delineava um caminho sobre o palácio do

Oriente, as tabernas, os grupos de gente reunida a conversar e os labirintos de ruas estreitas e sinuosas, até chegar à Plaza Mayor. Em seguida, continuava, desviando-se de um elétrico, por entre solares e igrejas, palácios e edifícios públicos que irradiavam uma força e uma estabilidade perdidas, terminando no caminho de San Jerónimo, em direção ao Retiro. Intangível e sofisticada, entrava no parque por uma avenida ladeada de reis e flutuava sobre lagos, labirintos verdes, quiosques, edifícios de recreio, roseirais. Finalmente, a borboleta chegou junto a uma fonte e pousou numa das máscaras infernais do pilar central. Arturo olhou-a por uns momentos, enquanto ela abria e fechava as asas. Depois, a borboleta levantou voo pelo pedestal acima até ao anjo que desdobrava as suas, contorcido numa queda dramática. O seu perfil recortava-se contra o azul subtil do céu. Diziam que era a única estátua do seu género no mundo, mas Arturo sabia que havia pelo menos outra em Itália. Sussurrou:

– Lança em roda, ele então, os tristes olhos, que imensa dor e desalento atestam, soberba empedernida, ódio constante.⁵

– Que é isso, meu tenente? – perguntou Manolete, benzendo-se e beijando a medalhinha.

– Coisas minhas.

Arturo voltou a colocar os óculos escuros e os dois prosseguiram a sua caminhada pelo Parque del Buen Retiro, em silêncio, com os chapéus ligeiramente inclinados sobre a cabeça. Uma estátua equestre com todas as patas no chão, indicando que o militar morrera na sua cama. Um coreto com música, tão romântica quanto estridente. Um indivíduo que fazia malabarismo com duas bolas, abrindo lentamente o perímetro do seu arco, diante da expressão admirada de algumas crianças. Arturo refletia sobre as duas cartas anónimas que lhe tinham entregado no SIAEM, quando ali fora apresentar o seu relatório, enviadas para diferentes instâncias e intercetadas em dias sucessivos. Nelas eram feitas alegações específicas contra o capitão Arturo Andrade; as cartas tinham o carimbo de Cáceres e Badajoz, respetivamente.

– Isto não passou daqui – assegurou-lhe o seu superior. – É evidente que alguém lhe quer mal, mas isto não pode continuar. Se tem suspeitas sobre o autor, deve tomar as medidas que considere

pertinentes. Caso contrário, talvez da próxima vez cheguem a outras instâncias e não seja possível evitar uma investigação aberta, e isso não interessa a ninguém, capitão.

Arturo agradeceu o favor, mas, curiosamente, não reagira com raiva, limitando-se a guardar os envelopes e a refletir sobre um passado que nunca terminava.

– E hoje o que nos toca, meu tenente? – perguntou-lhe Manolete.

– Estamos a fazer horas.

– Para quê?

– Vão receber-nos na Delegação Nacional do Auxílio Social.

– Aquele melro... – titubeou Manolete.

– Valentín Antuña.

– Esse Valentín anda por lá?

– Assim espero, está a mostrar-se bastante escorregadio. A propósito, houve um tiroteio em casa da Mencía. Sabes alguma coisa disso?

Manolete arqueou uma sobrancelha.

– É a primeira vez que ouço falar – disfarçou.

– Mas devias estar lá de guarda, não?

– Vim-me embora cedo, sabia que tínhamos de vir para aqui. A que horas foi?

– Por volta das duas da manhã.

– Não, já lá não estava, de certeza. Foi a guerrilha?

– Parece que a Guarda Civil foi fazer uma visita a Mencía...

– Caraças – fingiu Manolete. – Houve feridos?

Arturo esquadrinhou-o.

– Só vidros partidos – concluiu.

Chegaram à saída diante do Casón del Buen Retiro, com o seu frontão que rezava que tudo o que não é tradição é plágio. Caminharam até à Puerta de Alcalá; na saída seguinte do parque, Arturo reconheceu um escudo republicano, que se salvara por obra não se sabia bem de que descuido, negligência ou simples benevolência ideológica. Já na rotunda, ao fundo, a deusa Ishtar, mais conhecida como Cibeles. Os seus sacerdotes costumavam castrar-se diante das suas imagens; era uma deidade que definitivamente gostava de sangue, e nesta terra tinha podido empanturrar-se à vontade.

Devido à escassez de gasolina, havia poucos carros a circular e as ruas tinham sido tomadas por elétricos e bicicletas. Seguiram pela rua Serrano. Arturo deteve-se diante de um quiosque para ver os jornais, enquanto Manolete comprava sementes de girassol para se distrair das preocupações. Até chegarem a General Sanjurjo, foi deixando um rasto de cascas pelo caminho.

A Delegação Nacional do Auxílio Social da FET, a Falange Española Tradicionalista, e das JONS, as Juntas de Ofensiva Nacional-Sindicalista, ficava num edifício da rua Lagasca. Manolete montou guarda num bar das proximidades e Arturo entrou, deixando que as suas credenciais o conduzissem ao gabinete indicado. A primeira coisa que lhe chamou a atenção foi o enorme crucifixo dourado que presidia à secretária de Eliseo Sánchez, sob cuja direção se implementavam as diretrizes que regiam a atividade dos psicólogos e educadores nas delegações da instituição. Um lembrete – como deixara claro Gabino Cabañas, com a sua irritação acerca da Opus Dei – de como as correntes católicas, no seu particular choque evolutivo, iam retirando espaço aos falangistas no novo Estado, à semelhança do que estes tinham feito anteriormente com os jonsistas e os monárquicos. O homem, com uma pele de textura argilosa e fabulosamente gordo, apertou-lhe a mão com firmeza. Tinha um modo chocante de olhar – não de frente, mas de viés.

– É um prazer, capitão Andrade. O Valentín está quase a chegar, foi buscar uma coisa de que se tinha esquecido. Queira sentar-se.

– Muito obrigado por me receber – respondeu Arturo, tirando o chapéu. – Que calor.

– Nem me diga, é terrível – disse o homem, agarrando num dossiê para se abanar. – Já sabe o que diz o ditado.

Arturo assentiu, sem fazer a menor ideia do ditado a que o outro se referia. Mantiveram uma conversa trivial para matar o tempo, mas, perante a demora injustificada do seu subordinado, Eliseo Sánchez inclinou-se sobre a secretária e pediu a Arturo para lhe ir adiantando os pormenores da sua entrevista. Arturo recapitulou o caso com as devidas precauções, incluindo as fotos. Eliseo mostrou-se desolado, mas alegou a impossibilidade de alguém, dentro da instituição, poder

estar envolvido, dizendo pôr as mãos no fogo pelos seus colaboradores. A seguir, mostrou uma curiosidade profissional.

– E o senhor diz, capitão, que não houve violação?

– Foi a conclusão do médico-legista.

– Que interessante, que interessante. – Mordeu o lábio. – Esse detalhe da camisa de dormir também é indicativo.

– Indicativo de quê?

– Se o senhor está certo e essa Catalina saiu com vida da primeira tentativa do assassino, e a segunda rapariga foi assassinada, mas, depois de despida e morta, foi vestida com uma camisa de dormir, então esse indivíduo está a avançar na sua perversão. Contudo, ainda conserva alguns resquícios de pesar, e tapá-la seria uma manifestação dos seus remorsos.

– Eu aí não vejo mais que um cabrão a refinar os seus métodos.

– Parece-me tudo mais complexo do que isso. Imagine que não tinha querido matá-la, como no caso de Catalina, e que tudo não passou de um jogo de dominação. O agressor esperava ver o pânico da nova vítima, mas talvez ela tenha resistido; ao não se sentir tão poderoso como da vez anterior, porque o medo é o que ele espera, aquilo que saboreia, o que lhe dá alento para exercer a sua violência... o que o excita... Quer dizer, ao sentir-se rejeitado, é provável que o agressor tenha perdido o controlo e a tenha matado.

– O resultado é o mesmo: sabemos como acabará a seguinte.

– O processo, capitão, o processo é o que nos interessa. As raízes, as dinâmicas, os diagnósticos, o remédio. Disso se ocupa o trabalho que desenvolvemos nesta obra.

– Já ouvi discursos, antes, sobre examinar excrementos, e está tudo muito bem. O problema é que quem tem de os apanhar sou eu.

Eliseo sorriu e coçou o queixo.

– O animal que vive dentro de nós é preguiçoso, capitão Andrade, e, provavelmente, os seus gostos são muito primitivos. Aquele animal ocupa um enorme quarto dos fundos no nosso cérebro e esse espaço está decerto cheio de medos, irracionalidade, instintos, ao passo que o ser civilizado é cruel e rigoroso, requer muito trabalho, porque dispõe apenas de um quatinho esqualido, ético e racional. Seriam precisos milhões de anos para que a evolução eliminasse esse quarto dos

fundos e, para isso, estamos cá nós, para lhe dar um empurrãozinho. – Suspirou com veemência. – O senhor sabe que há uma raça hispânica cercada por inimigos que procuram a desagregação da pátria, a eliminação da religiosidade. Para controlar este declínio, devemos isolar estes elementos externos que agem de forma desfavorável.

– Poderia ter a amabilidade de ser mais concreto?

– O rancor, o ressentimento, a inveja, a vingança, o sentimento de inferioridade...

– Ou seja, o que nos torna humanos.

– Nãoooo... – Eliseo abriu desmesuradamente os olhos. – Esses são os culpados históricos do nosso declínio. Porque, como o capitão deve saber, a raça não é biológica, mas um depósito de virtudes ameaçadas pela vulgaridade da burguesia e das classes mais baixas. A raça, meu senhor, não é um território, uma cultura ou uma ideia, mas um sentimento espiritual em constante perigo. Tudo começou com o farisaísmo, com a ganância, com a mentira e a imoralidade dos judeus e dos convertidos, um trabalho desagregador que disseminou a impiedade em Espanha, o racionalismo, o materialismo marxista, e, finalmente, a revolução disfarçada de República que desatou os nós vitais da virtude cristã, causando todos os tipos de excessos e a ruína da pátria.

Arturo assentiu com um assombro simulado.

– Quem haveria de dizer...

– Tudo foi cientificamente demonstrado. Os estudos confirmam a insistência própria da degeneração racial em todos os inimigos que enchem as prisões. E a nossa missão é exterminar moralmente esses pervertidos biológicos e psicológicos, impedindo a sua reprodução através da segregação de género e da reeducação dos seus filhos, para extirpar esta semente do mal...

– Agora já estou a entender tudo.

– A que se refere?

– A tudo.

Houve um silêncio incómodo. Eliseo Sánchez pegou num lápis vermelho e fez algumas anotações numa folha.

– Parece que está demorado – fez notar Arturo.

Eliseo olhou para o relógio.

– Com efeito, e não sei porquê. Entretanto, vou propor-lhe um pequeno jogo.

Arturo observou-o com ceticismo.

– O senhor sabe que os sonhos estão ligados à existência diária. Em muitos casos, são a expressão de desejos proibidos ou de traumas. Esses sonhos envergonham-nos, assustam-nos ou fazem-nos sentir culpados. Todas as noites sonhamos, mas temos de nos defender da maioria desses sonhos e distorcemo-los... ou esquecemo-los, simplesmente. Se os senhores capturarem esse hipotético assassino, acharia deveras interessante ter umas sessões com ele. Mas, entretanto, o senhor é um homem muito atraente.

Agora, Arturo observava-o desconcertado.

– Com que sonha o senhor, capitão?

– Olhe, doutor, não creio que venha ao caso...

– É apenas um jogo, mas que também pode ser-lhe útil na sua investigação. Sonhamos com coisas relacionadas com o quotidiano, são dramatizações das nossas preocupações ou pensamentos e, por vezes, sonhamos com coisas que o nosso cérebro não registou conscientemente. Trata-se de filmes com um argumento elaborado, porque o cérebro continua a trabalhar sobre a memória a muitos níveis. Talvez, nos seus sonhos, possamos encontrar pistas que o senhor desconsiderou no estado de vigília.

– Está a brincar comigo.

– De modo algum.

Arturo olhou-o como se estivesse diante de um morto ressuscitado. Aquilo era algo que não tinha pés nem cabeça. Como a maioria das coisas da vida, afinal.

– Sonhos... Ainda ontem, tive um.

– Conte-me.

– Estava em pé, a olhar para uma cabana.

– A que foi revistada?

– Não, não tinha nada que ver, era uma cabana de troncos grossos, maciça. Estava tudo muito calmo, em silêncio, havia lenha empilhada no alpendre, a lareira estava acesa e saía fumo, e havia um reflexo dourado nas janelas.

– Estava frio?

– Pelo contrário, estava um dia bastante quente.

– Prossiga.

– Como lhe disse, estava tudo tranquilo, mas a mim faltava-me alguma coisa.

– Que coisa era essa, Arturo?

– Acho que era uma rapariga, faltava uma rapariga. Imaginei que estaria ali e não estava, e isso admirou-me. Quer dizer, parecia ter um encontro marcado com ela, e ela não estava, e eu sentia-me absolutamente dececionado. Tinha entrado, tinha dado a volta à cabana e agora estava no exterior, e não havia rasto da rapariga. E comecei a perguntar a mim mesmo porque tinha feito aquela viagem e porque estava sozinho. Comecei a sentir-me muito sozinho. E então aconteceu...

– Aconteceu o quê?

– Nesse momento, na cabana...

– Bom dia. Desculpem o atraso.

Junto à ombreira da porta, estava Valentín Antuña, bem vestido, penteado com risca à esquerda e a nuca rapada. Tinha um daqueles perfis que poderiam figurar numa moeda. Cumprimentou de novo, individualmente, e desculpou-se pelo atraso com os argumentos mais bizarros. Entregou a Eliseo Sánchez um saco com algo cilíndrico no interior, *um presente de Cáceres*. Eliseo olhou para dentro.

– O nosso amigo sabe como sou guloso – sorriu.

Nos minutos que se seguiram, Arturo contemplou a cena desapaixadamente. Eliseo abanava-se freneticamente, enquanto Valentín encaixava cabalmente cada questão, fazendo corresponder-lhe um álibi ou uma justificação esgrimida com um cinismo que advertia Arturo da normalidade com que os lacaios se tinham tornado viciados na sua própria loucura. Todas aquelas crianças aprisionadas nas redes burocráticas não se encontravam nesta situação por acidente nem por castigo, mas porque tal havia sido decretado por uma hipotética condição biológica. Aquela alegação de inferioridade e degeneração dos dissidentes amparava instituições e ações, qualquer política levada a cabo por uma cadeia de indivíduos malvados ou preguiçosos ou apáticos, ou simplesmente estúpidos, que em momento algum imaginavam aquilo como um desastre moral, um ultraje ou um

crime. O homem que falava interminavelmente – Arturo poderia simplesmente reduzi-lo a uma boca tagarela – tomava decisões que arruinavam vidas, mas era somente uma raiz tola e cega que penetrava incessantemente na injustiça. Quem a regava, quem a guiava, quem a acreditava era aquele tipo gordo e viscoso e, por trás dele, todos os filhos da puta que tinham criado um Estado para defender o interesse de uns poucos em detrimento de muitos, muitíssimos, demasiados. Aquela cúpula autista, sectária, indolente, arbitrária, dispendiosa. Arturo observou o céu de Madrid e teve a certeza sufocante de que a única maneira de se estar seguro era desconfiar de tudo, para sempre; uma pena clássica. Quando se cansou do ronronar de Valentín, já não era significativo que aquele indivíduo estivesse ou não relacionado com aquela infâmia, aliás nenhum deles – tudo se reduzira a uma formalidade que tinha de ser cumprida. Concluiu a entrevista com uma afabilidade que implicava que também ele contribuiria com o seu grãozinho de areia para o edifício de toda aquela desumanização, podiam ficar descansados.

Arturo saiu para a rua e dirigiu-se ao bar onde Manolete o esperava com uma aguardente à frente. Quando Manolete viu a sua expressão crispada, pediu imediatamente mais dois copos. Limitaram-se a beber, Arturo com o olhar cravado na entrada do prédio. Valentín tardou três quartos de hora a sair. Arturo só teve de fazer um gesto com o queixo para que Manolete se levantasse para o seguir.

O cabo limpou uma ramela dos olhos e continuou a comer, imperturbável. Através da janela do pequeno quartel, vislumbrava-se um remoinho de pessoas vociferantes, com os rostos contraídos de cólera. Da população, erguiam-se uivos ocasionais pedindo a morte de Diego Peinado ou justiça para a menina. Não eram apenas pessoas da aldeia; uma multidão vinda dos arredores reunira-se para reclamar o seu conceito particular de justiça. A mente coletiva que reinventava e contradizia a realidade espalhara a notícia de que, na cabana, tinham encontrado uma peça de roupa pertencente ao preso. Aquilo representava uma prova irrefutável, o julgamento afigurava-se sumaríssimo. De vez em quando, vinham encostar a cara às janelas ou

batiam na porta, exigindo entrar, e nem aquele sol africano parecia roubar-lhes um pinga de vigor.

– Acha que vão tentar alguma coisa? – perguntou Nicolás.

– Não, não vão fazer nada, estão apenas a descarregar a raiva.

– Mas vamos ter de ficar cá esta noite.

– Se calhar.

– Depois do que se passou ontem, talvez fosse conveniente pedir reforços. Até isto passar.

– E fazer figura de urso? Nem penses.

Nicolás olhou de novo pela janela. Fez uma careta.

– Como gritam, aqueles desgraçados. De onde terão saído tantos?

– Não me digas que estás com cagufes.

Nicolás soltou um grunhido.

– Que fazemos se tentam entrar?

– Ou haverá mais mortos ou haverá mais presos, depende deles.

– De onde terão saído tantos...

Nieves observava ao longe a algazarra diante do pequeno quartel e ia narrando à mãe o que sucedia. Mencía não podia sair da cama, estava deitada de barriga para baixo, com as costas cobertas de gazes avermelhadas. Desde as omoplatas até à cintura, era uma dor contínua. O médico tivera de retirar-lhe partes da blusa com a ajuda de uma pinça; o tecido estava incrustado na carne, infiltrado como uma segunda pele. Enquanto a filha mais nova lhe fazia um curativo, a mais velha contava-lhe como a multidão se ia paulatinamente encrespando; de repente um dos membros da turba encheu-se de coragem e entrou pelo pequeno quartel adentro, empurrado pelos restantes. A menina ficou em silêncio, com os olhos muito abertos, e Mencía, exibindo uma expressão sofredora quando Eulalia levantou a ponta de uma gaze, perguntou-lhe porque se calara. Nieves retomou a narração, contando como o grupo que se aglomerara frente à entrada começava a abrir-se. O homem que tinha entrado voltava a sair, às arrecuas, com as mãos no ar. Logo surgiu Salvador, com a *Mauser* apoiada na cintura, enquanto Nicolás o cobria com a sua metralhadora apontada. O cabo começou a falar aos gritos com a multidão, congestionado, empurrando o peito do exaltado com o cano da arma.

Os brados e a confusão prosseguiram e, apesar das advertências de Salvador, a turba voltou a fazer pressão em frente até que umas mãos se atreveram a agarrar a arma de Nicolás. Salvador não pensou duas vezes: pressionou a culatra da sua espingarda contra o rosto de um dos manifestantes e, de seguida, disparou duas vezes para o ar. A multidão começou a correr, dispersando. A rua ficou deserta, uma folha de jornal era lentamente arrastada por uma brisa muito leve – de um lado, tinha um anúncio de uma marca de loção para os piolhos; do outro, exibia o melhor marcador de um jogo de basquetebol.

– Raio de calor – praguejou Oliveira, enquanto se sentava ao lado de Ventura, limpando o suor com a manga da camisa.

Ventura afastou-se para lhe dar espaço e corroborou a observação. Oliveira era um andorrenho de cabeça grande e dentes mal engrenados, que se casara com uma espanhola e, por solidariedade, alinhara com a República. Andava sempre chateado com alguma coisa, facto que não agradava a Ventura, mas era o que tinham. O andorrenho pegou num bortal e, remexendo no interior, retirou de lá umas cebolas, que fez menção de partilhar, mas que Ventura rejeitou.

– Que anda o chefe a tramar agora? – disse, apontando com o queixo para Extintor.

– Não sei. Tu sabes alguma coisa?

– Ele não se descose, mas dizem que anda a cobiçar a quinta de El Lentisco. E precisamos de provisões.

– Isso vai ser perigoso, essa zona é muito controlada.

– Não sejas palerma, os fascistas não podem ter a serra toda sob vigilância.

– Lembra-te de La Retama.

– Hoje, não me pareces muito animado.

– Ando com prisão de ventre.

Oliveira resmungou algo e depois calou-se, erguendo os olhos para o céu. Ventura não conseguiu evitar uma pontada de desprezo, sabia do que a casa gastava, ouvira a fastidiosa cantilena do outro centenas de vezes – os esparguetes são todos meio maricas, os alemães, umas bestas, esta é uma guerra dos pobres contra a Guarda Civil, os aristocratas, os ricos e os caciques, na Rússia os camponeses são

valentes e generosos e sabem ler e escrever e comem todos os dias, e os mexicanos também são bons –, mas, quando Ventura lhe perguntava porquê, respondia sempre que não se lembrava. Além disso, sabia muito bem que devia controlar cada palavra que pronunciasse diante dele, um mexeriqueiro que não hesitaria em levar as suas cantilenas ao comissário político, que lhes estava atravessado a todos como um espinho cravado na garganta. E, por essa altura, era perigoso alguém pensar que Ventura iniciara uma heresia. Ninguém parecia ter coragem para dizer a Extintor que já não se mexiam com a rapidez e a audácia de outrora; as últimas operações já não tinham dependido da habitual aliança de estratégia e sorte, mas de um milagre. Notava a desgraça a rondá-los. Observou Oliveira, que continuava a entremear na conversa as palavras burros, gerais, cabrões, fascistas, maricas e padres. Não suportava aquela obstinada falta de critério em relação ao passado. Atrás dele, a luz conferia a um promontório a aparência de uma fortaleza erguida em tempos antigos. Era a mesma luz seca que lhe enchia os olhos, a cabeça; não era capaz de digerir tanta, uma inundação de luz que criava ilusões de ótica, alucinações. Aquele fantasma que tinha disparado na noite anterior podia muito bem entrar naquela categoria. Quem era e que diabos fazia ali? Porque interviera? Não tinha respostas. Talvez o truque para viver se limitasse, por vezes, a ser-se capaz de o fazer precisamente quando não havia respostas.

Ao sair da última curva, enquanto a maioria dos cavalos se apinhava contra as tábuas para disputar a reta final, um dos jóqueis optou por se desviar para o outro lado da pista numa manobra suicida. Nesse momento, os espectadores rugiram nas arquibancadas, concentrados no grupo dianteiro, com dois à cabeça e o resto atrás, a meio corpo de distância. Os primeiros adiantavam-se à vez, aumentando o vigor das chicotadas, enquanto lentamente, muito lentamente, o cavalo que galopava pela parte de fora ia encurtando a distância, até que, perto da meta, se impôs por meia cabeça ao resto do grupo. O jóquei levantou o chicote em sinal de vitória, desencadeando o ritual dos espectadores que relutantemente rasgavam os seus talões de aposta perdedores, ou os acenavam alegremente

acima das suas cabeças, ou que consultavam resignados o programa para tentarem mudar a sua sorte na próxima corrida. Manolete não pertencia a nenhum dos três grupos porque, cada vez que via cavalos, não podia deixar de pensar em todos aqueles que comera na Rússia. Afastou as más recordações e observou, do cimo da arquibancada, como Valentín rasgava as suas apostas com uma mistura de raiva e resignação. Colara-se-lhe desde Lagasca, seguindo-o por toda a cidade, uma casa em Tetuán de las Victorias, uma cervejaria em Santa Ana, um recinto para a prática da pelota basca em Chamberí... para terminar a meter pela estrada em direção ao hipódromo da Zarzuela. De todas as vezes, apanhara táxis. Agora, o pardal subia as escadas; quando passou junto dele, Manolete sacou de um pente e penteou o cabelo com cuidado, levando o seu tempo antes de seguir no seu encaço. Valentín estava na fila para colocar as apostas; a sua atitude ansiosa dividia-se entre uma madeixa de cabelo rebelde, que ele tentava frequentemente pôr no sítio, a fila e o anúncio da próxima corrida. Havia muita gente, uma atmosfera de festa, metade alegria, metade incerteza. Muitos aproveitavam o intervalo para tomar uma bebida no bar. O sol brilhava com força e a maioria das pessoas refugiava-se sob os cobertos ondulados. Manolete escutou um rumor à sua esquerda e viu um adolescente a apontar para o céu. As pessoas à sua volta seguiram a direção do seu braço, que assinalava um avião que se aproximava, com a sua sombra avançando sobre cercas e pomares, ondulando a cada contorno do terreno. Os aviões também não traziam boas lembranças a Manolete. Esperou que Valentín fizesse a sua aposta e voltou ao seu lugar na tribuna. O sistema de som anunciou a corrida seguinte e os cavalos foram para a pista, encaminhando-se para o ponto de partida, montados pelos seus ginetes policromáticos. Quando a corrida começou, um bramido exalou toda a ansiedade contida. A linha foi-se alongando à medida que devorava a pista. O funcionamento muscular dos fibrosos animais, a excitação que percorria a pele do enxame humano, estimulando o seu zumbido. Manolete ficava à margem de todo aquele espetáculo, mas não deixou de sentir uma pontada de agitação. Os cavalos seguiram num grupo compacto até alcançarem a reta sem que nenhum conseguisse destacar-se, embora já se pudesse notar quem levava o

ritmo certo. Os jóqueis aumentavam o vigor do chicote para o *sprint* final e, palmo a palmo, alguns começaram a ficar para trás, até que restaram apenas dois em jogo. Valentín golpeava o ar com o punho, como que marcando o ritmo a um dos animais, ao mesmo tempo que soltava gritos de encorajamento. Numa fração de segundo, tudo mudou. Quando os animais estavam prestes a cruzar a linha de meta, o que ia colado às tábuas acabou, num arranque final, por vencer por uma cabeça, deixando Valentín paralisado. Ficou ali, abatido, vendo como o vencedor trotava de regresso à zona onde o esperavam os parabéns e elogios da sua equipa e a gratidão de quem apostara nele. Quando o animal parou no meio dos seus admiradores, deu três golpes impacientes com a pata direita no chão e defecou generosamente. À volta de Valentín, criou-se um vazio; *as pessoas fogem instintivamente da má sorte, de quem se queima*, pensou Manolete. Especulou sobre o que, nesse momento, poderia estar a passar pela cabeça do outro, aquele sentimento de perfeita irreversibilidade das coisas. Valentín ajustou o chapéu e virou-se, olhando-o a direito. Manolete assustou-se ao pensar que tinha sido descoberto, mas foi apenas uma ilusão. O olhar do homem vagueava no ar, sem uma finalidade específica. Subiu as escadas e Manolete deixou passar alguns segundos antes de o seguir. Valentín fez uma paragem no bar, tomou dois copos, um a seguir ao outro, e logo depois abandonou o edifício. Preparava-se para chamar um táxi quando dois homens o cercaram e o arrastaram para um canto com uma violência contida. Manolete manteve-se à parte, observando a rixa em que Valentín não parecia estar a levar a melhor. A aparição casual de um polícia fez com que deixassem de lhe bater, oportunidade que Valentín aproveitou para escapar dos seus perseguidores e meter-se num táxi entre súplicas, promessas e pedidos de «mais tempo». Manolete não se apressou a segui-lo. Aquele tipo já estava marcado; agora, os melros que lhe interessavam eram aqueles dois.

Madrid. A alma de Madrid pertencia ao seu céu azul e subtil. Era propriedade de algum verso solto. Encontrava-se nos copos bem servidos das suas tascas. Ou nas sombras das suas estátuas e mármore. Quem saberia dizê-lo? Arturo perdia tempo nestes

assuntos, sentado à sombra de um plátano no Jardim Botânico. Os anjos lavravam a terra a São Isidro, enquanto ele se dedicava a coisas mais espirituais, mas os de Arturo só ajudavam em parte; sentia-se cansado e sufocado, pelo que tinha tirado a tarde de folga. Depois de almoçar no bairro de Bilbao, vagueara pelos alfarrabistas da rua de San Bernardo e agora fazia tempo antes de entrar no Museu do Prado. Tinha andado a adiar esta visita. Lá dentro, encontravam-se algumas das suas memórias mais insuportáveis. A certeza da sua incapacidade para conservar as pessoas, embora as amasse ou apreciasse, por apatia, inércia, má sorte. Pela sua cabeça, voltou a desfilar uma série de rostos, alegrias, ações ridículas, sofrimentos, atos mesquinhos, heroísmos. Tudo desvanecido. *Quem és tu, Arturo? Não mais que uma soma de recordações que hás de rever uma e outra vez para continuares inteiro*, e a cada revisitação regressava a insónia, a irritabilidade. Talvez o destino daquela criança fosse melhor, deixar de lutar contra a incoerência. Conseguiu levantar-se e sair do Jardim Botânico. Em frente, ficava a porta de Murillo. Aquele edifício estava cheio de perguntas sem mais respostas que o seu próprio eco. E, em alguma daquelas salas, esperava-o «A Arte de Matar Dragões». *Que sinto? Que deveria sentir?* Arturo pensava nisto; às vezes, tinha medo de não sentir o que seria suposto, como se fosse outra pessoa. A única coisa certa é que entrar ali seria oferecer o pescoço ao cepo da tristeza. E, não, ainda não, não... Voltou costas e caminhou.

Passou a tarde num café de Hermosilla, entre volutas de escaiola, dourados, veludo puído e mesinhas de mármore. Um empregado de peruca serviu-o incansavelmente, enquanto Arturo concentrava o seu interesse nas tertúlias em curso. Numa delas, reconheceu Carlos Sáenz de Tejada. As velhas conceções chocavam com os novos valores, combinavam-se, coexistiam; os ideais confrontados com realidades geopolíticas, a estratégia frente à condenação moral. Arturo continuou a ouvir e continuou a beber até que as palavras foram desaparecendo. Antes de se levantar, ainda registou uma última história: um rei etrusco que atava os presos aos cadáveres das suas vítimas, cara com cara, e assim os deixava até que ambos tivessem apodrecido. Tal como Arturo estava amarrado à sua consciência.

O crepúsculo avançava e Arturo juntou-se à tribo de bebedores inveterados que se refugiavam, em silêncio, nos cantos mais escuros dos bares. Quando saía de um e entrava noutro, o tom da luz tinha mudado, mas as pessoas pareciam iguais. Álcool e mais álcool; não o fazia sentir-se melhor, apenas o ajudava a manter-se vivo. A suportar aquele desvario de tentar atar as pontas soltas de uma vida, o delírio de dar sentido ao que nada mais era que uma sucessão de fragmentos incoerentes. Em cada esquina havia um passado permanente e invisível que sucedia continuamente, uma memória que se imiscuía na avaliação clara das coisas, arrastando a sua frustração como a cauda de um cometa. A noite surpreendeu-o na praça com a cruz de pedra, que ia dar à Cava Baja. Labirintos de ruas estreitas e sinuosas, um solar com os muros partidos e ruínas no interior. Arturo sentou-se no chão, diante de umas varandas com roupa pendurada a secar. Numa delas, um homem veio até à grade, acendeu um cigarro e ficou ali, a apreciar o tabaco e a calma da noite. Antes de adormecer, Arturo perguntou a si mesmo se o homem teria consciência da sorte que tinha naquele momento.

5 N. da T.: A citação é do Canto I de *Paradise Lost*, de Milton. No original: «(...) round he throws his baleful eyes, That witnessed huge affliction and dismay, Mixed with obdurate pride and steadfast hate».

11. Intramuros

– Querido, o pequeno-almoço vai arrefecer.

Já era a segunda vez que a esposa o avisava, mas naquele dia não estava com disposição para o que quer que fosse. José Antonio Ponce contemplou-se no espelho que cobria a parte interior do roupeiro. O mercúrio do espelho devolvia-lhe a imagem de um indivíduo de pele leitosa, em cuecas e camisa branca, com bolsas violáceas debaixo dos olhos, barrigudo. Considerou que não representava propriamente uma alegoria majestosa da Justiça de olhos vendados ou de um Pensador Supremo envolto na sua toga. Quando foi nomeado para o tribunal de menores, a última coisa que poderia imaginar era que iria custar-lhe a engolir a comida. Estava acostumado a distinguir as *nuances* do que se lhe ia apresentando no âmbito da sua carreira, o crime ou a crua violência, as vigarices que se disfarçavam de virtude. Os processos que se espalhavam diariamente sobre a sua secretária representavam as sobras pendentes de uma guerra, e a prova de que ele tinha uma missão nobre. Isso era o que lhe tinham ensinado, que o limite é o elemento fundador da liberdade, porque o mundo não existia como tal, só havia acaso e necessidade, e a liberdade só era possível através da lei que delineava a coexistência numa sociedade. E era ele, o juiz José Antonio Ponce, quem a aplicava. Encontrou uma camisa limpa, que vestiu e foi abotoando com cuidado. Quando era jovem, estava profundamente convencido do valor do seu trabalho. Contudo, há muito que haviam retirado ao direito os seus fundamentos morais e, para sua surpresa, o edifício mantinha-se de pé. Os processos sem provas nem defesas, sem bases nem causas, tinham-no assustado ao início, mas uma pessoa depressa se acostumava. Palmo a palmo, a sua vida reduzira-se a atirar pazadas de escória ao sistema – e o sistema fazia quase tudo. Em poucas horas, as coisas estavam novamente em ordem. Uma pessoa ficava no seu gabinete, em silêncio, desculpava os tempos que se viviam. Em troca, uma toga, títulos sonantes, reputação, aquela política de uma mão lavar a outra, a sopa servida em louças da Boémia, ao chegar a casa, uma mulher que cuidava dele. Poderia ter sido pior, muito pior. O futuro, as mudanças, essas ficavam para a geração seguinte. Mas, então, algo se conjurava para estilhaçar

a aparência de moralidade, algo que fazia encolher o coração. Um prócere da pátria, um patrício, um herói que representava aquela linha que ele defendia, a divisão clara entre os que se inclinavam para o vício e os que tendiam para a moderação, entre os que promovem a sublevação e os que apreciam a paz, entre decência e indecência. Essa fronteira, esse «limite» que ele guardava era violado. Esticou o pescoço e fez o nó na gravata; depois, vestiu as calças. A pergunta de Gabino Cabañas perturbava-o. Por mais descontraído que parecesse, estava inquieto – a sua abordagem sem rodeios ou sugestões veladas indicava-o –, e alguém assim revelava-se sempre instável. Como explicar-lhe que tudo se baseava na tolerância? Uma pessoa tinha de aceitar os tolos, os seus próprios tolos, para o regime poder continuar a felicitar-se. Era algo inerente ao seu cargo; ir contra a maré apenas lhe traria desconfiança, insegurança, caos. E ninguém era tão puro que estivesse em posição de lançar um torpedo para demolir o sistema. O idealismo não passava de um sentimento barato e havia aquelas trevas onde homens que tinham sido extraordinários podiam dar largas aos seus instintos. Viam-se obrigados a integrar metade do país com as suas dívidas, a sua população, com toda a sua prata e ouro desbaratados pelos comunistas. Viam-se obrigados a reconstruir um país devastado, a reflorestá-lo. O que significavam umas quantas criaturas em comparação com o perigo de que latrinas entupissem e a merda acabasse a transbordar pelos extremos do país? As prisões estavam cheias de vermes, as cidades e as aldeias cheias de rebeldes, de colaboracionistas. Dar-lhes argumentos contra os justos vencedores raiava a indecência. De quem seria, então, a culpa de que tudo se incendiasse de novo? A sociedade não é só dos vivos, os mortos e os nascituros também fazem parte dela. Sendo assim, não deviam basear-se na lei, um produto humano, mas ver mais além, alicerçar tudo no julgamento divino – e que a mão direita não saiba o que faz a esquerda. E que tudo continuasse a desenrolar-se, enquanto ele estava no centro, como um fiel de balança que equilibra o todo. A memória era irrelevante, débil, somente importavam o compromisso e a concessão, a oportunidade que lhes havia sido dada de construírem uma nova sociedade, de orientarem a história numa nova direção. Não se tratava de felicidade, mas da satisfação de um poder usado

corretamente, com dureza, com orgulho, com astúcia, até mesmo com egoísmo e, porque não dizer, com alguma hipocrisia.

– José Antonio, é a última vez que te aviso, ainda ficas sem pequeno-almoço.

– Já vou, mulher, já vou...

Eram jogos de palavras. Sentavam-se frente a frente e tinham de adivinhar coisas que só podiam definir com explicações indiretas, sem nunca se referirem ao objeto ou ao fenómeno em si. Tem tal forma ou acontece em tal altura ou é usado para este ou aquele fim, recorrendo a bizzarros malabarismos lexicais até a adversária conseguir acertar. Naquele dia, contudo, enquanto brincava com a irmã, Nieves tinha a cabeça noutra sítio. Estava a descobrir como a sua forma de agir condicionava o comportamento dos homens. Já não a assustava olhar-se ao espelho e ver como os seus seios estavam maiores e as ancas mais volumosas. A firmeza e a plenitude das formas já não lhe causavam perplexidade ou constrangimento, mas uma sensação de controlo, em especial quando os rapazes ficavam perturbados na sua presença. Nieves não namoriscava, mas intuía já os caminhos adultos que a afastavam daqueles jogos infantis. Adivinhara-os contemplando algumas cenas de maneira involuntária, vendo cães ou cavalos a acasalar, espetáculos simultaneamente repulsivos e fascinantes. Uma febre que, por vezes, se tornava virulenta e terminava numa desordem ou numa desgraça. Como no caso daquela menina que tinham encontrado morta. Nieves não soubera como responder à irmã quando esta lhe perguntara se também elas acabariam assim, de forma que tinha procurado desviar a sua atenção com aquele jogo. Mencía via-as brincar atrás da janela. Eulalia começara a ter pesadelos, gritando todas as noites como se alguém a estivesse a atacar. Acordavam-na, mas a menina não conseguia sair do sonho e continuava a gritar e a chorar, até que, por fim, Nieves e a mãe conseguiam que ela as reconhecesse. Quando começava a acalmar-se, ficava a olhar para algum ponto indefinido na sua frente e, durante esse tempo, elas não percebiam se permanecia ou não dentro do pesadelo. Eulalia ainda estava na idade em que a mãe podia moldar a sua mente, responder a todas as suas perguntas e, quando tal não era possível, inventar

respostas. Era diante da adolescência de Nieves que Mencía estava indefesa; não podia esgrimir, contra ela, conhecimentos improvisados. Por isso, tinha de fingir que nada podia magoá-la, um dom desenvolvido ao longo de uma vida inteira à espera do pior, e ver como as coisas decorriam, mantendo as suas lágrimas sempre secretas. Sentiu uma imensa hostilidade e, a seguir, um calafrio. Não poder partilhar as suas preocupações com Ventura era outra das dívidas que os seus carrascos deviam pagar. Mas ambos resistiriam: por elas, por aquele novo filho que estava para vir – porque tinham assumido o compromisso de cuidar das crianças, sabendo que era impossível –, por aquelas cartas que chegavam do estrangeiro, pelas chicotadas que lhe laceravam as costas. Amor e medo. Amor e medo.

Tentámos fugir juntas. Tínhamos um plano, o dia, a hora, o local. Tínhamos planeado o caminho que seguiríamos. Partimos ao meio-dia, depois de fazerem a chamada. Saímos pela porta das cozinhas, que dava para o lado do mar, e continuámos ao longo da costa, para oeste. O ar salgado, a sensação de liberdade, os campos verde-esmeralda com vacas cor de canela ou brancas e pretas, as montanhas, o mar... Parávamos junto à água e corríamos para a frente e para trás, acompanhando o movimento da maré. Também me lembro de que perseguimos um caranguejo de grandes patas, até que o bicho deu a volta de repente e levantou as pinças no ar, como um pugilista, furioso. Tudo nos dava uma sensação de euforia, de que tudo era possível. Chegámos a uma pequena localidade e saboreámos a liberdade, pessoas vestidas de maneira diferente sentadas nos bancos dos parques, coretos com música, matizes vulgares que a nós, enclausuradas naquela sórdida instituição, pareciam um desfile de maravilhas. Para nossa desgraça, um guarda não demorou a reparar em nós e apanhou-nos antes que pudessemos escapar. Em três horas, estávamos de volta a casa, mas os castigos que nos tinham reservado não puderam ser aplicados por causa de uma visita inesperada. No dia seguinte, tínhamos de formar todas no pátio para receber um senhor de Madrid, disse a diretora, que vinha ali para garantir que não nos faltava nada, até mesmo a nós, que éramos umas mal-agraçadas e devíamos era viver em cavernas, no meio dos bichos, em vez de encontrarmos acolhimento na sua indulgência, que somos boas de mais, disse ela, boas

de mais para animais como vocês. Sob o céu, como uma gaze branca, aquele senhor cumprimentou-nos e explicou que estava ali para continuar a obra que faria de nós boas espanholas, dedicadas ao lar e aos filhos, como desejavam Deus e Franco. Também distribuiu alguns doces e as freiras obrigaram-nos a fazer a saudação com o braço ao alto e a cantar com ele. Durante o almoço que se seguiu, um verdadeiro banquete por conta do nosso protetor, como as freiras não paravam de repetir, este ia conversando com a Madre Superiora, enquanto ela apontava para aqui e para ali. Tinham-me separado de Josefina e tinham-nos colocado de tal forma que estávamos de costas uma para a outra, com o aviso repetido de que os nossos castigos seriam maiores se tentássemos olhar-nos. Mas «sentíamo-nos» uma à outra, irremediavelmente unidas por belos momentos que eles jamais poderiam partilhar. Um amor que sorria através de todas as desgraças. A única coisa estranha era que, de cada vez que eu olhava para a mesa principal, aquele homem retribuía o olhar e ficava a observar-me fixamente, com uma expressão no rosto que eu não era capaz de decifrar.

– Anda, desgraçado, levanta-te.

Arturo sentiu dois pontapés na perna e acordou bruscamente.

– Põe-te em pé e mostra-me os documentos, que não me estás a dar lá muito boa impressão.

O polícia voltou a pontapear Arturo, que grunhiu, meteu a mão sob o casaco e sacou da pistola. O agente ficou hipnotizado pela arma.

– Tenho família – conseguiu dizer.

– E eu fartei-me de fazer viúvas durante a guerra.

Sem deixar de apontar a arma, Arturo ergueu-se com dificuldade e procurou a identificação nos bolsos. Quando o polícia verificou quem era, perfilou-se e desfez-se em desculpas. Arturo disse-lhe para se pôr a andar, guardou a arma e procurou os óculos. O amanhecer tornava tudo mais intenso, como quando se limpa um quadro. Os pássaros ziguezagueavam a toda a velocidade. Sentia um latejar terrível na cabeça e um leve tremor nas mãos. Tomou o pequeno-almoço numa taberna, mas ainda não se sentia muito em forma. A sua primeira tarefa foi fazer algumas chamadas para o SIAEM; a seguir, ligou para a Direção-Geral das Prisões, tanto para confirmar a visita daquele dia

como para liquidar as dívidas que contraíra no canal do Baixo Guadalquivir. Deparou com alguns obstáculos imprevistos, mas, por fim, conseguiu o que queria. Depois, apanhou um táxi para a prisão de Ventas e saiu diante do portão de entrada. Das três prisões de mulheres que havia em Madrid, aquela era a que menos o parecia, com os seus tijolos vermelhos, as paredes caiadas e grandes janelas; apenas as grades indiciavam a sua finalidade. As funcionárias olharam-no com desconfiança, até que lhes mostrou os documentos. A prisão inteira exibia uma atividade febril naquelas primeiras horas do dia, com celas e corredores que fervilhavam de mulheres com toalhas no braço. Facilmente se podia constatar a superlotação inverosímil em que viviam: três andares divididos por uma galeria central, sórdidos e nauseabundos, a abarrotar de pessoas. Depois das formalidades com a direção, Arturo passou a manhã na enfermaria – nessa e nas outras manhãs dessa semana, tentando encontrar o rasto de uma menina doente. Nem as anotações nem os testemunhos atestavam a sua passagem pelo estabelecimento, mas a falta de provas não provava nada. Enquanto isso, os seus encontros com Manolete iam-lhe esboçando uma vida, a de Valentín Antuña, assolada por dívidas: o vício das apostas ia-o devorando, estava enterrado nele até ao pescoço. Quando Arturo concluiu que os lançamentos contabilísticos não lhe iam servir de isco, tentou os testemunhos das prisioneiras. Para enfrentar o problema logístico que representava mostrar algumas fotos a milhares de mulheres, limitou a busca às presas mais antigas. Ainda assim, a possibilidade de um resultado, tendo em conta o número de mulheres que tinham sido transferidas naqueles anos, limitava-se a uma ínfima esperança. Na verdade, tudo o que Arturo conseguiu foi uma perspetiva privilegiada de toda a sobrelotação, miséria, fuzilamentos, humilhações, fome e falta de higiene do local. Uma dor que era inerente à natureza moral do castigo; cada regra e cada punição procuravam a correção e a exemplaridade. Especialmente duro era o castigo imposto às mães cujos filhos, após os três anos, não podiam permanecer na prisão e eram enviados para as várias instituições do Auxílio, impedindo-se todo o contacto até que as mulheres acabassem de cumprir as suas sentenças. O único grupo que parecia ter a organização e a solidariedade necessárias para enfrentar

aquele inferno, as comunistas, sofria também do mesmo espírito rígido e sectário, porque, ao mesmo tempo que esta organização as blindava, ia-as desumanizando. E havia o cheiro a crina podre e a sanitários infectos, o calor que tudo envelhecia.

Arturo decidiu que não tinha mais nada a fazer ali e, depois de ouvir falar de outro lugar perto da ponte de Segóvia, a prisão para mães lactantes, optou por mudar de terreno de caça. No dia em que se despediu das funcionárias, Luisa, uma das presas mais antigas, observou demoradamente, ao longe, o capitão que a interrogara uns dias antes. Aquele Andrade viera-lhes com a história das miúdas, mas nem mesmo a fotografia da menina morta a comovera. O capitão não conhecera os primeiros tempos daquele sítio, em que centenas de crianças tinham sucumbido à disenteria e à tifo, amontoadas em salas onde as deixavam morrer sem socorro. Sonhava com aqueles rostos famélicos que lambiam as paredes de gesso para compensar a falta de cálcio. Não podia acreditar que os assassinos quisessem agora justiça, depois de anos a separá-las dos filhos. Luisa poderia ter-lhe dito que a menina morta se chamava Floreal e que a sua mãe, uma pobre mulher analfabeta, condenada a vinte anos, fora transferida para uma prisão no Sul. Mas, agora, que vantagem teria ela em saber que lhe tinham matado a filha? Um golpe que a mergulharia numa agonia indescritível. No meio da sua perda, poderia, pelo menos, imaginar que a menina teria, hoje, uma família respeitável, onde estaria bem alimentada e bem vestida. Era melhor deixar as coisas como estavam.

Escolhiam sempre as noites que antecedia a lua nova, mais escuras, para operar. Um dos alvos que andavam a rondar há mais tempo era a quinta de El Lentisco. Chegara-lhes a notícia de que o proprietário tinha dinheiro e até um esconderijo de armas, mas havia o inconveniente de a Guarda Civil ir muito ali, por causa da sua proximidade a um quartel. O grupo de Ventura instalara-se numa área elevada a partir da qual dominava a propriedade, planeando uma vigilância de três dias antes do assalto. Decidiram atacar nessa noite, com nove homens, cinco pela frente e quatro pela retaguarda. Extintor, em pessoa, ia liderar o ataque e Ventura chefiaria a secção

traseira. Quando se aproximaram em fila indiana, avistaram um homem idoso que, ao vê-los chegar, gritou para dar o alarme e se escondeu. Ventura perseguiu o velho até ao interior de um armazém quando, qual não foi a sua surpresa, esbarrou num guarda-civil que lhe apontava uma metralhadora. Durante um segundo, foi um alvo perfeito, enquanto assistia ao percutor bater sem produzir qualquer detonação. Para surpresa mútua, a arma encravara e o guarda fugiu a correr por um corredor. Ventura preparava-se para ir em sua perseguição quando, vindo da frente da casa, começou a ouvir um grande tiroteio. As janelas foram ocupadas por mais guardas-civis que abriram fogo, forçando-os a procurar cobertura e a devolver os disparos. Confrontados com o que parecia ser uma emboscada, não lhes restava senão bater em retirada. O grupo de Ventura não conseguiu contactar Extintor e fugiu, perseguido pelo que pareciam ser reforços dos quartéis vizinhos. Dividiram-se em dois grupos, para dificultar a perseguição, mas com o intuito de se voltarem a juntar mais tarde, num lugar previamente acordado. O companheiro de Ventura, Emilio Gasosa, fora baleado no cotovelo; apesar de a bala não ter atingido nem ossos nem vasos sanguíneos, não viam o orifício de saída. Fizeram-lhe o primeiro curativo para que Gasosa pudesse continuar a caminhar. O que teria sucedido aos restantes? E como fora aquela armadilha possível, apesar das suas precauções? Um infiltrado? Algum contacto demasiado linguarudo? Pastores ou caçadores furtivos? Perceberam uma tentativa de os cercarem e continuaram a marcha até um ponto facilmente defensável, acima de um ferro-velho, onde também tinham deixado algumas provisões. Chegaram por volta das nove da manhã, mas não encontraram ninguém; pararam para descansar e se alimentar, mas Emilio, cada vez mais pálido, precisava de um médico. Decidiram regressar a um dos acampamentos designados e caminharam até ao pôr do sol, que iluminava a planície como um oceano de sangue. No ponto de encontro seguinte, também não encontraram ninguém, pelo que temeram que todos tivessem sido capturados ou mortos. Emilio adormeceu profundamente, enquanto Ventura comia e se lavava num regato, para depois dormir algumas horas. O seu descanso foi interrompido por movimentos estranhos nas moitas. Avistou dois grupos de guardas-civis que pretendiam cercá-los.

Acordou Emilio e, se não soubesse que acreditar na Providência era uma forma de desespero, teria rezado para que os guardas não tivessem tido tempo de completar o cerco, de forma a ter o caminho livre ribeiro acima. Começaram a subir a elevação, mas, apesar das suas precauções, foram descobertos e viram-se debaixo de fogo. As balas assobiavam em seu redor, mas conseguiram escapar aos perseguidores. Veio a noite. Caminharam por entre uma vegetação muito densa, arranhando o rosto e rasgando as roupas, por um terreno totalmente desconhecido, chegando mesmo a cair por uma ladeira íngreme. Ao passarem por uma clareira, viram algumas ossadas ao luar. Não conseguiam perceber se eram humanas ou não; vários cães estavam ocupados a comê-las, limitando-se a erguer a cabeça e a arreganhar os dentes quando os dois se tentaram aproximar. A ideia de que os seus companheiros haviam sido mortos pairava sobre eles obsessivamente. A madrugada chegou acompanhada por uma salutar rajada de vento. Estavam ambos sentados numa rocha plana, longa como uma canoa. Emilio estava cada vez pior, com um ar exausto e o rosto cheio de inúmeros cortes. Ventura não tinha melhor aspeto. A sua única hipótese era tentarem chegar à base, mas tal implicava um dia de viagem, um sem-fim de valas perigosas e o risco de que o inimigo fosse de novo alertado. Ventura discutiu o assunto com Emilio, mas este não tinha forças e concordaram que ficaria ali à espera que o viessem resgatar. Procuraram uma área onde ele se pudesse refugiar e Ventura deu-lhe a pouca comida que lhe restava, contando com outro depósito a meio dia de caminho, onde mantinham farinha e azeite. Separaram-se com um abraço e Ventura continuou a marcha. Colinas, talvegues, riachos, barrancos, bosques. E aquele maldito calor. Quando chegou à reserva, com calafrios de fadiga e de fome, descobriu que algum animal a localizara antes. Com raiva, pontapeou um crânio de cavalo, alvo como papel, fazendo saltar os dentes do maxilar. Depois de conseguir recuperar um punhado de farinha e azeite, fez umas migas diminutas e, a seguir, decidiu descansar antes de prosseguir para o acampamento. Nessa noite, dormiu profundamente e, no dia seguinte, por entre a ostentação cromática do amanhecer, alcançou a base, surpreendido por não ver sentinelas. Alertou-os aos gritos, para não correr o risco de dispararem

sobre ele. Bastou-lhe ver como o olhavam para compreender em que estado estava. Relatou-lhes o drama por que haviam passado, enquanto se organizava uma expedição para resgatar Emilio. Os companheiros contaram-lhe como tinham escapado por um triz da emboscada e que não sabiam nada do resto dos camaradas do grupo de Ventura. Este ficou chocado ao saber que não tinham transferido o acampamento de lugar perante a ameaça de ele e os restantes poderem ter sido capturados e estarem agora a ser torturados para revelarem a sua localização. Confrontou-se com Extintor, que o cansaço extremo tornava renitente em deixar um lugar com água potável, tendo em conta a extrema vigilância exercida sobre as nascentes e os riachos da serra. Decidiram, então, não transferir o acampamento, mas montaram uma guarda dupla. Dois dias depois, uma das sentinelas descobriu ao longe um indivíduo que parecia armado, saltando de pedra em pedra. Optou por abandonar o local com muitas precauções, mas, nesse entretanto, começou o ataque com granadas de mão e rajadas de metralhadora...

O *Chrysler* procedente de Sevilha passou junto ao apeadeiro dos caminhos de ferro e seguiu paralelamente a uma das cercas do enorme acampamento de Los Merinales. A proximidade de um fluxo de águas residuais provenientes de lagares de azeite e armazéns impregnava a zona com um fedor insuportável. Depois de passar pelo controlo dos soldados nas guaritas, continuou ao longo das filas de barracões com telhado de zinco, os economatos, as oficinas, os estábulos, as cozinhas... até se deter no pátio central, perto de uma plataforma aberta. Um Bejarano queimado do sol, com o rosto cheio de cortes e contusões, observou como dois homens desciam do veículo e se dirigiam aos escritórios. Os golpes daquele capitão tinham sido secos, duros, com plena consciência da necessidade de mortificar a carne. No entanto, num mundo onde os juramentos não tinham valor e as promessas se faziam para serem quebradas, aquele fascistoide cumprira o prometido. Os homens demoraram-se e, quando voltaram a sair, puxavam o seu filho pelo braço, que, num paroxismo de lágrimas e gritos, resistia a ser enfiado no carro. *No momento em que se preenchem os formulários de candidatura ao Patronato, perderás todos os*

direitos parentais, já sabes, dissera-lhe Arturo, depois de ouvir o seu pedido. Eu sei, confirmou Bejarano. E o que diz a mãe dele sobre isto?, perguntara Arturo. Se o senhor cumprir a sua palavra, nunca saberá que é obra minha, nem o meu filho, respondera-lhe Bejarano. Mas por que motivo estás a fazer isto?, quis saber Arturo. Para ele ter uma educação, uma oportunidade. Que esses panfletários estrangeiros que caluniam os destacamentos penais não tapem os olhos, proclamava a revista Redención, que não os tapem diante desses grupos brancos de presos que, cada manhã, se erguem em pleno sol, nos alegres pátios das nossas cadeias, de torsos saudáveis, fortes, disciplinados e airosos, enquanto, em grupos classificados por especialistas e sob as ordens de professores diplomados em ginástica, realizam os seus exercícios rítmicos... Nesse momento, o seu filho soltou-se e desatou a correr pelo pátio, mas um dos soldados acabou por agarrá-lo e devolveu-o aos homens. Arturo guardou a pistola e cerrou os lábios. Ficara sem palavras. Mas não sinta pena de mim, porque a mim as desgraças transformaram-me, mas não como o senhor pensa. Não me tornei um cínico nem um desiludido, pelo contrário, acredito mais do que nunca no Homem e na justiça. Na verdade, quem está realmente fodido é o senhor, dissera Bejarano. Porquê?, perguntara Arturo. Passem horas com eles nas suas quintas, nos seus cinemas, nas suas escolas, nas suas bibliotecas, nas suas oficinas, nos seus estúdios de arte. Aprendam, como eles, um ofício honrado... Finalmente, conseguiram introduzir o rapaz no carro, batendo as portas com violência e arrancando de seguida. Porquê? Diz-me porquê, insistira Arturo. Admirem os títulos obtidos desde a prisão com o tempo, os livros e as aulas generosamente disponibilizados pelo Estado. Convivam com as famílias dos prisioneiros, à volta dos destacamentos de trabalhadores... A cada pancada, a cada coronhada feroz da arma, Arturo exigira, com raiva: Diz-me porquê, diz-me, meu caralho! Bejarano não conseguiu evitar que o seu rosto ficasse lavado em lágrimas quando viu a traseira do veículo desaparecer. Teve a sensação de que o seu coração se poderia partir.

– Ainda vais ficar vesgo.

A frase, dita com uma ponta de sarcasmo e outra de resignação, fez com que Manolete parasse de olhar fixamente para o peito da mulher

que estava atrás do balcão da tabacaria, ocupada a organizar uma pilha de semanários. Era uma mulher de ancas largas e rosto naturalmente rosado.

– É que, cada vez que te mexes, levanta-se um furacão – cortejou-a Manolete.

– Olha que não és nada mentiroso.

– Mulheres como tu vi poucas.

– Deves dizer esses piropos a todas.

– Só quando ma põem dura como uma pedra.

A mulher fingiu ficar chocada, mas os seus olhinhos iluminaram-se. Manolete sorriu, sempre sem perder de vista o portal por onde Valentín entrara. Seria necessária a mobilidade dos olhos de um camaleão para manter aquele jogo, mas, até agora, Manolete conseguira desdobrar-se entre os seus dois focos de atenção. Aquele Valentín revelara-se um melro bastante suspeito, aprisionado numa densa teia de vícios, dívidas e ansiedade. A sua fraqueza pelas apostas mantinha-o preso num anzol, e qualquer movimento lhe cortava a carne.

– E o que é que vais fazer esta tarde, jeitosa?

– Tenho namorado.

– Não me importo que tenhas namorado.

– Mas importa-lhe a ele.

– E a ti?

Na última semana, os movimentos do tipo haviam sido frenéticos: ministérios, lares, prisões, restaurantes, o hipódromo... Manolete conseguira apurar ou intuir a maioria das atividades de Valentín Antuña; quando não estava de visita oficial a cantinas ou colégios, andava em esquemas dissimulados em estabelecimentos como o Villa Rosa, o Molinero ou o Chipen. Entre os poucos lugares que ainda não lograra investigar cabalmente, encontrava-se o Beti Jai, um recinto para a prática da pelota basca, datado do século XIX, agora fechado, situado no meio do bairro de Chamberí. Manolete observou as varandas da sua fachada neomudéjar; segundo pudera descobrir, o edifício fora uma esquadra de polícia durante a guerra, uma prisão improvisada e mesmo um local de ensaio para as bandas da Falange. O que não conseguia perceber era que aquele pássaro já tivesse

visitado, por duas vezes, umas instalações desportivas aparentemente abandonadas. Talvez, na sua febre, Valentín tentasse sacar dinheiro até do Além e andasse a jogar às cartas com os espectros.

– Depende – respondeu a mulher.

– Depende de quê?

– Daquilo para que me queiram.

– Olha, eu quero meter-te tudo menos medo – soltou Manolete, desavergonhadamente.

– Olha, que atrevido, mas por quem me tomas?

– Pela moça mais bonita de Espanha.

A mulher corou e tapou um sorriso com a mão, mas, quando Manolete tentou chegar-se mais perto, deu-lhe uma bofetada.

– Cuidado com as mãos, que tocam sempre onde não devem.

– Saíste-me cá uma insossa...

– Anda lá, não fiques chateado. Olha, ofereço-te um diário.

– Não leio jornais.

– Porquê?

– Porque a única coisa em que nos podemos fiar são os resultados desportivos e a necrologia.

Manolete dispunha-se a continuar a sua investida quando se abriu uma porta de madeira no edifício e Valentín saiu rapidamente. Por um momento, hesitou se devia ou não colar-se a ele, mas uma intuição cintilou na sua cabeça e deixou-o ir; já o apanharia. Continuou a namoriscar a mulher e, quando conseguiu o que parecia ser um encontro, despediu-se com ardor. Dirigiu-se calmamente ao portão de entrada, mas não entrou no edifício de imediato; primeiro, caminhou à sua volta, para avaliar que tipo de mouros havia na costa. Diante do portão, destravou a arma, embora a mantivesse no coldre. Depois, empurrou a madeira – para sua surpresa, a porta estava aberta. Manolete entrou numa galeria em completa penumbra. Enquanto os seus olhos se adaptavam à escuridão, chamou um par de vezes bem alto e, ao não obter resposta, optou por encaminhar-se para a claridade do fundo. Quando lá chegou, uma súbita explosão luminosa cegou-o por alguns segundos. Os seus olhos adaptaram-se ao jorro de luz e, ao ver o que havia no grande campo de jogo elíptico do recinto, o queixo caiu-lhe de espanto.

12. Uma paelha no inferno

O castigo nunca chegou. As freiras tinham muitas formas de nos punir: podiam fechar-nos num quarto escuro, bater-nos, não nos dar de comer, obrigar-nos a permanecer ajoelhadas horas a fio, fazer-nos lavar os panos que usavam durante a menstruação... Contudo, o castigo nunca chegou. Pelo contrário, começaram a tratar-me melhor e, dia após dia, recebia rações mais generosas, deixavam-me à vontade nos recreios... deram-me mesmo cadernos e lápis de cor para poder desenhar. Não encontrava explicação para aquele comportamento, era como se alguém tivesse metido uma cunha por mim, embora isto incluísse não voltar a ver Josefina. Mantinham-nos longe uma da outra, sem contacto possível. Tentei fazer chegar-lhe recados, mas ninguém se atreveu a ajudar-me. Sem ela, sentia uma espécie de vertigem, as horas avançavam mais devagar. Além disso, notava algo estranho à minha volta, como se me tivessem enfiado numa bolha. Às vezes, surpreendia a diretora a olhar para mim, com aqueles olhares longos e perscrutadores, que me seguiam no pátio ou nas aulas. Já que não podia aproximar-me de Josefina, regressei ao muro, à zona mais sombria, à concavidade onde ficava o meu teatro privado, em que as representações se faziam sem público ou cenários. Usei as folhas do caderno para criar as figuras de apenas duas personagens, duas meninas que podiam estar juntas naquele mundo de ficção, recuperando a doçura da sua amizade. Aprendiam que tinham de amar as coisas para que fossem gentis, para despertar as vozes adormecidas que todos carregávamos dentro, e, também, que entre as armadilhas e os enganos havia sempre uma esperança. No fim, moldei um unicórnio, porque sabia que os unicórnios eram fortes, corriam velozes como o vento e alguns até podiam voar. Montaríamos no seu dorso e fugiríamos dali para não mais voltar. Uma manhã, a diretora mandou-me ir ao seu gabinete. Ali, comunicou-me que eu abandonaria o lar nesse mesmo dia e que tudo seria para meu bem. Tinham finalmente encontrado uma boa família cristã que iria cuidar de mim e, embora eu não merecesse aquela sorte, deveria rezar para ser digna daquela benesse de Deus. Cada uma das suas palavras era como um corte no meu coração. Perguntei por Josefina, mas a menção do seu nome valeu-me uma bofetada seca da irmã, acompanhada do aviso de que jamais deveria falar dela porque éramos seguidoras de Belzebu, infames aos olhos

de Deus, e que eu devia ter a consciência obscurecida pelos remorsos. Eu já sabia quando me devia calar e permaneci em silêncio. Nessa mesma tarde, deram-me um vestido e uns sapatos novos, e uma das freiras levou-me até uma camioneta que esperava no caminho. Disseram-me para subir para a parte de trás, deram-me umas sanduíches e um cantil e repetiram-me que não devia tentar falar com o motorista em nenhuma circunstância. Lá dentro, havia um penico para que eu pudesse fazer as minhas necessidades. A seguir, fecharam a porta e fiquei às escuras; pelas junções do metal, entravam apenas umas finas estrias de luz. Reparei que a carrinha arrancava e começou, então, uma longa viagem. Sentia medo, insegurança, já não tinha certezas para amparar a minha angústia. Passei a maior parte do tempo a dormir e, quando não conseguia dormir, recordava os bons momentos passados no lar. A camioneta deteve-se finalmente e abriram a porta. No exterior, estava escuro e eu quase não conseguia andar, tinha as pernas dormentes. O homem que me levou ao colo tinha uma máscara branca, era um rosto bonito, o mais bonito que jamais tinha visto; quando lhe perguntei onde estava e para onde me levava, não respondeu. Avançámos por uma galeria, continuava tudo escuro, até que saímos para um grande pátio. A lua banhava-o com um brilho nacarado e, a princípio, pensei que estava ali uma multidão. Passámos por entre as pessoas, mas permaneciam imóveis: eram figuras em posições estranhas, como se posassem para uma fotografia ou suspirassem por algo que a vida nunca lhes dava. Algumas estavam mutiladas, faltavam-lhes os braços ou a cabeça. Estátuas. Incontáveis. A toda a nossa volta.

O camião do Exército, coberto por uma lona escura, parou na praça da cidade, seguido por outro veículo ocupado por guardas-civis. A sufocar sob o ar quente, a primeira coisa que fizeram foi refrescar-se na fonte, que derramava o seu fio de água sobre a pia. A seguir, abriram a caixa do veículo e, entre os dois, retiraram do interior um cadáver, atirando-o como um fardo para o chão da praça. O corpo, de barriga para baixo, exibia numerosos ferimentos de bala. Os guardas dirigiram-se ao pequeno quartel e regressaram logo a seguir com Salvador e Nicolás. Conversaram com eles e os agentes da guarda seguiram depois para o interior da aldeia. Entretanto, à volta ia-se reunindo um círculo de curiosos. Quando a patrulha da guarda voltou,

traziam consigo Mencía, arrastada à força, que colocaram diante do cadáver. Salvador mandou voltar o morto de barriga para cima. O seu rosto estava coberto de sangue seco.

– É o teu marido?

– Com esse sangue todo...

Salvador olhou interrogativamente para um dos guardas, que ordenou aos soldados que enxaguassem a cara do morto. Mencía sentira um aperto no coração quando aqueles miseráveis a tinham ido buscar e lhe contaram o cerco que haviam feito a um grupo de guerrilheiros na serra e os desaires que lhes tinham infligido. Enquanto se dirigiam para a praça, sentiu-se abatida pela consciência de que toda a sua felicidade, todos os momentos felizes que conheceu não tinham passado de um mero acidente. Quando acabaram de limpar o rosto do morto, Mencía estudou os seus traços demoradamente.

– E, agora, o que dizes? Reconheces o teu marido?

Mencía permaneceu em silêncio.

– É ou não é o Califa? – pressionou-a Salvador.

A mulher virou-se para ele. Os seus olhos. Apesar de denunciarem as pancadas recebidas, os seus olhos eram ferozes.

– Não, não é o meu marido. E não o será nunca.

A pedra continuava em cima da mesa. Ninguém se resolvia a mudá-la de sítio, nem tão-pouco a livrar-se dela. Parecia que aquela rocha criara raízes, era como se remetesse para outro significado mais profundo e, de certa forma, inviolável. O ar estava saturado pelo zumbido de um mosquito e as rajadas de ar quente que entravam pela janela partida. *Carvalho, quando vão arranjá-la?*, perguntou Salvador, sentado atrás da secretária. Sentia-se alheio à sua própria pergunta. Aquele guerrilheiro morto teve o condão de desviar a atenção de Diego Peinado, não sabiam por quanto tempo, mas aquela situação ignorava todos os critérios de segurança. Na cela, tinham aquele homem sem qualquer alívio possível. À volta dele, nascia já uma lenda brutal, assistida no seu parto pela ignorância e pelo medo das pessoas; um mito que mudaria a cada conversa, a cada reprimenda, alterando os factos, aumentando-os para que o antigo professor aparecesse às

crianças de noite, nos seus pesadelos, com proporções gigantescas. Porque não deixar as coisas seguirem o seu curso? Não havia como voltar atrás: a sua família repudiara-o, o povo queria um bode expiatório, as autoridades não se preocupavam, o capitão tinha-lhe um ódio de morte e, para eles, não passava de um incómodo. Se o próprio Diego Peinado abdicara de toda a esperança de melhoria, que motivo tinham para impedir outra vez a multidão de levar o preso? Cada novo ato de violência, cada gesto de ódio, cada vislumbre de loucura pulverizava um dos estribos da sua vontade e Salvador regressava a casa menos inteiro que antes. No pequeno pátio, sentava-se numa cadeira e começava a beber cerveja, como se aguardasse que algo acontecesse. Quando a esposa o via naquele estado, às vezes sentava-se a seu lado, outras sorria; na maioria das ocasiões, limitava-se a ficar perto dele e, embora Salvador não pudesse vê-la, sabia que estava com ele. Bebia outro gole de cerveja e, depois, mais outro. Fumava, fechava os olhos, massajava-os com o polegar e o dedo médio. Como seria uma vida sem sobressaltos? Uma vida em que o cumprimento do dever proporcionasse uma simples existência diária, na qual tinham apenas que fazer face às coisas normais, longe daquela paisagem que o irritava, longe daquele subtil desalento. Nicolás fez-lhe uma pergunta e o cabo respondeu asperamente, embora o soldado visse algo nos seus olhos que o aconselhou a desconsiderar o facto. No entanto, nem remotamente lhe passou pela cabeça que o seu superior pudesse estar a ruminar tamanha quantidade de expectativas frustradas, obsessões, dúvidas e arrependimentos. Procurou algo de comer e foi até à cela do professor. Abriu a porta e cumprimentou-o; não detetou a habitual baforada pestilenta, porque tinham chamado uma mulher para limpar o velho quarto de arrumos. Peinado estava encostado à parede. Um fio de luz entrava pela claraboia e fazia com que as partículas de pó dançassem diante do seu rosto. O seu olhar era franco, límpido, como o olhar daqueles santos de épocas obscuras perdidas no tempo, cuja dor os ajudava a aproximarem-se de Deus. Nicolás pousou o prato no chão.

– Tem de comer, Diego.

O professor brindou-o com um sorriso inexpressivo.

– Obrigado, não tenho muita fome.

Nicolás não insistiu.

– De certeza que não se lembra do que fez nas horas antes de encontrarem a menina?

– Para quê?

– Já lhe expliquei. As coisas estão a complicar-se. Até já dizem que você é o culpado de não chover, que deve ser justificado para que o Altíssimo nos perdoe.

– Não passam de uns ignorantes.

– Não é apenas pela aldeia, também é por causa do capitão. Pode lembrar-se de o usar para fugir às suas responsabilidades.

Uma das faces de Diego Peinado crispou-se, indicando o seu desprezo. Nicolás exibiu uma expressão entre o remorso e a indulgência.

– Continuo a escrever as cartas.

– Isso está bem. Podes trazer-me álcool?

– O cabo está cá.

O professor exibiu uma careta de dor e, de repente, teve um acesso de tosse seca.

– Isso parece estar mal – disse Nicolás.

– Constipei-me.

– Com este calor...

– Não tenho sorte nenhuma.

O cabo chamou, do escritório, e Nicolás foi obrigado a despedir-se.

– Pode saber-se porque passas tanto tempo a falar com esse desgraçado? – censurou-o Salvador.

– Parece doente.

– Ele que se foda. Pega nesses relatórios e bate-os à máquina. Têm de estar prontos esta tarde.

Nicolás cumpriu a ordem e sentou-se diante da máquina, inserindo uma folha no rolo. Acertou as margens e começou a escrever. As hastes batiam com segurança, fazendo soar uma campainha de cada vez que a folha chegava ao limite. Nicolás puxava o rolo e recomeçava. Por causa do ferro gasto em duas das hastes, havia duas consoantes que ficavam sempre desbotadas. Linha após linha, Nicolás não parava de procurar soluções para a situação do professor. À décima folha, pensou ter encontrado uma resposta. Pouco depois, o

telefone tocou. Nicolás atendeu e a sua reação, súbita e marcial, pôs Salvador de sobreaviso. O soldado da guarda proferiu uma fórmula militar e ergueu o auscultador.

– Quem é? – perguntou Salvador.

– É do Comando. O tenente-coronel.

Era a primeira vez em toda a sua vida que o chefe do Comando da Guarda Civil em Cáceres lhe telefonava.

– Mas, como?... Encomendaste uma?

Arturo continuava a não conseguir acreditar no que Manolete lhe contava.

– Foda-se, meu tenente, e o que é que eu podia fazer?

– Mas cabe na cabeça de alguém encomendar uma puta duma estátua?

– É que aquele tipo apanhou-me de surpresa e... não me saiu mais nada. Que mais lhe podia dizer? Que era da bófia e estava ali para ver se escondiam alguma miúda?

Estavam numa taberna da rua Almirante, com dois vermutes na frente. Em algum lugar, soaram uns sinos cerimoniais e indolentes. Arturo olhou para os sapatos; alguns minutos antes, pisara merda de cão. Considerou que se encontravam numa situação delicada. Se aquilo fosse um naufrágio, só conseguiam ver um décimo do barco; os nove restantes permaneciam submersos e só raramente se deixavam adivinhar. Aquele era um deles e qualquer passo que dessem deparar-se-ia com uma extrema dificuldade em apontar culpados e atribuir responsabilidades.

Após a sua entrada na pequena fábrica de escaiola, Manolete tinha ficado por ali a rondar o edifício até de madrugada. Nesse intervalo, tinha aparecido uma carrinha conduzida por um tipo, que a estacionara perto da entrada. Passara cerca de uma hora dentro do recinto e, em seguida, partira no mesmo veículo. Manolete pôde confirmar que se tratava de um *Chevrolet*. Nenhum dos pneus revelava sinais de ter sofrido um furo, mas eram *Dunlop*, e a roda traseira esquerda parecia ter sido mudada recentemente. O negócio pertencia a um tipo chamado Rubén Iniesta, conhecido como René, um indivíduo que examinariam à lupa no SIAEM, para ver com que

espécie de pessoa teriam de lidar. No que se referia a Valentín Antuña, nessa mesma manhã deixara Madrid; uma chamada a Gabino Cabañas confirmara que estava de regresso a Cáceres. Agora, o mais importante era manter a aparência de calma, para que os diferentes sujeitos que faziam parte daquela rede sórdida não tivessem motivos para empreender uma fuga, com a consequente eliminação de informações ou dos próprios indivíduos. Havia um capitão que os estava a incomodar, mas, se metesse o nariz em demasiados sítios, corria o risco de o perder. A questão resumia-se a esperar que o interesse diminuísse. Quantos mais recursos podia o sistema destinar a uma investigação que não arrastava recompensas a curto prazo, não reforçava a propaganda do regime e, mais importante ainda, impedia a realização de bons negócios? Bejarano testemunhara que naquela noite iam dois homens no carro, um mais alto que o outro; por seu lado, Arturo não encontrara quaisquer pistas na prisão para mães lactantes; descobrira outras coisas, inesperadas e indesejadas, que devia pensar como aproveitar, mas nenhuma linha de investigação sólida. Também não esquecera aquele olhar estranho e fugidio de Mauricio Retuerta; só faltara não o olhar de todo. O que tinham de fazer era seguir aquela carrinha, em cada metro que percorresse, verificar cada serviço, vigiar cada merda de cada respiração daquele motorista.

– E que morada lhes deste? – perguntou Arturo, rendendo-se finalmente.

– A de um camarada, em Ciudad Lineal, tem jardim. Já falei com ele, não há problema. Dentro de uns dias, levam-na. E... – gaguejou –, meu tenente...

– Que queres mais, Manolete?

– É que adiantei umas pesetas para o raio da estátua e é preciso pagar outro tanto quando a entregarem...

– Já chega. O Serviço reembolsa-te.

– Menos mal.

– E pode saber-se o que escolheste?

– Uma Vénus. De Arles, segundo me disseram.

– E que mais haveria de ser...

Arturo passou da ironia a um abatimento tangível. Tudo sucedeu

muito depressa: o seu olhar perdeu-se num plano secundário, muito para além do cenário que os rodeava. Os borrifos de sangue, as pancadas, o silêncio inflexível de Bejarano. *Porquê, diz-me porquê, porque estou eu fodido? Diz-me, cabrão.* Arturo injetava toda a sua raiva na tarefa necessária e, quando já não podia mais, a vítima permaneceu no chão, com um fino fio de sangue deslizando-lhe dos lábios, o rosto desfeito, tossindo dolorosamente, mas intercalando um riso baixinho com a tosse. *Está fodido, capitão, muito fodido, muito mais do que pensa,* tossiu com força, cuspiu sangue, *porque já não acredita nas ideias e, o que é pior, os seus preconceitos já não o deixam acreditar nos homens.* Arturo apertou os dentes, fixou a atenção num empregado que enchia copos de cerveja com movimentos ágeis, sem parar; como bom especialista, fazia com que a espuma branca ficasse à mesma altura. Aquilo confortou Arturo de uma maneira absurda.

– Chefe, esteve a meter-se nos copos, não foi?

Arturo exibiu um sorriso falso.

– Se calhar.

– Porquê?

– Às vezes, acho motivos para não beber; outras, não.

– Lembre-se da última vez.

– As coisas acontecem, muitas vezes é algo que não tínhamos planeado, mas acontecem, é assim. Não é preciso pensar mais nisso.

Manolete pediu outro vermute e um pratinho de camarões.

– Porque não arranja uma namorada, tenente?

Arturo deixou ver a sua surpresa. Acabou o seu vermute e pediu outro.

– Costumo confundir a ansiedade com o amor.

– Não estou a perceber.

– Nem é preciso.

– Uma família fazia-lhe bem, ter limites é bom. Não pensar sempre em nós mesmos.

– As pessoas, quando dão conselhos, normalmente estão a pensar em si mesmas.

– E é verdade, porque eu gostaria de ter uma.

– Eu já não.

– Porquê?

– Irra, que chato!

Os seus olhares enfrentaram-se. Arturo cedeu.

– Porque distingo entre o fracasso e o erro. O fracasso é uma consequência natural de fazer coisas novas, a gente aprende. O erro é repetir algo que já se fez antes e com que não se aprendeu nada. No amor, só tenho erros, e estou cansado.

– Mas está sozinho.

– Não me importo de estar sozinho.

– Isso é mentira, tenente.

– Sabes o que é melhor para mim, sabes o que penso...

– Só tento dizer-lhe a verdade.

– E estou-te grato por isso, Manolete, estou-te grato...

Arturo remeteu-se ao silêncio, enquanto, à sua volta, Madrid girava: fragmentos de conversas quase aos berros, os vendedores nas esquinas, as campainhas dos elétricos a abarrotar, a luz que queria incendiar tudo... Quem é que definira o inferno como o aprisionamento em dado facto cruel, a ausência de renovação do eu, o tempo imobilizado dentro da pessoa, negando-se a fluir?

– Sabes o que podemos fazer quando tudo isto acabar? – perguntou a Manolete.

– Não.

– Ir pescar.

– Combinado. Nessa altura, já terá aprendido a conduzir.

– Isso ainda vamos ver.

– Embora pense que também nos fazia bem divertirmo-nos um bocado.

– Não andamos aqui para dançar a polca.

– No bairro do Viso, há um tipo que vai organizar uma festa. Anda metido em negócios escuros, mas estive na Divisão, e disseram-me que os soldados ali são bem-vindos.

– Como se chama?

– Não sei, mas chamam-lhe o Coronel.

– Estamos no meio de um pântano e vamos a uma festa?

– Passamos o tempo todo a trabalhar, meu tenente. Se cairmos de cansaço para o lado é que não vamos resolver nada.

Arturo procurou detetar segundas intenções na solicitude de

Manolete, mas nunca as havia. Nem disse que sim nem que não. Algo chamou a atenção de Manolete, e Arturo espantou-se ao vê-lo pegar no jornal do dia. Manolete leu durante algum tempo, totalmente absorto, murmurando baixinho as palavras à medida que avançava.

– Mas não disseste que não lês jornais? – perguntou Arturo, com ironia.

Manolete passou-lhe o jornal com cara de caso. Arturo endireitou-o com um só golpe. A gazeta falava de Diego Peinado e da sua prisão em Pueblo Adentro, num tom que abolia os matizes e deixava aberta a possibilidade da sua culpa. Acabavam de tirar o freio aos instintos, à irracionalidade, e a memória coletiva, invariavelmente, era mais eficaz a recordar o que era doentio, tendencioso ou sugestivo do que a realidade impessoal de um pobre alcoólico preso por causa de um trágico mal-entendido.

Nicolás parou na entrada. Após as ruas banhadas de sol, agradeceu aquela frescura, mas logo foi assaltado pelos cheiros característicos de uma *corrala*⁶: legumes a cozer, odores fétidos, roupa a secar nas cordas esticadas. Também havia os gritos das vizinhas, que trocavam galhardetes acaloradamente, ou então cochichavam, os berros e o choro das crianças e dos bebês, os cães a ladrar, as galinhas a cacarejar... O zumbido interminável da colmeia. Quando entrou no pátio, como se houvesse um alarme silencioso, bustos curiosos apoiaram-se nas janelas e as portas encheram-se de figuras. Nicolás vestia à civil e não tinha a intenção de revelar a sua identidade até estar diante da pessoa que viera buscar. A porteira saiu da sua estreita espelunca e perguntou se o podia ajudar. Nicolás estava interessado em Dona Palmira, e a mulher, pondo as mãos em concha diante da boca, gritou o nome desta, sobrepondo-se a todas as restantes vozes. Nicolás arrependeu-se instantaneamente, mas o coro já se multiplicara com uma urgência crescente: *Palmira, anda cá fora, estão a perguntar por ti!* Abriu-se uma janela no terceiro andar, pela qual espreitou uma mulher magra, de cabelo desgrenhado, que lhe indicou, com um gesto, que subisse. Nicolás agradeceu a ajuda e subiu pelas gastas escadas de madeira, que rangiam sob os seus passos; em cada andar, examinavam-no atrevidamente, desde as filas de janelas. Quando

chegou ao terceiro, a mulher esperava-o à porta com uma atitude entre o receio e a curiosidade. Nicolás apresentou-se. Ao revelar o motivo da sua visita, a expressão da mulher transformou-se em estoicismo e num certo desânimo.

– Dá-me licença de entrar?

Palmira conduziu-o a uma pequena sala e fechou as outras portas rapidamente, para esconder aquela miséria secreta que não se mostra a ninguém por vergonha. A casa era modesta, com um quarto e uma cozinha estreita que dava para um pátio interior. Mas estava limpa e arrumada. A mulher convidou-o a sentar-se e ofereceu-lhe uma cevada, porque o café, como toda a gente sabia... Nicolás aceitou a bebida por cortesia. Havia várias fotografias emolduradas, mas Diego Peinado não figurava em nenhuma. Enquanto a mulher estava na cozinha, aproveitou para alisar a roupa. Apesar do seu aspeto murcho e desgastado e de vestir uma bata de andar por casa, que cobria os seios descaídos, devia ter sido bonita, pensou Nicolás, com aquele rosto fino e ovalado e aquele cabelo já quebradiço pintado de louro.

– Então, diga – encorajou-o Palmira.

– Olhe, minha senhora, prefiro ir direto ao assunto que me trouxe aqui. Que sabe a senhora do seu marido, Diego Peinado?

– Nada – respondeu a mulher, com solenidade.

– Ninguém a avisou de nada?

– Não.

Nicolás explicou-lhe tudo o que sucedera, acrescentando a chamada recebida pelo cabo.

– Não sabemos como descobriram – completou –, mas chegou uma ordem para o transferirmos para a cadeia de Cáceres. Isto significa que, agora, é o principal suspeito da morte daquela menina; hoje mesmo falam dele nos jornais. Vai haver um julgamento e garanto-lhe que, depois de uma pessoa estar dentro daquele sítio, já não há salvação.

– Lamento – disse Palmira, com uma expressão seca –, mas isso já não me diz respeito.

– Continua a ser seu marido.

– Queria esclarecer uma coisa antes de continuarmos.

– Com certeza.

A mulher não prosseguiu imediatamente. Primeiro, olhou as lajes mal encastradas no cimento, para, depois, fixar o guarda energicamente.

– Antes de me vir embora com as meninas, antes de... o abandonar, pedi-lhe, implorei-lhe como nunca suplicara a ninguém em toda a minha vida. Tentei percebê-lo, compreender o motivo por que vivia abraçado àquela dor; compreender a guerra, a perda do braço, acredite, esforcei-me por perceber aquilo, porque aquilo tudo era mais importante do que a sua própria família. No fim de contas, não foi o único; houve muitos como ele, milhares que passaram pelo mesmo, que foram à guerra, que sofreram, mas que regressaram a casa e retomaram as suas vidas. Mas o Diego ficou paralisado e continuou assim nos anos seguintes, bebendo, disparatando sobre coisas... exasperantes, abatido pela autocompaixão. E chegou um momento em que eu não soube mais o que fazer nem o que dizer, nem de que forma ajudá-lo. Rezei por ele, levei-o a ver um padre... – Palmira mantinha-se inflexível, quase arisca. – Nada chegava, nada o aliviava. E o senhor tem de ficar a saber – disse, apertando as mandíbulas – que ninguém deve possuir nada que não seja capaz de cuidar. Nem uma coisa, nem um animal, e muito menos uma pessoa. Certa manhã, arrumei as minhas coisas, vesti as meninas e viemo-nos embora. Não queria que as minhas filhas crescessem naquele ambiente envenenado, têm toda a vida pela frente e direito a serem felizes. Arranjei trabalho a servir numa casa e elas estão em Plasencia; vivemos mal, mas ao menos não estamos enterradas.

Palmira sorriu com uma disposição apagada. Nicolás respirou profundamente, demorou um pouco a recompor-se.

– E ele não veio buscá-la?

– Não.

A sua negativa revelava uma certa amargura.

– E o que é que lhe aconteceu?

– Não entendo.

– Quer dizer, porque ficou ele assim? O que viu, o que fez que o transtornou?

– Não sei.

– Como, não sabe?

– Não, não sei.

– Ele deve ter-lhe contado alguma coisa.

– Nunca. Fechou-se sobre si mesmo, nunca partilhou nada comigo.

Nicolás não encaixou bem esta revelação, como se o perturbasse a existência de realidades que não se pudessem colonizar com palavras. Embora fosse estranho que, também ele, não se tivesse atrevido a perguntar nada a Diego na cela, como se tivesse medo de descobrir o que era capaz de absorver a substância de uma pessoa ao ponto de esvaziá-la, de transformá-la no tipo de indivíduo que antes lhe teria dado pena.

– Porque veio aqui? – perguntou-lhe Palmira.

Nicolás saiu do seu ensimesmamento. Os dois estavam tão perto, que conseguia ver uma pestana solta na face da mulher.

– Quero que venha comigo.

– Para quê?

– O Diego precisa de ajuda.

A mulher respondeu-lhe num tom grave e terminante:

– Não.

– Se não vier comigo, o Diego vai morrer.

A mulher fez uma careta desinteressada.

– Houve uma altura em que me culpei pelo que lhe sucedia. E, todas as noites, perguntava a mim mesma o que tinha eu feito de mal, que falha tinha cometido. Rezava sem parar, aquela desgraça devia dever-se a algum pecado, alguma falta, algo que eu não era capaz de identificar. Até que percebi que aquilo não tinha nada que ver comigo. E muito menos com as minhas filhas.

– Continua a ser seu marido.

Oxalá, pensou Palmira, *oxalá* pudesse odiá-lo tanto que isso não lhe importasse. *Oxalá* pudesse dizer que o desprezava, que o repudiava, que o rejeitava para todo o sempre.

– Não, não vou, e não me pode obrigar, não, senhor...

– E tens a certeza absoluta de que não te seguiram?

Encontravam-se na cisterna do Palácio de las Veletas. A água cintilava em figuras helicoidais sobre os arcos em ferradura. O juiz José Antonio Ponce sondava Valentín, aparentando uma disposição

calma e inalterável. Aquele rapaz não era estúpido, mas rapidamente percebera os seus limites. A sua autoconfiança nascia de não refletir sobre as coisas em que assentavam as suas certezas; conhecera muitas pessoas assim. Para o seu pequeno negócio, não arranjar desculpas nem fazer perguntas desnecessárias era esplêndido, mas a sua solidez ficava comprometida quando surgiam contratempos.

– Absoluta, *don* José Antonio. Dediquei-me apenas aos meus assuntos, nada de sarilhos ou esquemas. E muito menos encomendas especiais. – Exibiu uma expressão aborrecida. – Além disso, esse capitão não era capaz de encontrar a cabeça se não a tivesse em cima do pescoço, digo-lhe eu. Já me defrontei com ele em Madrid e não me assustou.

– Temos de esperar que as coisas amainem; esse Arturo Andrade tem um historial que não me tranquiliza nada. Já leste nos jornais, puxámos os cordelinhos para vir a lume aquele professor que têm lá detido em Pueblo Adentro. Se deixarmos a coisa desenrolar-se, será uma questão de tempo até que deixem de andar para aí a cheirar. E, até lá, tudo tem de estar sossegado.

Valentín assentiu com a cabeça e olhou a água resplandecente. Não se importava minimamente com aquele capitão, quem lhe importava eram os agiotas que lhe mordiam os calcanhares. Contudo, não conseguia libertar-se daquele desejo violento e fatal, a certeza de que a aposta seguinte seria a vencedora; aquela dança de números e possibilidades intoxicava-o de tal maneira que os seus desejos não iam além de uma corrida – e um só sucesso fazia esquecer centenas de fracassos. Aquela dependência requeria emoções cada vez mais fortes, ir mais longe, forçar a experiência, como se fosse a válvula de escape de uma insatisfação infinita.

– E quanto tempo teremos de esperar?

A avidez de Valentín incomodou o juiz.

– Até eu te dizer – respondeu, categórico. – E que nem te passe pela cabeça fazeres algo por conta própria.

– Mas estamos a perder muito dinheiro.

– Dinheiro que não tinhas e que eu te proporcionei.

Valentín bufou e cravou o olhar nas colunas que mergulhavam na lâmina de água.

– E o que diz disto tudo quem o senhor já sabe? Nunca deu nem um pio sobre o que ia fazer com essas miúdas... Devíamos pedir-lhe mais dinheiro pelos riscos acrescidos.

José Antonio Ponce lançou-lhe um olhar nascido de inumeráveis horas a testemunhar a necessidade, a insignificância e a crueldade humanas.

– Onde caralho gastas tu o dinheiro?

Valentín ficou em silêncio. Estar teso e não ter nem imaginação nem energia para arranjar dinheiro fazia-o pensar nas formas mais desvairadas de o obter. Além disso, que valor tinham os filhos dos vermelhos? Aquelas miúdas não passavam de rameiras em potência, já as tinha visto no Pidoux ou no Negresco, muito novinhas, com saltos altos sobre os quais mal se seguravam, a fumar. Os lares estavam cheios, à espera que ele agarrasse nelas e lhes desse uma oportunidade de mudarem as suas vidas miseráveis. Todos saíam a ganhar. Mesmo aquele juiz desgraçado, por muito digno que se fingisse.

Manolete não teria gostado nada de estar do outro lado do telefone. Quando o tenente dava uma descompostura a alguém, era implicativo e intransigente. Pelo que ouvia, imaginava como um atrapalhado Salvador estaria a alargar o colarinho do uniforme, enquanto enfrentava o fluxo de recriminações. Mas ninguém conseguia controlar aquela mistura de vantagem e poder que defrontavam e, embora o tenente tivesse enchido de saliva o auscultador, também estava consciente disso. O concerto de chamadas envolvera oficiais do SIAEM e a esquadra de Cáceres, mas as ordens tinham vindo diretamente do topo, e não havia nada a fazer. Alguém queria acabar de vez com aquela confusão e ficar com os louros e, da maneira como as coisas estavam a desenrolar-se, com os problemas adicionais criados por Diego Peinado, Manolete não desprezaria uma saída airosa, mas, sobretudo, atempada. Mais ainda tendo em conta que, afinal, a pista das garagens não tinha dado em nada.

– Estão a fazer-nos a cama – grunhiu Arturo quando desligou.

– Já contávamos com isso.

O olhar de Arturo ficou perdido. Se fosse esperto, deixava as coisas seguirem o seu curso e livrava-se de várias embrulhadas. Tiravam-lhe

das mãos o problema do professor, aquele emplastro de merda do Nicolás ficava a ver navios, além de que o seu papel como chefe sairia reforçado ao abandonar um objetivo que perdera o sentido. Contudo, havia uma verdade que acabaria por esmagá-lo, não agora, mas daqui por muitos anos, quando chegasse a altura em que a sua memória evocasse mais as desistências do que os fracassos. A evidência da sua própria fraqueza.

– Se a gente insistir, é provável que nos ponham a vigiar procissões, meu tenente – acrescentou Manolete.

Inesperadamente, Arturo sorriu.

– Tu sempre gostaste de vestir santos.

– E o senhor de queimá-los, cheira a herege que até dá arrepios – disse, beijando a medalhinha dourada.

Arturo cheirou o casaco.

– Cheiramos mal como o caraças, mas é a suor. Anda daí tomar um banho. Não querias ir ao Viso?

– Não contava que lhe desse para aí.

– Acabámos de assumir um compromisso, estas coisas devem ser festejadas.

O Viso era uma urbanização de chalezinhos situada muito perto da antiga Residencia de Estudiantes. Manolete e Arturo tinham trocado de roupa e seguiam agora pela rua Castellón da la Plana, em direção ao coração do bairro. O crepúsculo tingia as casas de debruns púrpura e aliviava a canícula. Chegaram à enorme porta de madeira e metal ao mesmo tempo que outros convidados, que tinham um ar de desamparo como se não se encaixassem naquela festa. Entraram num jardim com árvores de fruto, onde já havia pessoas nos vários bares servidos por *barmen*; ao fundo, o chalé, grande, de dois andares. Manolete localizou os seus companheiros. Um deles tinha acabado de contar uma piada e outro ria tanto que se lhe viam as gengivas rosadas. Fez as apresentações e os homens apertaram as mãos. Depois, Manolete e Arturo foram buscar umas cervejas e algo para comer. A mistura social era chocante: diferentes camadas, que habitualmente obedeciam a uma hierarquia, dissolviam-se, aqui, umas nas outras, numa ilusão de estrato bem cimentado. Respirava-se uma alegria estranha. Manolete e

Arturo voltaram para junto do grupo. Advogados, fura-vidas cheios de caspa, oficiais, donos de mercearias, chulos, engenheiros, empregados de escritório, talhantes... Todos partilhavam um passado na Divisão, todos sentiam o mesmo desconcerto, a solidão no meio de pessoas que desprezavam ou não compreendiam, a perplexidade ao serem admoestados por um guarda ao qual, normalmente, responderiam com um tiro, o absurdo de vestir um fato ou aguentar um trabalho atrás de uma secretária. Todos tinham o mesmo olhar que pousava sobre o estado atual das coisas como um véu, que remetia permanentemente para um mundo em decadência, um mundo no qual a violência mais não era que a afirmação de nós mesmos. Durante a conversa, um homem a quem chamavam Comilão recordou a vez que o frio o fizera chorar, metido numa trincheira; outro, com um perfil de relevo assírio, evocou as raparigas bonitas que apareciam durante os turnos de guarda nos palácios de Pushkin, envoltas em seda, que dançavam e lhes atiravam beijos, desaparecendo depois no meio de torvelinhos brancos; outro, roliço, com um forte sotaque catalão, fez o grupo rir quando lhes contou a partida de futebol que tinham jogado num cemitério; um de cabelo encaracolado, com um só olho, falou-lhes do momento em que percebera que a guerra estava perdida, numa estrada para Moscovo, onde aquela coluna de veículos africanos de um amarelo incongruente, com os seus escudos com leques de folhas de palmeira, se misturara com tantos camiões e tanques cinzentos. Memórias, sedimentos, as cascas dos anos vividos. A súbita receita de uma paelha preparada no meio daquele inferno, com os tiros de canhão a ribombar-lhes na caixa torácica, enfeitiçou-os a todos.

– Ainda a consigo cheirar, uma grande caçarola cheia até cima de arroz, amarelo do açafrão, com pimentos vermelhos e caranguejos do rio entre os grãos.

Houve um silêncio nostálgico. Aquela paelha encerrava um sentido de comunidade muito mais profundo do que um templo ou uma reunião de moradores. Não tardou a ser abalroada por outra série de recordações e experiências. Continuavam a chegar convidados. Arturo disse a Manolete que ia dar uma volta e circulou por entre os grupos, escolhendo cuidadosamente os tópicos de conversa, consciente do que uma palavra desadequada poderia causar. Não queria embebedar-se,

mas observar aqui e ali. Quase não conhecia ninguém, mas descobriu rostos familiares, às vezes, proeminentes. A maioria desempenhava um papel, inclusive para si mesmos. Também havia mulheres, mas não conseguia adivinhar qual a sua função ali. O rumor das conversas por toda a parte, os interesses e apetites entrelaçados, o encanto de uma reunião longe do fardo diário das dificuldades no exterior. Acenderam-se algumas tochas para iluminar o jardim. Arturo respirou fundo; embora se sentisse excluído, era consolador haver um lugar onde ninguém se sentia realmente inquieto quanto ao dia de amanhã, um cenário sereno, pródigo. Como seria a certeza de saber-se talhado para aquilo, merecedor de uma educação que permitisse a uma pessoa mover-se com desenvoltura, sem destoar? A sua cabeça encheu-se de recordações que não eram suas, que se espriavam na facilidade excessiva quase até ao tédio. O passo seguinte era o que acendia o rastilho da revolução, imaginar-se como a fera que invade o território, matar os proprietários, dominar as suas mulheres... Um dos empregados deixou cair as bebidas ruidosamente e o encantamento quebrou-se. O acaso, sob a forma de catástrofe, voltava a recuperar o seu trono naquele reino. Arturo sentiu vontade de urinar. Dirigiu-se ao chalé e perguntou pela casa de banho a um empregado, que lhe indicou uma das entradas. As pernas finíssimas de alguns móveis surpreenderam-no; quadros incompreensíveis, um labirinto de corredores, cabeças de veado de tamanho irreal. As contas de vidro que lhes enchiam os olhos davam a impressão de que conseguiam ver em todas as direções e que o seguiam, como se ainda estivessem vivos. Durante o seu percurso, deparou-se com uma porta encostada; as pessoas iam e vinham, algumas com os olhos excessivamente brilhantes. Do lado de lá, ouviu uma gargalhada profunda e incontável. Arturo entrou, pensando tratar-se da casa de banho, mas viu-se num quarto onde alguns convidados cortavam cocaína, que serviam generosamente. Um deles sorriu, oferecendo-lhe um tubinho prateado. Nada melhor para se manter sóbrio. Com o tubo entre os dedos, inclinou-se um par de vezes sobre uma linha grossa; depois, devolveu-o. Aspirou novamente com força, com os olhos humedecidos pela ardência, limpou os restos do nariz, agradeceu o convite e, com um sabor a ferrugem na boca e uma agradável sensação de anestesia

na garganta, prosseguiu a sua busca de uma casa de banho. Conseguiu encontrá-la no segundo andar. Abriu o fecho das calças, urinou longamente e voltou a fechá-lo. Empreendeu o caminho de volta, mas avançou por um corredor diferente que o conduziu a um pequeno terraço. Dali, tinha uma perspetiva completa da festa. A tristeza que se seguia à excitação da cocaína mergulhou-o num estado melancólico. Já só havia luz nos confins do horizonte. Da tagarelice frenética em baixo, subiam até ele fragmentos de conversas, «... eu sempre soube, antes de ele me dizer...», «... cresci aqui, e é assim que as coisas funcionam...», «... e, além do mais, ele pensou que ia morrer...», este último seguido de gargalhadas. Arturo sentiu uma presença atrás dele, mas não reagiu. Um homem na casa dos sessenta, pequeno e bem-parecido, vestido com um fato com casaco de trespasse, entrou no terraço.

– O senhor também se enganou no corredor – disse, com um forte sotaque italiano e os olhos ampliados pelos óculos de aros grossos.

– Receio que sim.

Arturo exibiu um sorriso que foi retribuído. Raffaele Bonami, apresentou-se o outro estendendo-lhe a mão, uma mão surpreendentemente gelada, que Arturo apertou.

– Conhece o Coronel? – perguntou Raffaele, com interesse.

– Não, fui convidado por amigos comuns.

– Ah, sim. O Coronel é um bom tipo, gosta de ter gente em casa.

– São amigos?

– Poder-se-ia dizer que sim.

– E o que faz o senhor?

– Oh, isto e aquilo. Cheguei cá durante a guerra, vi oportunidades e fiquei. E o senhor?

– Já sabe, o mesmo, isto e aquilo.

Raffaele sorriu com uma serenidade patricia. Durante uns segundos, a sua mente pareceu estar a quilómetros de distância. Apontou o jardim.

– Agora já somos tudo aquilo contra que lutámos.

Arturo dirigiu-lhe um olhar aquoso, confundido. Raffaele fixou-se num fio no casaco de Arturo e retirou-o com cuidado.

– O senhor dorme bem? – perguntou.

– Às vezes.

– Eu mal consigo dormir. É o problema de ficarmos mais velhos, a realidade envelhece connosco, as nossas ideias sobre o mundo... Transformamo-nos em espectadores. E uma pessoa começa a dormir mal.

– Mas as insónias devem-se à ansiedade ou à idade?

Raffaele olhou-o sem pestanejar.

– Questão interessante... E como lhe pareceu o país, ao regressar?

A pergunta fez disparar os alarmes de Arturo.

– Como sabe que estive fora?

– Antes, vi-o com aquele grupo – apontou para os divisionários, em cuja companhia Manolete se mantinha.

– É evidente que o país luta por sobreviver.

– Tem razão, mas, acredite em mim, chegará um dia em que terá de o fazer contra o tédio de existir.

A noite já descera por completo sobre o chalé, uma escuridão cálida semelhante à penumbra onde permaneciam suspensos os fetos, crescendo, alimentando-se do seu calor. Mencía, despida no seu quarto, observava os seios e os mamilos, acariciando a barriga com umas mãos tão ásperas que, às vezes, rasgavam os collants. Sentia-o, falava-lhe, reforçava a sua misteriosa união, que duplicava o seu medo e a sua força. Às vezes, pensava se valeria a pena ele nascer, embrenhar-se em toda aquela dor, mas seria a dor que faria dele alguém feroz e sensível. Era a mesma escuridão em que a menina se refugiara dentro daquela carrinha, flutuando, também ela encolhida, num obscuro e elástico paraíso, substituindo os buracos da estrada e os petardos do motor pelo ritmo dos batimentos do coração e do sangue que fluía. Quando Arturo levou Manolete a ver o campo onde o corpo aparecera, depois de pedir que este o deixasse a sós, ajoelhara-se e tocara a terra, totalmente desprovida de humidade, sedenta, procurando o local exato onde a menina jazera. Deitou-se de lado encolhendo-se em posição fetal, virado para lá, virado para ela, como se pudessem dar fôlego um ao outro, intercambiar material onírico. Conversaram naquele espaço alucinado e Arturo ficou a saber da sua solidão, do seu medo. *Já está a ficar escuro*, disse a freira a uma

Catalina com o olhar suspenso, enquanto lhe acariciava o cabelo, sentadas ambas no jardim, *já está a ficar escuro*. Segundo Navarro e a esposa Concha debruçam-se sobre o berço do seu bebé, do seu filho, que sorri banhado em imortalidade, enquanto Segundo passa o braço sobre os ombros da mulher. Uma noite que escondia um lagarto eviscerado na serra de Guadalupe e cobria o palácio do Marquês de Santa Cruz, perto do Conde Duque, e nem as lanternas luzindo no seu interior, arrebatadas aos turcos em Lepanto, se lhe poderiam opor. Manuel Alfonso Pío Judas Ramón Cabrera e Flores de Lizaur aparava a barba diante de um espelho, fixando-se, de quando em quando, na rede de minúsculas veias derramadas do seu nariz. Regina Enciso enfiara-se na cama e caía no sono pouco a pouco. *Tenho de ir, foi um prazer*, ouviu Arturo, *continue a desfrutar da festa*, e Raffaele desapareceu, deixando-o com a memória da solidão daquelas mulheres na prisão de Ventas, que agora se apertavam contra as grades, dignas e desconsoladas. Na Cidade Universitária, os *bunkers* enchiam-se de trevas, enquanto os cartuchos à volta dos nichos das metralhadoras enferrujavam lentamente. Um dos divisionários, de cabelo cor de milho, recordou como uma vez, ao tirar as meias, se lhe desprendeu dos pés outra meia de pele morta, esbranquiçada. Outro dos convidados fez movimentos mecânicos que evocavam a sua autoridade passada, mas já sem a sua força. Salvador introduziu a mão debaixo da saia da esposa, acariciou-lhe as coxas e foi subindo até penetrá-la com os dedos, quente e húmida. O crepúsculo avançava, lambendo os corações, encolhendo-os ao lembrar outras noites de homens de outrora, rodeados por sombras mortais, armados apenas com paus e orações. Um rio velho e pesado atravessava a noite, empurrado pelo peso implacável do hábito. Numa praça, soava uma canção, dramática e erótica, para esconjurar o desassossego. Em algumas casas, a eletricidade chegava apenas para tingir de laranja os filamentos das lâmpadas. Mauricio Retuerta remexia um cigarro, com uma expressão preocupada e o cabelo despenteado por uma rajada de vento. Eliseo Sánchez, com uma boá de penas turquesa enrolada à volta do pescoço, era sodomizado por um bate-chapas da zona de Ballesta, por entre um orgasmo ruidoso. Bejarano fazia pequenos cortes com uma faca na parte interior do antebraço, para que

houvesse algo que lhe doesse mais do que aquilo que o queimava por dentro. Gabino Cabañas permanecia de olhos abertos, deitado, olhando para o teto. Bandos de crianças nuas e esfomeadas percorriam as ruas de todo o país. O juiz José Antonio Ponce contemplava o pôr do sol, que tingia de um vermelho intenso toda a geometria dos favos das suas colmeias. Valentín, perdido nas múltiplas formas da ansiedade, sem nenhum outro local onde pudesse ir, salvo aquele, onde não o esperassem dívidas de sangue. Todos se encontravam aprisionados no fluxo da História, velhos e novos paradigmas complementavam-se ou entravam em confronto, sedimentavam-se ou sucumbiam, poderes inflexíveis que os arrastavam no meio de um estrépito de propaganda, fome, rancores e infâmias. E Nicolás. E Palmira. E Diego Peinado. A mão de Mencía continuava a acariciar a barriga, as suas veias azuis como traços de tinta. Impunha ao mundo a soberania do seu corpo para proteger o seu filho. Com todo o amor com que criara Nieves e Eulalia, abraçando-as, beijando-as, até ao dia em que já não pudesse fazê-lo e elas entregassem todo aquele amor por ela despendido a outra pessoa, às mãos-cheias. De repente, bateram numa janela. Mencía sobressaltou-se e vestiu um roupão rapidamente. O barulho tinha sido na parte de trás. Mencía entrou na sala de jantar e pensou ter visto uma sombra na janela virada para o pátio. Voltaram a bater.

– Mencía, sou eu. O Ventura.

6 N. da T.: Tipo de habitação constituída por casas de reduzida dimensão a que se acede por portas situadas em galerias ou corredores, que dão para um pátio interior.

13. Dois sem três

Despiram-se ao mesmo tempo. Ela tirou a blusa, desabotoando os botões um a um, enquanto se beijavam violentamente; ele arrancou a camisa sem desabotoar, puxando-a por cima da cabeça; ela puxou-lhe o cinto e baixou-lhe as calças; ele desapertou-lhe o sutiã. Ao fim de alguns segundos, estavam na cama; ela começou a chupá-lo com entusiasmo, e era tão bom, tão agradável, que ele rangia os dentes de prazer. Então, ele desceu até às suas ancas e a mulher gritou, abanando a cabeça para um lado e para o outro, sobre o travesseiro, mordendo os lábios. Ele pôs-se em cima dela, penetrou-a e agitaram-se durante algum tempo, transpirados e ofegantes, sussurrando obscenidades. Tiveram orgasmos e recomeçaram, detendo-se a intervalos em solícitos e carinhosos beijos, para logo voltarem a foder com brutalidade. O quarto inteiro encheu-se com o odor forte do sexo. Quando a mulher estava prestes a ter um novo orgasmo, a porta abriu-se calmamente.

– Olá, melro.

Manolete sorriu e fechou a porta atrás de si.

Arturo não sorria de todo.

O homem reagiu rapidamente – já devia ter-se visto na mesma situação, antes. Manolete também e, por isso, cortou-lhe a trajetória até ao amontoado de roupa no meio do quarto, encostando-lhe a ponta da navalha a um olho. A mulher estava tão assustada, que não tinha coragem para gritar, nem mesmo para se cobrir. Foi Arturo quem agarrou no lençol e lho aproximou do peito.

– Isto não tem nada que ver consigo.

Manolete retirou uma pequena pistola de entre o monte de roupa e ordenou ao homem que se vestisse: iam dar um passeio. O homem disse que não tinha feito nada, mostrou-se revoltado, surpreendido, apavorado, garantiu-lhes que se estavam a enganar, suplicou pela sua vida – e não exatamente por esta ordem. Arturo avisou a mulher que não se lembrasse de acorrer às autoridades – basicamente, porque as autoridades eram eles –, se queria voltar a dar uma trancada com aquele tipo. Saíram para o corredor levando o homem no meio deles e

Arturo sentou-se com ele no banco de trás do carro, enquanto Manolete se punha ao volante. Quase ninguém reparou nos empurrões com que os dois homens introduziam um terceiro no veículo e, quem o fez, disfarçou; este era o pão nosso de cada dia. Percorreram as ruas estreitas de Cáceres devagar, até saírem para terreno aberto. A última tentativa de obter explicações por parte do homem deparou-se com uma pancada e a oferta de uma nova ronda. Depois de percorrerem um bom trecho da estrada, desviaram para um bosque, seguindo por um caminho coberto de ramos entrelaçados. Detiveram-se numa clareira. O calor esmagava tudo, as árvores falavam com um murmúrio de eras remotas, as cascas exalavam odores suculentos.

O canto universal das cigarras.

Saíram do carro e Manolete mandou o homem despir-se. Este ficou em cuecas e, quando lhe mandaram despi-las também, por um momento os seus olhos exibiram uma expressão de ódio e orgulhosa resistência. Manolete olhou Arturo eloquentemente e este pôs-se a contemplar o céu rutilante e uma nuvem de pequenos pontos escuros que executavam coreografias perfeitas, sem colidirem entre si, juntando-se, separando-se, alongando-se, comprimindo-se.

– Chamas-te Isidro Sebastián.

– Sim.

– Escreveste o artigo sobre Diego Peinado? – perguntou Arturo, olhando-o.

– Sim.

Arturo observou a ranhura que o homem tinha entre os dentes, o seu nariz ossudo, a franja ao lado, até meio da testa.

– Porquê?

– Era uma notícia.

– Vou perguntar outra vez: porquê?

– Foi uma ordem do diretor.

– Agora, estamos a ir bem. E o diretor decidiu publicá-lo porquê?

– A mim não me dão explicações. Só conto os factos.

– Não, tu contas que Alcibíades cortou a cauda ao seu cão preferido para que os atenienses se entretenham a criticá-lo e, enquanto isso, ele possa dedicar-se aos seus negócios.

Isidro inclinou a cabeça para a esquerda; sentia-se alheio ao que

lhe diziam, à situação no seu conjunto.

– Numa redação, sabe-se tudo – insistiu Arturo. – Porquê?

– O diretor não tem de nos dar justificações.

Arturo aproximou-se da margem do caminho e baixou-se para apanhar algo.

– Vou enfiar-te isto no cu – disse, mostrando-lhe um ramo grosso.

– Ele recebeu uma chamada.

– Como?

– Ligou-lhe alguém importante.

– A que ponto?

– Foi o governador.

Arturo olhou Manolete. O seu inimigo, sem forma definida e evasivo, era, sobretudo, bem relacionado. Tinham chegado ao limite, se bem que mais abruptamente do que esperara. Avançar mais significaria uma voz ao telefone que não lhe ordenaria nada, mas sugeriria que não lhe agradava o que Arturo andava a fazer; ele resistiria e a voz adotaria um tom mais áspero, sem todavia chegar à irritação, e perguntar-lhe-ia se era necessário repetir o que acabara de dizer; por fim, Arturo cederia e a voz tornar-se-ia razoável, satisfeita, até, e recordar-lhe-ia a sua vocação de serviço ao país e que não esperavam menos dele que, sem dúvida, teria uma carreira longa, entusiástica e proveitosa. Ainda. Arturo largou o pau, virou as palmas das mãos para cima, olhou para o céu.

– Não tem ar de ir chover. Já agora, fazes ideia de como se chama o tipo que canta *A este lado del mar*? Sabes, moreno, de bigodinho...

Isidro olhou-o como se ele tivesse perdido o juízo. Arturo estalou a língua, meteu-se no carro e esperou que um boquiaberto Manolete se convencesse de que tinham mesmo terminado ali. Enquanto Manolete fazia marcha-atrás, Arturo despediu-se do jornalista com um aceno de mão.

Salvador tinha pouco tempo para preparar a transferência de Diego Peinado para Cáceres. Essa seria a última noite que o professor dormiria no calabouço. Por vezes, não vale a pena sobreviver à desilusão, e aquele homem era alguém destruído. Para resistir, é preciso uma pessoa olhar-se ao espelho e perdoar-se por ter

sobrevivido, e aquela não era a sua natureza. Além disso, o professor deixara-se apanhar na inércia das pessoas que não gostavam de derrubar o que lhes conferia tranquilidade, mesmo que fosse mentira; os costumes que se perpetuavam, a indolência, a convicção de que, com aquela detenção, extirpariam magicamente todas as ameaças que lhes tiravam o sono. As pessoas eram assim, precisavam de encontrar alguém mais culpado do que elas. Salvador era testemunha disso todos os dias, a cada ronda, a cada interrogatório, a cada detenção, todos suspeitavam de todos, minados pelo verme da desconfiança que alterava a luz em torno de cada palavra, transformando tudo numa armadilha. E nada aliviava a solidão que aquele veneno apertava à sua volta. O mais trágico era que Diego Peinado estava convencido de que era um mártir quando não passava senão de um espírito perturbado, um bode expiatório. Mas Salvador conseguia aguentar mais um assalto em pé. Ordenou aos aldeões que fossem buscar os escadotes e que retirassem os cães enforcados. Era a segunda vez que tinham de ir àquele lugar para limpar a merda, enquanto o padre caminhava para trás e para a frente, aspergindo água benta por entre rezas velozes em latim. Salvador observou a floresta densa, os pinheiros como mastros, a terra escura e esponjosa coberta de agulhas. Reinava um silêncio quebrado apenas por umas ténues correntes de ar: os pássaros não gostavam dos pinheiros. O sacerdote queixava-se daqueles costumes atávicos, tradições anteriores ao domínio de Cristo, que as pessoas ainda praticavam, muitas vezes em segredo. Salvador também não gostava daquelas confusões, mas conseguia entender o seu poder de persuasão, especialmente naquele lugar telúrico. Lembrou-se das noites em que se sentava num círculo com outras crianças e lhes contavam histórias de fantasmas, de povos desaparecidos que realizavam rituais ignominiosos e adoravam divindades da floresta. *Nestes lugares, aparece agora o demónio*, diziam-lhes, e as crianças arregalavam os olhos onde se espelhava o medo. Fosse por sugestão ou porque o sítio realmente o possuísse, era fácil sentir o seu campo de forças, uma sensação de se chegar a um local que era «diferente». A tarefa demorou uma longa hora; quando desprenderam o último animal, Salvador e Nicolás acenderam os cigarros um ao outro.

– Isto ainda vai continuar um bocado – disse Nicolás.

– É compreensível, não há água para regar, o gado tem sede... – Salvador observou o queixo do seu subordinado. – Precisas de fazer a barba.

Nicolás passou a mão pela face.

– Sim, meu cabo, desculpe-me.

– Por muitos problemas que tenhamos, o serviço é sempre o serviço.

– Com certeza, meu cabo.

Salvador reparou como os homens agarravam o cão pelas patas traseiras e a cabeça, e o balançavam, largando-o em cima da pilha que se tinha formado na traseira da carroça.

– Já sabes que o capitão está em Cáceres. Vai voltar hoje ou amanhã.

– Tinha-me dito. E o que pensa disto do professor?

– Estava chateado, mas não disse nada.

– Quando o vão levar?

– Pensava que viriam buscá-lo hoje, mas acabam de me avisar que será amanhã de manhã bem cedo. Tem de se preparar.

– Eu ocupo-me disso.

– Muito te ocupas tu com ele – disse o cabo, num tom de suspeita.

– Dá-me pena.

– Mais pena te devíamos dar nós.

Nicolás não respondeu. Partiu do princípio de que não lhe restava muito tempo. O cabo deu ordem para partirem e caminharam em procissão atrás da carroça cujas rodas chiavam. Cada um ia concentrado nos seus pensamentos, mascando a poeira que as botas levantavam, com os punhos apertados na correia do mosquetão, as testas brilhantes. No caminho, cruzaram-se com duas pessoas que vinham em sentido contrário. Quando se aproximaram, conseguiram identificá-las. Nieves e Eulalia ficaram petrificadas ao descobrir o par da Guarda Civil. Mantiveram-se junto à beira da estrada, com os rostos sérios, tensos, esperando que passassem. Ao chegar perto delas, Salvador deteve-se. Contemplou-as longamente com uma expressão fechada. Quando Nicolás lhe perguntou, Salvador limitou-se a responder:

– Sigam, eu fico aqui.

Era uma posição segura. Ainda assim, tiveram de vigiar a zona e todos os seus acessos durante dois dias devido ao perigo de os terem localizado de novo. Camaradas que sabiam detetar qualquer rasto descreveram círculos concêntricos até à colina, onde puderam dispor os catres e preparar aquela tira de terreno inclinado para instalarem as cozinhas. Ali deveriam aguardar que se diluísse a mobilização das forças repressivas. Ventura podia aguentar o tempo que fosse preciso, pois possuía a coisa mais importante: um capital de afeto. Após a fuga, optara por refugiar-se no último local onde o procurariam: a sua casa. Contemplou o pânico de Mencía ao vê-lo, mas também testemunhou a sua alegria, a sua vontade de o tocar e de o beijar. Teve cuidado com a sua mão magoada e as suas costas feridas, mas tinha vontade de a esmagar nos seus braços. Também tinha falado com as filhas, beijara-as, cresciam muito entre cada visita. Depois, lavara-se do suor e da sujidade de semanas, tinha-se alimentado, tinham feito amor em silêncio. Quando ficaram abraçados, regressaram os presságios agourentos, os sussurros inquietos, a vida que mal lhes deixava margem para decidir. Perante as suas dúvidas, Mencía também não sabia explicar quem tinha sido o autor dos disparos que as salvaram, embora tivessem identificado o cadáver largado na praça. Por sua vez, ela mostrou-lhe a carta da irmã e falou-lhe das belas casas coloniais, das chuvas tropicais, de um molhe infinito a partir do qual se contemplava um mar brilhante; dos casais que podiam beijar-se nos parques, das orquestras que tocavam o chachachá e as congas, das ruas onde fluía o rum, o dinheiro e o tabaco. Fê-lo sentir como seria um outro Ventura. Uma vida diferente, longe das necessidades, da fome, das perseguições, dos sermões, da maledicência, da difamação. Discutiram a possibilidade de partirem como se realmente acreditassem nela. Ventura absteve-se de revelar as suas hesitações e dúvidas, a linha de falha que começara a trilhar caminho nas suas convicções. Pelo contrário, continuou a defender aquela utopia com tudo o que tinha de ingénuo, confuso, timorato e excessivo. *O mundo muda, meu amor*, dizia-lhe ela, *e temos de aprender a mudar com ele, és um prisioneiro do passado*. Mas Ventura preferia falar de lealdade, de fidelidade. *O passado acabou, meu querido*, insistia Mencía. *O passado nunca acaba*, deteve-a ele. A sua consciência regressou ao

acampamento. No grupo, tinham-se formado fações, o moral estava baixo, as atividades coletivas tinham sido reduzidas, as pessoas escondiam comida, munições. O Esquemas, o Palavreado, o Eulogio Trator... pela calada, acusavam Extintor de negligência no planeamento do ataque. Propunha-se com mais firmeza a opção de raptar um peixe graúdo e avançar para França. Por seu lado, Extintor censurava-lhes a deslealdade e as queixas à socapa, a renúncia a algo mais elevado que se sobrepusesse aos seus receios e preconceitos. Ventura achava aquela estratégia cada vez mais disparatada; nem o seu tom nem a sua atitude o revelavam, mas as orientações não escondiam o facto de a violência se ter tornado algo quotidiano, um modo de vida que não parecia disposto a abandonar os assaltos, as execuções injustificadas, a busca incansável de inimigos... Os seus contactos e as pessoas que os apoiavam pediam-lhes para não voltarem às suas casas devido às detenções em massa, à pressão sobre as famílias... Ninguém queria pronunciar a palavra «derrota», mas a verdade é que a ansiedade causada pela recusa de encarar os factos era substituída pelo caos, pela indignidade, por um instinto primário para sobreviver num ambiente cada vez mais hostil. A Ventura bastara observar o rosto de um dos tipos mais jovens, o último que se juntara ao grupo, para confirmar os seus receios. A sua admiração inicial transformara-se gradualmente em apreensão ao constatar como estavam pouco e mal armados, em contraste com a lenda que os agigantava e lhes atribuía um arsenal e uma organização sem igual. Certamente, na sua cabeça, tinha-os até imaginado todos altos e atraentes. Ventura sorriu. Que remédio. Apesar disso, resistia a trair aquela ideia – quando uma pessoa estabelecia um objetivo para si, era difícil não prosseguir até o alcançar, mesmo que fosse algo impróprio e já nem sequer desejável. Contemplou a paisagem, cego pelo sol. Pese embora tudo, Extintor ainda lhes tinha acenado com uma última cenoura para evitar o colapso: falou-lhes de uma reunião próxima, com outros grupos, para se reorganizarem e tomarem uma decisão em comum. Seria em breve, muito em breve, e com pessoas vindas especialmente de França, gente enviada pela direção do partido para fazê-los ver que nem tudo estava perdido. Ventura optou por comer um pouco de trigo cozido e o último pedaço de carne que lhe restava.

Num canto do acampamento, começou a ouvir-se música. Um dos camaradas tinha começado a tocar uma guitarra – fazia-o de forma natural, quase descuidadamente, procurando apenas o seu próprio prazer, mas quase de imediato começaram a aproximar-se pessoas. Fez-se um silêncio reverente, com cada um perdido nos seus pensamentos, nas suas memórias. Ventura pensou que aquilo era a única coisa que os tinha unido desde há muito, desde há demasiado tempo.

Restavam-lhes poucas horas. Quando Nicolás chegou à cidade, foi diretamente a casa para avisar a sua convidada. Após uma imprevista mudança de opinião, Palmira chegara na noite anterior e tinham concordado que aguardaria ali, até se dar a oportunidade de estar a sós com o marido. Saíram rapidamente em direção ao quartel. Na eventualidade de o cabo os surpreender, tinham-se posto de acordo para oferecer uma justificação aceitável. No caminho, cruzaram-se com um estranho indivíduo vestido de negro, que levava um guarda-chuva ao ombro e que olhou Palmira fixamente. No pequeno quartel, Nicolás conduziu-a ao calabouço.

– Tem uma visita, Diego – anunciou, enquanto rodava a chave na fechadura.

Abriu a porta, mas não mandou Palmira entrar; antes, sugeriu a Diego que se compusesse um pouco. Perante a sua indiferença, o guarda pronunciou umas palavras mágicas: *A sua esposa veio vê-lo*. O rosto de Diego Peinado alterou-se bruscamente. Ergueu-se com esforço, tentando compor os cabelos revoltos e abotoando a camisa.

– A minha esposa, como?

– Está aí fora, à espera.

– Porque a mandou chamar?

– Foi ela que quis vir – mentiu Nicolás.

O professor esteve quase a contradizê-lo, mas ficou em silêncio. Há pelo menos cinco anos que não via a mulher e, embora aquele guarda lhe tivesse contado uma mentira piedosa, não conseguia entender porque Palmira acedera ao seu pedido. Sentiu a vergonha aferroá-lo pelo local onde iam encontrar-se.

– Quero pedir-te um favor.

- Diga.
- Podemos encontrar-nos fora daqui?
- Não pode sair sem autorização do cabo.
- Por favor.

Nicolás olhou a enxerga desfeita, o balde cheio até meio de urina, os restos secos de comida no chão.

- Tem cinco minutos.

Virou-se para a mulher e, pegando-lhe no cotovelo, pediu-lhe que o acompanhasse até à sala. Ofereceu-lhe uma cadeira e depois encostou-se à parede, mantendo uma certa distância. A pedra continuava sobre a mesa, mas Palmira não fez nenhum comentário. Quando viu o marido, não conseguiu evitar abrir a boca. Não esperava aquele nível de devastação. Mal tinha cinquenta anos, mas parecia um moribundo, com a pele cinzenta, quase sem fôlego, um corpo que se vingava do veneno que lhe haviam administrado todos aqueles anos.

- Olá, Diego.
- Olá... Palmira.

Durante alguns segundos, não souberam o que dizer. Era um silêncio cheio de tudo o que não tinha sido dito, o que não seria dito nunca. O que queriam dizer, mas não sabiam com que palavras. Não havia hostilidade, apenas impotência, falta de convicção.

- Estás com bom ar.
- É mentira, mas obrigado. Tu é que estás com bom ar.

Diego recordou a angústia, o amor, os ciúmes, enquanto vagueava pela casa depois de ela ter partido com as filhas. O desconsolo ao ver os roupeiros vazios, o seu cheiro. As noites esperando o seu regresso, as suas súplicas íntimas entrelaçadas com a sua incapacidade para a ir buscar.

- Como estão as meninas?
- Bem. Estamos bem.

Palmira contou o que tinha sido delas durante todo aquele tempo. Em segundo plano, voltou a experimentar a solidão dos dias posteriores à sua partida. Tentou ordenar as recordações numa sequência integral, perfeita, mas os clarões das memórias confundiam-se na sua mente.

- Porque vieste? – perguntou-lhe Diego, de supetão.

– Tens de fazer alguma coisa.
– E o que queres que faça?
– Diz-lhes que não estavas aqui, que não tens nada que ver com isto.

- Não tenho nada que ver.
- Tens de lhes dar provas.
- Não me lembro do que fiz nesse dia.
- Inventá alguma coisa, encontraremos uma forma de te ajudar.
- Não me importa o que pensem.
- Diego, vão-te matar.

Nicolás aguardou a reação do professor, mas esta nunca veio, como se os seus pensamentos se extinguíssem uns aos outros. Houve um toque de melancolia na sua resposta:

- Será o que tiver de ser.

As feições de Palmira contraíram-se numa careta de desprezo.

– Não passas de um egoísta. Sempre foste. Nunca gostaste de ninguém. De mim, não, para começar; querias apenas que eu te livrasse dos teus medos, da tua solidão. És fraco, Diego, não sei porque demorei tanto tempo a perceber. Fraco e egoísta. Nem sequer te importas com as tuas filhas. Já viveste demasiado. Se fosses um cão, já alguém te teria levado para a rua e teria posto um fim à tua agonia. – Palmira pôs-se de pé e olhou para Nicolás; falou com uma voz cortante, enfastiada: – Não sei o que fazemos aqui.

O soldado da guarda compreendeu que algo se detivera. Para sempre. E deu graças por poder voltar para sua casa, onde a esposa lhe teria guardado o jantar. Depois, ia enfiar-se na cama, encolhia-se junto a ela e adormeceria. *Obrigado*, pensou, *obrigado*.

- Tem de regressar à cela, Diego – disse.
- Espera.

Nicolás deteve-se a meio do percurso quando o professor se pôs de joelhos, com os olhos humedecidos. Diego começou a chorar, não conseguia falar, mas chorava por tudo o que tinha acontecido, pelos anos perdidos, pelas vezes que tratara mal as pessoas. Doía-lhe o corpo, como se o tivessem crucificado, e foi apenas capaz de articular um «lamento», uma e outra vez. *Lamento, lamentos*. Não achava outras palavras; mesmo aquelas não eram suficientes para exprimir o que

sentia. Porque as palavras não podem abarcar os sentimentos mais intensos, aqueles que não podem ser partilhados, aqueles que devemos sentir sozinhos. Palmira alisou os cabelos. Respirava com dificuldade, mas nos seus olhos já não era possível ler nada.

– Espero por si lá fora – disse a Nicolás, voltando-lhes as costas.

As vacas mugiam de quando em quando, fazendo soar os seus sinos. Ver o gado ruminar transmitia-lhe uma sensação de calma. Desde que Mauricio Retuerta se lembrava, estivera sempre rodeado por estes animais. Dera-lhes de comer, tinha-as ordenhado, tinha corrido atrás delas, ajudara-as até a dar à luz. Agora, fumava encostado a uma das paliçadas que rodeavam a sua quinta, inalando o fumo com força. Fazia-lhe bem um pouco de calma, especialmente nos últimos dias, em que se sentia estranho. Antes pensava que sabia como deviam ser as coisas, mas agora não tinha tanta certeza. Não dormia bem ultimamente. A realidade crua e dura de estar vivo continuava a agradar-lhe, mas, desde que entrara na cabana, não tinha parado de pensar naquelas paredes de pedra, na luz fria das estrelas marcando com os seus pontinhos o buraco onde o telhado se desmoronara. Dentro de si haviam brotado de novo os erros do passado.

Não albergava ódios, nem ressentimentos, nem inimizades tão intensas que pudessem pôr a sua vida em risco. Arrependimentos sim, é claro – só os idiotas nada tinham a lamentar –, uma ou outra vergonha, uma ou outra culpa. Contudo, Mauricio tentara eludir as suas fazendo o que achava que era correto e fazendo-o da melhor maneira possível. Era um facto que a paz surgia da luta, não da razão; para instaurar a sua revolução, tinham sido necessários o sangue e o fogo, e sempre assim fora. A sua revolução traria a justiça e a liberdade, uma revolução ganha pela espada e não pela moderação. Agora, acreditava que havia espaço para alguma serenidade; tinham conquistado o direito de decidir o mundo que queriam, de fabricarem um futuro à sua medida e, enquanto que a mesa do banquete estava posta para eles, os outros, os que tinham perdido, teriam de se contentar com sobras. Assim o quisera Deus. Mas aquele catre impregnado de sangue remetera-o para uma realidade também ela divina, em que os homens eram livres para escolher a salvação ou a

condenação. Era a sua responsabilidade inalienável, uma liberdade que permitia que o mal andasse solto pelo mundo. E quando viu «aquilo», um detalhe sobre o qual guardara um silêncio obstinado, acendeu-se no seu interior a dúvida que queimava sem parar: seremos também livres para sacrificar inocentes?

– Chefe!

Mauricio olhou para a sua esquerda. A uns cinquenta metros, Expósito fazia-lhe sinal para olhar para leste. Avistou um homem a caminhar na sua direção, de chapéu, camisa e óculos escuros. Quando o reconheceu, sentiu as costas tensas, mas não ficara de modo algum surpreendido; no seu íntimo, não fazia mais que esperá-lo. Aquele capitão lera nos seus olhos todas as tensões que o oprimiam. Não sabia até que ponto conseguira penetrá-lo, mas sem dúvida que o fizera. Arrependeu-se de ter dado ouvidos a Nicolás e de o ter confrontado.

– Bom dia, *don* Mauricio.

– Bom dia, capitão.

Mauricio sorriu. Tinha um dente encavalitado sobre outro. Arturo pensou que era um daqueles tipos em cujo sorriso havia sempre um desafio ou uma ameaça. Fosse como fosse, era um tipo autossuficiente. Os relatórios que lhe tinham enviado descreviam um indivíduo habituado às baionetas dos legionários e às adagas das tribos berberes⁷, especialmente em Navalморal da Mata e Guadalupe, e que, após a guerra, regressara para gerir a propriedade, com um ambiente familiar estável e bons contactos.

– Por acaso, não tem qualquer coisa que se beba? – Arturo tirou os óculos e semicerrou os olhos para olhar o sol cravado no céu. – Ficava-lhe muito agradecido.

– Hoje, não negaria uma bebida nem ao diabo em pessoa.

Baixou-se junto à base da cerca e retirou um cantil de uma mochila. Arturo bebeu com avidez.

– Que bom!

– Nada melhor que a água quando se tem sede.

– Correto. São suas? – perguntou Arturo, indicando o gado com um movimento do queixo.

– Sim.

– São bonitas. Disseram-me que isto tudo também lhe pertence.

– Parte – disse, assinalando um terreno entre dois pontos.
– Boas terras.
– É verdade.
– Com esta seca, tem sorte que o rio passe aqui perto. – Mauricio limitou-se a cabecear. – Aí é que eu devia estar, a pescar tranquilamente.

– Mas o senhor tem de trabalhar. Como vai a investigação?
– Continuo à procura de ter mais... – coçou a cabeça – perspectiva. Talvez o senhor me possa ajudar.

– Já me estava a parecer que não vinha aqui para admirar as minhas vacas – disse Mauricio, sorrindo.

– Os seus animais são esplêndidos, poderia passar horas a olhar para eles. Infelizmente, há uma obrigação que nos diz respeito a todos. Disseram-me que o senhor também ficou muito impressionado com aquilo da cabana.

– Quem lhe contou?
– As pessoas falam. E, quando o vi, parecia afetado.
– Não seria digno de um cristão ficar indiferente a tal ação maligna.

– Mas o senhor já viu de tudo.
– Se se refere à nossa cruzada, é verdade. Tal como o senhor.
– Eu também vi muita coisa, por isso, um pouco de sangue já não me assusta. Ou talvez o senhor tenha visto algo que a mim me escapou.

– Não sei o que poderá ter sido.
– O senhor foi o primeiro a entrar e estive lá um bom bocado. Se calhar, viu algo que, depois, durante a revista ao local, pode... não ter sido considerado.

– Se está a insinuar que tirei ou ocultei alguma coisa, não vejo que motivos eu teria para o fazer.

Arturo corrigiu o tom que imprimia às suas palavras.

– Não me interprete mal, não penso que esteja relacionado com esta morte. Mas dei muitas voltas a este assunto. *Don* Mauricio, o senhor parece-se muito comigo, ambos vimos e fizemos coisas, nem todas elas irrepreensíveis; sem ser tida nem achada, uma pessoa vê-se mergulhada num mar de erros, falhas, à-vontade e disparates. Mas

Deus fez-nos imperfeitos, e não há nada de mal nisso. E como explicar isto aos outros, a quem não o viveu? As palavras são meras convenções – é impossível partilhá-lo. Porque está o senhor na milícia?

– Como? – A pergunta apanhou Mauricio de surpresa.

– Poderia viver tranquilamente, cuidar da sua quinta, dedicar-se a passar bons momentos na companhia da sua família.

– É minha obrigação como espanhol.

– Alguém lho pediu?

– Não, mas...

– Mas tem a sensação de que a vida já não tem a mesma intensidade e, por isso, procura emoções. Isso também me acontece a mim, acredite, tenho a impressão de que nunca mais voltarei a sentir o mesmo ou que serão sensações mais pequenas, mínimas. Às vezes, desprezíveis até. E pensei... que o que nos sucede a nós se passa com mais pessoas, pessoas que conhecemos ou que intuímos que poderiam procurar essa intensidade à qual se habituaram.

– Percebo. Poderia até ser que me passassem nomes pela cabeça, mas há uma coisa...

– Sim?

– A lealdade.

– Como sou idiota! A lealdade... É valiosa, por isso, é tão importante não a transformar num vício... Vou contar-lhe uma coisa.

Mauricio ouviu as teorias daquele capitão sobre a venda de crianças; sobre uma aranha que se movia de um extremo ao outro do país, tecendo os seus fios transparentes; sobre lobos velhos que perdiam o pelo, mas não os instintos. Aquele era um papel inesperado e difícil para ele, e sob a superfície sentiu-se percorrido por uma corrente emocional: a sua mente começou a encher-se do fumo de uma época simultaneamente exaltada e impiedosa; o medo, o ódio, silvos metálicos, sombras recortadas contra o esplendor das chamas, gritos e gemidos, um remoinho de angústia e poder, a sensação da nossa própria força unida à dos camaradas, a alegria, inexplicável e misteriosa. Mauricio voltou a escutar aquele capitão que agora lhe lembrava que, sim, era possível alguém mudar a sua natureza, mas até mesmo a Bíblia reconhecia que semelhantes mudanças acontecem

geralmente por milagre. No entanto, também aquele Arturo Andrade compreendia o que significava avançar sozinho na escuridão, sentir a fraqueza, o pânico, até alguém nos pôr a mão no ombro e nos ajudar a vencer o medo, para experimentar mais uma vez a força do grupo, uma breve soma de acontecimentos que se assemelhavam a uma vida inteira. Todas as sensações se alteravam, nascia uma dívida, um vínculo que se estreitava na uniformidade triste dos dias e dos meses posteriores, nas horas que se dilatam e nos segundos que nos oprimem. Um vínculo que resistia a desfazer-se mesmo diante da visão daqueles nós. Aquelas cordas cortadas no chão, e aqueles nós, característicos, que só vira uma pessoa fazer, um homem sempre no limite, que estava muito para além dele ou de qualquer outra pessoa que alguma vez tivesse conhecido. Nós que tinham servido para imobilizar uma época em que o atroz se tinha tornado familiar, prosaico. Algo que não se podia partilhar com mães, irmãos, esposas ou filhos, segredos da alma que não se podiam revelar, ainda que o desejássemos ardentemente.

– Um ovo cozido.

A inesperada frase de Mauricio fez Arturo calar-se.

– Capitão, um simples ovo cozido pode mudar a nossa vida. Quando uma pessoa está a morrer de fome e tem febre, e não há provisões, e toda a gente acha que já não há salvação... Alguém pode pegar num ovo, um ovo que guardou consigo, para si, que manteve inteiro contra o vento e as marés, cozê-lo, descascá-lo e dá-lo a comer a essa pessoa, pedacinho a pedacinho. Esta generosidade, este ato de profunda generosidade, do qual talvez essa pessoa já nem se lembre... Este ato pode mudar a nossa vida. Capitão.

Arturo abriu a boca, mas dos seus lábios não saiu qualquer som. Estendeu a mão a Mauricio.

– Cuide de si.

Depois, virou costas e afastou-se sem pressas.

Valentín estava agarrado ao telefone. Falava com o seu corretor de apostas, que lhe ia contando o que sucedera nas corridas, as percentagens, os nomes dos cavalos. As suas palavras conjuravam arquibancadas enormes, as filas para fazer as apostas, os placares

informativos, o estardalhaço de apitos e queixas e exclamações, os jóqueis apoiados nos pequeníssimos estribos, o ouro, o azul, o verde, os animais que recusavam entrar nas boxes, a multidão que contava os minutos para a corrida seguinte, angustiada, inspirada, sorridente... Valentín estava tenso, perdera muito dinheiro, até mesmo para os valores a que estava habituado. Mas o seu empenho em recuperá-lo não abrandava. Havia sempre a última aposta do dia, a que o aliviaria daquele desconforto, apagar a sua angústia, a que lhe permitiria algumas horas de calma. Ouviu-se uma campainha característica e os músculos dos soberbos animais começaram a trabalhar ritmicamente, com as cabeças inclinadas sob a pressão das rédeas, os binóculos que os seguiam, a multidão uivante, o clamor que aumentava com a incerteza.

Quando, no dia anterior, Manolete recebeu a estátua no chalé do seu amigo, em Ciudad Lineal, teve oportunidade de estudar com atenção o motorista. Fê-lo discretamente, escondido atrás de umas cortininhas. Lauro era um indivíduo pequeno, simpático e falador, que não parou de dizer piadas enquanto descarregava as linhas clássicas de uma Vénus; no entanto, não foi capaz de ocultar um olhar perscrutador, que tudo observava. Manolete registou o facto com suspeita. Naquele momento, sentado no seu veículo, vigiava a camioneta estacionada na esquina do recinto desportivo. Nos últimos dias, transformara-se num especialista em estátuas antigas: discóbolos, cocheiros, Dionísios, Afrodites, sátiros, Vitórias aladas, Apolos... A cada entrega, a única coisa que ficava claro era que aqueles gregos eram todos uns devassos, sempre em pelota, sempre à procura de *a meter* nalgum sítio. Claro que era normal que andassem todos atordoados, sempre a ver marmelos, pilas e cus. Normalíssimo. Se até Manolete ficava com *ela* de ferro só de olhar para alguns manequins das lojas, como é que aqueles gregos não haviam de ficar todos cheios de tesão? Quem já não tinha tanta piada era Rubén Iniesta, aliás, René, o proprietário do *Chevrolet*, um fura-vidas filho de um guarda-florestal engavetado por atividades sindicais, que começara como sucateiro e agora andava de fato às riscas e relógio de bolso com corrente de ouro, metido em todos os negócios que podia, sujos ou

legais. Contratos públicos, cimento, ferro, penicilina, cadernetas de racionamento... Aquele tipo visitara gabinetes suficientes para ele ter a certeza de que tinha boas cunhas, mas talvez tivesse perdido o controlo com a sua empresa de «transporte de crianças». *Crianças*, pensou Manote, não entendia porque se achava tanta piada às crianças; comiam, cagavam, mijavam, choravam, era preciso brincar com elas... Não, não conseguia perceber por que motivo as pessoas queriam ter filhos, mas, se alguém tomava a decisão, depois tinha de se aguentar à bronca. Deixá-los morrer de fome ou usá-los como se fossem bonecos não tinha perdão nem de Deus. Agarrou na medalha da Virgem e beijou-a com devoção. Em seguida, pôs-se a imaginar a rata da mulher da tabacaria.

O tropel dos cavalos passou, com os quartos traseiros que se contraíam e esticavam, e um vasto murmúrio alastrou pelo hipódromo, ocasionalmente quebrado pelos gritos de alegria dos apostadores ganhadores. Clarões das máquinas fotográficas, distribuição dos ganhos, jóqueis vestidos de sedas coloridas, cavalos que, resfolegando, largavam montes de bosta verde e fumegante, cabeças que abanavam, olhares de admiração, invejosos. Valentín deixou-se cair numa cadeira, a tremer, congestionado; pendurado na extremidade do fio do telefone, o auscultador ficou ali a balançar. Enquanto lhe narravam a corrida, era como se as palavras fossem por um lado e o seu significado por outro. Porquê? Porque tinha apostado naquele e não noutro? Tinha-se decidido num último e nefasto arranque de inspiração, depois de comparar meticulosamente recortes de jornais, tempos, distâncias, pesos. Aquele cavalo não podia perder e, no entanto, perdera! Aquela era a sua última hipótese de saldar as dívidas e de se livrar dos agiotas. Sentiu um vazio no estômago, experimentou uma sensação de desdobramento, como se aquilo estivesse a acontecer a outra pessoa; a angústia era tão intensa, que não lhe deixava margem para nenhum pensamento coerente. A partir daquele momento, não tinha mais crédito nem perdão, os seus credores não teriam misericórdia e o seu corpo iria aparecer em qualquer descampado com as marcas de um sofrimento inimaginável. *Foda-se para o juiz*, pensou, *foda-se para o juiz e para os seus amigos*

degenerados e para as suas advertências e para aquele capitão do caralho. Tinha uma saída, um pedido à margem dos seus esquemas com o velho, montes de dinheiro, só tinha de falar com o Iniesta, que era um tipo como deve ser, um homem de negócios, e isto trar-lhe-ia lucros, carcanhol sem riscos, que também compraria o seu silêncio. No meio de uma das suas reflexões, pegou no auscultador, pôs-se de pé, procurou na carteira os números de telefone e fez algumas chamadas.

Como o tempo passava lentamente, considerou Manolete. Continuou a vigiar a carrinha até que, de repente, se lembrou de Virgilio. Há muito tempo que não pensava no colega. Que seria feito dele? Tinha sido um bom companheiro na Rússia, mas, em Madrid, ninguém lhe conseguira dar notícias dele. E pensar nele levava-o inevitavelmente a pensar em Berlanga. Contara aquela história ao tenente, que o ouvira com espanto e curiosidade. Virgilio estava colocado no gabinete de censura do correio, analisava centenas de cartas, até que um dia leu a do soldado Berlanga. Era a típica carta à namorada – Marilú, chamava-se ela –, mas estava bem gatafunhada.

– Quer dizer, não é daqueles que escrevem que por ela atravessarão os mares e subirão à montanha mais alta e, no fim, dizem que amanhã vão vê-la, mas só se não chover... – dissera-lhe Virgilio.

Manolete sorria.

– Claro que a rapariga também deve valer a pena – acrescentara Virgilio –, uma daquelas morenaças como nos quadros de Romero de Torres.

Com o tempo, foram sabendo cada vez mais da sua vida e tomaram-lhe o gosto. O assunto arrastava-se e transformou-se quase num daqueles folhetins de publicação semanal que deixavam uma pessoa viciada, esperando o capítulo seguinte como se fosse o último copo de água no deserto. O tipo estava apaixonadíssimo, a tal Marilú tinha até uma procuração para se casar à distância... Dera-lha o próprio Berlanga, antes de partir para a frente, para ela usar se ele fosse ferido ou se a coisa ficasse feia. O soldado vivia mergulhado numa nuvem, pensando no seu regresso, mas, afinal, tratava-se de uma nuvem bastante negra. Nas últimas cartas, começaram a notar que algo tinha mudado. As dela eram cada vez mais frias, mais

distantes. Ficaram com a pulga atrás da orelha. Berlanga, esse, obviamente, não dera por nada.

– Ele continua ceguinho, fala dos filhos que vão ter e da casa onde vão morar e do felizes que vão ser...

Até que, um dia, aconteceu o que tinha de acontecer. A carta chegou num papel azul, igual ao que Marilú costumava usar. Explicava-lhe como se sentia tão sozinha e como tinha conhecido outro e como amava Berlanga, mas que tinha de pensar no seu futuro, e mais isto e mais aquilo e aqueloutro. Uma história mais velha que a roda. Mas, nessa altura, Virgílio interveio, disse que não podiam entregar-lhe aquela carta, não naquela altura, que iam mandar o tipo para uma posição lixada e que, conhecendo-o, aquilo seria desgraçá-lo. Virgílio tinha a certeza de que o soldado seria capaz de desertar ou, até, de se matar com um tiro.

– Mas o que podemos fazer? – perguntou Manolete.

– A única coisa que podemos fazer é...

O motorista saiu do edifício, interrompendo os seus devaneios abruptamente. Meteu-se na carrinha e arrancou. Manolete colou-se a ele. A princípio, parecia só mais uma entrega, mesmo quando viraram para a estrada que ia para Pardo e saíram de Madrid. Mas, quando deixaram Segóvia para trás e continuaram a avançar, Manolete começou a suspeitar de que, daquela vez, seria diferente.

Mencía passara todo o dia inquieta. À medida que o anoitecer ia esbatendo contornos e contrastes, a angústia ia-se intensificando. Tinha pedido às filhas que fossem buscar alguns quilos de farinha que conseguira comprar num moinho, mas, àquela hora, as raparigas já deveriam ter voltado. Por muito lentamente que caminhassem, por mais distrações que tivessem encontrado, já deveriam ter regressado a casa. Era a mesma emoção que experimentara anos atrás, quando a mais velha se perdera numa feira e Mencía, durante as horas em que a menina esteve perdida, se sentira como se lhe tivessem arrancado uma perna. Lembrava-se da aflição, da incredulidade, da sensação de injustiça. Quando a encontraram, sentada numa barraca de doces, partindo um enorme caramelo com os dentes, ao cuidado de duas mulheres, apertou-a contra si com uma sensação de alívio físico que

jamais pensara poder existir. A sua cabeça fervilhava com todas as contingências, e os argumentos que as contrariavam não lhe traziam nenhuma tranquilidade. O cansaço descompunha-lhe o rosto. A escuridão continuou a cair até que os olhos não conseguiram mais penetrá-la.

7 N. da T.: Referência aos combatentes marroquinos que lutaram do lado nacionalista durante a Guerra Civil de Espanha.

14. Chegam quando as luzes se apagam

Nunca sabia se era de dia ou de noite. E estava sempre cansada, com sono. Trancaram-me naquele quarto e nunca mais me deixaram sair. Também não conseguia ouvir vozes nem outros ruídos. A comida era-me trazida por um homem de máscara. Quando perguntava onde estava e porque não me deixavam ver ninguém, ele limitava-se a olhar para mim com os seus olhos inexpressivos e apontava para o prato. Para passar o tempo, recordava Josefina, o dia em que pintámos de várias cores a casca de um caracol, o medo que se enroscou no nosso estômago quando trepámos a uma árvore, mais intenso à medida que subíamos por aquelas ramagens vertiginosas, a paisagem que se vislumbrava do cimo. Também tinha sonhos, mas, quando acordava, tinham-se dissolvido na minha memória, restavam apenas vestígios, rastos indecifráveis. Talvez porque tivesse visto mais coisas do que queria recordar, algo de que me queria esconder, sobretudo um ribombar, um barulho ao fundo que me fazia sempre acordar. Comecei a desenvolver certos rituais, a pensar que, se colocasse os objetos em determinada posição ou se repetisse as palavras por determinada ordem, conseguiria ligar o mundo real e o mundo que eu desejava. Eram atos de fé que me devolveriam Josefina, feitiços que conseguiriam abrir aquela porta e permitir-me escapar. A ideia de nós as duas sob o mesmo teto, partilhando os seus pais, com as suas rotinas normais e todos unidos por laços de afeto, provocava em mim vagas de prazer. Porque ainda tinha esperança.

Os dois polícias chegaram cedo. Arturo tinha dormido em Arroyo de la Luz, queria manter uma distância prudente de eventos e lugares para poder refletir sobre a sua lista de certezas, se é que tinha alguma. No entanto, planeou as coisas de forma a estar presente quando levassem Diego Peinado da sua cela. As algemas sobressaíam naquele homem sem atributos. Qual fora a causa dos seus erros? Onde perdera a capacidade para enfrentar a vida, onde tinha perdido a honra? Agora, nada mais era que o animal mais fraco, do qual todos se alimentavam. Quando o enfiaram no carro, o professor tropeçou, seguido pelos olhares de Salvador e Nicolás. Aquilo era vantajoso para quase toda a gente. Enquanto o cabo acabava de tratar dos

pormenores administrativos, Arturo observou Nicolás, que já não conseguia devolver-lhe os olhares com insolência. Aproximou-se dele com uma calma deliberada e entregou-lhe uma das cartas que ele tinha escrito.

– Isto acabou-se – disse, categórico.

Nicolás não ergueu os olhos. Sabia que as engrenagens do sistema tinham começado a funcionar e poucos estariam dispostos a detê-las ou a envolverem-se mais naquilo. A partir desse momento, as luzes e as sombras legais e morais alternavam entre si e, para seu bem, deveria ficar longe de quaisquer intrigas, incentivos ou expectativas. Salvador observou o carro afastar-se, levantando uma cortina de poeira. Quando descobriu Arturo e Nicolás tão perto um do outro, este já tinha escondido a carta, mas persistia uma aura, um rasto do que estivera ali e já não estava. Tinha a certeza de que aqueles dois partilhavam algo que lhe estava vedado. Considerou a possibilidade de não conhecer o seu subordinado, de o ver sem nunca o compreender, inventando-lhe uma personalidade, sem dúvida, falsa, fruto apenas da sua imaginação. Aproximou-se da mesa onde estava a pedra, agarrou-a e atirou-a para fora do pequeno quartel.

– Já estava farto. Bem, capitão, parece que lhe pouparam trabalho.

– Não me parece que haja nada de sólido.

– A cadeia de Cáceres é bem sólida, garanto-lhe.

– Ainda ficarei um bocado por aqui.

– Como queira. Temos de ir fazer a ronda. Precisa de nós para alguma coisa?

– Há algo que eu gostava de saber.

– Diga, capitão.

– Em relação ao Mauricio, estava a pensar se, em algum momento, ao lidarem com ele, observaram alguma conduta extravagante ou pensamento incoerente.

Ambos os guardas se olharam com idêntica perplexidade, coincidindo na resposta negativa.

– E o que me podem dizer dos amigos dele? Tem algum especialmente próximo? Falo de camaradas de guerra.

A reação dos guardas foi igualmente indecisa.

– Está bem, obrigado. Podem ir.

Arturo bebeu um copo de água, enquanto observava como se equipavam para sair. Os guardas despediram-se e Arturo sentou-se numa cadeira, com o olhar fixo na rua. Neurose. Cinismo. Desencanto. Esquecimento. Em maior ou menor grau, todos se achavam afetados; de certa forma, era uma garantia de que a vida continuava, mas lá fora havia alguém que era uma ilha. Um lugar radical onde só importavam as suas próprias expectativas, medos e obsessões, e que os outros homens nunca logravam alcançar. Uma loucura hermética e invisível, aninhada sob o manto do decoro e da virtude patriótica. Já tinha faltado menos para partir a loiça toda. Menos para entrar no recinto desportivo e trocar umas palavrinhas com o tal Iniesta e encurralar Valentín Antuña. E começar a apertar com eles, durante todo o tempo que lhes fosse permitido, e conseguir o que pudessem, o que estivesse ao seu alcance. E depois reconciliarem-se consigo mesmos e enganarem-se, para conseguirem acreditar que, fosse qual fosse o resultado, não poderiam ter feito mais. Arturo ergueu-se. Voltaria a percorrer as montanhas, os desfiladeiros, os vales, as florestas, os talvegues, em volta da cabana. Para tentar apaziguar um certo desconforto, uma sensação de vergonha. Algo a que poderia chamar-se consciência.

A Lauro doíam-lhe as hemorroidas de conduzir tantas horas, mas o que lhe pagavam compensava o incómodo. Sempre que tinha um daqueles serviços, ganhava mais que o mês inteiro a entregar bustos gregos, mesmo com uns esquemas à parte. Já não era novo e os tempos não estavam para uma pessoa se pôr com escrúpulos. Perguntas, fizera apenas as suficientes; com o senhor Iniesta já sabia como as coisas eram: cumprir e receber. Já tinha feito seis «serviços especiais», como eram chamados, e não se punha a refletir sobre o destino que aguardava aquelas miúdas. Claro que lhe davam pena, sobretudo ao vê-las estendidas na caixa da carrinha, desorientadas, mas era o que havia. Antes de lhas entregarem, já lhes tinham dado uma bebida para fazê-las dormir e, ao fim de meia hora de caminho, ele parava e certificava-se de que as meninas tinham *apagado*. Se, por algum motivo, tivesse de se mostrar, colocava um passa-montanhas para ocultar o rosto. Estava terminantemente proibido de lhes tocar,

exceto em casos de extrema necessidade... Era uma recomendação que o senhor Iniesta lhe reiterara; mas que pensavam eles que lhes faria? Ele era um homem decente, ninguém lhe podia apontar o dedo por nada. Na eventualidade de o veículo ser revistado, também tinham tudo preparado. Numa ocasião, tinham-no obrigado a parar num posto de controlo e Lauro fez o que lhe tinha mandado o chefe: mostrar um salvo-conduto que pôs em sentido todos os que o leram. Verificou o nível de combustível da carrinha; o depósito estava a acabar, mas já estavam perto do destino. Passaria ali a noite e, no dia seguinte, recolheria a encomenda. Sabia apenas onde a ir buscar e onde a entregar, tudo de maneira anónima e, se possível, sem contratempos. Olhou para o espelho retrovisor. Aquele carro parecia segui-lo desde Madrid. Não era provável que estivesse relacionado com o serviço, mas tinham-lhe repetido que estivesse sempre atento e fosse sempre cauteloso, não fosse o diabo tecê-las. Por isso, ao chegar ao porto, pararia nalgum sítio para se certificar de que não tinha ninguém no encalço. Aproveitaria também para pôr pomada nas hemorroidas; já tinham passado duas horas desde que parara pela última vez, e estavam a dar-lhe água pela barba.

Manolete já lhe apanhara o jeito. Manter a distância, soltar e puxar a corda, deixar a presa acreditar que estava à vontade. Levava consigo uma dose de Chocolate Doping, a mistura de chocolate quente com vodka e anfetaminas que usavam durante a guerra para permanecerem acordados. A euforia e a energia que a bebida lhe dava seriam suficientes para fazer subir um foguete. Os únicos problemas eram as dores nas costas, moídas por uma posição que era sempre a mesma, e ter de arranjar formas de passar o tempo, para não se passar dos carretos. Passara a última meia hora a refletir sobre as suas hipóteses com a mulher da tabacaria, mas, por aquelas estranhas pontes que existem entre as coisas, Virgílio regressara-lhe à mente, para ele poder continuar a contar a história do soldado Berlanga e da sua namorada Marilú, enquanto o tenente o escutava atentamente.

– Não, Manolete, estou a dizer-te que não podemos dar esta carta ao Berlanga. Não agora, que o vão mandar para uma posição lixada. Conhecendo-o como o conheço, isto seria desgraçá-lo. Era capaz de

desertar ou, até, de se matar com um tiro.

– Não será assim tão grave – contra-argumentou Manolete.

– Sim, sim, é, tu não leste as cartas. Para o Berlanga, aquela mulher era tudo, era... – aqui, Manolete atrapalhou-se, olhando o tenente.

– O futuro – ajudou-o Arturo.

– E mais ainda – completou Virgílio. – Tu não percebes, Manolete...

Eu, sim, percebo, pensou Arturo, uma mulher que te dá um aqui e um agora, uma pátria, uma razão de viver; um homem que se agarra à escrita daquelas cartas numa tentativa de salvação pessoal, que vive por procuração.

Amor.

Nostalgia.

Incerteza.

Sonhos.

E a cruel e supérflua aliança do tempo e da distância; supérflua porque qualquer uma delas basta para acabar com uma relação.

– Pois, se calhar não percebo – concedeu Manolete –, mas o berbicacho continua o mesmo. O que podemos fazer?

– Sim, o que fizeram? – precipitou-se Arturo.

– Olhe, no fim, o Virgílio resolveu fingir que era a Marilú.

– Como?

– Sim, o Virgílio guardava as cartas dela e escrevia outras novas. – Manolete falou como quem confessa uma culpa mais que uma virtude.

– Mas, e a letra? É impossível que o Berlanga não notasse a diferença. E o papel?

– O Virgílio tinha muito jeito para falsifi... quer dizer, para imitar a letra dos outros – remediou Manolete –, e conseguiu umas folhas por correio. Depois, abria o envelope, copiava a carta da rapariga e fazia as alterações que fossem precisas. No fim, voltava a fechá-lo com uma das fitas que usavam no gabinete da censura para selar as cartas. E, assim, o rapaz vivia feliz, sem preocupações.

– Mas essa solução não tinha lá grande futuro.

– Pois. Por isso, não sei dizer se o Virgílio merecia que lhe dessem um prémio ou uma tarefa.

– E esse Virgílio... até quando pensava manter aquilo?

– Até matarem o Berlanga.

– E se o tipo não lerpasse?

Manolete encolheu os ombros. Não sabia o que dizer. Com a confusão que houve depois, perdera o rasto a Virgílio e a Berlanga. E quase perdera a vida por obra dos russos. De repente, apercebeu-se de que tinha perdido também a carrinha. Tardou uns bons minutos a avistá-la de novo.

Tinha de ter acontecido alguma coisa. Mencía passara a noite sem dormir batendo às portas, na eventualidade de as meninas terem ficado a dormir em casa de alguém. Os riscos e os perigos tinham-se acumulado na sua cabeça, anulando-se sucessivamente num crescendo insuportável. As filhas nunca tinham dormido fora de casa e, se de Eulalia, pela sua idade, se podia esperar qualquer travessura, em Nieves aquele nível de irresponsabilidade era inconcebível. A única explicação era ter acontecido uma desgraça, uma mãe conhece as filhas. Mas este era um pensamento assustador, uma dor que Mencía não seria capaz de suportar, sabia-o. No moinho, disseram-lhe que as meninas não tinham chegado a aparecer e, desde ali, o seu sofrimento espalhara-se por todos os lugares onde elas se poderiam encontrar. Onde estavam? Que faziam? Teriam fome, sede...? Mencía queria estar junto delas, precisava de lhes dar de comer, de as lavar, de as confortar. Ficou sem fôlego só de pensar que podiam estar feridas. As memórias começaram a inundá-la, as suas vozes infantis, os prantos, os sorrisos, as preocupações; memórias concretas, tangíveis, que brotavam após cada visita infrutífera e cada resposta negativa. A dada altura, teve de parar. A cabeça girava-lhe, tinha a visão turva e, por instantes, pensou que ia desmaiar. Semicerrou os olhos e, quando voltou a abri-los, o mundo que o seu sofrimento ressuscitara tinha-se esfumado. Restava apenas aquela paisagem encandeada por uma luz dourada, lenta como o mel. E uma convicção que a deixara atordoada: se as filhas desaparecessem, o seu sofrimento não teria fim. Permaneceu quieta. Tinha a certeza de que as meninas precisavam de um copo de leite e de um bocado de pão. Uma dor constante latejava-lhe nas têmporas, oprimia-lhe o coração. Tudo lhe era indiferente, exceto as filhas. Nem mesmo a memória de Ventura possuía aquele

intolerável carácter de necessidade. Aqueles anos de luta, a universalidade do bem social, o sangue derramado, os grandes corações em chamas, o grito libertário... tudo ficava reduzido a cinzas diante da angústia de não voltar a vê-las. Não seria capaz de se perdoar se lhes acontecesse alguma coisa, não haveria lugar no mundo que a protegesse de si mesma. Continuou a bater às portas, a perguntar pelos campos. Um dos aldeões que tinham estado a retirar os cães contou-lhe que, a última vez que as vira, estavam na companhia da Guarda Civil.

Mencia empalideceu.

A sala estava meio vazia. Da galeria destinada ao público, José Antonio Ponce observava o réu, Diego Peinado, que conservava um rosto inexpressivo, com a palma da sua única mão apoiada sobre a mesa. Apesar da sua aparência andrajosa, a atitude do professor era a de alguém que se distanciava o mais possível do julgamento, que o olhava quase com desdém. Ponce recorrera a todos os seus contactos para acelerar os trâmites e, mal o professor entrara na prisão, nessa mesma tarde, determinou-se que comessem as audiências. A atmosfera era sufocante, o assento do juiz, o banco das testemunhas, a galeria do público, as bandeiras, os crucifixos, tudo parecia transpirar, um cheiro a mofo saturava todos os lugares. O juiz Ponce afrouxou a gravata. *Se repetirmos muito a verdade, acabamos por duvidar dela,* recordou, *e, se se repete muito uma mentira, acabamos por acreditar nela.* Para isso estava ali aquele jornalista, para retratar um indivíduo turbulento e brutal e transformar uma realidade medíocre numa criatura mítica. A condenação não seria ditada pelos juizes, mas por uma história bem contada, que destituiria aquele tipo da sua condição humana como etapa prévia à sua aniquilação. Conhecia muito bem aquele género de jornalista, indolente, entediado, imune ao altruísmo, uma peça bem oleada do mecanismo de legitimação do poder e de dominação. Eles, o povo, agradeciam. Apreciavam uma narrativa na qual podiam refugiar-se, um consenso que lhes permitisse continuar os seus esquemas, subornos, cunhas, gratificações. Começava o desfile de testemunhas. A segunda era um indivíduo magro, esquivo, nervoso, que não parecia confortável ali sentado, ao contrário do dia em que

recebera um maço de notas para contar uma versão falsa. O advogado de defesa tomou a palavra; estava na casa dos sessenta e tinha um aspeto muito gasto. Falava, detinha-se, olhava para a biqueira dos sapatos. Colocou uma bateria de questões mais determinadas pela sua próstata do que pela necessidade de abrir uma brecha no muro sólido erguido pela acusação. Naquela manhã, o médico tinha-lhe comunicado que a sua próstata aumentara consideravelmente de tamanho e que era necessário operar. O que mais lhe custava a reconhecer, o que o envergonhava, era já não ser capaz de manter uma ereção e, depois de descobrir que em breve lhe extirpariam a próstata, a sua vida como amante terminaria definitivamente. Enquanto esmiuçava as possíveis incertezas que poderia cravar no depoimento da testemunha para o desacreditar, sofria com a certeza de estar num corpo em deterioração, numa vida em que as coisas antes tomadas como certas já não serão possíveis. Esperava enfrentar tudo sem amargura, com a paciência com que se abordam os problemas insolúveis da existência. O juiz interveio para deter uma das estocadas do advogado. O seu trabalho parecia aborrecê-lo, mostrava-se lacónico. Fraudes, roubos, assassinatos, rixas... O quotidiano monótono da sua profissão, pela qual era evidente que perdera há muito a paixão ou o interesse. As suas palavras, o protocolo, as considerações... tudo era cumprido com fadiga. O único que parecia ali enérgico era o advogado de acusação, um tipo que parecia partilhar genuinamente a indignação do povo. Foi esplêndido na sua exposição inicial, exalava confiança, arrogância. O seu relato descrevia um monstro, um degenerado destruído pelo álcool que não hesitara em dar rédea solta aos instintos para satisfazer a sua depravação. Elegante como uma cegonha, metuculoso, o promotor público ouvia atentamente a defesa, fingindo consultar uns papéis. Aquele caso era uma excelente oportunidade de promoção. Sabia-se possuidor de uma voz grave, retumbante, e a turba habitual com que tinha de lidar não merecia nem um minuto do seu esforço. Aquilo, contudo, era diferente, uma raridade. Mostrar-se-ia em toda a sua glória, percorreria o tribunal de uma ponta à outra, com o cotovelo apoiado numa mão, enquanto, com a outra, seguraria o queixo, exemplificando o carácter espinhoso e importante do seu trabalho.

Olharia o réu nos olhos, sorriria apenas para sublinhar a sua loucura, não pararia de tomar notas; faria subir de tom o assédio quando houvesse jornalistas na sala, não deixaria escapar um só sinal de fraqueza, exteriorizaria a sua irritação diante dos descuidos da defesa... O direito mais não era que ilusionismo, tirar proveito das limitações visuais do espectador. Quando chegou a sua vez de interrogar, estava preparado para fazer uso dos seus truques definitivos. Quanto a Diego Peinado, permanecia impassível, resignado com o facto de haver sempre um monte de lenhadores à espera de desfazer uma árvore caída. Depois das atrocidades que tinha visto, tudo lhe parecia tolo, como grande parte das coisas que sucediam na vida quotidiana. Ao cinismo do sobrevivente, unia-se, nele, o cinismo de alguém a envelhecer e, enquanto escutava o ronronar do processo, pensou no que aconteceria se despisse o casaco, e depois a camisa, e lhes mostrasse o tecido cicatrizado do coto. No seu rosto, desenhou-se um sorriso que surpreendeu o juiz Ponce, que piscou os olhos com intensidade. Naquele momento, entrou na sala um personagem *muito* inesperado. Gabino Cabañas ficou, por um momento, a observar os bancos, até que, com perplexidade, identificou o juiz José Antonio Ponce. Quando este se apercebeu da sua presença, fixaram os olhares um no outro um segundo a mais do que aconselhava a prudência para, depois, fingirem indiferença. Que fazia Ponce ali?, pensou Gabino. Atração mórbida, curiosidade, ansiedade de garantir que todas as pontas estavam atadas... Quem poderia saber o que ia pela cabeça do juiz? Conheciam-se há alguns anos e ainda não conseguira vislumbrar que pilares sustentavam o seu comportamento. No entanto, a sua presença naquela sala não era de todo reconfortante. Aquele professor parecia desequilibrado, enfrentava aquele julgamento como uma exaltação, algo ligado a um sacrifício, em vez de o ver pelo que era realmente: um crime, um acidente ou... um equívoco. E aquelas circunstâncias não aliviavam as noites de insónia que ultimamente o afetavam. Não sentia a serenidade habitual de quando trabalhava e era-lhe difícil concentrar-se nos seus negócios quando havia a possibilidade de aquelas miúdas estarem a ser sacrificadas. Que ele não tivesse nada a ver com aquilo não o fazia sentir-se melhor. Nos últimos tempos, cometia erros,

mostrava-se mesmo desagradável e, o que era pior, não se importava com isso, era uma ninharia face ao que parecia erguer-se diante dos seus olhos. Não parava de se lembrar daquele menino que, num dos lares, se aproximara dele e lhe tinha dado uma moeda, a única que tinha, e em troca pedira... um beijo. A sua única riqueza em troca de saciar a sua fome de afeto. No estrado, prosseguiram os rituais da coerção estatal, mas o verdadeiro monstro, suspeitava Gabino, não o conseguiam ver. Era algo que lhes era absolutamente alheio, uma visão externa, no limite, o possível confrontado com o razoável. Como tinham chegado àquele ponto? Por um instante, imaginou que todas as pessoas ali presentes pudessem rebobinar a sua vida, eliminar os seus erros, os piores vícios, os equívocos, aquelas frases que, depois de ditas, não se podem apagar e que permanecem semanas e meses repetindo-se na nossa cabeça. E pensou que haveria novos desatinos, erros e palavras que se encadeariam para depositá-los de novo naquela mesma sala. O juiz bateu com o seu martelo. Uma pancada seca e sonora.

O ressonar era longo, sonoro, interrompido a intervalos por apneias e ruídos surdos. Rubén Iniesta, aliás René, sentado num canto da biblioteca da Gran Peña, na esquina da Gran Vía com a rua Marqués de Valdeiglesias, observava o homem a cabecear. Tratava-se, certamente, das consequências de um cozido abundante e de meia garrafa de vinho. A penumbra e o silêncio da sala convidavam a uma sesta. As lombadas de couro dos livros, o cheiro a tempo e a madeira, as litânias em árabe que decoravam os azulejos, os candeeiros de latão com quebra-luzes verdes, o mobiliário trabalhado numa profusão de estilos. Iniesta não conseguia ler o título do livro que o homem colocara no leitoril como álibi, provavelmente nem mesmo o leitor amodorrado reparara. Pegou no seu copo de água e bebeu um gole. Qualquer pessoa que entrasse na biblioteca avistaria um indivíduo fibroso e duro como a teca, de quarenta e tal anos, bem vestido, com patilhas e a expressão de alguém que há muito perdeu a fé no que quer que fosse – mas que, às vezes, lhe sentia a falta. No final da guerra, vira-se a viver num sótão, com a mãe doente, o pai na prisão, um irmão morto em Belchite e o estômago atormentado pelos

espasmos de fome. Começou a trabalhar num ferro-velho, propriedade de um antigo delinquente libertado pelos nacionalistas. Ganhava pouco, mas havia muito ferro, chumbo e cobre para recolher nos campos de batalha e nos prédios desmoronados. Em qualquer caso, ganhava o suficiente para sobreviver com a sua mãe doente. Dali tinha passado a fazer, graças aos contactos que o comércio de metal lhe proporcionara, negócios com o Exército, comprando todo o tipo de excedentes para reutilização. Mais tarde, expandira o negócio ao contrabando de produtos racionados. O único problema real, pensou Iniesta, era uma pessoa não se conhecer a si mesma. Se de algo tinha a certeza era que não queria voltar a sentir a compaixão das pessoas, que era apenas uma versão polida do desprezo. Com os anos, um tipo aprendia a decifrar estas mesmas pessoas fracas, vaidosas, cheia de vícios, a classificá-las. Aprendia, sim, embora não em medida suficiente para poder ter a certeza de quem nos ia foder e quem não ia, para ter segurança e poder relaxar numa melancolia autoindulgente. As pessoas não se aproximavam a não ser para pedir um favor, os sorrisos serviam apenas para fazer baixar as defesas, as palavras, para tentarem aproveitar-se. E, embora a paranoia acabasse por ser a sua linha de conduta, ajudara-o a chegar àquele cadeirão e a desfrutar da harmonia de uma digestão bem feita. Bebeu outro gole de água. O vazio era o motor de tudo; quem fosse capaz de preencher esse vazio era quem passava à fase seguinte. Essa era a sua especialidade: fornecer, abastecer, proporcionar tudo o que pudesse ser pedido por quem, para tal, tivesse dinheiro suficiente. Neste sentido, aquele Valentín Antuña revelara-se muito lucrativo. Não só pelos serviços de todos os géneros, mas também porque, através deles, tinha acesso a gabinetes ministeriais onde, à base de «comissões», se podiam obter tachos e aumentar percentagens. As encomendas eram transportadas usando como cobertura os seus vários negócios, que incluíam uma fábrica de estátuas em Chamberí, que lhe estava a ser especialmente útil para aquele esquema das miúdas. Iniesta não queria saber mais do que o necessário e, apesar do que intuía, as intuições não eram prova nenhuma. Ele era apenas um mediador; era-lhe indiferente o tipo de mercadoria, quer se tratasse de massa para a sopa, conservas, óleo, grão-de-bico ou seres humanos. A cadeia

estratificava-se de tal maneira que se conhecia apenas o contacto imediato, tornando-se impossível apreender toda a sua extensão e a profundidade das suas raízes. Os funcionários conheciam Iniesta, Iniesta conhecia Valentín, Valentín conhecia quem quer que fosse, e era assim até ao destinatário final, cujos planos ou intenções eram, para eles, inapreensíveis. Na verdade, nessa mesma tarde esperava um telefonema de Lauro, um dos homens ao seu serviço, para confirmar que a tarefa que tinha entre mãos corria conforme o combinado. Com esta entrega, perfazia-se meia dúzia, e os lucros eram surpreendentemente altos, apesar dos riscos. Valia a pena, mesmo que Valentín fosse um indivíduo instável. A Iniesta, não lhe agradavam nem um pouco todas aquelas apostas no hipódromo, sobretudo porque, no seu caso, raramente sucumbia a qualquer dos vícios que alimentava nos seus clientes. Aristocratas, pintores, empresários, políticos... Era um sismógrafo dos seus desejos e necessidades, atraía-os, adulava-os, supria as suas necessidades, desprezava-os. Porque eram eles que permitiam que tudo continuasse no lugar devido: a sua mãe, já curada, na missa, com um véu de renda da Flandres na cabeça e um rosário de prata nas mãos, a sua casa na Claudio Coello, uma amante instalada num pequeno e elegante apartamento na Moncloa e um cocktail, nessa mesma noite, para fechar uns negócios e cortejar uma rapariga não muito bonita, mas com boas relações sociais. Apesar de possuir um carro novinho em folha, de vez em quando apanhava o metro, para se lembrar de onde vinha e para onde poderia voltar se cometesse mais erros para além do tolerável. Com um último e estrondoso ronco, o felizardo despertou do seu sono de cem anos.

– Bem, parece que passei pelas brasas...

Manolete levava uma garrafa de refrigerante vazia para urinar em andamento e não ter de parar nunca. Procurara também beber poucos líquidos, mas, por fim, teve de desabotoar a braguilha e, com uma mão no volante e outra ocupada em malabarismos, conseguiu enfiar o mangalho no gargalo. O alívio foi quente e instantâneo; às vezes, podia ser-se feliz com pouco. Estava a chegar ao porto de Pajares, mas desde há uns momentos que não avistava o condutor. Chegou ao cimo e empreendeu a descida do desnível com mais vagar. A grandeza da

paisagem, cumes solenes que se erguiam para unir o litoral ao planalto, ravinas terríveis, pequenos vales, desfiladeiros, uma ou outra barraca pontilhando o verde profundo e o cinza compacto. O azul do céu era mais pálido do que em Madrid e as nuvens imobilizavam-se nos picos; Manolete ficou hipnotizado ao contemplar as vistas. Foi a estrada, sinuosa e difícil, que o obrigou a concentrar a sua atenção nos primeiros quilómetros das Astúrias que percorria em toda a sua vida. Além de um par de camiões que subia a custo em sentido contrário, não vislumbrou qualquer outro veículo. À medida que a altitude da estrada ia baixando, a descompressão ia-lhe causando uma sensação desagradável nos ouvidos. Curva após curva, a suspeita de que a sua presa o despistara ganhava cada vez mais consistência. Não podia ter-se distanciado assim tanto que não conseguisse descobri-lo em nenhuma das intrincadas voltas escalonadas do caminho, pelo que Manolete ponderou parar assim que pudesse. Numa curva da estrada, avistou uma vereda que subia por um faial acima. Diminuiu a velocidade do carro, cujo motor estava muito quente, e avançou pelos sulcos deixados pela passagem de rodas no trilho, até ficar escondido pelo matagal. Saiu do carro, esvaziou a garrafa e desceu pelo caminho para vigiar aquele troço da estrada. Não se sentou, precisava de esticar as pernas. As drogas aumentavam a percepção do que o rodeava, a intensidade do verde, os castanhos avermelhados, a linha pétrea da cordilheira decorada por pequenas florestas, a borda dos picos de pedra calcária, as estranhas fendas, os precipícios, as águas prateadas dos ribeiros que deslizavam pelas escarpas, o azul límpido do céu, de uma tonalidade tão viva, o perfume ácido da floresta, o vento sussurrando por entre a folhagem... A incredulidade de Manolete diante daquela visão quase sobrenatural, a respiração entrecortada. Teve uma súbita taquicardia e procurou recuperar o fôlego respirando ritmadamente. Depois, ouviu o som de um motor e viu passar o *Chevrolet*, que seguia devagar. Praguejando, correu para o carro, arrancou e voltou à estrada em marcha-atrás. Poucos minutos depois, voltou a avistar a sua presa, embora guardasse agora uma distância maior. Depois de atravessar a Puente de los Fierros, foram gradualmente desembocando em terras planas. As aldeias e as vilas, algumas com ecos rebeldes aos seus ouvidos, sucediam-se entre

paisagens arborizadas, cristas de onde se podia avistar a paisagem inteira, marcas escuras na terra e fábricas cinzentas. Em algumas áreas, o cheiro ácido era fortíssimo. A chegada a Oviedo causou-lhe a impressão de um bloco cinzento de mau gosto depositado no meio de um jardim. Graças à experiência de visitas anteriores, os movimentos da sua presa foram muito decididos: percorreram ruas batizadas com o nome de políticos assassinados e próceres enobrecidos, deixando à esquerda a grande mancha verde de um parque.

A rua Uría, majestosa e cheia de animação, deu lugar a ruas mais estreitas, até que Lauro estacionou a carrinha perto da Plaza de Porlier. Entrou numa pensão, alugou um quarto e, de seguida, pediu para usar o telefone. Confirmou que tinha chegado à cidade e que seguiria à risca o que estava combinado. Na segunda chamada, demorou-se mais, falou com o seu contacto e definiu a agenda para o dia seguinte. Na terceira, tranquilizou a esposa dizendo que tinha chegado bem e dirigiu-lhe algumas palavras afetuosas. Estava esgotado, mas, antes de ir dormir, tinha de jantar. Ali perto, havia uma casa que servia refeições baratas em doses generosas. Manolete viu-o sair e seguiu-o discretamente até ao estabelecimento. Lauro comeu mecanicamente e não tardou em voltar para a pensão, tirar a roupa e cair no sono. Manolete não tinha fome por causa do efeito das anfetaminas, mas sabia que tinha de comer. Uma tortilha, algumas salsichas e meia garrafa de vinho depois, estava de volta à rua, com a noite inteira pela frente e os olhos arregalados. Tentou entrar em contacto com Arturo. Não conseguindo, ligou para os números do SIAEM que lhe tinham dado: eles encarregar-se-iam de lhe transmitir a mensagem. Depois, nervoso e sem sono, começou a caminhar pela cidade. Passou por ruas, passadiços, travessas, por longas avenidas com fachadas enegrecidas e decoradas com escudos. Uma estranha igreja de formas ortodoxas, com um enorme telhado em forma de guarda-chuva. Um jardim cheio de estátuas de antigos reis. As luzes da iluminação pública acenderam-se quando estava diante dos estábulos do palácio do Marquês de San Feliz, o que fez com que pudesse observar com uma atenção obsessiva as esculturas de dragões e as efígies de cavalos. Não sabia como fazia aquilo, refletiu, mas estava sempre longe de casa. Na Rússia, em Berlim, em Madrid, mas também

em Múrcia. Recordou o seu regresso a Múrcia para ver os pais, o irmão, os seus velhos amigos, os que tinham ficado. Tentara manter a normalidade nas conversas, regressar aos lugares-comuns, mas as frases já não tinham a força de outros tempos, a própria cidade parecia vazia de conteúdo. A dada altura, juntara-se aos esquadrões falangistas pensando que ali iria encontrar outro lar. Fora bonito ouvir José Antonio dizer aquilo, que só os poetas faziam mexer as nações. Eles, os verdadeiros revolucionários contra os liberais e os capitalistas, os vermelhos, os fascistas... Eles, que harmonizariam a dignidade humana com a propriedade, a base de toda a liberdade digna de assim ser chamada. Um universo supremo, próspero, equitativo. A revolução por fazer. Agora, muitos dos seus ex-camaradas chegavam mesmo a alegrar-se com o fracasso porque, no Estado de Franco, poderiam ir muito mais longe. Depois de ficar tudo em águas de bacalhau, quem tinha feito de uma ideia a sua casa convertera-se em nómada. E as pessoas reconheciam-nos, assustavam-se com a sua dor, porque acreditavam que poderiam contaminar as suas vidas e as dos seus entes queridos, queriam mantê-los afastados ou longe da vista. Não obstante, sempre lhe sobrava o céu para ser feliz, mas, é claro, para ir para lá tinha primeiro de morrer. E quem se dava a tanto trabalho? Além do mais, lá haveria certamente um monte de gente indesejável. Enquanto regressava ao carro, dedicou-se a um passatempo infantil, prestando uma atenção meticulosa a cada um dos seus passos – porque «quem calca a risca, petisca; quem calca a cruz, pisa em Jesus». Entrou no automóvel, certificou-se de que o estacionava num ângulo que lhe permitiria ver Lauro sair, acomodou-se sobre o banco duro, bebeu um gole da sua poção mágica e preparou-se para passar a noite sem dormir. Tinha esperanças de que lhe pagassem um extra por aquela madrugada.

Mencía esperava-o à porta do quartel. Arturo chegou cansado, depois de calcorrear a zona à volta da cabana, mas escondeu a sua pouca vontade de falar com alguém e cumprimentou-a.

– Alegro-me em vê-la, Mencía. Como vai?

– As minhas filhas desapareceram.

A sua dureza desconcertou Arturo.

– Não se preocupe, mulher, de certeza que andarão por aí, a brincar.

– Não sei nada delas desde ontem, perguntei em todos os sítios. Aconteceu-lhes alguma coisa.

– E o que quer que eu faça?

– O senhor tem um trabalho aqui.

– Vamos esperar pelo cabo...

– Disseram-me que, a última vez que as viram, estavam com ele.

– E isso foi onde?

– Perto do pinhal do Soto, onde enforcam os cães.

– Será um acaso.

– O senhor ajuda-me?

Arturo procurava sempre pagar as suas dívidas.

– Entre. Já comeu?

– Não tenho fome.

– Eu tenho. Entre comigo, por favor.

Arturo ofereceu-lhe uma cadeira e, enquanto despiu o casaco e lavava as mãos, Mencia esquadrinhou o que, para ela, não passava de um lugar maldito. Apesar da sua força, sentiu a angústia de todos aqueles anos de vicissitudes. Arturo notou a sua insegurança e, quando se sentou à mesa com uma lata, sorriu-lhe.

– De certeza que não quer comer?

– Não, obrigada.

Arturo agarrou nas anchovas gordurosas com os dedos e colocou-as entre dois pedaços de pão escuro, carregando bem na fatia de cima. Após algumas dentadas, uma mosca gorda e negra pousou sobre a mesa, junto a umas gotas de azeite. Desta vez, Arturo não lhe deu hipótese e fulminou-a com uma pancada veloz.

– São muito chatas – desculpou-se. – Como vai a sua mão? – perguntou, apontando a faixa que lhe segurava o braço.

– Melhor.

– E o bebé?

Mencia sustentou-lhe o olhar, mas mentir já não fazia sentido. Baixou os olhos.

– Ainda falta muito.

– Não se nota nada.

– O senhor notou.

Arturo sorriu, encolheu os ombros, acabou a sanduíche. No céu do entardecer, algumas nuvens altas iam mudando de cor, do azul ao vermelho e ao cinza e ao negro, num processo que nunca feria a retina, sempre inédito e surpreendente. Arturo levantou-se para ir acender a luz.

– Disseram-me que houve um tiroteio em sua casa.

– Os guardas foram lá fazer perguntas. Havia alguém emboscado lá fora.

– O seu marido?

– Não sei.

– Porque disparariam estando vocês lá dentro?

– Também não sei.

– E os guardas vão lá muitas vezes fazer «perguntas»? – Arturo olhou para a mão ao peito de Mencia.

– Quando lhes apetece.

Arturo assentiu.

– Porque não deixa aquilo?

Mencia olhou-o confundida.

– Deixar o quê?

– Porque não entrega o seu marido e acabam com isto? Prometo-lhe que deixarão a sua família em paz.

Mencia não conseguiu ocultar uma hesitação. Recompôs-se.

– Há anos que não vejo o meu marido. E, mesmo que conseguisse falar com ele, não renunciaria à sua luta.

– O seu marido parece-se mais connosco do que gostaria. Não deixa de ser um conservador, um vermelho conservador. Não vê nada além daquilo, por isso, é um intransigente e alguém muito pouco original: procura a segurança do que conhece, uma única dimensão. Porque não experimentar outro tipo de vida? O seu marido já conquistou o direito de trair e, se descer dos montes, eu garanto-vos uma existência tranquila, noutro lugar. Posso fazê-lo, Mencia, e sou um homem de palavra. Vocês, mulheres, são mais práticas que nós, mais lúcidas, sabem o que é realmente importante.

Arturo observou o ventre da mulher. Mencia ficou em silêncio.

– Como se vai chamar? Quer dizer, se for um rapaz.

- Tomás.
- E se for menina?
- Alba.
- Acho bonito.

Ouviram-se umas chaves na porta e os guardas entraram. Mencía pôs-se imediatamente de pé, muito rígida. Salvador, ao vê-los juntos, não soube como agir. Nicolás manteve-se em segundo plano.

– Boa noite, Salvador – cumprimentou Arturo. – Como correu a ronda?

- Boa noite, capitão. Bem. Correu bem.
- Está aqui uma cidadã que precisa dos seus serviços.

Por uns segundos, ninguém percebeu o que se estava a passar. Fez-se um silêncio violento. Arturo decidiu cortar o mal pela raiz.

- Onde estão as meninas, cabo?

Salvador considerou muitas respostas, mas a gravidade de Arturo fê-lo decidir-se a ceder.

- Acompanhe-me. Já lhe explico.

A voz de Nieves continuava a desfiar a história para impedir que a irmã comesçasse de novo a chorar. Estavam fechadas às escuras desde o dia anterior, sem comida nem água. O cabo tentara assustá-las para que confessassem quando viam o pai. Eulalia manteve um silêncio aterrado e Nieves abraçava-a, para que ela não se fosse baixo. Diante da sua obstinação, Salvador ficara cada vez mais exasperado até acabar por gritar – *Agora vão ver, agora vão ver* – com o rosto vermelho de raiva. Obrigou-as a caminhar à sua frente, na direção de um barraco abandonado. O interior estava saturado por um odor acre, nauseabundo, mistura de erva, gado e estrume. *Vão ficar aqui até falarem*. Eulalia tremia, o seu medo era visível e poderoso, perguntava se podia beber alguma coisa; a breves intervalos, queixava-se da fome. Nieves abraçava-a e procurava fazê-la continuar a flutuar num mar de amor, adormecendo-a com palavras que a encorajavam a abeirar-se do seu próprio coração e a atrever-se a olhar lá para dentro, para os seus desejos, esperanças, medos. A sua voz prolongava a da mãe, era um porto de abrigo de onde lhe dizia que podiam enfrentar juntas as adversidades, o simples ato de crescer. *Não te vou abandonar*, ouvia

Eulalia, pelo meio, *estarei sempre aqui para te ajudar, a nossa mãe vem-nos buscar quando menos esperarmos*. De repente, soou um ruído metálico, alguém esforçando-se por abrir a porta, que finalmente cedeu. Ao início, o brilho das lanternas encandeou-as, revelando duas criaturas abraçadas junto de uma das manjedouras, de olhar assustado. Por entre a luz, soou um grito de ansiedade, que era também de alívio. Mencía irrompeu a correr da luz e abraçou as filhas, entre o riso e o choro. Arturo desviou as lanternas, para que iluminassem a cena indiretamente, e pensou em toda a poesia contida naquele ato.

15. A estrada da costa

A discussão encontrava-se no seu ponto mais tenso. Os chefes das desfalcadas guerrilhas do agrupamento discordavam: alguns defendiam que se devia continuar a luta na serra; outros argumentavam em favor de abandoná-la e dar combate aos falangistas dentro dos seus próprios sindicatos; outros ainda advogavam o sequestro de algum proprietário rural, para assim obterem o dinheiro necessário para partirem para a fronteira francesa – os conselheiros chegados de França vinham carregados de razões e maços de manifestos para perseverarem contra os fascistas, encorajando a guerrilha urbana, apesar do seu fracasso. Em especial, um tipo que não chegava aos trinta, mas que já começava a ficar careca e que falava um espanhol demasiado misturado com palavras francesas, que Ventura era obrigado a decifrar. O franciú falava de «estruturas», embora Ventura não percebesse se no sentido da sua ausência ou se no do reforço. Ouviu nomes que não conhecia, listas de coisas, uma analogia relacionada com tempos bons e tempos maus... Estava cada vez menos interessado na sua exposição, e deu consigo a compor versões diferentes segundo o modo como compreendia as referências. Aquele indivíduo lembrava-lhe a cegueira de Santo Antão: aqueles que dela sofriam ficavam cegos, mas acreditavam fervorosamente que conseguiam ver. Tudo se resumia a contar quantos estavam infetados. Extintor interveio para apoiar o francês, numa jactância cujo propósito exclusivo era mostrar à direção que o único chefe firme e leal do agrupamento seria ele. Algumas expressões de ressentimento não auguravam nada de bom. Ventura recebeu uma rajada de ar quente no rosto, um fio de suor escorria-lhe pelas costas. Aproximou-se do cantil, puxou de um lenço, molhou-o e colocou-o entre o pescoço e a camisa. Surpreendia-o a simplicidade dos acontecimentos; era assim que tudo se passaria? Sentiu-se distante, como se lhe custasse assimilar o que ia acontecer. Esteve quase a intervir nas negociações. Na sua cabeça, multiplicaram-se as considerações sobre o que poderia ou não suceder, cada ato, cada consequência. Todos contraditórios.

Nós somos o aríete contra o opressor, a luta exige atos repugnantes, mas que, em seguida, a História justificará, Líster

demolindo Aragão, o cheiro a esteva e a tomilho, a invasão de Arán, a República como um passo para os verdadeiros objetivos revolucionários marxistas, currais, estábulos, regatos de cristal, desfiladeiros, prados, o gloterar das cegonhas, os sobreiros com a sua pele acolchoada, emboscadas, baixas incessantes, nós, os revolucionários anarquistas, defensores da educação do povo na sua totalidade, da emancipação e do desenvolvimento mais amplo da vida social e, por conseguinte, inimigos do Estado... Ventura perguntou-se se teria havido alguma oportunidade de mudar; passou o passado em revista, mas não, sempre se tinha tratado de sobreviver, fugindo para a serra, prolongar a resistência na esperança de que os aliados entrassem em Espanha. Mas a guerra tinha acabado e nada acontecera, não houvera uma nova etapa, nem legalidade, nem redenção. Também ele começava a sentir ressentimento. E pânico.

A joalheria é enorme. Manolete examina as vitrinas dos anéis mais caros, de três e quatro quilates, com fileiras de diamantes. São bonitos, são magníficos, estão fora do alcance das suas finanças. Gostaria de comprar um, mas sabe que não tem dinheiro que chegue. Baixa de categoria. Os de dois quilates são estupendos, mas impensáveis; os de um quilate também são demasiado caros, mais ao seu alcance, mas somente um dia, no futuro. Volta a baixar. Encontra algo que consegue pagar, mas que de modo algum seria o que lhe compraria a ela, o que pensa que ela merece, o que está à altura dos seus sentimentos. Faz um sinal à vendedora e indica, entre uns anéis simples, um solitário com um quarto de quilate. A vendedora mostra-lho, sorri, diz que é um belo anel para um casal que decide começar uma vida a dois. Manolete observa-o, fá-lo girar, passa o dedo pela superfície do diamante, enfia-o no dedo mindinho, sorri de novo. Embora seja algo muito pequeno, sente orgulho, diz a si mesmo que é um começo, até ao dia em que possa comprar um dos grandes. Devolve o anel à funcionária, que o coloca numa caixinha de interior almofadado, forrado de cetim grená. *Espero que gozem de uma longa vida juntos*, diz-lhe, *e como se chama a felizarda?* Manolete repete, *Como se chama a felizarda?* Como se chama? Não se lembra, não é possível, como se chama? Não pode ter esquecido o nome da sua

amada. Como? Como se chama?... Manolete acordou. Abruptamente. Notou um gosto podre na boca. Um cheiro azedo a suor. Irritação. Dor nas costas. O coração que lhe trovejava no peito. Ainda não tinha amanhecido. Como fora possível adormecer, apesar das drogas? Muito nervoso, confirmou que a carrinha continuava no mesmo sítio. Lá estava, estacionada, mas isso não significava nada. Abriu a porta, entrou na pensão, dirigiu-se à receção, mostrou os seus documentos e o rececionista pôs-se em sentido. Manolete colocou a questão da qual a sua dignidade dependia. Quando o indivíduo lhe confirmou que aquele cliente não tinha deixado o quarto, Manolete não soube se havia de rir ou de chorar. *Já sabe, nem uma palavra, a segurança pública está em jogo, sublinhou, Luisín Arango, às suas ordens, estamos aqui para servir, e quero que saiba que estive na defesa de Oviedo, em Buenavista, nem imagina o que disparámos... Pois continue no mesmo caminho,* cortou Manolete ao ver o homem embalado, *Boa noite, Bom dia, Luísín,* estendeu-lhe a mão, uma mão artificial, muito branca. Regressou ao carro, não lhe agradava ter-se exposto, mas não tivera escolha. Sentado atrás do volante, questionou-se se aquele Lauro teria pagado ao porteiro para que o avisasse de perguntas como aquela, mas, se Manolete estivesse no lugar de Lauro, também não gostaria de levantar suspeitas. Ser um cliente regular era ser um cliente amigável, inofensivo, previsível. No entanto, só respirou de alívio quando o viu sair da pensão e dirigir-se a uma taberna próxima. Amanheceu gradualmente, o céu continuava azul, soprava uma brisa leve e havia mais humidade – Manolete agradecia não estar no forno da Extremadura. Observou Lauro a tomar o pequeno-almoço; no final, o motorista voltou a entrar na carrinha, arrancou e dirigiu-se para a estrada de Gijón. Manolete manteve-se à distância e percorreram ambos uma faixa ondulante entre vales, pequenas aldeias, bosques e pântanos, até um ponto em que a costa começou a acompanhá-los, uma linha fina onde a água e o céu se tocavam. Um ar limpo que cheirava a sal misturado com gasolina fez Manolete inspirar com força, em respirações lentas; retinha o ar, expirava-o, voltava a inalar. De repente, surgiu uma extensa praia e conduziram paralelamente a ela. Atravessaram uma ponte, a carrinha virou à esquerda para uma pequena estrada de terra e Manolete prosseguiu a marcha por uma

estrada ascendente até parar o carro num pequeno terreiro, junto a um celeiro, onde se viam pimentos e espigas pendurados. Uma placa indicava que se encontrava em Caravia. Percorreu a distância que o separava do desvio e andou pelo caminho até desfrutar de uma vista soberba. A praia era longa, aberta, e à direita, ao fundo, erguia-se um magnífico casarão típico dos emigrantes regressados da América do Sul. Dois níveis em azul e branco que se elevavam até uma torre que rematava o lado oeste, com uma grande escadaria central que conduzia à porta da frente. A casa estava rodeada por um terreno arborizado onde se destacava uma grande palmeira, em torno da qual havia uma cerca. A carrinha estava estacionada ao lado. Manolete descobriu, na fachada, o costumeiro emblema do dragão atacado por uma flecha, da rede de lares do Auxílio Social. Manteve-se afastado, vigiando a entrada do edifício. Viu entrar e sair algumas freiras, grupos de meninas. Quase uma hora depois, o motorista saiu acompanhado por uma irmã severamente vestida de negro; a cor das vestes fazia-lhe sobressair a cabeça. A religiosa acompanhou-o até meio do caminho e despediu-se dele. Lauro entrou no carro, arrancou e Manolete desatou a correr para se pôr num ângulo que lhe permitisse ver que direção tomaria. A carrinha percorreu o caminho de terra aos solavancos e, na estrada, virou à direita. Manolete correu para o seu carro e, ao arrancar, quase bateu noutro automóvel, mas pressionou o acelerador até voltar a ver a carrinha. Não demoraram a chegar a Colunga, onde o veículo se perdeu entre as ruelas da cidade. Manolete estacionou atrás da Câmara Municipal e avançou pela perpendicular por onde Lauro desaparecera. Encontrou a carrinha estacionada diante de uma pensão. Manolete bufou, aquela história nunca mais acabava. Encostou-se a uma esquina.

– Bom dia, o senhare num é daquie...

Manolete sobressaltou-se com a inesperada interpelação. Ao seu lado, surgira uma senhora bastante idosa, vestida de negro, com as mãos repletas de veias salientes e manchas castanhas.

– Bom dia, minha senhora. Não, não sou daqui.

– E di ondi'é?

– Venho de Madrid.

– Ah, atão é da capitale.

– Sim.

– Deve conhecer muita xente.

– Alguma.

– Eu num conheço a capitale, só fui a Oviedo uma vez, ou assim. Mas atão, se o senhare conhece pessoas em Madri, puode ajudare a xente.

– Como, minha senhora?

– O muro da igreja tá a caíre e ninguém le põe a moun. O senhare puode dizer a alguém.

– Mas nesta terra não têm presidente da junta?

– Diz que noun tein dinheiro, mazé mentira, gasta-lo em xantaradas e sidras, que isto lo sei eu. E a igreja a caíre. Venha, que le vou mostrare.

– Minha senhora, por favor, tenho obrigações, não posso...

A velha fez uma careta, indiciando que se estavam a desviar do essencial.

– Venha, venha – agarrou-lhe o braço com uma força inesperada –, não seja teimoso, que o senhare conhece xente em Madri, e, se num arranjamos isto, inda caie algum desastre na cabeça da xente. Aicha quê, que o Senhor aicha graça a tal?

– Não, claro que não.

Manolete não conseguiu resistir à energia da velha, cheia de fibra, e deixou-se arrastar. Ia lançando olhares para trás das costas, tentando avistar o motorista.

Não me lembro de há quanto tempo estava ali quando me disseram que me transfeririam definitivamente para uma nova família. Podiam ser dois dias, podia ser um mês. O homem da máscara pegou-me na mão e atravessámos o pátio, de novo. Era ao fim da tarde, mas as estátuas resplandeciam nas suas expressões congeladas, todas pareciam observar-me. Quando me meteu na carrinha, o homem trancou a porta e bateu duas vezes no metal. Arrancámos e voltámos a andar durante um tempo infinito; parámos duas vezes e de nenhuma me deixaram sair, apesar de eu implorar e até mesmo gritar. Quando finalmente parámos, a porta abriu-se e lá estava outro homem, mais pequeno, com o rosto coberto por um passamontanhas, apesar do calor. Era de noite, estávamos no meio de um mar

de oliveiras, com um céu pontilhado de estrelas. O homem disse-me que estivesse descansada, que depressa viriam buscar-me, e eu perguntei se podia ir fazer xixi e ele disse que sim, mas que não fosse muito longe, não queria perder-me de vista. Procurei uma árvore, agachei-me e apoiei-me nela; contemplei a noite, os milhares de faíscas semeadas pelo céu – a maioria, fixa; algumas, a piscar. Em seguida, senti dentro de mim um rumor de fundo, uma tristeza que não tinha uma origem concreta. Talvez viesse da forma como aquele homem me tinha olhado ou do facto de, em momento algum, me ter chamado pelo meu nome ou, ainda, do estranho que era a minha futura família me ir buscar a um enorme bosque de oliveiras. Talvez a sua quinta ficasse ali, muito perto. Ocorreu-me que podia desatar a correr, tentar fugir, mas para onde iria? A voz do homem disse-me para me despachar e eu ergui-me de novo e voltei para junto dele. Disse-me que não teríamos de esperar muito, que me podia sentar ou ficar de pé, mas sobretudo que estivesse calada. Passado pouco tempo, viram-se os clarões de uma lanterna: era um homem alto, também com o rosto tapado. Chegou ao pé de nós rapidamente, como se conhecesse bem a área, e cumprimentou o motorista. Afastaram-se para conversar, em voz baixa, enquanto o homem me lançava olhares breves. Aproximaram-se e o motorista apresentou-me a quem, a partir desse momento, iria tomar conta de mim e a quem eu deveria obedecer em tudo – ele proteger-me-ia. Como podes cuidar de mim se nem vejo quem és, perguntei, e o motorista ralhou-me, atirando-me à cara o meu descaramento e que eu devia estar agradecida, porque aquele senhor ia tomar conta de mim quando metade do país morria de fome, e assim por diante, até que o homem lhe pousou uma mão no ombro, se inclinou para mim numa atitude de atenção respeitosa e disse, tens razão, tirou o passa-montanhas e sorriu. Tinha o nariz pontiagudo, a voz alegre, e continuou a pedir-me que o desculpasse, mas que tinha de tomar precauções porque queria ser honesto, e o que estavam a fazer não era de todo legal, e é claro que eu podia confiar nele. Eu não queria parar de fingir que estava tudo bem, especialmente porque já estava muito assustada e precisava de me agarrar a alguma coisa. Como te chamas, perguntei, chamo-me Javier, e estendeu-me a mão, sorriu novamente e disse, apontando para o motorista, sê educada, despede-te dele, e eu disse-lhe adeus acenando-lhe com a mão, e o motorista também fez um gesto a meio caminho entre um adeus e uma bofetada.

Caminhámos por entre as oliveiras. Algumas, já secas, pareciam enormes mãos com ganchos enfiados em algo invisível; quando começámos a subir pela serra e encontrámos um trilho, o homem apagou a lanterna e prosseguiu até chegar à clareira de um azinhal onde havia uma cabana. Junto à entrada, havia uma bicicleta sem rodas, muito enferrujada, e Javier disse que já tínhamos chegado, e, vendo a minha cara, riu e insistiu que não me preocupasse, que era apenas um lugar para dormir até de manhã, e que então poderia levar-me para junto da família, agora estão todos a dormir, disse, não deves querer acordá-los, disse, e eu assenti, embora soubesse que ele mentia, mas não queria acreditar. O homem pegou numa chave, abriu o cadeado e depois a porta, e com a lanterna iluminou uma vela, que acendeu com um isqueiro, e deixou que a sua luz suave revelasse as paredes de pedra e um buraco no teto que deixava ver as estrelas e uns catres. Tens fome?, perguntou-me, não, não tenho, e sede?, não, não tenho, pede-me o que quiseres, disse, o que quer que seja, ainda terás de esperar um pouco, virá buscar-te, a tua família, podes deitar-te e dormir, se quiseres, isto já acaba, e eu sentei-me num dos catres, isso, boa menina. Despediu-se e deixou-me ali, sozinha. Deitei-me; podia ver as estrelas através do buraco no teto; pensei que eram as mesmas que, nesse momento, Josefina poderia estar a ver, e aquilo confortou-me. Sonhei durante um bom bocado até que ouvi mexerem no cadeado e a porta abriu-se.

Astúrias. A palavra «Astúrias» ainda deixava os militares maldispostos. Para piorar a situação, dois meses antes dera-se a greve geral de Vizcaya, demasiado perto para não se reacear o reacendimento de umas brasas que nunca se apagavam por completo. Arturo olhou pela janela do comboio bambolean-te que lhe dava cabo dos ossos. Tinha sido uma viagem de pesadelo, horas e horas numa carruagem malcheirosa e a ferver, mas, agora, adentravam-se pelo verde e prata das Astúrias. As paredes verticais dos penhascos recordaram-lhe um mundo que passara por guerras, recessões, traumas, prosperidade e, de novo, a penúria, mas sem conseguir alterar nem uma folha, nem uma pedra, nem uma vereda daquela grandiosidade. Pelo menos, havia aquilo. Aquela certeza. Passou o resto do tempo até chegar à Estação do Norte, em Oviedo, a recapitular a tessitura de tempo, acaso e

mensagens telefónicas que lhe permitira reconstruir o périplo de Manolete até à sua última comunicação, desde um posto da Guarda Civil, em Colunga. Desceu da carruagem com uma pequena mala. Na plataforma, esperava-o um polícia à paisana. Amador era um indivíduo magro, com cabelo cor de areia e o nariz achatado. Conduziu-o diligentemente até junto de um *Peugeot*; a noite mal lhe permitia vislumbrar a cidade. Arturo mandou-o seguir diretamente para Colunga – a expressão do polícia tanto poderia ser interpretada como sinal de aquiescência como de incredulidade. Quando deixaram o alcance da rede de iluminação pública, entraram nas estradas: um par de faróis que serpenteava na escuridão e traçava curvas largas entre bosques de coníferas. Assim se deslocara a carrinha na noite da infâmia. Arturo manteve uma breve conversa com Amador, para fins informativos, e, depois, agarrou nos jornais que encomendara por telefone. Tudo o que reteve foram os resultados de um campeonato de atletismo realizado recentemente. Pouco a pouco, foi-se afundando numa modorra que o fez encostar o queixo ao peito e rressonar baixinho. Algumas horas depois, o polícia abanou-o suavemente. Arturo acordou, gemeu brevemente e respirou fundo.

– Que horas são? – perguntou.

– Três menos um quarto, já passa, capitão.

Estavam estacionados na rua da pensão que Manolete lhes indicara. O seu homem estava estacionado uns metros mais adiante.

– Espere aqui.

Arturo saiu e aproximou-se discretamente do carro. Teria sido igual se chegasse em cima de um elefante: Manolete dormia com a nuca apoiada no assento, a boca escancarada e um grosso fio de saliva que lhe escorria pelos cantos da boca. Arturo olhou-o, com uma curiosidade protetora.

– Manolete, acorda.

Manolete deu um salto no assento e olhou Arturo aterrorizado.

– Tenente, desculpe, é que já são muitos dias...

– Fizeste um bom trabalho – interrompeu-o Arturo. – Ele continua ali?

– Sim.

– Porque não foi buscar nenhuma miúda?

– Não faço ideia, tenente.

– Algo está a atrasar a entrega. Agora, tu e eu vamos dormir uma soneca, amanhã temos de estar frescos.

– E quem fica a vigiar?

– O Amador, que me trouxe de Oviedo.

– Estou morto – reconheceu Manolete.

– Anda daí.

Passaram a pasta ao polícia e dirigiram-se ao posto da Guarda Civil. Era um lugar modesto, mas não sórdido. Num armazém, montaram-lhes umas camas de campanha que, aos seus ossos maltratados, quase pareceram leitos de dossel. Enquanto se despiam, Arturo fez uma cara de surpresa quando descobriu que Manolete vestia roupa interior feminina. Manolete apercebeu-se da sua expressão e apressou-se a explicar.

– Cuecas de seda, meu tenente. Acostumei-me na Rússia. Já sabe, mandavam-nos remessas porque os piolhos não pegavam na seda... E, além disso, não arranham.

Arturo sorriu para mostrar compreensão, embora com alguma relutância. Mal se deitaram nos catres, adormeceram profundamente.

Aos poucos, a mancha imprecisa materializou-se num rosto seco encimado por um tricórnio. Arturo sentira a mão que o abanava pelo ombro e tinha despertado. O soldado da guarda lembrou que ele lhe tinha dado ordens para os acordar às cinco horas. Manolete ainda dormia, mas não tardou a despertar. Lavaram-se e saíram para a rua. O céu estava de novo azul, mas a temperatura era agradável. Amador estava fora do carro, a fumar um cigarro.

– Bom dia – cumprimentou Arturo.

– Bom dia, meu capitão. O indivíduo em questão não saiu – disse, adiantando-se à pergunta.

– De modos que gosta de dormir. Isso quer dizer que não tem pressa. Fique um pouco mais, nós vamos tomar o pequeno-almoço; depois, poderá ir-se embora.

Amador assentiu e continuou a fumar. Àquelas horas da manhã, já havia gente nas ruas, fazendo compras, bebendo, conversando. Entraram numa taberna perto do mercado abastecedor e pediram café

e o que houvesse para comer.

– Estávamos desnutridos – disse Manolete, com alívio.

– Pois enche bem o tanque... e vamos aproveitar para pedir umas sanduíches para levar, nunca se sabe. Então, disseste-me que tinhas ido parar a Caravia...

– A uma casa do Auxílio Social.

– É o lar Ministério do Amor. É dirigido por uma congregação esquisita, as Irmãs do Amor Misericordioso.

– O motorista, o Lauro, esteve um bom bocado lá dentro, mas voltou a sair e veio para Colunga. Segundo o rececionista, fez duas chamadas, ambas para Madrid, tenho aqui os números anotados. Depois, andou a fazer tempo pela vila, nada do outro mundo.

– Há algo que não lhe permite ir buscar a encomenda, mas é uma questão de tempo; senão, já se teria ido embora.

– Porque não acabamos já com isto, tenente? – Manolete irritou-se.

– A gente engaveta-os a todos, e pronto.

Arturo experimentou uma abrupta rajada de tristeza.

– Não podemos, tudo o que temos são verdades, Manolete.

– E não chegam?

– Não, porque a verdade está subvalorizada. Precisamos de mentiras para a diluir, para a disfarçar, e que nos seja útil.

– A sério, tenente, às vezes o senhor fala de uma maneira que não se percebe puto. – Olhou para trás do balcão. – Rapaz, dá aí outra dose de churros!

O senhor Iniesta não ficara agradado com a sua chamada. Lauro dissera-lhe que as irmãs não tinham querido entregar a miúda porque ela estava com uma febre baixa. Ele insistira que cuidaria dela, mas as freiras tinham-se recusado a entregar a criança até ela estar boa. Contudo, não achava que fosse por preocupações humanitárias, mas porque, provavelmente, a congregação poderia registá-la como um custo adicional da enfermaria, e não queriam perder o reembolso daquele dinheiro. As irmãs não eram exatamente um modelo de generosidade. A ele, nunca lhe tinham sequer oferecido um copo de água. Lauro acabou de se vestir, lavou-se por alto, foi perguntar ao rececionista se lhe tinham deixado algum recado e tentou cortar a

conversa de forma resoluta, não fosse aquele tipo parecer-se com o chato de Oviedo que, de cada vez que ali passava a noite, lhe contava, com os pormenores todos, como tinha sido a defesa da cidade. Eram quase onze horas e descansara bastante; pela frente, tinha, pelo menos, um dia de folga. Enquanto tomava o pequeno-almoço numa taberna ao lado da estação dos correios, disseram-lhe que nessa tarde começavam as festas de Santiago, em Gobiendes, uma localidade vizinha. Assim, poderia ir a uma daquelas características romarias da aldeia. Entretanto, tinha as praias – procuraria um lugar isolado e deitar-se-ia à sombra, com cerveja e algo para comer. Abençoado o Senhor.

Não acontecera no contexto de uma qualquer façanha memorável, nem devido a uma desgraça fortuita, tudo coisas presumíveis num cenário militar. Fora, simplesmente, estupidez. Ou preguiça. Ou excesso de confiança. Desde então, Diego Peinado demitira-se da realidade, com a barriga dura e o aspeto inchado dos alcoólicos, empenhado na sua mortificação estoica. Qualquer psiquiatra teria defendido, sem qualquer ponta de dúvida, que a carga emocional – fosse ela qual fosse –, que geralmente se atenua ao longo do tempo, fora reprimida e começara a causar estragos. Impedindo que a verdade fosse descoberta, trazida à superfície, todos os traumas sepultados começavam a provocar pesadelos e outros sintomas. Durante uma das suas bebedeiras, Diego fizera um corte feio no antebraço esquerdo e, pura e simplesmente, negligenciara-o. Quando, dias mais tarde, o levaram ao médico entre febres e delírios, a natureza da infeção só deixava dúvidas quanto à altura a que amputar para garantir o fluxo arterial. Quando atiraram o seu braço amputado para um caldeirão – embora fosse claro que o paciente sobreviveria e que ficaria com um bom coto côncavo –, era como se a infeção física se tivesse transformado noutra, moral, superando os limites da amputação e espalhando-se pelo corpo inteiro. Essa era a memória que Diego tinha quando olhava para o toco. Após a sessão do meio-dia, tinham-no levado de volta para a cela, que não tinha grades nem janelas: era uma cave com um catre e pouco mais. Na porta, havia uma vigia, sem qualquer outra fenda por onde pudesse filtrar-se a luz; do teto pendia

uma lâmpada anêmica e, na parede havia um pequeno espelho. Diego estava sentado na borda do catre: levantou-se e olhou para o seu reflexo no espelho. Um rosto que ainda lhe causava surpresa ver, o tom cinzeo, a barba por fazer. Tentou sorrir, mas isso não era capaz de ocultar que aquele gesto já não conseguiria, como no passado, abrir portas e corações. A expressão mal-humorada que via nos rostos durante o julgamento anunciava um fim a tudo. Até então, o mundo parecera-lhe irreal, pensara que, naquele tribunal, bastaria a sua atitude ativa e digna para projetar a sua vida interior, a sua verdade. Apesar de, na sua cabeça, preparar longos discursos, que depois não pronunciava, o seu distanciamento do mundo explicaria por si mesmo ao juiz, aos advogados, ao público quem se estava a sacrificar para livrá-los da montanha dos seus pecados de uma magnitude tal, que três vidas não chegariam para purificá-los. Recusava-se a reagir às acusações e às testemunhas. Por vezes, um depoimento aticava a sua ira, os insultos, as mentiras... Por momentos, toda a fachada ameaçava ruir, mas conseguia sempre dominar-se. Tolos. Não passavam de tolos. Malditos. Malditos, todos. Não se preocupavam com a verdade, ninguém se importava com o que estava a tentar fazer, todos se importavam apenas consigo mesmos. Continuou a contemplar o seu rosto no espelho – aquela expressão apenas lhes transmitira altivez, superioridade e desprezo não só pelo tribunal, mas também pela pena de morte a que poderiam condená-lo. Aquilo fizera-o olhar para dentro, levou-o a refugiar-se nos veios mais fundos da sua obsessão. Mas ali, à medida que foi trespassando véus e disfarces, chegou a um lugar profundo onde viu algo inesperado, uma vaga de consciência que lentamente foi crescendo, nítida e progressiva, sem dramatismo, uma compreensão da sua verdadeira natureza, a verdade sobre si mesmo que, apesar de indizível, lhe descompôs o rosto e o fez tremer.

– Hoje, vamos divertir-nos a valer, tenente.

Manotele arrancou um sabugo com os dentes com o mesmo vigor com que anunciara a sua intenção.

– Lembra-te que estamos a trabalhar – disse Arturo, olhando-o de lado.

O dia desfazia-se numa febre de cobres e índigos, e no arraial montado sobre o prado, em Gobiendes, uma pequena banda tocava um pasodoble sobre uma plataforma, enquanto os casais se moviam ao seu ritmo. Por cima deles, filas de bandeirinhas de papel e lâmpadas brancas, amarelas, vermelhas e verdes, que iluminavam o terreno, ligeiramente inclinado. Os bares improvisados, as barracas de maçãs caramelizadas e avelãs e bolachas e churros, ou as de tiro ao alvo, os vendedores de canudinhos, cercado por crianças que queriam tentar a sua sorte na roda⁸... Num canto, os homens começaram a lançar foguetes, com um silvo que terminava em múltiplas explosões. Os cães da aldeia, com a cabeça baixa e o rabo entre as pernas, aproximavam-se cautelosamente das pessoas; por vezes, recebiam comida, outras, uma pancada. Rapazes reunidos em grupos sussurravam entre si, dando-se cotoveladas mutuamente quando uma das raparigas lhes lançava um olhar. O ar cheirava a sidra fresca, a erva acabada de cortar, a pólvora. Dali, tinham vistas espetaculares tanto da costa como da cordilheira do Suevo. Manolete lançou um olhar à igreja de Santiago, benzeu-se e começou a sua busca por uma rapariga jeitosa. Arturo não tirava os olhos de cima de Lauro, encostado a um dos bares, enquanto os locais se dedicavam a encher de sidra copos grandes e largos. Durante algumas horas, toda a gente esquecia a dor e a miséria, as preocupações e os rancores; deixavam-se levar, como se nada de mal tivesse acontecido nas suas vidas. Recuperava-se algo coletivo que fora arrancado pela raiz. Arturo fez sinal a Manolete que o seguisse e atravessaram a romaria até ficarem não muito longe do motorista. Este já travara amizade com um grupo e bebia e ria, enquanto os copos de sidra passavam de mão em mão. Manolete pediu cervejas. Arturo estava prestes a recusar, mas, como não queria ser um desmancha-prazeres, pegou na sua. Brindaram e beberam um bom gole. Arturo observava Lauro a pequenos intervalos, mas acabou por relaxar. Era claro que aquele tipo não ia a lugar nenhum. Pelo menos, naquela noite. A banda começou a tocar um tema mais lento e os rapazes aproveitaram para se chegar mais às parceiras, tentando encostar-se-lhes ao peito ou mesmo roçar-se nelas. As raparigas, experimentadas naquelas manobras, mantinham-nos à distância empurrando-os com a palma da mão pousada nos seus ombros. Arturo

observava a cena com ironia quando, de repente, a viu. A rapariga dançava com um tipo alto, vestia um vestido azul de saia plissada, tinha o cabelo preso com uma fita. A cada volta, olhava-o, por cima dos ombros do seu par, e a certa altura sorriu-lhe. Arturo observou-a e sentiu uma espécie de vertigem que há muito tempo não sentia, mas o processo era sempre o mesmo. Também notou que tinha as roupas em desalinho, e isso só lhe acontecia diante de mulheres que o atraíam. Manolete relinchou de satisfação.

– Por que espera, tenente? Olhe que a rapariga parece pelos ajustes.

Arturo sentiu-se constrangido, mas, quando a música parou, saiu disparado para o meio da romaria e perguntou-lhe se lhe dava a próxima dança. O companheiro da rapariga grunhiu, mas ela estendeu os braços, abrindo-lhe caminho, e Arturo penetrou naquele espaço banhado pelo calor do seu corpo. Era mais velha do que imaginara; tinha uns olhos muito grandes, ombros estreitos, cabelo cor de palha. A curva dos seus seios espetava-se no vestido; não era muito alta, mas parecia. Olhá-la produzia um choque físico em Arturo, mas não queria ainda sucumbir – ela apercebia-se da sua luta. A banda tocava um tema lento e começaram a seguir a música, um pouco rígidos ao início, mais relaxados ao fim de uns momentos. Giraram sem parar e, quando a música se deteve, Arturo convidou-a para tomar uma bebida. Ela hesitou e olhou para as amigas, que estavam a observá-los, sussurrando.

– Só uma gasosa – respondeu.

Caminharam lentamente até um dos bares apinhados. No trajeto, Arturo procurou Lauro, com os olhos; continuava no mesmo sítio, muito animado.

– Chamo-me Arturo. E tu?

– Sofia.

– És de Gobiendes?

– De Loroñe, uma aldeia aqui ao lado.

– E são todas tão bonitas como tu, em Loroñe?

Sofia sorriu discretamente.

– E de onde és tu?

– De momento, vivo em Cáceres.

- Nunca estive em Cáceres.
- Havia de gostar.
- Para dizer a verdade, nunca saí das Astúrias.
- Pois olha que há bastante que ver.
- Estiveste em muitos sítios?
- Nuns quantos.
- Em que trabalhas para conheceres tantos sítios?
- Tenho um negócio de escaiola.

Pareceu algo defraudada, como se estivesse à espera de outra coisa, mas disfarçou.

- E falavas-me deles?

Olhou-o nos olhos. Não era uma mulher que se deixasse intimidar. Arturo não era capaz de decifrar as suas intenções, só conseguia perceber claramente que Sofia era uma mulher esperta e madura o suficiente para sobreviver naquele ambiente de instintos e aparências; uma rapariga que, em circunstâncias mais favoráveis, teria ido mais longe. Contudo, isso não impedia que fosse vulnerável, o que era evidenciado pelo movimento nervoso de um pé, a ansiedade que aquele gesto ocultava. Era o mesmo que Sofia vira nele, uma dureza que apenas sugeria uma ferida que se mascarava. Talvez tenha sido isso que a atraía.

- Precisaria de mais calma, há demasiadas pessoas à nossa volta.
- Sofia exibiu um ar divertido, mas fez de conta que não ouvira.
- É uma boa romaria – prosseguiu Arturo.
 - São todas iguais.

O tom surpreendeu Arturo.

- Não gostas?
- Os rapazes são aborrecidos. E um bocado brutos.
- Suponho que seja da idade.
- Quantos anos tens?
- Trinta e três.
- És quase um velho.
- Obrigado – disse Arturo, abrindo muito os olhos e sorrindo.

A rapariga não pediu desculpas, mas o seu riso era contagioso.

- Tens namorada?
- Já tive.

- E porque é que agora não tens?
- Possivelmente porque não a fazia feliz.
- Não me perguntas se tenho namorado?
- Não mudaria nada.
- E sabes fazer planos?
- Fazer planos?
- Os rapazes daqui só sabem fazer um.
- Que tipo de plano?
- Do tipo que não me faz feliz. Tu saberias fazer um que me fizesse

feliz?

Arturo compreendeu imediatamente o que lhe ia na alma.

– A única maneira de uma pessoa ser feliz é voltar a brincar, criar um espaço onde possamos ser crianças. Um espaço privado.

Sofia bebeu um gole da sua gasosa. Quase ausente.

– Sabes? Tenho a impressão de que te conheço desde sempre.

– É o que costuma acontecer.

– Quando?

– Quando acontece.

Sofia perscrutou-o durante uns segundos.

– Acho que já sonhei contigo. Numa altura qualquer.

– E o que sonhaste?

– Que chegavas e que partias.

– Em breve irei, mas fico contente por te ter conhecido.

– Eu também.

Sofia olhou o grupo das suas amigas, totalmente concentradas neles.

– Tenho de ir, senão vão começar a cochichar.

– E isso não é conveniente.

– Não, não é.

Pousou a gasosa e voltou a olhá-lo com firmeza.

– Gostas de praia?

– Não muito.

– Sabes guardar um segredo?

– Sei guardar segredos como ninguém.

– De tarde, gosto de ir dar um passeio. Conheces a praia do Barrigón?

- Não.
- Está ao lado de La Isla. Quase nunca há ninguém.
- O teu segredo está seguro comigo.
- Prometeste.
- Não, não prometi.

Riram ambos.

- Obrigada pela gasosa.

Arturo assentiu com a cabeça.

- De nada.
- Deves ter paciência.
- Porquê?

Sofia sorriu e foi-se embora. Arturo observou-a. Mesmo antes de chegar junto das amigas, a rapariga virou-se e sorriu novamente; depois, perderam-se entre a multidão. Havia cada vez mais gente, muitas cabeças entre as quais não distinguia a de Manolete. E, pior ainda, também não via Lauro.

Arturo começou a transpirar. Como pudera ser tão irresponsável? Tinha deixado o mangalho pensar por ele, era imperdoável. Esperou que Manolete não tivesse sido tão estúpido, mas, vendo a quantidade de raparigas bonitas que ali havia, achou que era pedir muito. Procurou-os, agitado, mas sem chamar a atenção. Grupos de adolescentes num frenesi de sorrisos estúpidos. Casais que se moviam ao som da música, os homens maduros solenemente agarrados às curvas das esposas, os jovens que faziam corar as raparigas. Uma mãe ralhava com o filho por ter batido na irmã, enquanto o miúdo argumentava que tinha sido ela a começar. Um tipo abria uma espingarda de chumbos na barraca de tiro ao alvo. Outro cantava uma canção de improviso, enquanto o resto do grupo se lhe ia juntando, gradualmente. Arturo estava cada vez mais preocupado, até que descobriu um grupo de homens em alvoroço num canto da festa. Parecia haver bronca, mas a quantidade de pessoas aglomeradas impedia-o de vislumbrar o cerne da discussão. Os gritos e insultos subiam de tom, numa altercação que atraía cada vez mais espectadores. Subitamente, do centro da algazarra, saiu um homem a correr. Atrás dele, cinco ou seis em perseguição. Quando o fugitivo

olhou para trás, Arturo reconheceu Manolete.

A Manolete bastou um olhar para perceber que não o iam deixar fugir. O rosto ardia-lhe dos golpes, o seu coração batia com força, tinha de encontrar um lugar para se esconder. Não sacara da pistola para não se denunciar, embora essa decisão lhe tivesse custado uma bela tarefa. Correu em direção à igreja, mas, quando a ultrapassou, constatou que por ali não havia saída: para lá da zona empedrada, uma avalanche de árvores caía quase na vertical. Manolete voltou-se: aqueles estupores aproximavam-se a toda a velocidade. Cortou na diagonal e lançou-se pela colina abaixo, correndo numa trajetória irregular, quase planando sobre um solo macio de folhas e ramagens, manobrando para evitar os troncos e arbustos, mas sem conseguir evitar arranhar-se. As ameaças de morte seguiam-no de perto, aqueles selvagens não tinham hesitado em lançar-se naquele perigo. O álcool, a raiva, talvez algum desespero, tudo solto, como se tivessem atizado uma matilha de cães no seu encalço, testando a sua força e a sua sorte, dando alento uns aos outros. Manolete fez um corte na têmpora, mas não conseguia parar. Em alguns sítios, a floresta era tão densa que a luz do sol mal a conseguia penetrar, embora aquecesse aquela cobertura vegetal, aumentando a temperatura. Manolete voltou-se para ver se conseguira despistá-los. Um corpo assomou a poucos metros; outro, à sua esquerda. Tinha perdido a orientação, mas continuava a descer. Bateu com o tornozelo numa rocha, oculta por um feto, praguejou, prosseguiu a descida, saltou por cima de um tronco caído – o seu suor tinha um odor tão forte que se viu cercado por uma nuvem de insetos –, tropeçou num buraco, depois noutra pedra, arrastou consigo uma grande teia de aranha, que o cobriu com a sua tela viscosa. Lutava contra a vontade de olhar para trás, era suficiente ouvi-los perto, cada vez mais perto. Desviou para a esquerda, atravessou uma sebe e, de repente, a floresta acabou. À sua frente, tinha um pequeno terreno com macieiras e um batatal e, à esquerda, um velho moinho. Continuou a correr até ao canal de pedra que levava a água para os vasos da nora; mais além, estendia-se outro prado com árvores, na margem de um rio. Deteve-se e avaliou os estragos: tinha a camisa rasgada, vários cortes e contusões. Os seus

perseguidores começavam a sair da floresta. Manolete decidiu que já estava farto de ser caçado como uma lebre e levou a mão à pistola. Praguejou. Devia tê-la perdido durante a fuga. Procurou a navalha e essa, sim, continuava no bolso. Premiu o botão e a lâmina saltou com um clique. Eram cinco. Cercaram-no lentamente, pegando em paus e pedras. Havia pouca luz, mas ainda bastava para lutar. Agora, a lebre iria dar umas naifadas a alguns daqueles valentões. Um deles tirou o casaco, enrolou-o no antebraço e puxou também de uma navalha, avançando. Manolete reconheceu-lhes o mérito de não o atacarem todos em conjunto. O seu adversário disse apenas uma frase: *Vou-te castrar, capado*. O coração enlouquecido, a boca seca, os sentidos capazes de captar detalhes multiplicados por cem: uma gota de suor, o reflexo gelado da lâmina, o som de algo a cair na água do ribeiro, um ramo oscilante. Analisaram-se mutuamente, procuraram ambos tirar vantagem do declive; o homem fez uma investida exploratória e Manolete recuou, simulou uma finta, avançou, retrocedeu de novo. Olharam-se nos olhos. O jovem atacou novamente e, desta vez, fez-lhe um corte no ombro esquerdo. Manolete respondeu-lhe com outro, na parte inferior do tórax, que apenas lhe cortou o pano da camisa. Giravam e os restantes circulavam à sua volta, num estranho silêncio. Manolete atacou mais duas vezes, mas o outro esquivou-se-lhe com uma certa graciosidade, sem deixar de fixar os seus olhos. Manolete levou a mão ao ombro, que ficou pegajosa do sangue. Não ia ser tão fácil, pensou, não, não ia. O jovem moveu-se rapidamente, fez-lhe um novo corte no braço, mais sangue a empapar-lhe a camisa. Manolete começou a sentir um medo mais profundo, algo que não tinha que ver com a sobrevivência, mas com a antecâmara da morte. O outro fez um movimento veloz, que falhou por pouco, mas ambos sabiam que era apenas uma questão de tempo, o equilíbrio fora quebrado e Manolete não era estúpido. Rezou mentalmente, lançou alguns ataques, sem parar de rezar, observando a forma como o rapaz se protegia, com o braço não muito erguido. Saltaram para trás, para a frente, uma finta, duas, a respiração acelerada. O suor entrou nos olhos de Manolete que, de novo, pensou que podia morrer ali, ofegante, ainda amava a vida o suficiente para continuar até ao fim. Ensaiou um golpe à direita, o outro investiu a fundo e falhou por um triz. Manolete notou

a sua força, a sua velocidade, a sua confiança, os olhos inflexíveis, a navalha que descrevia um arco, depois outro; mais perto, soou um tiro.

Arturo permaneceu assim, com o braço estendido e a arma bem visível. Também ele tinha o aspeto desalinhado de quem atravessara a floresta a correr.

– A festa acabou, ponham-se a andar.

Os rapazes observaram-no, tensos, resistindo ao impulso de se lançarem sobre ele, tendo a arma bem presente. Ainda hesitaram uns instantes até que Arturo os visou alternadamente e lhes garantiu que tinha balas que chegassem e pouca paciência. Os tipos afastaram-se bufando, entre insultos, com o rapaz da navalha de olhos cravados em Manolete. Quando os perderam de vista, Arturo guardou a arma.

– O que se passou desta vez?

Manolete levou a mão a um dos cortes.

– Já vamos a um médico. És capaz de me dizer que caralho se passou? – insistiu Arturo.

– Eu não fiz nada, meu tenente – respondeu Manolete, sem erguer os olhos.

– Foda-se – disse Arturo, levando as mãos à cabeça –, então és tu o culpado de tudo, Manolete.

– Só estávamos a conversar.

– Como?

– Estava a falar com uma chavala.

– Que era a namorada dele. Ou a mulher. E só a conversar?

– Bem...

– Merda. Quantas vezes tenho de te dizer? Pareces um maçarico, foda-se.

– Desculpe, chefe.

– Olha para ti, caralho, estás feito num cristo.

– Desculpe.

– Anda, já à minha frente. Vamos aí a um médico qualquer.

– E o motorista?

– Não vai a lado nenhum. Esperamos por ele na pensão.

– Agradeço-lhe, tenente.

O caminho de acesso à estrada passava por baixo do arco do moinho. Caminharam juntos, doridos. Os últimos raios de sol desapareceram atrás dos contrafortes das montanhas. Manolete sussurrou, procurando a cumplicidade de Arturo:

– Tenente, é que a chavala...

– Ainda vais apanhar um soco, Manolete.

8 N. da T.: Estes vendedores faziam-se acompanhar de uma roleta em que os compradores podiam tentar a sorte. Se havia vários participantes, o que tirasse o número mais baixo pagava todos os canudinhos; se fosse apenas um, por algumas moedas podia jogar e ganhar um em cada jogada.

16. Águas profundas

Os homens tremiam e as mulas agitavam as cabeças espasmodicamente, enxotando com as caudas a nuvem de moscas que lhes pousava em cima. Enquanto Nicolás inspecionava os documentos dos aldeões, Salvador examinava os odres de azeite. Tinham decidido apreendê-los por suspeita de contrabando. Os proprietários foram-se embora sem protestar; mais tarde, deveriam ir buscar os animais ao pequeno quartel. Todos se conheciam muito bem e sabiam que, em troca daquela carga que não seria declarada em nenhum registo oficial, lhes seria permitido continuarem com os seus esquemas. Enquanto os aldeões se afastavam, o olhar dos guardas pesou-lhes na nuca. Salvador olhou para o céu limpo e azul. O ar estava completamente imóvel, as partículas de poeira queimavam-lhes os olhos. Tinham as solas das botas recozidas pelo calor. Faltava-lhes o ar.

– Traz os animais – ordenou Salvador a Nicolás –, vamos para a sombra.

Dirigiram-se para um aglomerado de chaparros e azinheiras. Ataram as mulas, encostaram as espingardas a um tronco, sentaram-se sob a sombra que a árvore projetava e sacaram do tabaco e do isqueiro, que passaram entre si.

– Quanto achas que podemos sacar por esta apreensão? – perguntou o cabo.

– Um bom dinheiro.

– Tratas disso?

– Como sempre.

Salvador fez uma careta e esfregou a mão nas calças.

– Há muito que não falamos com calma.

– Sim.

– Como vai a família?

– Vamos andando.

– Na semana que vem, vamos ter outra inspeção, vai-nos fazer jeito.

– Faz sempre jeito.

– Já passámos juntos por muita coisa, não é?

– Por umas quantas, é verdade.

Salvador recordou alguns episódios, bons e maus, e apressou-se a contar outros quando Nicolás tentou interrompê-lo.

– Mas há uma coisa que pergunto a mim mesmo – finalizou o cabo.

– Sim?

– Acho que nos conhecemos, mas não consigo perceber porque fizeste o que fizeste.

Nicolás olhou-o de soslaio. As suas feições tensas indicavam que estava a pensar sobre quanto saberia o cabo de toda a questão. Salvador sacudiu a cinza do cigarro.

– Tenho uma teoria – pressionou-o –, mas se calhar ia parecer-te ridícula.

– Quem lhe contou?

– Não sou parvo, Nicolás.

Nicolás aclarou a garganta. Sentiu vergonha e fúria ao mesmo tempo.

– Simplesmente, tinha de fazer aquilo.

– Isso não é razão suficiente.

– É algo pessoal.

Salvador não insistiu mais. Era uma demonstração de cortesia da sua parte.

– Mas já desististe.

– Sim.

– Pois mantém-te à margem e deixa as coisas andarem. Vão acontecer outras coisas e tudo será esquecido, como sempre. O passado não é assunto nosso.

Nicolás corou; parecia confundido, mas descontraiu. Salvador refletiu sobre o que acabava de dizer.

– Deixa-me dizer-te uma coisa com toda franqueza, Nicolás. Tu e eu não somos amigos porque somos demasiado diferentes, mas significamos algo um para o outro, e, até ao dia em que cada um siga o seu caminho, só nos temos um ao outro para enfrentarmos esta merda toda. Todos temos uma coleção de erros, de recordações que não revelamos a ninguém. Coisas de que não falamos, coisas que queremos esquecer. São como quartos em que nunca entramos e, enquanto estivermos ocupados, não pensamos neles e podemos fingir

que está tudo bem. Ambos temos boas razões para continuar a viver, coisa que nem toda a gente pode dizer. Por isso, o melhor é esquecer os exames de consciência e olharmos em frente, porque já passou a altura de corrigirmos alguma coisa, e, além do mais, não contarão nada para o resultado final. Isso vai-nos evitar emoções mais dolorosas.

Nicolás olhou para Salvador, mas não havia nenhuma censura nos seus olhos. Assentiu e continuaram a fumar.

– Já alguma vez estive na Galiza, meu cabo?

– Não.

– Eu gostava de lá ir. Não sei porquê, sempre quis ir à Galiza.

– E porque não vais?

– Algum dia hei de ir.

– Deve ser bonito.

– É isso que ouço dizer – beliscou o tecido do casaco com os dedos –, mas o serviço, já sabe...

– Porque não deixas isto? – brincou Salvador.

– Não tenho imaginação para ser outra coisa.

Salvador pestanejou um pouco mais rapidamente. A seguir, rebuscou num dos sacos e tirou do interior uma folha de jornal dobrada. Entregou-a a Nicolás.

A tinta ainda estava húmida, exalava um cheiro forte. O juiz Ponce desdobrou o jornal metodicamente e leu com atenção. Nas conclusões do tribunal, Diego Peinado fora apresentado como um assassino de sangue-frio que tinha executado o seu plano fielmente. Tinham-se considerado os factos, os depoimentos, as provas, até ao ponto em que a imaginação conseguia tomar o leme e continuar com traços tão nebulosos quanto horripilantes, para, finalmente, confirmando a verdade óbvia do que aconteceu e uma vez que não subsistia qualquer dúvida, os responsáveis por ditar a sentença poderem cumprir o seu dever. Os artigos rematavam o veredito exaltando o Estado e dando graças à justiça do Caudilho por continuar a cuidar firmemente do bem-estar do país. José Antonio Ponce olhou pela janela do escritório. Mais uma vez, o ser humano enfrentara o acaso, o acidente, a coincidência, e tinha confrontado a razão com essa maré interminável

de injustiça com que a vida nos arrasta.

Nenhuma dúvida razoável fora tomada em conta, considerou Gabino Cabañas diante do mesmo jornal, de nada haviam servido as comparações de pontos de vista, os debates, as argumentações. Em toda a parte, se celebrava a justiça assim feita, a esconjuração dos medos. Era curiosa a rapidez com que notícias deste tipo eram divulgadas. O manancial de conjecturas, expectativas e discussões tinha acalmado e só restava agora a ansiosa curiosidade para ver se este resultado se refletia num final sangrento, mas reto e decente. Mais uma vez, as palavras eram meras convenções e aquilo a que chamavam verdade não passava de um acordo, uma conformidade. Gabino virou a página. A verdade. Ele próprio tinha-a no bolso, a sua verdade, e não sabia o que fazer com ela, não sabia como comportar-se, provocava-lhe uma gélida apatia. E, sim, era uma tragédia na medida em que não se podiam mencionar certas coisas que se perpetuavam sem as nomear. Mas que outra opção havia? Amaldiçoou os seus escrúpulos, a sua consciência, e no seu rosto desenhou-se um sorriso incrédulo. Dispôs-se a ligar ao juiz Ponce. O juiz ainda era a pessoa mais honesta naquela história toda. Porque a honestidade não era dizer sempre a verdade, mas controlar os danos que podíamos causar com ela, aliviar a dor. E tinha de felicitá-lo.

Mauricio Retuerta dobrou o jornal e pousou-o ao seu lado. Já havia um culpado punível por lei. Havia possibilidades, hipóteses, mas isso não levava a lado nenhum e não era nelas que o seu mundo se baseava. No mundo, havia demasiadas coincidências, demasiados acasos, e os nós que vira naquela cabana poderiam ser mais um. O que não podia negar era que a caricatura do tal Peinado, com o seu rosto anguloso e sinistro, estava muito bem conseguida. Pensou em como ficaria o rosto que tinha em mente, trabalhado pelo exagero de tais desenhos.

Quando, na sua cela, comunicaram o veredito a Diego Peinado, este reconheceu finalmente o sentimento que havia vislumbrado nas suas profundezas interiores: o medo. Um pânico visceral diante da

morte. De repente, não havia catarse, não havia purificação, apenas a determinação absurda da vida em se agarrar a si mesma e uma purga das suas convicções que o despojou de qualquer coragem que lhe restasse. Era apenas mais uma execução, um animal sacrificado no implacável altar do absurdo. Inesperadamente, sentiu um sacão no diafragma, a garganta apertou-se-lhe e o seu estômago ardeu-lhe.

Inclinou-se para a frente e vomitou com violência.

Mencía nunca lia o jornal, mas, sim, as cartas que guardava. Baralhava-as como se procurasse a configuração adequada que lhe oferecesse uma resposta para a sua incerteza. Recordou como Ventura lhe dizia que deviam perseverar, que eram anarquistas. *A miséria vai levar o país ao desespero, meu amor, a revolução social está próxima, a consciência aumenta de dia para dia, com mais força. Será o fim dos senhores, chegarão as associações, as comunas, e, num futuro não muito distante, a fraternidade humanitária construída sobre a ruína dos Estados.*

Mas ela só conseguia ver os rostos de sofrimento das filhas quando as encontrara, embora o que lhe abalara os alicerces tivesse sido a absoluta confiança de ambas em que a mãe as resgataria. Elas pensavam que, apesar de tudo, estavam a salvo, que o simples facto de se aninharem junto a ela as protegia da aniquilação. Por isso, sentia que quem ela realmente traía não era um sonho libertário, mas as suas filhas.

O teu marido parece-se connosco mais do que gostaria. Não deixa de ser um conservador, um vermelho conservador. Não vê nada além daquilo, por isso, é um intransigente e alguém muito pouco original: procura a segurança do que conhece, uma única dimensão. Porque não experimentar outro tipo de vida?

As palavras do capitão misturavam-se com o conteúdo daquelas cartas, céus estrelados, palmeiras, molhes, edifícios coloniais, rum, chachachá... mas, sobretudo, esperança.

Quando desaparecerem as distinções entre as classes, haverá um património comum. O teu marido já conquistou o direito de trair e, se descer dos montes, eu garanto-vos uma existência tranquila, noutra lugar. Nós educaremos o povo, vamos emancipá-lo, libertá-lo do Estado, e desenvolver os seus instintos e necessidades para ir em busca de um futuro.

– Mamã, vou morrer?

A sua filha mais nova tinha-lhe feito a pergunta enquanto estendiam roupa, a seguir ao sequestro. Mência observou as camisas que ondulavam nas cordas, resplandescentes de luz, *claro que não, minha querida, não te vai acontecer nada*. Até então, na sua infância, apesar de difícil, não houvera a menor suspeita de finitude. Aquela clausura dera-lhe um primeiro e fantasmagórico vislumbre da sua morte e, agora, Eulalia entendia realmente que não duraria para sempre, algo triste, perturbador. Imperdoável.

Mência torturou-se com imagens das filhas querendo dormir com ela ou emitindo gritos estridentes quando lhes dava banho ou lhes desembaraçava os nós do cabelo, quando lhes penteava as madeixas para trás, puxando e escovando por cima da cabeça até fazerem uma careta de dor, ou angustiadas quando lhes ralhava; viu-as a disputar um baloiço que Ventura tinha feito para elas, tremendo sob os trovões de uma tempestade, gritando, excitadas, à vista de um presente. A vida sabia como proporcionar-nos toda a dor, toda a tristeza, toda a raiva. Passou a mão pela barriga, *já sei o nome que te vou pôr*, sussurrou ao seu filho, *já sei o nome que te vou pôr*.

Há muito tempo que a maré baixara. Começava agora a subir novamente. Qualquer pegada, memória ou vestígio seria implacavelmente arrasado. Em troca, a água deixaria, no seu retrocesso, centenas de incongruentes achados, um novo cenário. Sob o céu cinzento-claro, o mar parecia uma pele curtida, impenetrável à luz; à direita, espumava ao embater contra uns rochedos. Acima deles, na costa, erguia-se o casarão que albergava o lar do Auxílio Social. A sua aparência benigna não fazia mais que encobrir o propósito do Estado de alcançar uma obediência voluntária – e nada melhor que aquela fachada de beneficência para criar afeto, confiança, lealdade.

Arturo caminhou lentamente em direção à entrada. Por essa altura, Manote já estaria a seguir Lauro de volta a Madrid; naquela manhã, o motorista tinha recolhido a «encomenda» e lançara-se à estrada sem mais demoras. O procedimento consistia em localizar onde seria entregue e, a seguir, efetuar as detenções pertinentes até que os detivessem a eles: tratava-se de descobrir até onde os deixariam

chegar. Parou diante do escudo do dragão com a flecha e baixou-se para atar os cordões de um sapato. Uma das irmãs, pequena e de nariz achatado, com uma mancha vermelha na têmpora, apercebeu-se da sua presença e encaminhou-se na sua direção.

– Bom dia, o senhor procura alguém?

– Bom dia, sim, vinha falar com a diretora.

– Da parte de quem?

Arturo exibiu os documentos, o que provocou na freira o alerta e a apreensão do costume. A mulher convidou-o a segui-la, mas Arturo preferiu esperar do lado de fora; a irmã fez menção de dizer algo, desistiu, deixou-o a contemplar as crianças que, de mãos dadas, faziam uma roda. *Deves ter paciência.* A despedida de Sofia soava na sua cabeça com um refrão constante. Com que intenção? Havia sequer alguma? Ainda não tinha tomado uma decisão sobre o assunto, resolveria o que fazer durante a tarde.

A freira saiu pela porta da frente, acompanhada por outra, alta e angular como uma cegonha. Foi-lhe apresentada como soror Ángela, diretora da instituição e impulsionadora daquele projeto. Arturo optou por lhe explicar enviesadamente por que razão estava ali e quais eram os seus propósitos, enquanto a diretora permanecia serena e descontraída. Nem sequer quando lhe mostrou as fotografias da menina morta e de Catalina a mulher se alterou. Quando lhe respondeu, fê-lo com uma voz melodiosa, calma, abanando a cabeça para sugerir que as suas insinuações eram desprovidas de sentido:

– Meu caro capitão, isso que o senhor me contou é terrível, absolutamente terrível. E com tudo isso, sugere que não somos mais que um bando de supersticiosos e fanáticos, de flagelantes enlouquecidos...

– Não, não disse isso...

– ... mas, antes que tire as suas conclusões, quero mostrar-lhe a obra que fazemos aqui, um projeto para disciplinar todas estas almas desencaminhadas...

– Não é necessário, irmã...

– Insisto, capitão. Primeiro, deve ver com os seus próprios olhos e, depois, poderá fazer as perguntas que quiser e consultar os registos que considere pertinentes. Tomar-lhe-ei apenas uns minutos; depois,

tudo o que possa ser-lhe facultado sê-lo-á.

– Contudo, não me respondeu se conhece alguma das meninas.

O sorriso de soror Ângela indicou a Arturo que estava a pôr à prova a sua cortesia e que não era conveniente esgotá-la.

– Posso afirmar categoricamente que essas duas pobres desgraçadas não passaram por aqui desde que sou diretora deste lar.

Arturo não conseguiu perceber se ela estava ou não a mentir; limitou-se a segui-la. Acederam ao interior através de um átrio luxuoso com uma escadaria em U, iluminada por vitrais, percorreram corredores, antigos salões com portas de folha dupla, onde agora ficavam as salas de aula repletas de meninas de cabeça baixa, concentradas nas suas tarefas, em algum sítio ouviam-se vozes infantis que cantavam um hino, o Auxílio Social, as flechas e o dragão, *aqui está, o Auxílio Social que acolhe as crianças pobres e inocentes, que a guerra deixou sem papá*, mostraram-lhe um quarto onde meninas trabalhavam em costura, os dedos crivados de marcas avermelhadas, de uma varanda apontaram-lhe um jardim onde plantavam hortaliças, a cruz peitoral de soror Ângela ressaltava-lhe sobre o peito ao ritmo da sua passada, *este é um ato de serviço e entrega*, disse ela, *e fazemo-lo de boa vontade, sem que nos obrigue ninguém, a nossa maternidade é espiritual*, entraram em refeitórios, visitaram uma sala de música, outra para passar a ferro, uma biblioteca, *procuramos o bem-estar físico, psicológico e moral, mas não choreis, meus meninos queridos, as vigilantes querem ver-vos a rir, os filhos da Espanha libertada têm um pai que está no Céu e outro na Terra, que se chama Franco, e que nunca, nunca vos esquecerá*. Jamais. Não obstante, Arturo sentiu-se fora da realidade, como se lhe mostrassem uma aldeia de Potemkin. Era uma daquelas verdades que não se querem aceitar, ou pior, que não temos a certeza de poder suportar. O género de verdades que ficam fechadas no nosso interior e acabam por explodir como uma bolsa de pus, fazendo com que as pessoas acabem em asilos psiquiátrico ou nalgum bar, tentando sufocar certas realidades duras e desagradáveis que a alma capta muito antes da razão. Aquele pressentimento funesto via-se reforçado pelo contraste entre as vigilantes gordas e sanguíneas e as meninas de rostos cinzentos e olhares feridos, com braços cheios de hematomas e dedos em carne viva de roerem as unhas; pela ausência do alvoroço

expectável, substituído por uma ordem silenciosa e perturbadora. Saíram para um terraço e a diretora convidou-o a sentar-se ao lado de uma balaustrada de pedra. Dali, tinha-se uma perspetiva completa da praia, com a sua areia dourada pontilhada de troncos de árvores mortas e molhos de algas putrefactas, cobertas de moscas. Meia dúzia de barcos pescavam no mar, sobrevoados por gaivotas velozes.

– Capitão – começou soror Ángela –, já testemunhou a nossa obra que lhes proporciona alimento material e espiritual. Que sentido teria esse trabalho execrável de que o senhor fala?

Arturo inspirou fundo e soltou o ar de uma só vez. A verdade. A mentira. A maioria dos mentirosos era apanhada porque se esquecia de pormenores ou porque, de repente, a sua mentira era confrontada com uma verdade indiscutível.

– Irmã, a senhora conhece Valentín Antuña?

A religiosa não vacilou.

– Sim, e conheço-o bem.

– Que opinião tem dele?

– É um homem empenhado no seu trabalho e tenho a certeza de que as crianças são entregues a famílias de comprovados meios e moralidade, se é disso que fala.

– Se o que afirma é verdade e, acredite, não sou ninguém para dizer que não é, não acha estranho que enviem uma carrinha de uma empresa de escaiola para vir buscar as meninas?

– Os procedimentos não me dizem respeito.

– Mas nunca pensou nisso?

– Não.

– A instituição recebe uma compensação económica pelas meninas?

– O lar tem muitas despesas e qualquer ajuda é bem-vinda.

– Quantas vezes Lauro já cá veio?

– Essa informação é confidencial, capitão.

Arturo percebeu que ela não acrescentaria mais nada de forma voluntária. Pegou de novo nas fotografias.

– Tem a certeza de que não reconhece nenhuma delas?

– De modo algum.

– De modo algum tem a certeza ou de modo algum as reconhece?

– Não as reconheço.

Nem um só olhar severo ou distante, uma flutuação na voz ou uma hesitação refletida na sua expressão. Soror Ángela continuava serena, sem se deixar tocar por nada. Arturo estava confuso, não conseguia perceber quão perto estava da verdade, quantas mentiras tinha ela intercalado, se lhe contara as mentiras como verdades ou vice-versa. O seu grau de responsabilidade era nebuloso, não era sequer excessivamente sectária ou doutrinadora.

– Que me diz de Rubén Iniesta?

– Do que fala, capitão?

– Não o conhece?

– Não sei a quem se refere.

– Lauro, o motorista, nunca lhe falou dele?

– Não.

– É o dono da carrinha.

– É a primeira vez que ouço falar disso.

– Porque demorou tanto a entregar a última menina?

– Tinha alguma temperatura. Não queríamos que a menina viajasse havendo o risco de ficar doente. E olhe que é estranho que alguém que lhe quisesse fazer mal se preocupasse com a sua saúde.

Arturo fez de conta que não ouviu, mas pensou que aquele tratamento bondoso poderia ser mais terrível do que a violência: era o tratamento reservado às vítimas sacrificiais, para conseguir que se dirigissem tranquilas e de bom grado para o altar do sacrifício e não ultrajassem os deuses com o seu sofrimento. Na sua cabeça, ergueram-se muitas outras perguntas, mas sempre restaria a sombra da dúvida sobre se aquela religiosa estava ou não ao corrente de tudo. Não obstante, era muito mais sensato aparentar o contrário, dar um ar muito mais seguro, muito mais confortável... Soror Ángela jamais reconheceria a possibilidade de fazer parte de uma abominação. Arturo permitiu que a mulher continuasse com as suas justificações durante algum tempo mais, enquanto ponderava os aspetos práticos das etapas seguintes. Os registos de saúde foram a sua primeira opção. Quando os pediu, pensou ter visto as veias do pescoço da diretora latejarem visivelmente, embora os seus olhos permanecessem suspensos no vazio. Arturo verificou os assentos sem nenhum

resultado – nem sequer a menina que Lauro levava agora estava registada – e, quando perguntou o motivo, ouviu desculpas ambíguas e peregrinas. Depois, pediu que lhe cedessem um gabinete, que lhe dessem uma lista das menores internadas na instituição e que elas fossem ter com ele por turnos. Ignorou as reclamações, mas não pôde evitar que uma das ajudantes da diretora permanecesse junto dele para as receber, alegando certas formalidades legais e morais, uma vez que não era apropriado que um homem adulto ficasse a sós com as meninas. Arturo começou com as das aulas de costura e não hesitou em mostrar a todas, e a cada uma, as fotos, mesmo as mais escabrosas.

Os protestos eram constantes por parte da religiosa encarregada de o vigiar, mas Arturo continuou imperturbável, estudando os rostos das rapariguinhas, as diferentes manifestações de medo ou perplexidade. Quando tinha interrogado cerca de metade das crianças, percebeu que talvez estivesse a cometer um erro: a presença inibidora da irmã não permitia que as raparigas agissem naturalmente. Além disso, o tempo que demoravam a entrar no gabinete poderia muito bem estar a ser usado pelas freiras para as intimidar. Levantou-se com um ímpeto tal que quase fez cair a cadeira, e, perante o olhar atônito da freira, saiu da divisão, dirigiu-se às meninas que esperavam em fila e começou a questioná-las aleatoriamente perante a agitação indignada dos hábitos negros. A freira que o estivera a vigiar interpôs-se entre Arturo e as crianças, mas este lançou-lhe um olhar que insinuava que, se fosse preciso, lhe passaria por cima. O susto fê-la fugir a correr e regressar com a diretora e dois homens corpulentos, um deles com cara de touro.

– Capitão Andrade, o que o senhor acaba de fazer é inadmissível. Não vou permitir que continue a assustar as minhas alunas. Acabo de falar com as autoridades de Oviedo e peço-lhe que venha ao meu gabinete para que troquem umas palavras. O senhor terá de justificar certas atitudes e proíbo-o terminantemente de continuar a importunar qualquer uma das minhas meninas.

– Só estou a fazer o meu trabalho, soror Ángela.

– Pois, por hoje, o seu trabalho terminou.

Arturo sorriu e pousou a mão sobre o coração, pedindo desculpas pelo seu «excesso de zelo» e elogiando o trabalho humanitário da

instituição. Fervia por dentro, mas sabia que não procedera da melhor maneira, descontrolara-se. Fez o telefonema pedido e voltou a dizer que estava arrependido, mas soror Ángela insistiu que não, que não sentia arrependimento, que, se fosse capaz de senti-lo, não se teria portado assim. Perante aquela constatação taxativa, Arturo despediu-se com uma expressão sardónica. Uma das meninas, vigiada de perto por uma das freiras, viu-o partir com olhos frenéticos e suplicantes.

Arturo desceu por uma vereda até à praia. Num dos prados, descobriu – rodeada por vacas da cor do açafão, que mugiam languidamente, cansadas das melgas e das carraças – a carroçaria de um carro sobre uns calços de madeira, lentamente devorada pela ferrugem. De repente, via-se sem um plano específico, mas a sua necessidade de escavar para lá do que era confortável persistia, e até mesmo para lá do que era razoável, lógico ou compreensível. Sentiu comichão num lábio, tocou-lhe, tinha-lhe aparecido herpes. Caminhou pela areia; as ondas atingiam a costa com um som constante, o cheiro de sal misturado com as algas em decomposição. Avançou paralelamente à costa, deixando um rasto de pegadas atrás de si. Chegara a altura das prisões e dos interrogatórios, das pessoas mijando pelas pernas abaixo e dizendo «por favor» e «eu não fiz nada», «vocês não sabem com quem se metem», «meu Deus, ajuda-me». Mas isso viria mais à frente, após a fila de peças que se iriam derrubando umas às outras: Lauro, Iniesta, Valentín... Uma camada de suor cobria-lhe o corpo, apeteceu-lhe dar um mergulho. Há quantos anos não entrava no mar? Procurou um lugar resguardado, despiu-se, empilhou a roupa contra uma rocha e correu em direção à costa. O primeiro choque com a água deu-lhe arrepios, estava fria, mas era estimulante, bem como o sabor salgado na boca. Arturo deixou que as ondas rebentassem contra o seu peito, saltando contra elas. Mergulhou com um grito. Passou algum tempo a nadar, sentindo que se livrava de toda a porcaria que tinha acumulado desde que começara a investigação. Saiu da água esfregando vigorosamente os braços, sentou-se num afloramento rochoso e deixou que o ar quente o secasse. Pela primeira vez em muito tempo, sentia-se bem, tonificado, eufórico. O banho provocara-lhe uma fome de lobo. Quando acabou

de se secar, vestiu-se e dirigiu-se à estrada. Dali até Colunga, eram apenas uns quilómetros; podia tentar apanhar boleia ou, simplesmente, dar um passeio. Não passavam carros, pelo que Arturo caminhou tranquilamente pela beira da estrada. Passado pouco tempo, encontrou um restaurante com um comprido balcão de zinco e uma mistura caótica de barris, caixas de sidra, cheias e vazias, garrações, fileiras de chouriços pendurados no teto, mesas, bancos altos e um chão pegajoso coberto de serradura. Àquelas horas quase não havia ninguém. Pediu umas sardinhas, pão e vinho. Enquanto devorava tudo, recordou a frase de Sofia, «deves ter paciência». Apeteceu-lhe esquecer tudo, mas acabou por perguntar ao dono, um indivíduo com um tique nervoso num olho, onde era a praia de Barrigón. Não era muito longe; o homem indicou-lhe um desvio antes de La Isla. Arturo agradeceu a informação, pagou e continuou o seu caminho. Quando chegou ao trilho, desceu até uma faixa estreita de areia fina e dourada, semeada de afloramentos pedregosos e protegida do vento por uma formação rochosa. Ao fundo, no sentido oeste, viu uma ilha e partiu do princípio que se tratava da famosa ilha. Varreu a praia inteira com o olhar, estava deserta. Procurou uma área protegida de onde tivesse uma panorâmica, sentou-se, olhou para o relógio, agarrou num punhado de areia e deixou que o fio dourado lhe fosse deslizando por entre os dedos. Cavou um pequeno buraco. Sentia-se um pouco estúpido, ali, à espera de um encontro ditado pelo que não passara de um simples tesão. Uma gaivota planou em direção à praia; Arturo escolheu as pedras que lhe foi arremessando, enquanto a gaivota dava pequenos saltos para evitá-las, embora sem levantar voo. Já estava cansado de olhar para o relógio quando descobriu, ao longe, um ponto que se aproximava. A figura avançara da praia contígua e assumia gradualmente a forma de uma mulher, até que Arturo pôde reconhecer Sofia. O coração começou a bater-lhe com força, Arturo imaginou todos os tipos de diálogos para começar a conversa, todas as situações possíveis. Quando Sofia o viu, ergueu a mão e Arturo retribuiu o aceno. Estava vestida com uma saia escura e uma blusa branca; olhá-la provocava-lhe uma violenta agitação física, aquela graciosidade dos braços, aquele pescoço.

– Que fazes aqui, tão sozinho?

– Tinha um encontro.

Sofia deteve-se, olhou em volta de maneira teatral.

– Com quem? Uma sereia?

Arturo sorriu e pôs-se de pé sacudindo a areia das calças. A rapariga descreveu um círculo à sua volta sem deixar de o fitar.

– Pensei que não vinhas – disse Arturo.

– Disse-te que costumava passear por aqui.

– É um bom lugar, gosto.

– E, além disso, solitário, um espaço privado, como dizias tu. Para brincar. E ser feliz.

– É uma pena que me vá embora amanhã.

– Mas hoje estás aqui, não é?

– Sim.

– Anda.

Sofia pegou-lhe na mão e conduziu-o para trás de umas rochas. Quando se sentou, picou-se em alguma coisa e praguejou.

– Não combina contigo dizer palavrões – disse Arturo, com humor.

– Não me idealizes.

Riram com vontade. Arturo reparou num sinal, no seu pescoço, que se parecia com um piónés.

– Como te disse, os rapazes de cá não sabem dizer coisas bonitas.

– O que me disseste foi que faziam planos que não te agradavam.

– Isso também.

Arturo franziu os lábios e começou a recitar lenta e claramente um fragmento de um livro, revelando não só o que diziam as palavras, mas também o que ele mesmo pretendia exprimir através delas, uma ideia da sua vida, de como deveria ter sido e de como, infelizmente, não era. Uma emoção repentina e inesperada fez-lhe tremer a boca.

– Porque é que o amor acaba sempre por doer? – perguntou Sofia, com uma certa tristeza.

– Porque a dor nasce sempre de algo profundo. Se não queres sofrer, não ames, mas, se quiseres sentir algo autêntico, tens de amar.

– É sempre assim?

– Sempre.

– Mas é o melhor, essa sensação de que partilhas um segredo com alguém e queres estar sempre com essa pessoa. Tu, o que sentes,

quando estás apaixonado?

– Alegria.

Sofia fez um aceno de assentimento.

– Sabes porque me agradas?

Arturo abanou a cabeça.

– Ontem, vi isso muito bem. Vê-se nos teus olhos, não podes mentir. És um idealista, estúpido, como todos vocês. Perdem tudo por uma ninharia, deixam-se matar por nada. E tu és dos piores, dos que não têm remédio.

Arturo encolheu os ombros e sorriu. Sofia desabotoou a blusa lentamente, sem deixar de olhar para ele. Arturo não conseguia tirar os olhos dos seus seios, do seu ventre, não conseguia dizer nada, o coração batia-lhe muito depressa, era a sensação de ser o escolhido. Sofia notou o seu interesse, o seu desejo, *já te disse que devias ter paciência*, ronronou, *porque às vezes compensa*, beijaram-se e Arturo percorreu-a com as suas mãos, tentando abarcar o máximo possível do seu corpo, o odor a almíscar misturou-se com o salitre. Quando ela estava deitada por baixo dele e a tocou com a ponta do seu pénis, a rapariga negou-se com um sorriso, *tenho de chegar virgem ao altar*, e, então, ele lambeu-a, introduzindo-lhe um dedo no ânus. Sofia sussurrou obscenidades, sons desconexos, atingiu o clímax entre gritinhos contidos. Agarrou-lhe na cabeça com força e arqueou o corpo. Depois, ficou imóvel algum tempo, *estou toda molhada*, Arturo sorriu; a seguir, Sofia introduziu o seu pénis na boca e massajou-lhe os testículos, lânguida, ritmicamente; quando se veio na sua boca, ele sentiu um júbilo indiscreto.

Lauro levava já uns quantos quilómetros com a pulga atrás da orelha. Aquele carro que o seguia era parecido com o que despistara no porto, à ida. O seu olhar passava da estrada para o espelho retrovisor nervosamente, considerando as diversas possibilidades. Depois de administrar um sedativo à miúda, Lauro procurara seguir em contrarrelógio para recuperar o tempo perdido: apesar disso, aquele carro não parecia ter intenções de o largar. Cada vez mais nervoso, começou a praguejar e a blasfemar, a densidade térmica fazia a paisagem ondular, o calor sufocante não ajudava, a ressaca tão-

pouco. Por fim, decidiu que, se andavam à procura dele, iriam encontrá-lo. Desceu o vidro, esticou o braço e acenou para cima e para baixo, enquanto encostava na berma. O carro compreendeu a indicação e parou a curta distância. Lauro permaneceu sentado, vigilante. Passaram vários segundos até que a porta do carro se abriu e o homem, magro como um espeto, encaminhou-se lentamente para a carrinha. Lauro nem sequer fez menção de sair; cravaram os olhos um no outro e ficaram assim, sem que nenhum deles desse sinais de vacilar. Lauro vasculhou por baixo do banco do passageiro, tirou uma pasta e remexeu nuns papéis até separar um. Entregou-o a Manolete.

– Parvalhão – acrescentou.

Manolete não acusou o golpe, demorou o seu tempo a ler o salvo-conduto, murmurando cada palavra com os lábios.

– Estás legal, melro – confirmou.

Depois, deu uma dentadinha na folha, mastigou com fleuma, engoliu, deu outra dentada, mastigou, engoliu, deu outra dentada...

17. Unicórnios

Todos nos movemos entre a compaixão e a hostilidade, entre a lucidez e a cegueira, entre o ódio e a ternura, e, mais tarde, empenhamo-nos em reconstruir o passado para nos livrarmos do que nos incomoda, assusta ou magoa, em função de um presente que nos indica como situar, de forma diferente, uma recordação ou eliminar outra. A memória daqueles dias, dos factos que se desencadearam na sequência da detenção de Lauro na estepe leonesa, moldou-se nas mentes dos seus protagonistas seguindo esta inércia. Arturo percebeu que tinham de agir sem demora e pôs em marcha todo o mecanismo discreto e coercivo do SIAEM para realizar detenções adicionais. Desde que soou o primeiro estalido dos grilhões, Rubén Iniesta, aliás, René, gozou da proteção invisível que proporcionam os favores em dívida. *O senhor compreende, capitão Andrade*, disse a voz do outro lado da linha, crepitando como uma fogueira, que tendo já um culpado seria contraproducente que fossem conhecidas certas ramificações do caso que não acrescentam nada ao cerne da matéria e que resultariam numa série de incómodos inadequados para pessoas que trabalham com um fervor sistemático e incorruptível para o bem-estar da pátria, e que não entendesse mal a sua sugestão, que não era uma ordem, continuou a voz, coisa de que estava certo, porque lhe constava que o capitão Arturo Andrade era um dos grandes defensores do Estado contra os seus inimigos, e que estava em jogo a imagem do país no interior e no exterior, um país que está em paz e onde os homicídios são apenas coisas de vermelhos ou de lunáticos, que geralmente são ambas as coisas ao mesmo tempo. Quando Arturo respondeu que concordava com os seus conselhos, mas que, para esse país, era inaceitável admitir certos comportamentos dilatados no tempo, a voz mostrou-se compreensiva e insinuou que poderia afastar os peões desde que os reis se mantivessem privilegiados e informados. O motorista *cantou* desde o primeiro instante, mas a dor tinha camadas, era muito profunda e, remexendo-a bem, era possível continuar a descobrir novos e imensos abismos. Se isto não conseguia deitar abaixo um homem, não era preciso mais dor, bastava eliminar as suas esperanças, de qualquer tipo. Com Lauro, não fora preciso ir

até ao fim, mas quiseram apertar com ele para ter a certeza: um nariz partido, o peito que queimava, as pernas regadas com o seu próprio vômito. Os detalhes brotavam a jorros, às vezes, emaranhados, outras, concisos, mas tudo «cheirava mal como um peido gigante», como bem resumira Manolete. Os elos da cadeia tinham sido tão bem isolados que não havia evidências – ou havia margem suficiente para que os suspeitos pudessem alegar ignorância – de que Rubén Iniesta conhecesse a identidade dos clientes de Valentín ou de que soror Ángela pudesse estar ao corrente do destino das meninas. Lauro descreveu os lugares e as horas das entregas, e uma investigação posterior revelou que, dos seis «serviços especiais», o primeiro fora uma adoção irregular e que houvera duas «encomendas» de casas de putas e outra de uma menina para uma orgia privada. No primeiro caso, não tinham sido tomadas nenhuma medidas. No que se refere aos bordéis, as meninas foram devolvidas aos lares e fizeram-se algumas detenções em que se usou o chicote à discrição; no caso do bacanal, também não conseguiram fazer grande coisa devido ao nome de família do organizador, embora a desgraçada menina já tivesse sido devolvida ao Auxílio Social. À medida que apuravam os factos, a compaixão, o nojo e a vergonha passaram a ser emoções habituais. Manolete estava cada vez mais ansioso, os sintomas eram evidentes quando fumava, consumindo alguns cigarros até à boquilha, terminando outros com duas passas nervosas ou esmagando-os logo depois de acendê-los. No que dizia respeito às duas últimas crianças em torno das quais girava o caso – a menina a quem chamaram Catalina e a criança por identificar –, quem quer que fosse o responsável organizara tudo de maneira cuidadosa: em ambas as ocasiões, confessou Lauro, entre lágrimas e ranho, esperara durante a noite num bosque.

Manolete estacionou ao lado de um olival e saiu do carro com Lauro e Arturo, ambos com as suas lanternas. Os feixes de luz abriam sulcos na escuridão, atraindo uma vaga de traças e mosquitos em direção à luminosidade amarelada.

– Chamam-lhe o bosque do bufo-real – prosseguiu Lauro, com uma nódoa negra numa das faces que ia piorando de aspeto –, mas em

quarenta anos nunca se viu nenhum por aqui⁹.

– Se calhar, não reparaste bem – comentou Manolete.

Lauro não soube como interpretar o comentário, pelo que não se arriscou a responder. Contou que devia esperar ali, com os faróis apagados, procurando não chamar a atenção, embora... que atenção iria chamar no meio daquele ermo onde só havia alimárias? Arturo estudou a zona por onde o motorista lhe indicou que o homem costumava aparecer. Estavam longe da cabana, mas não tanto que não fosse possível chegar lá num tempo razoável.

– Vinha com a cara tapada, tinha uma voz pouco agradável.

– Como era? – perguntou Arturo.

– Alto, de ombros largos. Quando abria a boca, via-se que tinha dentes de cavalo.

Lauro contou-lhes o inesperado episódio em que o homem tirara o passa-montanhas ao vir buscar a primeira menina, Catalina, e descreveu também o seu nariz pontiagudo, as suas explicações educadas, o modo como se apresentara como Javier.

– Continua.

– Não falava muito; das duas vezes que nos encontramos ordenou-me a mesma coisa, tinha de ficar a dormir ali, no bosque, e ir-me embora de manhã, e que ninguém me visse em nenhum lugar habitado. Também porque, se não gostassem da mercadoria, viriam devolver-na nessa mesma noite. Insistiu muito nisso.

– Que impressão te deu o indivíduo?

– Que impressão, como?

– Era alguém com autoridade?

– Era só um empregado.

Iniciaram a travessia do bosque, precedidos pelo oscilar das luzes das lanternas. Foram-se orientando como puderam, com uma bússola e duas ou três referências geográficas, controlando o tempo que iam demorando no percurso. De repente, algo se moveu furiosamente entre a vegetação cerrada, encaminhou-se para eles, mas, depois, parou e mudou de direção. Manolete e Arturo ficaram em suspenso, à espera, com as armas a postos e os nervos em tensão; de seguida, prosseguiram por uma vereda que avançava na diagonal. Demoraram cerca de uma hora a chegar ao azinhal que rodeava a cabana. Arturo

considerou que o trajeto se poderia fazer em muito menos tempo se se conhecesse a área, embora lhe sobrassem incertezas e hipóteses.

– E tu sabias para que fim levavas essas miúdas?

– Já lhe disse, capitão, não, não, como ia saber? Quem teria estômago para fazer uma coisa dessas?

Enquanto Arturo voltava a percorrer a cabana, recordou que Lauro receara responder-lhe, talvez pela natureza da pergunta em si. O local exalava um silêncio próprio, diferente de outros silêncios, produzido por todos os que não queriam olhar para aquilo ou que queriam encobri-lo ou que estavam diretamente envolvidos. Naquele catre ensanguentado, concentrava-se tudo o que nos definia como animais, a fome, a libido, uma aura de fatalidade rodeava todo o cenário, uma fria aceitação de que a realidade era um lodo onde tudo se afundava, a boa vontade, o bem, o mal, a beleza, a mentira, qualquer manifestação da vida humana, a crueldade, o rancor, a compaixão, tudo desaparecia irremediavelmente. Mas um homem não podia permitir que aquilo fosse eliminado.

– Da segunda vez, acordaram-me por volta das cinco da manhã – disse Lauro –, bateram-me à janela, para dizer a verdade, pregaram-me um susto de morte. Era outra vez aquele tipo, não parecia nervoso, mas vinha muito sério, com pressa. Trazia a rapariga enrolada numa manta, parecia estar a dormir, meteu-a na caixa da carrinha e sentou-se no banco ao meu lado. Mandou-me arrancar, que tinha de a levar para outro sítio.

– E aquilo tudo não te pareceu estranho? Não suspeitaste de nada?

– Já vi de tudo na vida, desculpe falar assim, e eu estava ali para conduzir. Não perguntei nada e, se tinha alguma suspeita, não disse nada e limitei-me a fazer o que me mandavam. Apanhámos a estrada; havia uma zona cheia de buracos e eu quis ir mais devagar, mas ele disse que não, que tinha pressa, e aconteceu o que era escusado. Tivemos de mudar o pneu à luz das lanternas.

– E mais nada?

– Como, mais nada?

– Mudaram o pneu e voltaram para dentro do carro?

Arturo fixava-o com um olhar fulminante. O motorista voltou a rever, na sua cabeça, toda a sequência de acontecimentos daquela

noite. Pareceu muito aliviado quando encontrou o que procurava.

– Ah, sim, o tipo voltou a entrar na caixa, suponho que para ver como estava a miúda, pelo menos foi isso que na altura pensei – corrigiu-se. – Quando saiu, não disse nada, só queria que me apressasse.

– Falaram de alguma coisa durante o trajeto?

– Não, de nada. Ele só me disse por onde queria que fôssemos.

Lauro voltou a seguir as sucintas indicações que o homem lhe dera. Chegaram ao desvio que levava ao azinhal e parou o veículo junto a uma propriedade de aspeto árido e seco. Dessa vez, saiu do carro com Manolete e Arturo.

– Da outra vez, nem saí cá para fora – disse Lauro –, o tipo pegou na miúda ao colo e disse-me que já tinha terminado o meu trabalho, que podia ir embora. Eu não discuti com ele, aquilo já me estava a cheirar mal e tinha vontade de ir para o mais longe possível dali.

– Assim, sem mais.

– Sim.

As lanternas percorreram os torrões ressequidos até chegarem à zona de terra revolvida onde a menina fora enterrada. Aquele Javier tinha uma pá escondida? Ou cavara a cova com as próprias mãos? Tivera ajuda? A menina não estava sepultada muito fundo, caso contrário, os porcos não a teriam conseguido desenterrar. Tinham planeado tudo de antemão ou agiram de improviso? Se, da vez anterior, tinham soltado Catalina – ou esta havia escapado –, o que poderia concluir daquela ignomínia? Recordou as palavras de Eliseo Sánchez, em Madrid. Arturo podia traçar hipótese atrás de hipótese, uma pilha delas, sem que isso o fizesse avançar um só metro. As luzes das lanternas continuaram a cruzar-se aqui e ali, enquanto esclareciam algumas coisas com o motorista. Agora, todo o peso daquela abóbada apoiava-se sobre um único ponto: Valentín Antuña. Mas aquele desgraçado desaparecera, ninguém sabia dele há dias, facto que lhes contava uma história muito mais interessante e precisa do que aqueles torrões de terra que emergiam na escuridão da noite, para logo voltarem a afundar-se.

Escapara por um triz à rusga da polícia. Antes de ir para casa,

Valentín tinha falado com Rubén Iniesta, que o avisara de que não recebera o telefonema de Lauro; aquelas comunicações regulares estavam estipuladas de forma a prevenir imponderáveis. Soror Ángela acabou por lhe confirmar a precariedade da sua situação ao referir-lhe a visita que aquele capitão lhes tinha feito. Valentín tentou acalmá-la, assegurando-lhe que tudo estava sob controlo, enquanto o suor lhe escorria pelo corpo. Vigiou a sua casa a partir de um bar nas proximidades, as suas tentativas posteriores de comunicar com Rubén foram infrutíferas; quando viu aqueles homens entrarem calmamente pela porta do seu prédio, soube que tinha de se evaporar. Em Madrid, hospedou-se numa pensão, em Carabanchel. O zumbido das pessoas, o tráfego, as conversas aos altos berros deram-lhe um sentimento de proteção temporária que lhe faltava em Cáceres. Inicialmente, pusera de parte a ideia de ligar ao juiz. Este já o avisara de que nem pensasse em transgredir as suas ordens, sob pena de o deixar sem proteção, mas, com o passar dos dias, a ansiedade tornou-se mais aguda, todos os seus medos e fraquezas começaram a estilhaçar qualquer vestígio de moderação, e pensou em pedir clemência. Tinha evitado os lugares que costumava frequentar em Madrid, o café Riesgo, o Molinero, La Zarzuela... mas, naquela tarde, não conseguira aguentar mais e saíra para dar uma volta, precisava de uma bebida. Acabou no cabaré Pasapoga; sentia-se bem naquela atmosfera de turbulenta decadência, repleta de prostitutas, boémios, vigaristas e degenerados. Não ter de olhar ao espelho e enfrentar as falhas do seu carácter era o que o levava a sítios daqueles, onde todos fugiam de algo, especialmente de si mesmos, e as aguardentes, servidas uma após a outra, acabavam por amenizar os remorsos, a autopiedade e a inveja. Encostado ao balcão do bar, embalado pelo álcool, entregou-se àquela atmosfera abafada, às colunas falsas e ao ambiente lascivo e dissoluto de um esplendor lendário. O passado surgia-lhe como algo que podia ser mudado, era-lhe permitido revogar algumas das suas decisões ou, se necessário, evitar as consequências. Parecia que os seus olhos se dilatavam, que via mais fundo. Poderia ligar ao juiz e armar uma história que o exonerasse ou, melhor ainda, pedir-lhe perdão, certamente que o compreenderia e, mesmo que empregasse palavras duras e contundentes, voltaria a abrigá-lo sob a sua asa. Adotou gestos e frases

descaradamente teatrais, como se já estivesse a abordar a questão. Decidiu que, na manhã seguinte, trataria do problema, mas ainda havia lugares a visitar antes de enfrentar a luz dura e inóspita da realidade. Sentiu uma leve tontura ao levantar-se de depressa de mais, acabou a bebida com um só gole e saiu.

– Olha que sorte tivemos, é o Valentín em pessoa...

Ao início, Valentín não reconheceu os dois homens que tinha diante de si. Eram corpulentos e vestiam casacos de couro, apesar do calor. Tentou dizer alguma coisa, mas a língua travou-se-lhe. Conseguiu fixá-los melhor e, quando os reconheceu, o medo formou um dique no seu interior.

– O nosso chefe anda há que tempos à tua procura, Valentín.

– Por favor, já lhe disse que pagava, estou à espera do dinheiro – a voz tremia-lhe, engoliu a saliva.

– Já se cansou.

– Amanhã, terei o dinheiro, prometo.

O homem que até aí permanecera em silêncio murmurou algo ao ouvido do que falava. Este assentiu, encolheu os ombros e exibiu um sorriso trocista.

– Claro, Valentín, tenho a certeza. O problema é que, como te disse, o chefe está cansado. Muito.

Os homens olharam-no com uma expressão resoluta. O primeiro golpe veio sem aviso, com precisão, e, antes que Valentín pudesse erguer os braços para proteger o rosto, o segundo derrubou-o. A partir daí, iniciou-se uma contenda cruel. Os homens arrastaram-no para uma zona menos movimentada; um deles imobilizou-o, enquanto o outro se ocupava a desferir-lhe golpes contundentes na barriga, no rosto, no tórax, a cartilagem nasal cedia, os ossos quebravam-se. Recebeu uma joelhada brutal nos testículos, uma dor aguda e implacável atravessou-lhe o corpo, as náuseas fizeram-no vomitar. Mas o espancamento não terminara. As pancadas seguintes atingiram-lhe as têmporas, os olhos, as faces; Valentín sentiu os lábios rasgarem-se e penderem como um trapo entre os dentes, a pele que se embotava como borracha sólida, perguntava a si mesmo porque não perdia logo a consciência. Ouviu a sua respiração forçada devido ao cansaço, sentiu o gosto metálico do sangue misturado com o sal das lágrimas e

o cheiro a urina. Tinha feito xixi pelas pernas abaixo. De repente, a violência cessou. Valentín permaneceu no chão, aterrorizado. Não se atreveu a mover, tinha a mente envolta numa espécie de nevoeiro, qualquer movimento que tentasse causava-lhe uma grande dor. Tinham-no deixado ali sozinho, mas um medo instintivo impelia-o a fugir, a esconder-se. Ergueu-se lentamente e pôs-se de joelhos, primeiro, para logo a seguir levantar-se. Caminhou aos tropeções, tinha a visão afetada, só conseguia ver de um olho. Dirigiu-se para a escuridão, cuspiu um dente, notava a mandíbula deslocada, o nariz borbulhante, o peito que lhe ardia. Apesar do calor, os seus dentes começaram a bater. Sobreviver. Só queria sobreviver. Teria feito qualquer coisa para sobreviver.

– Olha que sorte tivemos, é o Valentín em pessoa...

Como se o tempo tivesse rebobinado, voltou a ver os homens na sua frente.

– Por favor, por favor, por favor...

As frases repetiam-se apenas na sua mente, porque o maxilar partido não lhe permitia vocalizar sons decifráveis. Foi nesse momento que teve aquela certeza espantosa sobre o que se ia passar e pensou que não poderia ser assim, que toda a gente deveria ter tempo para se preparar para algo como aquilo, que ele ainda era novo, que um tipo não podia sair bêbedo de um bar e saber que a seguir tudo se acabaria, que as coisas se deveriam poder compor, que deveria poder tomar mais um copo. Olhou para os homens e soube que era o seu fim – gostaria de enfrentar aquilo de forma digna. Tentou suplicar, mas da sua boca saíam apenas gemidos, ajoelhou-se, estendeu as mãos, *não quero morrer*, pensava, *não quero morrer*, *não estou pronto*, prometeu a Deus que, se escapasse daquela, se emendaria, endireitaria a sua vida, deixaria as apostas, o álcool, os esquemas sujos com os lares, pagaria as suas dívidas, não haveria mais segredos nem mais mentiras, só queria ir para casa, organizar as ideias, a sua vida, tudo o que precisava era de um pouco mais de tempo, *imploro-vos*, *imploro-vos*, *isto foi uma lição*, *aprendi alguma coisa*, nos olhos daqueles homens pensou ver compreensão, compaixão, até mesmo amor, sorriam-lhe. Continuou a acreditar que havia esperança, mesmo quando sentiu o frio na virilha, que se foi transformando num calor abrasador que lhe

atravessou o peito e lhe cortou a respiração.

Quando Arturo soube onde tinham encontrado o corpo de Valentín Antuña, decidiu que ia pescar. Deu a notícia a Manolete, que começou a preparar as tralhas. Iam instalar-se em Arroyo de la Luz e tirar alguns dias de folga. Arturo não achava que tivera um daqueles problemas frustrantes ou que estivera imerso num movimento circular e repetitivo, que não oferecia nenhuma solução ou escapatória. Na verdade, não era impotência que sentia, mas tédio. Já tinha considerado aquela possibilidade e, embora não houvesse nada que se encaixasse exatamente, os seus pensamentos tornaram-se mais intuitivos, mais frenéticos, canalizando-se para uma cartada final. Devia simplesmente organizar-se de forma a conseguir fintar o medo, as vaidades e os interesses, as reviravoltas nas opiniões, o diapasão político encarregado de deformar tudo à base de refrões e mentiras. Depois disso, já não haveria apelo. Quando Arturo se metia na água, achava estimulante sentir a corrente fria nos tornozelos, os pés descalços que se viam tão nitidamente como se o rio fosse ar, as partículas de mica que brilhavam no fundo, as trutas de reflexos furta-cores imóveis contra o fluxo de água constante. Às vezes, também lia, deixava que as palavras dos grandes fluíssem como um rio através dele. Conversava com Manolete, bebiam, comentavam dores novas e cicatrizes antigas. No terceiro dia, apanhou uma flor e partiu-lhe o caule; a seiva pegajosa escorreu com um odor pungente que Arturo respirou fundo. Decidiu, então, fazer a chamada que iria pôr tudo em movimento. Eliseo Sánchez mostrou-se surpreendido com a conversa, mas não o suficiente para não querer também ele ir à pesca, desta vez, em águas turvas, e avançou uma contraproposta que, imaginou Arturo, estaria a fazer estremecer de prazer a sua trémula papada. Após o acordo, Arturo disse a Manolete para preparar o carro. Iam dar um passeio.

– Onde vamos, tenente?

– Buscar uma pessoa.

Quando Mencía abriu a porta e se deparou com aquele capitão, não imaginava o passeio pelo horror que ele lhe reservara. A voz de Arturo

era cordial, com mudanças de tom, descidas, matizes tranquilos, e ele não vinha investido da autoridade oficial de quem julga ou impõe castigos, mas com aquele ar piedoso de quem ouve e condescende. Explicou-lhe a situação e apontou para o carro onde o companheiro aguardava; Manolete olhou para ela de modo estranho, Mencía não soube como interpretá-lo. Não fora uma ordem, ela sabia que devia simplesmente segui-lo onde a levasse, porque o que ele queria mostrar-lhe era que não havia maior fraqueza que amar alguém, a certeza de que, se temos uma alma, sofreremos por isso. Organizou as coisas para que Nieves tomasse conta de tudo e assegurou-lhes que voltaria no dia seguinte. Quando ela já se encontrava no carro, Arturo aproveitou a oportunidade para entrar na casa; permaneceu uns instantes no seu interior. Mencía sentiu um terror atávico, o de todas as mães perante uma ameaça abstrata à sua prole, mas a sua apreensão desapareceu quando Arturo saiu e viu as suas duas filhas enquadradas pela ombreira da porta, dizendo-lhe adeus, embora com uma expressão de assombro e perplexidade.

Ventas. Diante das paredes vermelhas e brancas da prisão de Ventas, Mencía foi testemunha das filas de parentes das reclusas, os embrulhos nas mãos, os rostos ansiosos, as revistas fastidiosas dos pacotes, os corpos amontoados contra a rede metálica que os separava no locutório, esticando as mãos para se tocarem, os olhos que não se largavam quando se despediam, a raiva soterrada, a violência contida. Arturo ia sempre um passo atrás dela, como um corredor, sem nunca a perder de vista, deixando-a sufocar lentamente antes de saltar de repente e esmagá-la, largando aqui e ali frases monótonas, as mães que não avisavam que os filhos estavam doentes para que não lhos tirassem, o limite biológico de três anos após o qual as crianças eram enviadas para as instituições do Auxílio Social, sem possibilidade de contacto até ao cumprimento integral das sentenças e, mesmo assim, sem garantia de as virem a reencontrar. Por vezes, Mencía ficava lívida, ofegante; a mesma Mencía que suportara humilhações e dor, sem vacilar, perdia ali a cabeça quando Arturo mencionava as deportações das crianças criadas em ambientes republicanos, as certidões de batismo falsificadas, as páginas arrancadas dos assentos

paroquiais, o entusiasmo redentor do Patronato de la Merced, levado muito além do recomendável... Às vezes, bastava a Arturo uma só palavra para revelar a vastidão de todo aquele ímpio passado submerso. Quando abandonaram o edifício, Arturo convidou-a a entrar no carro e ordenou a Manolete que fossem diretos para a ponte de Segóvia; ainda tinha de lhe mostrar mais «coisas inesperadas e desagradáveis», porque, segundo ele, a única maneira de encararmos a vida era estarmos preparados para o pior. A prisão para mães lactantes era uma casa no número 5 da estrada de San Isidro, perto das margens do Manzanares, onde as presas permaneciam até que os filhos completassem três anos. Arturo acompanhou-a num breve trajeto por celas e refeitórios. Ali, sob a garantia de uma vida civilizada, o poder explorava os seus limites sem qualquer tipo de freio, sublimava a sua força, mães que não podiam levar consigo os filhos quando deixavam o local, mães que não podiam aproximar-se dos filhos mesmo quando estavam doentes, mães a quem só era permitido ter os seus filhos nos braços uma hora por dia, durante a amamentação... Diante de uma daquelas mulheres que amamentavam o seu bebé, de lábios pressionados contra uma pele branca e resplandecente de plenitude, as feições relaxadas da mãe, que exalavam uma ternura densa e adocicada diante de toda aquela simetria vital, Arturo continuou a explicar um modelo ideal do sistema, a aplicação magistral de todas as ideias de segregação, reeducação e doutrinação, para que as gerações futuras evitassem seguir o «caminho errado». Quando Manolete viu Mencía sair, esta era outra mulher, como se o tempo tivesse quebrado todas as suas defesas e a tivesse envelhecido por completo. Arturo permaneceu deliberadamente sereno. Aquela visita transtornara a pobre mulher, mas também era bom ver como ela se sobrepunha àquele golpe, porque Mencía aceitava o mundo com a sua crueldade e os seus paradoxos, com os seus reveses, sem hesitação, como se aceitava o pão ou a chuva, o mesmo mundo que devia legar às suas filhas. A mulher não considerava que Arturo cometera um ultraje. Doía, tanto como uma vergastada nas costas ou um dedo partido, mas não deixava de ser um facto da vida.

– O que deseja, capitão?

O que maravilhou Arturo não foi a coragem com que se ofereceu

naquela pergunta, mas o amor, todo o amor que lhe dava força, tão compacto que quase podia desviá-lo com a mão como se fosse uma cortina de veludo. Arturo sorriu, puxou das cartas de Cuba, entregou-lhas e depois pousou a mão sobre o seu ventre.

Gabino Cabañas estava debruçado sobre a mesa, reagrupando as bolas da sua solitária partida de bilhar. Viu entrar Arturo, que trazia nas mãos duas cervejas; olhou para a sua, ainda a meio, sobre uma das esquinas da mesa, fez um trejeito com os lábios. Arturo colocou-lhe outra, ao lado, bebeu um gole da sua garrafa e, em seguida, fechou a porta da sala privada.

– Bom dia, capitão. Passei toda a manhã a pensar porque queria o senhor jogar outra partida de bilhar.

– Masoquismo – respondeu Arturo, pousando a sua cerveja.

Tirou o casaco e, à imagem do adversário, ficou em mangas de camisa. Gabino acabou de dispor as bolas em triângulo e convidou-o a iniciar a partida. Arturo abanou a cabeça.

– O senhor continua a ser o anfitrião.

Gabino Cabañas notou um tremor no pulso, mas passou giz na ponta do taco e começou a enfiar as bolas umas atrás das outras, sem dar qualquer hipótese a Arturo.

– Não gosto de perder, Gabino, mas acho fascinante contemplar como o senhor joga.

– Muito obrigado.

– Sim, é um prazer desfrutar das coisas bem feitas e, além disso, mostra-me perfeitamente quais são os meus limites, como reconhecê-los, como saber onde não devo estar.

Gabino observou o estranho sorriso de Arturo. Sentiu o suor nas axilas e teve consciência de que aquele capitão notava as suas olheiras violáceas, a sua serenidade fingida.

– O senhor reza, Gabino?

– Quando posso.

– E reza por quê?

– Receio que seja muito tradicional: pela salvação da minha alma.

Arturo assentiu. Convidou-o a iniciar outra partida, apoiou-se no seu taco e testemunhou como as bolas entravam sucessivamente com

ruidos ocos, enquanto a bola branca descrevia o seu caminho de regresso. A pressão fazia com que Gabino se concentrasse mais em evitar os erros. Quando restava apenas a bola preta, inclinou-se cuidadosamente sobre a mesa.

– Suponho que já saiba da desgraça de Valentín Antuña – interrompeu-o Arturo, bebendo um gole da sua cerveja.

Gabino desviou o olhar da ponta do taco.

– Quem vai por maus caminhos...

– E, além disso, era da Opus – ironizou Arturo.

Gabino fez uma careta de desdém e deu uma tacada vigorosa. A bola negra entrou abruptamente no buraco. Ergueu-se muito sério.

– Capitão, achei que tínhamos acordado que eu não tinha nada que ver com isso.

– E cumprio o acordo. Não estamos aqui por si.

– E, então? Estamos porquê?

Arturo abriu os braços indicando o evidente.

– Para jogar. Porque não jogamos uma última partida?

– Quererá dizer porque não jogo eu uma última partida? – perguntou, com ênfase.

Arturo sorriu com uma ponta de tristeza e terminou a cerveja de um gole. Gabino agrupou as bolas, tacou a branca com toda a força, para quebrar a sua geometria perfeita, mas planeando cuidadosamente a estratégia – apesar de as suas tacadas serem dadas com raiva e desprezo, como se quisesse demonstrar a Arturo toda a sua impotência numa mesa de bilhar. À medida que progredia, os seus movimentos foram-se tornando mais rápidos que precisos, disparando o taco antes de demorar o tempo necessário a calcular o posicionamento das bolas, com uma expressão rígida que procurava mascarar a sua ira. Não obstante, conseguiu chegar ao fim: direcionou a bola preta para um dos buracos, mas, quando esta estava prestes a entrar, Arturo agarrou-a e ergueu-a à altura do ouvido.

– Diga ao juiz que quero vê-lo esta semana, o mais rapidamente possível.

Gabino foi incapaz de esconder o seu espanto. Na sua cabeça, amontoaram-se as perguntas, mas qualquer uma delas seria um indício que apontaria diretamente para a sua responsabilidade.

– E não se preocupe – acrescentou Arturo –, o nosso acordo continua de pé. O senhor é apenas o mensageiro. Considere isto outro passo na direção certa.

Arturo enfiou a bola num bolso do casaco, vestiu-o e despediu-se com um aceno ligeiro. Quando estava prestes a sair da sala, voltou-se.

– Ah, e diga-lhe também que vivemos todos na incerteza.

Ao sair, fechou a porta delicadamente.

A ermida de Santa Cruz, mais conhecida como Cruzeiro, localizava-se no cimo de uma colina de onde se podia vislumbrar, a poucos quilómetros, o mosteiro de Guadalupe. Dizia-se que, aos pés da sua cruz, Miguel de Cervantes, em pessoa, viera depositar os seus grilhões, como oferta, após a sua libertação pelos turcos¹⁰. Sob aquele sol, tudo procurava uma sombra; José Antonio Ponce refugiara-se debaixo da arquitetura mudéjar da ermida, entretido a admirar as arquivoltas rematadas por anjos em oração, possivelmente convidando os viajantes que ali paravam a tal atividade. O juiz gostava daquele sítio, não ficava longe da sua quinta: o cheiro perfumado do tojo, dos zimbros, dos carvalhos e das azinheiras, a paisagem solene das montanhas. A simplicidade e o charme do pequeno templo nunca deixavam de o surpreender, recordando-lhe a necessidade de renovar o sentimento de assombro perante o mundo criado pelo Altíssimo. Da mesma forma, o Cruzeiro insistia em lembrar-lhe uma verdade axiomática, mas deliberadamente pouco observada: Deus também era juiz e vigiava-nos de cima, no Além, no mundo que se seguia àquele em que habitamos – uma mera aparência, pobre e suja; e, apesar da Sua bondade, já tinha designado quem se salvaria, assim como todos aqueles que rejeitaria. Essa era a verdade inexorável de uma condenação decidida de antemão. Benzeu-se com fúria. Também ele vigiava, encarregava-se de controlar os desvios tolos do povo, o mesmo povo que, devido às suas limitadas faculdades espirituais, se empenhava em gozar o que a vida oferecia aqui e agora em vez de aspirar à plenitude de uma felicidade adiada, mas eterna. Não importava. Ele continuaria a ser um pilar, uma barragem dialética contra a mundanidade, para doutrinar, reformar e, se necessário, eliminar qualquer ameaça. O som de um motor arrancou-o aos seus

pensamentos. O juiz saiu da ermida e viu um carro parado ao pé da curta mas íngreme encosta.

Quando Gabino Cabañas lhe transmitiu a mensagem daquele capitão, assegurando-lhe que não lhe contara o que quer que fosse, experimentou uma sensação residual de fúria, mas acreditou nele. Tão-pouco sentiu qualquer surpresa ou espanto, talvez apenas uma pontinha de raiva, bastante diluída na admiração por um indivíduo que mostrara ser capaz de abrir caminho por entre o imobilismo e a propaganda. Nesse sentido, o assassinato de Valentín Antuña representara um inesperado alívio, porque a compartimentação da informação jogava a seu favor. A árvore tombara e os macacos dispersavam, cada um procurando refúgio nos seus próprios aliados e recursos. A partir daquela ermida, ele era o único que guardava o que houvesse para guardar. A lição que deveria tirar de tudo aquilo era que a ausência de adversidade em que tinham prosperado era muito perigosa, fora o sentido irreal de segurança, por ela proporcionado, que os conduzira àquele ponto. Era uma lição que nunca mais deveria esquecer.

O sol aquecia o metal do carro; Arturo esfregou a palma da mão queimada. Pôs os óculos escuros, observou a encosta ascendente, disse algo a Manolete e começou a subir a colina, com calma. Dirigia-se ao próprio vórtice de todo aquele assunto. Alcançou o cimo e passou um lenço pela testa. O juiz observava-o, com o rosto inchado, um tremor no queixo, transpirado, mas sereno.

– Curioso lugar, não o conhecia – disse Arturo.

– É isolado, tranquilo, aqui sinto-me bem.

Arturo ficou surpreendido diante da voz profunda, ressonante, e admirou sinceramente as bonitas proporções da capelinha.

– E o que o trouxe aqui, capitão? Quer fazer alguma oferta?

– Ia trazer um pote de mel, mas não sabia se encontraria algum da mesma qualidade do que comem Gabino Cabañas ou Eliseo Sánchez.

José Antonio Ponce apertou os lábios, fechou os olhos e ergueu o queixo. Acabava de entender o laço em que se deixara apanhar: o capitão tinha apostado num chamariz porque não tinha nada, apenas indícios, ligações rarefeitas, intuições desesperadas. Apenas a sua presença, ali, lhe dera algo sólido. Portanto, bastar-lhe-ia ir-se embora.

Façamos isto com elegância, pensou.

– De modo que vivemos todos na incerteza.

– Todos – confirmou Arturo. – Não imagina como me sinto aliviado por o senhor ter vindo.

– Imagino.

– Ao menos, agora tenho um interlocutor.

– Receio que não disponha de muito tempo, estará ao corrente das minhas obrigações.

– E quais são elas, *don* José Antonio?

– Controlar os instintos, capitão. O senhor sabe melhor que eu que o ser humano é associal, violento, destrutivo. O mito de uma raça gregária é uma história da carochinha, somos seres sociais desde que haja controlo do nosso estado natural, seja ele exercido por Deus ou por mim.

– É verdade que somos fracos, conflituosos, e que o nosso coração é solitário, mesquinho, brutal, supersticioso, cruel, intolerante, grosseiro, invejoso e estúpido, mas apenas com essa bagagem não teríamos sobrevivido. Que é feito do amor, da piedade, da compaixão, *don* José Antonio?

O juiz franziu uma sobrancelha com um cinismo jovial.

– O amor... É verdade. Quem quereria viver num mundo onde isso não fosse verdade...?

– Da maneira como eu vejo as coisas, o problema dessa justiça que o senhor defende é que não é imune à bajulação, à mentira, à hipocrisia. Mas, acima de tudo, ao dinheiro.

– Olhe, capitão, aquilo que é verdadeiramente imoral é pretender que uma coisa se realize por artes de magia simplesmente porque o desejamos, quando a única coisa moral é a vontade firme de dispor dos meios para a execução desse desejo.

– Inclusivamente estigmatizando as pessoas, aviltando-as, anulando-as.

– Se se refere àquele professor infeliz, todas as provas o acusam.

– Não, não me refiro a Diego Peinado.

Arturo entrou na ermida, puxou das fotos das meninas e colocou-as contra a cruz. José Antonio Ponce esforçou-se para não evocar quaisquer memórias. Apesar disso, os seus olhos perderam vivacidade

e experimentou um brevíssimo episódio de confusão e remorso. Permaneceu em silêncio, indeciso sobre que rumo tomaria a conversa.

– Não diz nada, senhor juiz?

– Eu lido todos os dias com a ambiguidade, capitão, com a forma de fazer com que as coisas funcionem e os absolutos não cilindrem o nosso projeto de sociedade. Não podemos atacar a essência do sistema, apenas as excrescências incontroláveis, e há certas coisas que o senhor não está autorizado a perguntar porque, se lhe dessem explicações, talvez não as entendesse ou, muito simplesmente, lhe fossem inúteis.

– Nessa penumbra que o senhor tenta defender, meritíssimo, forjam-se o remorso, a culpa e o ódio, um isolamento mental, uma endogamia que qualquer dia explodirá com uma violência que os senhores não serão nunca capazes de imaginar.

José Antonio Ponce abanou a cabeça energicamente, demonstrando toda a sua incredulidade.

– O senhor, capitão, não é capaz de compreender certas coisas.

Exibiu uma expressão de desprezo e começou a andar, mas Arturo agarrou-lhe no braço. Sorriu com apatia.

– O senhor tem razão e, às vezes, sinto-me mal por isso e não posso fazer nada do que devia fazer, nem acreditar no que é suposto. A esta altura, nem sequer sei, até, em que é que eu devo acreditar, mas tenho estas fotos, que são qualquer coisa de tangível, algo em que posso tocar.

O juiz soltou-se com um violento puxão. Parecia transtornado, tinha o rosto ruborizado, pleno de cólera.

– O senhor parece perseguir a individualidade, capitão Andrade, mas uma colmeia não é o lugar mais adequado para o fazer. Nela, quem não é vítima é cúmplice ou, como o senhor, verdugo. E desde quando os verdugos fazem exames de consciência? O senhor tem de ter noção do cargo que ocupa e também de que ninguém é insubstituível; muito simplesmente, afasta-se essa pessoa e outra ocupa o seu lugar, para o correto funcionamento da colmeia.

Arturo começou a rir à gargalhada, dobrando-se um pouco sobre si mesmo. Pegou nas fotografias, guardou-as e sentou-se no chão, contra a cruz, com as mãos apoiadas nos joelhos.

– O senhor juiz comete um erro de apreciação. Eu não sou uma abelha, sou uma mosca. Andamos sempre entre a merda, morremos cedo, mas, acima de tudo, somos chatas como o caralho. E, a mim, ainda me sobra tempo suficiente para tratar do que vim tratar consigo...

À porta, apareceu um homem alto, bem-parecido, que ficou ali, debaixo da ombreira. Olhou-me durante muito tempo; eu permanecia em silêncio, queria que ele falasse primeiro e, apesar do que Javier me tinha dito e de as primeiras palavras do homem também serem para me pedir que não ficasse assustada, estava muito nervosa e nem a sua tranquilidade, nem o seu sorriso, nem a sua autoridade diminuía o meu nervosismo. O homem fechou a porta e pousou a lanterna apagada no chão, olhou pelo buraco no teto, ficou alguns segundos enfeitiçado pela cintilação das estrelas. Depois, tentou animar-me, apesar de continuar a olhar para mim de maneira estranha, e disse que, a partir dali, estaríamos juntos e que ele tomaria conta de mim. Quando lhe perguntei se seria o meu novo pai, o homem assentiu com a cabeça, e, quando lhe perguntei onde estava o resto da família, disse-me que os conheceria mais tarde. Fiquei intrigada com a expressão do seu rosto, a intensidade, a timidez, o desejo, e também por ele não me dizer o seu nome. Em vez disso, disse-me que eu era muito bonita, que nunca tinha visto uma menina tão bonita em toda a sua vida; apesar de aquilo me dar arrepios, disse-lhe obrigada e acrescentei que me apetecia conhecer a minha nova família, quando íamos ter com eles? Ele fez como se não me tivesse ouvido e perguntou se eu não tinha calor, que, se eu quisesse, podia tirar a blusa. Algo turvo atravessou, então, os seus olhos e, quando eu disse que não e me levantei, o homem sussurrou que ainda não íamos embora, que tínhamos de esperar, mas não disse porquê. Quando me dirigi para a porta, barrou-me o caminho e, a seguir, o seu tom mudou, tira a roupa, disse, eu perguntei porquê, e ele voltou a dizer-me para tirar a roupa. Disse-lhe que não me despiria e ele começou a arrancar-me as roupas com violência, eu lutei com todas as minhas forças, mas não foi suficiente, e de repente vi-me deitada debaixo dele, ofegava, transpirava, uma vergonha fria percorria-me o corpo, enquanto o homem tentava beijar-me e me lambia e me tocava, e eu gritava de dor, surpresa, raiva, dizia que não, dizia que não, pedia por favor, pedia por favor, por favor.

Quando apertou os seus lábios contra os meus, pensei que esta era a primeira vez que me beijavam, a primeira. O homem fartou-se de me ver resistir e de me ouvir implorar, amarrou as minhas mãos com uma corda, tapou-me a boca com a minha blusa, começou a descer o meu corpo com as suas mãos e a sua língua, e eu comecei a chorar; pouco a pouco, comecei a abandonar o meu corpo, parei de lutar, sentia-me como se não tivesse peso, como se não houvesse gravidade, só ouvia o meu coração, uma batida poderosa que me acompanhava, enquanto eu me ia separando da minha carne, que não parava de doer, mas, se eu insistisse, poderia ir até ao fim. Enquanto aquilo acontecia, recordei Josefina, o dia em que fugimos, a água do mar incrivelmente fria, a erva como veludo verde, as vacas a pastarem, a maré que subia e descia para a frente e para trás, os nossos gritos enquanto perseguíamos o caranguejo, os lábios rachados pelo sal, o ar limpo onde tudo parecia começar de novo. E imaginei um unicórnio, não um de papel, como aquele que tinha deixado na cavidade da parede, mas um real, imponente, poderoso, indomável, que aparecesse no horizonte da praia e corresse na nossa direção e nos levasse para longe dali, para um sítio tão distante onde nem sequer houvesse pessoas, e atrás de nós não restaria um único vestígio, só aquele mar rebentando em ondas brancas na costa, o seu marulhar, a sua entidade colossal, intangível, uma paisagem marinha resplandecente e deserta, onde não fosse possível a ninguém amar ou morrer ou recordar. E, então, tudo se apagou.

9 N. da T.: No original, «búho», que informalmente também designa uma pessoa que evita as outras, se esconde delas.

10 N. da. T.: Referência aos cinco anos que Cervantes, então soldado ao serviço de Espanha, esteve cativo em território sob dominação turca, até ser libertado após o pagamento de um resgate de 500 ducados de ouro.

Ora pro nobis

A luz enchia de reflexos avermelhados a argola carcomida pela ferrugem, incrustada num mausoléu do cemitério. Uma profusão a céu aberto de lápides e nichos queimados pelo sol e pelo esquecimento, mausoléus em ruínas, ramos de flores secas e desbotadas, a violência do tempo sobre a pedra, a proliferação das ervas daninhas. Os enormes e escuros ciprestes mergulhavam profundamente as suas raízes na terra, enquanto apontavam às almas perdidas o caminho para o azul diáfano. Arturo deu uma vista de olhos para se certificar de que o cemitério continuava deserto. A poucos metros de distância, Manotele vigiava a entrada. Permitira apenas a passagem àquele homem vestido de negro, com um guarda-chuva fechado, que aparecera inesperadamente e ao qual tinham autorizado ficar sem saberem muito bem porquê. Permanecia em silêncio, a poucos metros, concentrado na sepultura aberta.

– Já é para o descer?

O encarregado do cemitério, de rosto leporino, olhou para ele com expectativa. Arturo assentiu com a cabeça; o homem instou o companheiro a esticar as cordas e, entre os dois, fizeram o caixão descer lentamente para a cova.

Ventura olhava o céu com a mão sobre os olhos, para os proteger da luz tensa e violenta. Observou o voo nupcial de dois abutres que faziam a corte com uma determinação feroz. O acampamento ia acordando e cheirava a chouriço e a queijo gorduroso. Apesar de há muito enfrentar deceções e mentiras, havia certos momentos que sabia que eram perfeitos, momentos como aquele, em que o futuro parecia mais luminoso, ou porque simplesmente tinha a esperança de que tudo acabasse rapidamente. Ventura sorriu e cumprimentou um dos companheiros.

Já contavam com resistência, por isso, a palavra de ordem era agir sem cerimónias. Os polícias entraram acompanhados por dois inspetores do Auxílio Social, neutralizaram os gorilas da diretora e responderam às queixas e críticas das freiras revistando

exaustivamente o lar Ministério do Amor. A denúncia partira de uma fonte anónima e o SIAEM envolveu-se, tendo em conta os factos que se relacionavam com a sua investigação. Arturo aguardava no exterior, encostado à grade, ao lado do escudo do dragão que enfrentava a flecha. Tinha uma expressão convincente, como se tivesse escalado uma montanha de mentiras e daí tivesse avistado nitidamente o horizonte.

O caixão começou a descer, os funcionários do cemitério soltavam a corda com cuidado, procurando evitar que o volume se desequilibrasse. Num mundo de incertezas, dentro daquela caixa estava a única certeza que tinham, a maior. À sua esquerda, dois cães acasalavam, o de cima com a comprida língua a pender sob o sol escaldante. Qual era a natureza dos símbolos e das coincidências, pensava Arturo, a vida que desafiava a morte, a morte que invariavelmente arrebanhava a sua colheita. Era algo muito fácil, pobre, que tolhia a integridade intelectual e o bom gosto, nem sequer deviam sorrir coniventes, tinham de fingir que não viam. Arturo passou em revista as amargas imagens que lhe permaneciam na memória, imagens imóveis, sem movimento nem emoção.

– Quero propor-lhe um acordo, senhor juiz.

– Um acordo supõe um intercâmbio, e o senhor não tem nada, capitão.

Arturo sorriu com amargura; claro, claro que tinha alguma coisa.

– Claro que tenho alguma coisa – disse, sentado contra a cruz da ermida. Inspirou com força. – Moral, tenho moral, pesa como uma condenação, levo-a às costas como esta maldita cruz. Vocês, os aristocratas, não sabem do que falo, nem a gente pobre, os servos da gleba, apenas os que estão no meio, como eu, carregam com isto. Em algumas ocasiões, consigo livrar-me dela, noutras não. E hoje é uma dessas outras. – Passou a mão pela testa. – Senhor juiz, imagine que lhe dou a oportunidade de resolver um problema de interesse geral, um problema que lhe proporcionaria credibilidade e peso político perante o governador, perante o próprio Caudilho...

Durante os trinta anos que se seguiram, Mencía não pararia de recordar aquelas horas, tentando obter respostas para questões inquietantes, enquanto empreendiam uma agitada viagem em direção à irreversibilidade do destino. Abraçando as filhas com força – a mais pequena a chorar copiosamente diante do passadiço que conduzia àquele navio no porto de Lisboa –, lembrando o rosto de Ventura, enquanto a balança da sua vontade começava a inclinar-se, recusando-se no início a acreditar no que lhe dizia para, depois, lhe repetir os termos da proposta daquele capitão.

– Minha senhora – avisou-a um dos tripulantes –, estamos prestes a embarcar...

A porta da cela abriu-se e Diego Peinado viu entrar Arturo com uma deslumbrante expressão de alívio. O capitão cumprimentou-o e passou-lhe o jornal do dia, dobrado numa das páginas.

– Bom dia, Diego. Suponho que queira estar informado.

O preso transpirava. Arturo nunca o tinha visto transpirar e isso surpreendeu-o. Havia também nas suas pupilas um vazio, um olhar perdido, era a expressão de alguém que ansiava por uma qualquer instrução, uma qualquer ordem a que pudesse obedecer conquanto se salvasse.

– Menos mal que veio cá, já me lembro do que fiz por aqueles dias, capitão. Poderá tirar-me daqui.

– Ena, até que enfim... Mas, por favor, dê primeiro uma olhadela ao jornal, e já falamos.

O professor leu o artigo ilustrado com uma caricatura sua, de semblante pontiagudo e sombrio, com uns cornos e uma cauda cuja ponta se assemelhava a uma lança. As palavras não fizeram mais que aumentar o seu sufoco, a sua ansiedade. O seu medo.

– Quero sair daqui, sou inocente – quase gritou.

– Trouxe alguém que o ajudará.

– Outro advogado?

– Salvá-lo-á de si mesmo, garanto-lhe.

– Obrigado, obrigado, capitão. – Tentou agarrar-lhe numa das mãos, mas Arturo ergueu-as, desviando-se dele e, simultaneamente, considerando cumprido o seu agradecimento. – Fui um tolo, um

estúpido, queria pedir-lhe perdão por tudo o que lhe disse, por tê-lo posto nesta maldita situação.

– Apesar de virem tarde, as suas desculpas são aceites. Então, admite que se enganou, que o tipo de Badajoz era outro?

– Sim, é claro, é tudo falso, tudo inventado.

– Porquê?

Peinado gaguejou e Arturo pressentiu que ele precisava de uns segundos para inventar uma história ou para enfrentar uma verdade.

– Passo muito tempo a pensar nisso, capitão, muito tempo. Analisei tudo estes dias, porque destruí o meu mundo, porque renunciei ao amor, porque me envolvi numa disputa inaceitável...

– Já não se orgulha da sua ferida? Já não acha que o faz parecer grande e trágico?

– Sondei o meu interior...

– Talvez tenha percebido que representa um papel num grande palco sem outro público senão o próprio Diego.

– Estou desorientado, foi tudo um desperdício, mas posso tentar começar de novo, hei de reunir a energia, a força necessária.

– Mas ainda não respondeu à minha pergunta, Diego. Porquê?

Arturo observou-o para tentar detetar o efeito das suas palavras. O professor devolveu-lhe um olhar plangente, a boca tremia-lhe, os olhos estavam prestes a encher-se de lágrimas.

– Talvez essa flagelação lhe dê prazer, Diego, afundado em si mesmo, maravilhado diante do seu trágico espetáculo...

Arturo ia enumerando as reações que faiscavam no interior do professor: ira, hostilidade, raiva, impotência...

– ... mas não se preocupe, já não me interessam as suas verdades ou as suas mentiras, o seu autoengano já não me deixa curioso. Talvez tenha apagado o seu rasto de tal maneira, que já nem se lembre da razão por que tudo começou. Por isso, trouxe comigo alguém que está interessado no assunto, pelo menos, durante o pouco tempo que ainda lhe resta antes do tiro na nuca. – Olhou para trás de si. – Médico!

Autocomplacente e morbidamente obeso, Eliseo Sánchez entrou na cela com um sorriso de orelha a orelha, enquanto Arturo explicava a Diego quem ele era e qual a sua missão ali. O psiquiatra enfrentou o enérgico gesto de incredulidade do professor com uma única frase:

– É um prazer conhecê-lo, *don* Diego.

O caixão inclinou-se e um dos funcionários do cemitério quase perdeu o equilíbrio. O homem foi obrigado a agarrar-se firmemente à corda amarelada e a puxar com força para equilibrar o peso.

– Não está a falar a sério – respondeu o juiz José Antonio Ponce.

Arturo lembrou-se da sua reação, da sua postura semelhante a uma efígie, uma estátua grande e pesada erigida em honra da inanição física e moral de uma época.

– Nada é totalmente justo, senhor juiz, nada é totalmente reto. O que proponho é conveniente para todos, o senhor diz-me quem esteve com as meninas e eu entrego-lhe, de bandeja, Extintor e toda a sua quadrilha.

– O senhor está louco.

– É um bom negócio, senhor juiz. O senhor move-se em meios políticos; proporcionar este tipo de êxito ao governador coloca-o numa situação excelente para qualquer projeto futuro. Que significam umas pesetas diante da capacidade para ter influência? E não me diga que esse homem e o senhor são amigos, porque o senhor não tem amigos.

– Tudo isso que o senhor está a insinuar é indigno, uma desfaçatez, um insulto.

Arturo revirou os olhos, como que obviando um comentário irrelevante.

– Não seja tão duro comigo. Eu, pelo menos, dou-lhe a oportunidade de escolher, coisa que o senhor não deu àquelas crianças.

José Antonio Ponce olhou-o vigilante, desconfiado.

– Não me olhe assim, homem – disse Arturo, sorrindo. A seguir, ergueu-se apoiando-se contra a cruz e bateu as palmas para sacudir as mãos. – Também pode recusar, eu compreenderia. Quem certamente não se mostraria tão compreensivo seriam todos os da velha guarda que ainda têm influência, em especial os que não conseguem aceitar os novos tempos e que percebem que, na luta política, não conta o que é objetivamente correto, mas o que se aceita como tal. O senhor imagina o que sucederia se explorassem um problema de opinião pública? Que escândalo, um senhor juiz todo católico envolvido em

assuntos tão lascivos; a sua caricatura nos jornais não seria bonita de se ver. Já sabe que estes falangistas tendem a ser violentos, impulsivos, e que toda a gente gosta de uma boa escandaleira, com muito estardalhaço... Quanto mais assustador, quanto mais desagradável, quanto mais destrutivo, melhor se sentem as pessoas, porque as pessoas são assim. E, em troca, o que lhe peço eu? Somente um pouco de compreensão...

Trilhos, caminhos, veredas, atalhos, desfiladeiros, estradas, tudo ia sendo progressivamente infestado pela Guarda Civil, pelo Exército e pela milícia. As forças repressivas tinham-se espalhado pela serra, comandadas por um tenente-coronel e pelo próprio governador de Cáceres. Por essa altura, desencadeara-se também uma operação de limpeza de contactos em muitas aldeias da região, onde tinham sido detidas centenas de supostos colaboradores da guerrilha. Salvador seguia não muito longe de Nicolás e de Mauricio, a cerca de duzentos metros à esquerda de ambos. O cabo tinha os lábios apertados numa careta quase grotesca, as feições carregadas de raiva; não era uma espécie de força – era mais como uma mensagem sem sentido, um zumbido confuso na sua cabeça. Nicolás caminhava considerando que talvez a honra e o orgulho não passassem de sonhos de que os homens se alimentavam, um segundo de presunção, era melhor continuar vivo, prevenido, no futuro, contra certos favores e dependências. Não seria o primeiro homem que, apesar da derrota, passava o resto da vida a fingir que estava feliz com o que tinha. Mauricio recuperara, naquela operação, algo que nunca esquecera nem esqueceria: a beleza terrível e ilógica da guerra, desprovida de dúvidas ou de sentido, sem vaidades, cheia de renúncias, inigualável ao proporcionar-lhe um conhecimento sobre si mesmo, e que fazia, de um homem, alguém diferente de todos os outros.

Depois de começarem a arranhar a superfície, não foi difícil inferir o real estado de coisas, a mortificação, a vergonha, a fome, a sordidez, os traumas. O humor de Arturo tornara-se mais negro. Estava no pátio, com um olhar perdido num ponto indefinido. Manotele olhava-o com uma expressão hesitante; apenas se escutava o murmúrio das

ondas, os gritos das gaivotas. Os inspetores tinham ocupado os gabinetes, os homens do SIAEM continuavam a revistar o casarão, as meninas tinham formado no quintal, em absoluto silêncio, vigiadas por algumas freiras igualmente silenciosas. Naquele lugar, havia um sonho ferido de morte, aquilo que consideravam apenas a ponta do icebergue escondia verdades profundas e macabras, vultos imprecisos vislumbrados na penumbra, que, finalmente, tinham revelado os seus perfis definidos e assustadores. Depois daquilo, tinham chegado a um ponto em que seriam capazes de acreditar em tudo, o que quer que fosse. Essa era a tragédia. Arturo olhou para as meninas, ainda inocentes. Inesperadamente, da terceira fila saiu uma menina que caminhou em direção a ele, com o olhar de um animal jovem que está prestes a fugir. Arturo sabia que, na cabeça daquela criança, se desmoronara há muito toda a segurança que os adultos lhe deviam ter proporcionado, a certeza sobre a sua infalibilidade; ao seu redor, adivinhavam-se estilhaços que fariam com que jamais voltasse a brilhar com o seu antigo esplendor. Era uma das maneiras mais dolorosas de se crescer. Sem uma palavra, a menina pegou na sua mão e levou-o a um ponto afastado do muro, retirou um tijolo solto e mostrou-lhe um palco com duas marionetas de papel; ali, no meio, estava o que parecia ser um cavalo ou, com muita imaginação, um unicórnio.

As ondas rebentavam contra a proa, pulverizadas em milhões de átomos de espuma. Mencía sempre tivera medo do mar, das suas extensões amorfas, ilimitadas, uma superfície que rugia e ondulava provocando-lhe insegurança, confusão. No entanto, as filhas pareciam fascinadas por aquela imensidão de tons esmeralda, safira e malaquita. Na verdade, era a primeira vez que o viam. A concentração de sal no ar e o movimento do navio mantinham-nas numa constante euforia. Riam, batiam palmas, ou seja, estavam felizes no meio de tanta tristeza, e isso deixava Mencía contente, porque não havia nada mais forte do que o amor de uma mãe pelas suas filhas, nada mais definitivo, nada mais incorruptível. Aquela maneira de lidar com a incerteza dava-lhe esperança, o mar não lhes causava medo. Mencía queria atar a sua angústia a essa esperança, um futuro no qual as

filhas surgiam da corrente em que um país inteiro se afundara; quando alguém quisesse criticá-las, elas lembrar-lhe-iam os tempos sombrios de que tinham escapado. O seu marido estava, nesse instante, a pagar o preço, um montante que só conheceriam com exatidão dali a algum tempo, uma espera que lhe mostraria as dimensões reais da sua solidão. Apesar das filhas, não deixava de sentir uma histeria controlada, uma necessidade de explodir, uma ansiedade, um medo que a eletrizava.

Era um anjo que caía do céu, com uma túnica branca, uma coroa e umas asas artificiais que o faziam descer servindo-se de uma corda, como, exatamente nesse momento, baixava o caixão. No exterior da igreja, as pessoas tinham mantido um silêncio respeitoso quando o rapazinho apareceu no ar; entoava uma oração e, ao chegar ao chão, as pessoas explodiram em alegria e aplausos, libertaram uma ou outra pomba e lançaram foguetes. Era um espetáculo pitoresco, um auto sacramental que enlouquecia os fiéis, ritos para alcançar o domínio do intangível e do invisível, envoltos numa inebriante fragrância de incenso que era simbolicamente uma oferta a Deus, mas que, na prática, tinha servido para encobrir o cheiro dos cadáveres nos funerais, para provocar o devaneio religioso dos devotos. Era um dia particularmente alegre para as crianças, cuja excitação os pais tinham de refrear. Todos riam. Todos menos Arturo, que observava com um jeito grave aquele homem rodeado pela família: uma esposa, três meninas, dois rapazinhos. Era alto, com uma cabeleira abundante, bem-parecido, um herói de guerra cujos antepassados eram um feixe de ossos repletos de teias de aranha dentro de nichos cobertos com efígies de cavaleiros indomáveis. Um prócere da pátria cujos apelidos o libertavam da necessidade de agradar e que teria tido um declínio lento e imponente. E com um segredo, o segredo que todos os homens têm, que o poderia arrastar para o fundo. E era naquele fundo que Arturo o aguardava. Apercebeu-se de como um canto do caixão tocou o solo e de como os funcionários do cemitério o equilibravam. Quando espancaram aquele homem, a dor fê-lo dobrar os joelhos e arrancar-lhe lágrimas. Arturo agarrou no seu rosto e forçou-o a olhá-lo nos olhos, mas ele manteve a dignidade, não implorou, a piedade ou o

remorso eram-lhe alheios ou, simplesmente, não precisava deles. *Quem determina a loucura?*, pensou Arturo ao observá-lo, quem distinguiria entre o normal e o patológico? Se o deixasse nas mãos dos psiquiatras, explicar-lhe-iam que aquele indivíduo não estava bom da cabeça, que cortara as amarras que o prendiam não só a si mesmo, mas também à sua natureza mais íntima; falar-lhe-iam de uma confusão impenetrável, à margem de quem o tratasse ou observasse, algo que só fazia sentido para ele mesmo, a quem não podíamos exigir que assumisse o nosso discurso. Iriam indicar-lhe razões plausíveis que as nossas convenções razoáveis não seriam capazes de decifrar e mil e uma outras tretas que poderiam não só conseguir salvá-lo, mas também permitir-lhe regressar dali a uns anos. Por isso, não podiam deixá-lo partir; por isso, não havia lugar para ele neste mundo. Arturo quis fazer-lhe uma pergunta, mas no fim deu-lhe medo, porque talvez ele tão-pouco tivesse a resposta.

Se o acampamento fosse cercado, a tática seria ir retirando em vagas velozes. Nesse momento, os gritos, os tiros e as explosões de granadas de mão misturavam-se com as ordens e os palavrões. Soldados, polícias, membros da milícia, militares das unidades de Ceuta e Melilha, marroquinos, todos apareceram de madrugada, fechando uma tenaz que não deixava aos guerrilheiros qualquer hipótese de fuga. *Poderão partir, Mencía, tu e as tuas filhas*, dissera aquele capitão à sua mulher, *até mesmo o teu marido, se fizermos bem as coisas*. Ventura conseguiu ver, por entre as rochas, os primeiros atacantes, mas não deu o alarme. *Terão um bilhete para Havana e dinheiro para começarem de novo, talvez fiques uma temporada sem ver o teu marido, mas prometo-te que acabará por apanhar um barco*. Ventura tinha acordado que revelaria a localização da base da guerrilha e que, depois, se entregaria e passaria para as mãos dos homens do SIAEM, que iriam misturados com os restantes efetivos. *Em troca, só têm de dar por terminada uma guerra que já está perdida*. Ventura baixou-se e começou a disparar sobre as suas cabeças, enquanto as ondas de inimigos afluíam de todas as direções. *Não, recuso-me, não*, gritara ele à mulher, mas com a voz de quem está prestes a ceder. Os guerrilheiros repeliam duramente o ataque, mas estavam a ser

metodicamente abatidos. Alguns, não vendo nenhuma escapatória, suicidavam-se com um tiro para cumprir o código da guerrilha. Ventura colocou-se a postos, atrás de uns arbustos, e preferiu esperar que os atacantes chegassem mais perto. A rede humana avançava vasculhando a montanha, um a cada dez metros. A curta distância, Ventura avistou dois deles, tinha os seus ventres na mira da arma. Começou a gritar, *não disparem, não disparem, rendo-me*, ordenaram-lhe que aparecesse lentamente, de braços no ar. Ventura levantou-se devagar, com os braços erguidos. *Vem para cá*, disse um deles; Ventura seguiu em frente, enquanto repetia que se rendia, que não disparassem. A poucos passos de distância, recebeu a descarga à queima-roupa. O tiro fez brotar chamas do tecido da sua camisa, uma mancha grená espalhou-se pelo pano, Ventura caiu de joelhos, inclinou-se para a direita, ficou deitado em posição fetal.

Gabino leu no jornal como tinham cercado e capturado um grupo de bandidos, entre eles o famoso Extintor, com o seu bando. A guerrilha fora quase totalmente exterminada e os que permaneciam vivos estavam presos a aguardar julgamento. Mas a notícia do dia foi o aparecimento, num local isolado da serra de San Pedro, do carro de Luis Fernando Caro de Icuña, um dos proprietários rurais mais conhecidos de Cáceres, advogado e criador de gado, condecorado em inúmeras ocasiões pela sua brilhante e arrojada atuação durante a cruzada nacional. Ao lado do veículo, tinham encontrado o corpo de Javier de la Torre, secretário pessoal do sequestrado. O cadáver estava cravejado de facadas. Sobre o corpo, tinham deixado uma bola de bilhar negra, à laia de um inexplicável cartão de visita. Suspeitava-se que aquela teria sido uma das últimas operações de alguma facção que se separara do grupo de Extintor e esperava-se que, a qualquer momento, chegasse um pedido de resgate. Gabino Cabañas fechou o jornal, o pôr do sol cobria o céu de uma película cor de açafrão, ouviam-se sinos a tocar. Experimentou uma sensação de mudança que não conseguiu exprimir em palavras, uma certa vergonha. Murmurou alguma coisa. Depois, a sua serenidade regressou, como se uma porta se tivesse fechado atrás dele.

José Antonio Ponce percorreu a última inclinação do caminho até chegar à sua quinta, rodeada de uma cerca de arame, abriu uma portinhola, entrou. À distância, viam-se os favos e, à medida que se foi aproximando, uma corrente gelada começou a lambê-lhe as costas. Todas as colmeias estavam desfeitas, uma ruína universal semeada de milhares de cadáveres de insetos que cobriam a erva. Apenas se ouviam os badalos de um rebanho de cabras. O juiz sentiu uma dor intensa nas articulações; certas maleitas, bem o sabia, não eram mais que os sussurros de uma velhice que se aproximava irremediavelmente.

A luz intensa reverberava sobre as lápides, o ar continuava abrasador. Arturo testemunhou como o caixão tocou no fundo e assentou por completo na sepultura. O encarregado do cemitério, de olhos minúsculos e rosto macilento, indicou ao companheiro, com um movimento quase impercetível, que começasse a remover as cordas. Arturo verificou que Manote continuava a guardar a entrada do local; olhou para o homem do guarda-chuva, concentrado nas operações dos outros dois. *Pode o amor sobreviver às mudanças?*, perguntara-se, naquele jardim interior, quando levaram Josefina a ver a amiga. Sobrevive às metamorfoses, às transformações radicais? Os cilindros metálicos continuavam a tilintar no ar, como um dialeto antigo, e a irmã Eladia estava sentada no mesmo banco de cimento, cuidando de Catalina. Aproximaram-se até Josefina ficar diante dos seus olhos, o seu olhar atravessava-a como se fosse de vidro, a menina pronunciou um nome, um nome diferente de Catalina, que não surtiu nenhuma resposta, nenhum gesto, nenhum reconhecimento. Então, Josefina abraçou a amiga e sentou-se ao seu lado, pegou-lhe numa mão, como se tivesse voltado para casa. Ficaram ali em silêncio, com a irmã Eladia, um apóstolo da bondade absurda, com aquele pequeno sorriso acima de tudo triste, num lugar onde ainda importavam a verdade, a compaixão, a confiança, o amor, todo aquele amor, aquele profundo desejo de estar com alguém, de pertencer a alguém. Arturo olhou para o céu; parecia sempre a repetição do mesmo instante, azul, imenso, impoluto, o único sinal de vida era o frémito do ar quente entre as sepulturas, tudo convidava de novo àquelas reflexões

insignificantes sobre si mesmo, o tempo fazia ninho dentro dele, um lembrete intimidante da brevidade da vida, da imensidão da morte. Arturo achava a sua emoção insuficiente, uma falta de ligação ao que estava a fazer, ansiava por algo que o ajudasse a ultrapassar aquela devastadora sensação de incredulidade que o corroía tão profundamente, que determinasse o cálculo de quanto fora sacrificado ou de quanto fora ganho, que lhe permitisse saber se era um homem bom ou mau, se as suas ações nasciam da fé ou do medo. Mas tudo o que tinha era aquele dia brilhante, indiferente a si e à sua missão, tudo parecia virar a cara, fechar os olhos, porque a maldade era necessária para alcançar a vitória, qualquer vitória, especialmente uma vitória que não enrugasse o tecido lustroso da uniformidade nacional, que permitisse a dose certa de recordação e esquecimento para construir memórias diferentes. A ironia era que o encarregado de a obter era um péssimo demiurgo, havia detalhes que escapavam à sua compreensão ou à sua capacidade, restava ainda um gigantesco e sórdido quebra-cabeças de manipulação e ocultação que lhe estava vedado. Apesar daquele dia, tudo continuaria a ser pervertido, escamoteado, enterrado, reescrito. A História continuaria a introduzir-se nas vidas e a devastá-las, transformando-as em mausoléus cheios de ecos, reduzindo a sua intensidade e calor a cinzas. As virgens que fugiam montadas em unicórnios também eram usadas para atraí-los, para domá-los, para abri-los de cima a baixo, enquanto permaneciam sob o feitiço da inocência. Arturo olhou o caixão: ali sepultada, havia uma história de crime, engano, manipulação, medo, hipocrisia, frustração, vingança, ódio e merda, e nem mesmo as histórias sobre reis que amarravam, cara a cara, os prisioneiros aos corpos das suas vítimas, e os deixavam assim até que ambos apodrecessem, poderiam proporcionar-lhes algo parecido ao consolo. Restava-lhes apenas um implacável, disciplinado, insípido e relevante estoicismo.

– Senhor – disse-lhe um dos homens, com estranheza –, há alguma coisa a mexer-se dentro do caixão.

– Como?

– Acho que há qualquer coisa lá dentro.

Arturo observou a tampa com um P traçado a giz, já meio apagado. Ponderou se o tempo passaria mais devagar dentro de um caixão.

– Deve ter entrado algum rato. Fecha a sepultura de uma vez.

Os homens deitaram mãos ao trabalho servindo-se de uma lápide que estava pousada junto à cova. *Ali dentro*, pensou Arturo, *na escuridão, estarias realmente sozinho até ao ponto de poderes ser tu mesmo, chegarias mesmo a sonhar que um dia foste um homem*. Arturo olhou o tipo do guarda-chuva.

– Desculpe, posso fazer-lhe uma pergunta?

O indivíduo devolveu-lhe o olhar, sem expressão.

– Porque anda com esse guarda-chuva?

O homem olhou para o céu.

– Poderia jurar que vai chover.

Arturo assentiu.

– Sensato, o senhor é muito sensato.